

OSVALDO POLIDORO
REENCARNAÇÃO DE ALLAN KARDEC

*A Volta de
Jesus Cristo*



OSVALDO POLIDORO

(reencarnação de Allan Kardec)

A VOLTA DE JESUS CRISTO

1ª Edição



São Paulo

2023

www.divinismo.org

Copyright desta edição



INSTITUTO DIVINISTA
C.N.P.J.: 09.344.266/0001-26
Rua Professor Artur Ramos, 404 – Térreo – Jardim Paulistano
CEP: 01454010 – São Paulo – SP
www.divinismo.org

Todos os direitos reservados

Tiragem: 1.000

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Polidoro, Osvaldo
A Volta de Jesus Cristo / Osvaldo Polidoro
(reencarnação de Allan Kardec). -- São Paulo:
Instituto Divinista, 2023.

ISBN 978-65-993307-6-6

1. Bíblia 2. Espiritualidade 3. Espiritismo
4. Jesus Cristo – Interpretação espírita
5. Jesus Cristo – Profecias 6. Reino de Deus
I. Título.

23-141207

CDD-133.901

Índices para catálogo sistemático:

1. Bíblia e espiritismo: Doutrina espírita 133.901

Inajara Pires de Souza – Bibliotecária – CRB PR-001652/O

ÍNDICE

Lembretes Introdutivos	5
Dedicando	8
Deus	10
Oração a Deus	11

PRIMEIRA PARTE

Tomás de Torquemada.....	13
Nos Abismos da Subcrosta	21
Nos Céus Inferiores	31
O Bem é a Religião.....	39
Todos Serão Puros e Sábios	57
O Programa é Ser Bom.....	63
Renascendo para Crescer	71
Há Sábios nos Infernos.....	83
O Apóstolo Bezerra de Menezes	89
Sujeitai-vos à Verdade e à Virtude	93
O Doutor Bezerra de Menezes	103
Consolador e Instrutor.....	111
O Irmão Pureza de Jesus	125
O Reino de Deus não é Teoria	127
Bezerra Força o Mundo Espiritual	139
Estão de Pé os Grandes Iniciados	149
O Amparo Celestial.....	159
O Cristo é Permanente	171
Marchai para o Grau Crístico	179
Bezerra de Menezes, Médicos e Pretos Velhos	185

SEGUNDA PARTE

Oração a Jesus Cristo.....	193
Oração à Maria.....	195
Paz e Ventura	197
Oração ao Espírito Santo (Mensajeira Divina).....	333
Prece de Cáritas	334
Crística.....	335
A Oração da Criança.....	336
Oração Aos Pretos Velhos, Índios, Hindus e Caboclos.....	337
Oração a André Luís.....	338
Oração a Bezerra de Menezes.....	339
Livros Indispensáveis.....	340

LEMBRETES INTRODUTIVOS

“Se pretendes parecer diante dos homens, apegate aos rotulismos religiosos e sectários, agarra-te aos mórbidos preconceitos que as igrejinhas costumam levantar, para gáudio de seus donos. Em verdade, fácil conseguirás glórias e galardões faiscantes, com as devidas dobrações de espinhaço da parte dos menos experimentados ou simplórios... Porém, se pretendes as glórias de Deus, para depois do túmulo, apegate ao bem-fazer, procura vestir o nu, pensar a ferida, consolar o aflito, enxugar o pranto, e, quanto possas, procura desmanchar as barreiras humanas, os preconceitos que depõem contra a Divina Paternidade e que aviltam o dever de Fraternidade. Procura ser um continuador de Jesus Cristo, que assim agiu e ensinou: ‘VINDE A MIM, VÓS QUE VOS ACHAIIS CANSADOS, TRISTES E OPRIMIDOS, E EU VOS ALIVIAREI!’”.

* * *

“Acima dos conceitos de homem, que recomendam o Espiritismo como Ciência, Filosofia e Religião, lembra-te da Ordem Divina, que o expõe como Escola de Verdade, Amor e Virtude. A Verdade é a Verdade, transcende aos escolasticismos humanos e tudo supera infinitamente. Que ninguém, em seu nome, fabrique dogmas e instrumentos de fanatização sectária”.

* * *

“Quem menos calou, em face dos mediocrismos e crimes da Humanidade terrestre, foi sem dúvida Jesus Cristo; e pagou com a crucificação o preço de não haver sido traidor da Verdade! Entretanto, sob pretexto de

paciência e tolerância, mansidão e benignidade, legiões de mentirosos, falsos, hipócritas, preguiçosos e covardes, não apenas calam, mas ajudam a engrossar a horda criminosa. É necessário, e muito, tomar cuidado com a falsa espiritualidade, com as aparências de bondade e de tolerância. Muita coisa escrita e falada, que passa por boa doutrina, nada mais contém do que ignorância e comodismos criminosos”.

* * *

“Pense no Consolador ou Espírito da Verdade, lembrando estes informes bíblicos:”

“E há de ser que, depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão sonhos, e vossos mancebos verão visões” – Joel, cap. 2.

“Porque a Lei foi dada por Moisés, a Graça e a Verdade vieram por Jesus Cristo” – João, cap. 1.

“Sobre aquele que vires descer o Espírito, e repousar sobre ele, esse é o que batiza com o Espírito Santo” – João, cap. 1.

“E isto disse ele, do Espírito que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espírito ainda não fora dado, por não ter sido ainda Jesus glorificado” – João, cap. 7.

“Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não poderíeis suportá-las agora; quando vier aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a Verdade, etc.” – João, cap. 16.

“Aquele que ler o livro dos Atos saberá sobre a Graça da Revelação generalizada pelo Cristo, após a Sua volta em Espírito e, compreenderá que a Sua volta é sobre as nuvens do Céu, sobre a Mensageiria Divina. Quais-

quer outras interpretações são errôneas e caminhos de perdição”.

“Como autoridade doutrinária tendes a Moral, o Amor, a Revelação, a Sabedoria e a Virtude; Deus é o Pai, Cristo é o Mestre e vós sois irmãos. Realizai em vós a Verdade, o Amor e a Virtude, e o Reino de Deus será vosso”.

DEDICANDO

“Aquele Consolador que era esotérico nas iniciações antigas, ou antes de Jesus Cristo, através do Cristo foi generalizado, pois Ele deixara o glorioso Pentecoste, a Igreja Viva do Caminho, estabelecida sobre a Revelação generalizada.

Tendo Roma corrompido e imposto a corrupção da Igreja Viva do Caminho, era imperioso que houvesse reposição das coisas no lugar, consoante profecia do mesmo Jesus Cristo”.

A Mensageiria Espiritual do Bem dedica este livro aos servidores do generoso serviço mediúnico prático; àqueles que recorrem aos Mensageiros Espirituais, procurando consolar os aflitos, enxugar as lágrimas, levantar os quebrantados de ânimo e instruir no sentido da autocrificação, valendo-se do imenso organismo dirigido pelo bondoso Bezerra de Menezes.

O Cristo é permanente nos três sentidos de Sua obra impassável — exemplificar a Lei de Deus, generalizar a Revelação e dar testemunho da ressurreição final de todos os filhos de Deus; de modo universal, ser para sempre o Inconfundível Divino Exemplo da escalada biológica, Aquele que em si mesmo contém a Origem Divina, o Processo Evolutivo realizado e a Sagrada Finalidade exposta gloriosamente.

Não vem nem vai o Cristo; mas permanece Divino Exemplo e funciona como Diretor Planetário, através de

inúmeros Imediatos e de legiões angélicas ou espirituais socorristas. É do Pai o Verbo e é dos Imediatos o Chefe Supremo Planetário. O Sagrado Ministério da Revelação, ou do Espírito Santo, que agora designamos como Mensageiria Espiritual do Bem, terá que desempenhar a tarefa do esclarecimento e dos socorros, endereçando a humanidade terrestre aos cimos do conhecimento perfeito.

E o nosso querido Bezerra de Menezes, colocado à frente de inúmeras e muito eficientes subchefias, comandando legiões servidoras que se estendem por dezenas de ordens de trabalhos especializados, bem caracteriza o servidor do maravilhoso mecanismo da Revelação, em um dos seus múltiplos aspectos, na vastidão do programa que se espraia pelos nossos e vossos rincões de trabalho.

O Cristo age através das nuvens do Céu, que quer dizer das falanges servidoras, uma vez que o Consolador, deixado no Pentecoste e corrompido pelos homens, está de novo entre as gentes, com o nome de Espiritismo. E nós, representando a Mensageiria Espiritual do Bem, aqui deixamos a obra dedicada aos humildes trabalhadores, os médiuns em geral, bem intencionados quanto aos deveres que lhes competem. Que colham nos planos de Luz e Glória, dos emissários do Despenseiro Fiel e Prudente, que é Jesus, e distribuam a todos aqueles que disso fizerem jus.

J.E.

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Onisciente e Onipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Onipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Fatos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

ORAÇÃO A DEUS

*“Bendizei ao Senhor todos os seus anjos,
vós que excedeis em fôrça, que guardais os seus
mandamen-tos, obedecendo à voz da sua pala-
vra” Salmos, 103, 20.*

Pai Divino e Criador Onipotente,
Senhor da Luz e do Amor Onipresente,
Que a tudo crias, sustentas e destinas,
Através de leis eternas, perfeitas e divinas.

A Vós rogamos, Senhor Todo-Poderoso,
As divinas graças, de Pai Misericordioso,
Para que os Vossos Santos Espíritos Obreiros,
De Vossas Divinas Bênçãos, se façam despenseiros.

Despenseiros de Paz e de Saúde,
De Vossa Clemência, em Amor e Virtude,
Para que plenos de luzes e bem conscientes,
Amemos as Vossas leis, Simples e Onipotentes.

Na Dor, concedei-nos a fortaleza,
E às duras Provas, que vençamos com nobreza,
Para que resgatando faltas, consigamos progredir,
Até sermos Poder e Glória, no mais breve do porvir.

Senhor, tende piedade das fraquezas,
De nossas falhas, destas humanas incertezas,
Fazendo que Vossos Espíritos, em suas atenções,
Nos advirtam e ensinem, trazendo fartas consolações.

Na Vossa Clemência, Pai Divino confiamos,
E o Vosso Poder, para os Santos Anjos rogamos,
A fim de converter multidões, trazendo-as à Via,
A Trilha Libertadora, que é o Verbo-Cristo Nosso Guia.

Enviai Santos Espíritos, ó Senhor Deus,
Para que todos conheçam e não haja incréus,
Pois ao Consolador confiaste Graças e Venturas,
Aquilo que Vos rogamos, para nós e todas as criaturas.

CAPÍTULO 1

TOMÁS DE TORQUEMADA

“E todo aquele que vos matar, pensará estar prestando um bom serviço a Deus” – Jesus.

Corria o ano de 1490. A mão fanática e assassina de Tomás de Torquemada infundia terror às gentes de Espanha, porque o Santo Ofício funcionava desenfreado e infernal, remetendo ao mundo das almas, depois dos mais cruéis martírios, milhares e milhares de filhos de Deus. Como simples questões de cisma pudessem levar as mais notáveis criaturas ante o Santo Ofício, bem assim como a ausência de cisma algum, contanto que outros interesses convenientes à Igreja Católica o determinassem, eis que em todos os corações havia muito lugar para os mais temíveis prognósticos.

Se para alguns o problema consistia em ser herético, fosse lá pelo que fosse, para outros o problema estava cingido ao simples fato de ter posses ou posições que fossem desejadas pelos senhores do Santo Ofício. Em nome do purismo religioso caudais de lágrimas corriam, antes que viesse correr o sangue ou antes que as labaredas tostassem milhares de corpos.

A máquina infernal do Santo Ofício funcionava perfeitamente, organizadamente, estando suas peças e engrenagens estendidas aos mais distantes rincões da Espanha; afora a gente superior e diretamente autorizada, outros havia que funcionavam a bem de mais afastados servidores da forja de terrores. Os interesses eram tan-

tos e de tal modo se haviam tornado complexos, por causa da multidão de objetivos pessoais, que elementos da mesma infernal maquinação, se encontravam e mutuamente se espionavam, sem terem disso a menor ideia.

Eu, Leonor, simples camareira de abastadíssima família, fora induzida a funcionar a bem dos tentáculos infernais, em parte por amedrontamento e em parte em função de melhor posição social. De tal modo as coisas se foram passando, progredindo, avolumando, que em pouco tempo meus felizes amos estavam envolvidos nas malhas do Santo Ofício, terrivelmente culpados, tendo aparecido até mesmo fartos documentos comprovantes de culpa, documentos que, bem sabia eu, foram totalmente forjados.

E depois de estarem os elementos visados e dentro das garras do Santo Ofício, acusados com aquela montante imensa e tenebrosa de escritos culposos, quem iria dizer alguma coisa em contrário? E mesmo que uma voz se levantasse, de que adiantaria, sem ser para jogar essa mesma voz contra a máquina usurpadora e sanguinária?

As fogueiras eram o final de um longo processo de tortura; muitas vezes foram rogadas pelo amor de Deus, para dar fim a um longo e desesperador programa de maceração geral. Pelo menos, depois de alguns momentos de tortura cruel, soaria como verdadeira carta de alforria.

Meus amos foram aprisionados, sujeitos a forçadas respostas e seus bens foram confiscados; Deus, o Cristo e a Igreja Católica foram os instrumentos usados pelos sanguinários e perversos elementos do Santo Ofício, para que milhares de inocentes se tornassem culpados, roubados e ferozmente assassinados.

Minha participação foi a princípio por medo, mas de pouco em pouco já não era assim, porque uma onda não sei de que tenebrosas províncias do meu ser, manifestou-se com arrebatadora violência, tornando-me a mais fiel e compenetrada de todas as defensoras da causa inquisitorial.

Os porões e os corredores, os pavimentos de reclusão e as celas, por certo que marcaram por ali a minha passagem, agora transformada em alguém que era temida ao extremo. A Igreja Católica devia ser acima de tudo rica e poderosa, ainda que tudo no mundo findasse. Como diziam seus representantes máximos, um só Poder devia reinar, sobre almas, corpos e bens materiais; entretanto, que ninguém o soubesse, até que tudo se consumasse, para não alertar imperadores, reis e príncipes, a fim de que não houvesse, da parte dos mesmos, atitudes que pudessem comprometer os intentos da Igreja.

Ninguém e nada mais me impunham medo e respeito; nenhuma atitude, por mais escabrosa que fosse, causava-me o menor resquício de remorso; subordinar o mundo à Igreja era o que desejavam Deus e Jesus Cristo, sendo portanto justos todos os recursos postos em prática. E posso afirmar que os superiores, mergulhados naquelas infernais maldades e sangueiras, nutriam pelos servidores cruéis um carinho especial, fazendo perante outros, menos extremados em seus atos de maldade, rasgadas e empolgantes referências.

Quem quisesse ficar bem com os senhores do Santo Ofício, que praticasse as mais terríveis sevícias naqueles que habitavam os calabouços imundos, cheios de bichos, excrementos e mortos já fedorentos. Ter os tacões das

botinas manchados de sangue ou pigmentados de massa encefálica era um documento de recomendação perante os superiores, porque atrás de tudo aquilo estavam as posses e as posições sociais daquela gente, tudo convertido em riquezas para a Igreja.

E, sem dúvida alguma, Deus e Jesus Cristo, a Virgem e os Apóstolos, todos estariam maravilhados com aquelas demonstrações de fidelidade religiosa. Assim é que afirmavam os nossos mandatários, e assim é que nos dizia a consciência tremendamente corrompida, transformada em vastíssima caudal de martírios e mortos.

De uma realidade, porém, estávamos todos conscientes — a Igreja Católica Apostólica Romana se estava impondo, crescia em fortunas imensas, devendo estar em breve a reinar sobre todas as almas, todos os corpos e todos os bens terrenos!

E assim as coisas foram correndo, até o dia em que vi, estarrecida, uma parente minha entre os componentes de um grupo que dava entrada nos porões imundos. Como simples empregada, por que estaria envolvida naquelas malhas, entre os que eram citados como traidores da Igreja? E que poderia eu fazer, para conseguir sua liberdade?

Meditando algumas horas, antes de agir, julguei ser o ideal valer-me das amizades que julgava ter; sim, que julgava ter, porque realmente nada tinha, visto como a resposta do homem escolhido fora terminante:

— Minha filha, somente a Igreja é aqui autoridade. Seja grande, enfrente a sua função de frente, para jamais traí-la sob qualquer pretexto. Nada mais tenho a lhe dizer, e sei perfeitamente que a senhora sabe disso.

Aquela parenta, que me criara, por haver falecido minha mãe quando eu tinha apenas sete anos, era para

todos os efeitos minha mãe; e por que motivo, sendo apenas uma empregada, agora envelhecida sob o peso dos anos e dos muitos sofrimentos, devia entrar para aqueles mortíferos tratamentos?

Saí de diante do meu chefe como que embriagada; tonta, pernas bambas, coração oprimido, fui chorar dentro de um compartimento sanitário, o lugar onde se podia ter alguma certeza de não haver sombras espiãs. Porque de tal modo as coisas se passavam, que uns aos outros se desconfiavam de vida e morte. E aquele que tivesse a infelicidade de ser apanhado em suspeita, para efeito de disciplina sobre quantos pudessem saber do caso, seria eliminado prontamente, sem ter tempo para alegar direito algum de defesa. Que todos ficassem, pois, alertas contra o menor vestígio de suspeita.

Aquela noite foi terrível, porque tive de enfrentar a realidade da tragédia em plena consciência. Tive febre, gritei, fiz com que duas companheiras de quarto não pudessem dormir. E no terceiro dia, frente ao médico, não era capaz de sustentar-me de pé.

— Convém chamar o padre Marcial — disse o médico, vendo-me naquele estado e sabendo em parte o que ocorria.

Quando padre Marcial chegou, o médico levou-o a um canto, nada tendo eu ouvido da conversa havida entre ambos. Recebi uma palmadinha do padre na testa, acompanhada de uma efusiva gratidão pelos serviços prestados à Santa Madre Igreja.

Saí carregada e fui colocada num leito que fora colocado em um quatinho escuro, no fim de um corredor sombrio. Disseram-me que estaria livre de ruídos e se

foram. Dentro de minutos, vinha uma companheira com um bule e me fazia tomar um pouco de amargo líquido. Era, disse-me, um grande calmante nervoso. Dormiria e acordaria melhor, porque o meu mal era esgotamento, produto de ingentes esforços desenvolvidos em prol da Causa Sagrada.

Dormi, realmente, muitas horas a fio; mas acordei tendo pela frente o tremendo drama que minha consciência vivia. O semblante de minha segunda mãe não saía de minha frente, olhava-me com aquela ternura com que me criara. Revivia os dias da infância, da juventude, sempre envolvida pelos seus cuidados maternos. E como podia estar ali, num porão imundo, entregue a tantos sofrimentos? Por que, ó Deus, pensava eu e tornava a pensar, aquela santa mulher devia estar ali e naquelas condições, daquele modo e para aqueles fins?!

Bem sabia que a família fora envolvida nas malhas do Santo Ofício, cujos terrificantes olhos se voltavam, muito mais para os bens e as posições de milhares de pessoas, do que mesmo para as questões religiosas. E se a família estava nas garras sanguinárias do Santo Ofício, quem seria ela, quem seria eu, para libertar alguém ou se libertar?

Muitas vezes cheguei a pensar, que devia estar de fato realizando alguma coisa a bem de Deus, ao defender os interesses da Santa Madre Igreja; de tal modo a mecânica infernal me conspirara a consciência, que cheguei a me julgar uma servidora fiel do Céu; mas agora, frente à minha segunda mãe ali trancafiada, sujeita àquelas mortíferas brutalidades, tinha a mais plena certeza de que tudo aquilo eram crimes e mais crimes acu-

mulados, coisas de homens gananciosos, infernalmente entregues ao serviço das trevas.

A febre aumentou, a noite foi passada em sobressaltos e o médico, no dia seguinte, abanou a cabeça pesadamente.

— Assim, minha filha, você não vai... Precisa reagir, precisa ter coragem.

Também abanei a cabeça, mas sem dizer nada, porque a minha fala seria um decreto de morte. De modo algum poderia concordar com a estada ali de minha segunda mãe, naquelas condições; e de modo algum eles me fariam essa obra de misericórdia. O Santo Ofício teria, querendo, milhares de servidores fiéis; mas os inocentes não poderiam ter um, sequer, de modo algum.

— Tome um pouco de chá, durma e coma bastante — disse-me o médico — porque você está a se enfraquecer muito depressa. É apenas uma questão de depressão nervosa, nada mais; porém, se não cuidar de si reagindo, terminará mal.

Veio o bule, veio muita comida, veio a mais terrível noite daquela hedionda existência!

No dia seguinte, padre Marcial visitou-me, apresentando seus pêsames pelo estado em que me encontrara; todavia, com ares piegas, salientou que meu lugar estava garantido no Céu, pela severidade com que me dedicara à defesa da Santa Madre Igreja.

— Quem, — disse ele, — com todas as forças de sua alma se desliga dos infantis laços do mundo, para se ligar à grandeza da Santa Madre Igreja, certamente está com o lugar garantido entre os bem-aventurados do Senhor!

Quando saiu, deixou-me a certeza de um nunca mais voltar a me ver; o breve sorriso, acompanhado daquela erguida de olhos, sentenciou a minha saída, para sempre, daquele intrincado e tenebroso meio. E eu, com aquele tremendo peso sobre a alma, concordei em que seria o melhor a acontecer.

Foi uma expectativa cruel, saber que seria envenenada; mas tinha a certeza de que, acima de tudo, era melhor findar de repente, do que ser torturada nos porões imundos, para findar comida pelos vermes e parasitos. E aqui vos falo hoje, que tudo aquilo foram nonadas, em face do que posteriormente aconteceu.

CAPÍTULO 2

NOS ABISMOS DA SUBCROSTA

“Em verdade, em verdade vos digo, que não saireis dali até pagar o último ceutil” – Jesus.

Os Sete Céus que compõem o mundo astral terrícola, ou sete faixas concêntricas e superpostas, naturalmente se subdividem em múltiplas subfaixas; e tudo isso para que cada espírito receba, por habitação, o seu lugar específico, a sua morada segundo as determinações dos condicionamentos vibratórios.

Ninguém tem o seu plano de morada por força de organismos burocráticos ou de maquinações de gabinetes; mas a cada um será dado morar, em um plano de vida que represente, no exterior, o correspondente do seu padrão interior. É a lei do peso específico a encaminhar cada um ao seu nível comum de habitação e vida, meios e fins.

O submundo, a vida astral da subcrosta, essa vasta morada daqueles que mal se comportaram, que jogaram mal com o dom sagrado de relativa liberdade, é constituído de quase setenta subfaixas. E quanto mais para o centro da Terra sólida, tanto mais inferior. E não é necessário dizer, que os mais terrificantes estados existem, por ali, e que os corpos astrais ou perispiritaís vão se degradando, na razão direta dos desequilíbrios mentais. Portanto, é muito comum a característica de um ser humano, no seu corpo astral, vir a ser a de um animal inferior, podendo atingir a configuração dos répteis, que são

os níveis inferiores, que são as primeiras manifestações da escala evolutiva, depois dos blocos e das larvas, logo em seguida aos filamentosos.

Falando agora, depois de alguma recuperação feita, posso garantir que a Terra é um mundo muito inferior; porque além de ter um submundo assim medonhamente inferior, tem para o exterior, para fora do mundo físico, muitas faixas negras a contar, onde legiões de seres penam suas transgressões contra a Lei. Não são piores do que as tenebrosas habitações do submundo, mas são lugares de sofrimento, são ambientes de expiação.

Quanto tempo ficará um espírito sujeito a tais expiações?

Tudo corresponde ao montante de faltas, não havendo regra geral, sem ser no fato de ter que sofrer a punição. E como quem paga é quem contraiu a dívida, fica saliente que o próprio ser é o juiz em causa própria. A vida de cada um é como a sementeira própria, sendo obrigado a colher assim como semeou.

Haveria como discutir com a Lei ou com a Justiça Divina?

Nunca! Porque o SER INFINITO que é Deus, jamais desce à condição de individualidade, para reger o que quer que seja com caráter de particularidade. Em Deus tudo é UNIVERSAL, porque tudo rege por meio da Lei. A Lei Central de Equilíbrio funciona eterna, perfeita e imutavelmente! Ela mesma se desdobra em leis e mais leis, mas a sua marca essencial é fazer tudo retornar à Lei Central.

Em virtude de ser assim, qualquer desequilíbrio representa falta cometida contra a Lei Central de Equilíbrio

ou Harmonia; e como a regização é feita no corpo astral do faltoso, quem a desmanchará, sem ser ele mesmo? E se lavrou ata contra si mesmo através de obras, como a resgatará, sem ser através de obras? E se foi em vida, como encarnado ou desencarnado, por que o não terá que ressarcir em vida, até o último ceitil?

Quero deixar bem patente que o sofrimento expiatório não significa crescimento em VERDADE e em VIRTUDE; a punição pelo erro cometido nada tem que ver com a lição a ser aprendida. Depois de sofrer nos lugares de dor, terá que trabalhar e realizar em si a VERDADE e a VIRTUDE, que é como se desabrocha no íntimo o Reino do Céu.

Se a criatura errar, pagará e continuará a caminhada realizadora; mas o ideal seria observar a Lei de Deus, para se manter em equidade perante a Lei de Harmonia. Porque discutir ninguém poderá e por cima da Lei ninguém passará!

Estive setenta e tantos anos a perambular pelos lugares mais tenebrosos da subcrosta, tendo dali saído para as faixas exteriores ou umbrosas, sem saber; e se fiz isso automaticamente, ou em virtude de ir pagando contas, ou diminuindo a pressão vibratória, devo dizer que os funcionários desses departamentos e lugares é que me foram aproximando do primeiro posto de socorro. A Lei de Harmonia agia de dentro para fora e eles, sem eu saber, agiam de fora para dentro; e quando as coisas estavam vibratoriamente favorecendo o acontecimento, houve a eclosão do fenômeno inteligente e consciente, houve o contacto entre eles e eu.

Fui observando uma luz distante, muito ao longe, luz que se foi aproximando, cada vez mais se aproximan-

do, até que um dia falou, ordenando-me lançar veementes apelos a Deus e a Jesus Cristo.

— Brada ao Criador e a Jesus Cristo, ó tu que tantos crimes cometeste em nome Deles! Levanta o teu pensamento aos planos de luz e de amor, ó tu que em nome da luz e do amor tantas trevas e tantas dores semeaste!

Estava desnuda, ferida, suja e mal cheirosa; estava defrontando a mim mesma, tal e qual me fizera; mas estava vendo uma luz que falava, que me concitava marchar ao encontro de Deus no meu interior. Depois de pensar, não como falo agora, mas como então podia fazê-lo, atirei-me ao chão bolorento e fétido e chorei como jamais poderia descrever, porque com a alma é que chorava. Para mim eu estava é saindo do inferno, por uma graça de Deus, tendo obrigação de agradecer a essa graça, a esse favor do Céu. Mais tarde é que me informaram do contrário, de ser a Lei sempre compulsória, obrigando a cada um o dever de reequilibrar.

Quando se me estancaram as lágrimas, levantei os olhos e ouvi que a luz me ordenava caminhar, segui-la sempre, não mais parar; e foi assim que dei, dentro em pouco, com um terreno algo melhorado, cujo melhorado foi aumentando, até ver umas casas semeadas ao longe, em terreno que parecia ser ainda melhor.

Animada, cheia de esperanças, rumei até perto de uma das casas; e foi dela que saiu uma senhora, em cujas mãos trazia umas roupas.

— Vista isso, minha irmã...

— Suja como estou?!...

Ela sorriu, um sorriso penetrante, realmente sorriso fraterno, dizendo:

— Eu sei disso... Todos vêm assim e as nossas roupas são para isso mesmo.

Por ter-me encabulado com aquelas palavras, tornou ela:

— Isto é apenas um posto de socorro... Quem vem vindo, porque vem sendo guiado, deve encontrar normalmente um lugar de recepção, onde encontre roupas e explicações preliminares. Alguns vêm famintos, ou famintas, mas a maioria não, porque as longas tormentas fizeram esquecer essa necessidade.

Tive que fitá-la, sem falar, porque muitas coisas me vieram à mente, ao ouvi-la falar assim; e foi ela quem adiantou, explicando:

— Isto é no mundo espiritual, compreende? Tudo se parece com a Terra, porque é um lugar muito inferior, é a porta de entrada para os planos de mais luz e de mais amor... Vá procurando entender, mas sem pensar demais, porque todas as verdades derivam de Deus, são simples e normais, em nada importando os conceitos humanos, favoráveis ou contrários... Observe tudo, acima de tudo ame com ardor a tudo quanto for encontrando, porque o amor é a grande lei que glorifica os filhos de Deus.

— O amor é a grande lei que glorifica os filhos de Deus! — repeti eu, com incontida vontade de lhe cair aos pés.

— Isso mesmo — repetiu ela, com voz muito carinhosa.

— Quem a mandou fazer isto? — perguntei-lhe.

— Deus! — respondeu com firmeza.

— Deus?! Ele vem aqui?!... — indaguei, admirada.

Ela sorriu, deu-me tempo de meditar mais e a seguir explicou:

— Minha irmã, tudo quem dá é Deus, porque sem Deus nada existe; porém, se o seu desejo é conhecer as coisas pelas extensões do relativismo, devo dizer que entre Deus e nós duas existem milhares de milhares de chefes, de graus hierárquicos. Assim sendo, Deus nos dá tudo através de Seus mais imediatos filhos, aqueles que mais se elevaram na escala evolutiva. Por exemplo, temos o nosso Cristo Planetário, conhecido pelo nome de Jesus, que você bem conheceu de nome, porque foi em Seu nome que tamanhos crimes cometeu...

— Conhece tudo sobre mim e meus crimes?!... — perguntei, perplexa.

Ela encolheu os ombros, sussurrando:

— Eu também fiz isso tudo... Aqui estou a falar com você, Leonor, como funcionária de Deus, através de Jesus Cristo, e a Este segundo os escalões hierárquicos normais. Há muita ordem nos planos de luz e de glória, porque a cada um é dado rigorosamente segundo o que merece.

Minha cabeça estava cheia de perguntas, mas calei-me; e foi ela quem de novo falou, indagando-me:

— Leonor, quer seguir ou quer entrar e comer alguma coisa?

— Quem diria!... — exclamei, quase assustada.

Ela tornou a sorrir, aquele sorriso fraterno, sentenciando:

— Assim é pela Vontade de Deus. Que adianta pensar de outro modo?

Acanhada, perguntei:

— Não a estou importunando?

Ela chegou-se, abraçou-me, beijou-me e respondeu:

— Eu preciso trabalhar nos domínios do Bem e do Bom, minha querida irmã, para ressarcir grandes faltas

do passado e vir a merecer melhores moradias e melhores serviços. Tenha a bondade de servir-se de meus préstimos, para que eu ganhe bem o meu salário...

— Que amor! Que amor!... — exclamei, toda feliz.

Enquanto entrávamos casa adentro, ela é que enxugava umas lágrimas. E se é certo que ela me rogava servir dos seus préstimos de funcionária do Bem e do Bom, também é certo que eu me sentia cada vez mais acanhada; aquela catadupa de amor punha a minha alma em estado de prostração. Ela já era muito grande, amando daquela maneira ao serviço do Bem, enquanto eu era muito pequena, sentia em mim apenas a dívida que contraía. Vendo-me pensativa, e pensativa precisamente por esse motivo, trouxe-me uma vasilha cheia de frutas, algumas conhecidas na Terra e outras não, perguntando-me:

— Não faça isso! Porque ficar triste, agora que está recolhida?

Embora com voz embargada, pude responder:

— Eu sou uma grande criminoso e recebo tanto carinho... Como pagarei tudo isto, minha senhora?

Levantou-me a cabeça, e advertiu-me:

— Já disse que sirvo a Deus e a Jesus Cristo, apenas, aplicando o pouco de amor que consegui realizar em mim, eu que também cometi faltas gravíssimas; e é como você irá fazer, assim que puder. E não pense mais em mim, no meu tempo e no que lhe der, porque isto corre por conta de Deus, o Nosso Pai Divino. É por meio de leis que distribui Justiça, para efeito de punição ou de prêmio. Se esteve pagando pelos erros cometidos, aproveite com gratidão aos benefícios que como Pai agora lhe oferece. Pense nas leis que regem os fenômenos, para não viver cometendo outras tantas faltas.

— Nunca entendi nada disso, minha senhora, — respondi.

Ela murmurou, compassiva:

— Eu também nada entendia, pois fora uma freira fanática e cruel, muito mais cruel do que você o foi. Todavia, aqui estou, sentindo a falta que me faz um pouco mais de amor... Sim, minha querida irmã, eu gostaria de amar de um modo celestial, nem sei como dizer...

Enquanto comia frutas, a conversa se estendeu, até que perguntei onde e quando poderia tomar um banho.

— É num outro posto, que fica logo adiante; ali há gente especializada nesse mister. Os banhos dependem do estado da pessoa, compreende?

— Quando irei para lá?

Com verdadeira ternura no olhar, aconselhou-me:

— Vá correndo, minha querida!

Ajoelhei, agradei a Deus por tudo aquilo e, por ela acompanhada subi a colina que ficava atrás da casa. Daquele alto se avistava um vale já bem verdejante e florido, com muitas mais habitações esparramadas.

— Entre naquele casarão que tem uma torre, ouviu?

Despedi-me e rumei para o belo casarão; mas até hoje, depois de tantos anos e tantas vicissitudes, de tantas amizades e de tantos serviços feitos, até hoje, repito, depois de reencarnar duas vezes, lembro-me dela, que agora está encarnada, com uma saudade que me fere com um carinho todo especial. Eu sentia que do eterno inferno alguém me havia livrado por graça, e por graça também havia colocado aquela irmã no meu caminho. Do seio daquelas tormentas inenarráveis, sair para encontrar tamanho carinho, tudo aquilo era coisa para mim inconcebível. Em outras circunstâncias, muito mais

poderia parecer muito menos; mas naquelas eu tinha que sentir e muito a chocantíssima diferença.

Naquela irmã, cujo nome era Aurora, quero ver e reverenciar a todos os trabalhadores do amor; porque onde esteja alguém semeando a Verdade, o Bem e o Bom, o Pai Divino ali estará, em maior ou menor grau, agindo sobre Seus filhos, conclamando-os à Perfeição. E não resta dúvida alguma sobre ser o amor, vazado em termos de bondade, quem realmente levanta os espíritos aos páramos de luz e de glória.

Os religiosismos, os agrupamentos sectários, clericais ou não, com suas arengas, com suas falsas importâncias, com seus títulos e suas nobiliarquias, tudo isso é roteiro de aparências e até mesmo crimes; mas o amor vazado em termos de bondade praticada, não de conversas longas, é o caminho do Céu.

CAPÍTULO 3

NOS CÉUS INFERIORES

“Na casa do Pai há muitas moradas” — Jesus.

Enderecei-me ao belo casarão das torres, casarão que, se por fora parecia de enormes proporções, por dentro era muito amplo e bem disposto. A torre central, muito mais elevada, era circundada de outras, mais baixas. E se por fora pareciam apenas adornos, por dentro, como após vim a observar, eram instrumentos terapêuticos, eram coletoras de irradiações cósmicas, através de dispositivos que não estou apta a relatar, por dependerem as explicações de conhecimentos técnicos de que não disponho.

Outra questão a mencionar, diz respeito aos nomes do diretor da casa e dos seus imediatos e servidores; é que não desejo citar nomes, visto como tudo pertence, em bloco, ao serviço do Bem e do Bom. Se não fossem aqueles que ali estão, substitutos normais daqueles que lá estiveram antes, seriam outros, mas sempre em função do serviço, peças do mecanismo da vida e de suas contingências.

Uma vez que os espíritos são evolutíveis; uma vez que os meios são fornecidos por Deus, através de leis e de elementos, de condições e de situações, tudo o mais é questão de somenos. De cima para baixo ou de baixo para cima, do Cristo Planetário ao menor dos servidores da Lei de Deus, tudo é questão de funcionamento, tudo é dever a cumprir, cada um no seu devido lugar, para que a Sagrada Finalidade seja o mais breve atingida por

todos. O Todo é a máquina e o mais tudo as peças constituintes, tanto bastando, para a felicidade de todas as peças, que cada uma faça apenas a parte que lhe compete, para a máquina funcionar bem.

O diretor da casa, que tinha prazer em conversar com todos os recolhidos, assim me recebeu:

— Minha irmã, isto é nosso pelo fato de ser de Deus... Espero que saiba conhecer e usar tudo com muito respeito, para assim colher mais benefícios e dar exemplos dignificantes. Sou o diretor, mas faço questão de ser bem dirigido pelo melhor senso crítico.

Olhou-me bem nos olhos, meditou um pouco e emendou:

— Porque Deus nos dá tudo em potencial, em forma de leis e de elementos, de liberdade e de oportunidades, mas nós é que temos que saber como agir, quando agir e para que fim. Entendeu bem, irmã Leonor?

— Creio que entendi os seus propósitos, senhor diretor — respondi, com bem pouca certeza do que estava dizendo.

— Pois eu, — aparteou ele, — ainda cometo umas falhas... Mas estamos saindo das regiões trevosas, compreende? Tudo por aqui é de baixa frequência vibratória: os elementos em geral e também nós. Portanto, tratemos de fazer o melhor, que já não é pouco.

— Todos por aqui, — disse eu, — fazem questão de salientar o pronunciado nível de relatividade; ninguém aqui sonha com o perfeito...

— Ora! Ora! Sonhar todos sonhamos, mas apenas sonhamos! — interrompeu-me ele, encolhendo os ombros ao terminar a fala, como a significar que tudo por ali era mais relativo do que eu estava pensando.

Diante de tais franquezas, observei:

— O senhor duvida da utilidade do seu departamento de serviço?

— Pelo amor de Deus! — bramiu ele — Isto funciona como deve funcionar, e tudo por conta de Deus, isto é, de leis que obrigam a ser assim. Basta-nos fazer o que nos compete, e com o amor que nos seja possível, para tudo resultar em maravilhas. Mas, repito, o amor é a chave mestra de tudo. E por aqui, pelo visto, o amor é irmão da simplicidade.

Ocupei o breve lapso para indagar:

— Confesso que tenho sido bem doutrinada, senhor diretor; parece que por aqui todos já foram diplomatas, pois não?

Ele sorriu, considerando:

— Gostamos daqueles que compreendem depressa e temos paciência com aqueles que demoram para compreender. Mas, pode estar certa, agimos com rigor para com os fingidos e mal intencionados.

— E ainda existem mal intencionados por aqui, depois de dezenas de anos de tortura e de tanta bondade prodigalizada, por parte dos residentes da região?

Naquela hora estava chegando o homem por ele convocado, para me atender, sendo interrompida a palestra; porém, findos os tratos a serem observados, retornou ele ao assunto, afirmando:

— Você mesma, irmã, irá ter as provas... O Reino do Céu está dentro de cada um de nós, como Jesus afirmou, mas nós estamos ainda muito mais perto da brutalidade... As feras, por aqui e dentro de nós, ameaçam pereneamente os anjos e as virtudes.

Tomou-me a mão com um carinho paternal, para me enviar aos tratamentos e aos possíveis serviços:

— Vá, minha filha, trate-se, aprenda e trabalhe o bom trabalho; basta de incompreensões e de trevas, não acha?

Fitei-o bem e vi, nos seus olhos, o brilho de umas lágrimas retidas. Bem se via que era um grande errado arrependido, lutando dentro de si mesmo pela realização do Reino de Deus, essa Glória que dorme ainda dentro de nós, que outros podem e devem auxiliar a desabrochar, mas que, afinal de contas, só a nós compete o dever de realizar, realizando em nós mesmos a Verdade e a Virtude.

O homem a quem fui entregue, um médico, por sua vez entregou-me a uma enfermeira. Rosa tinha sob sua guarda uma fila de tanques e uns trinta e tantos leitos. Tudo, pode-se dizer, estava adstrito a isso, porque se os casos fossem de outras montas, seriam enviados a outros setores. Eu estava suja e combalida, mal cheirosa e algo febril, mas estava perfeita de físico, não tinha chagas, não estava deformada. Desses casos cheguei a ver muitos, e muitos, e muitos ajudei a tratar, mas o meu caso era muito mais simples, porque, como eles disseram, eu tinha agido mais por ignorância e medo, do que mesmo por outros motivos. E os longos anos passados no submundo, sofrendo como sofrera, fizeram o serviço de punição.

Frente à fileira de tanques, disse-me Rosa:

— Hoje, Leonor, você entrará no primeiro deles; lembre-se de que não é apenas água o que eles contêm, mas alguns agentes químico-energéticos. Repare que os fios vindos das torres os circundam por dentro, carre-

gando-os de elementos, de cargas de força que eu não saberia explicar.

— Como entrarei ali? Com que roupas? — perguntei, vendo que muitas irmãs por ali transitavam, de um lado para outro, sem se importar com ninguém.

Ela sorriu do meu desconhecimento de causa, dizendo:

— Pode entrar como está, porque estas águas são diferentes das da Terra, sendo também diferentes as pessoas, embora não muito.

Apontou uma escadinha, mandou entrar e banhar também a cabeça. Fiz como ela disse e ali fiquei por algum tempo, até ela voltar e mandar-me sair. Notei que a água secou por si mesma e muito depressa, deixando um bem estar maravilhoso, uma leveza que parecia sublime.

— Agora, — convidou-me ela, — venha tomar um suco, para depois dormir um longo sono... Você dormirá desde o primeiro banho... Vantagem sua, pois muitos aqui passam meses, em torturas, gemidos e convulsões, antes de poderem dormir e recuperar o equilíbrio de si mesmos.

— Por que? — perguntei.

Rosa fitou-me com profunda significação, para murmurando sentenciar:

— “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”! “Em verdade vos digo, que não sairá dali, sem pagar até o último ceitil”!

— Justiça Divina? — retornei.

Fez uma curvatura de dorso, repetindo:

— Justiça Divina, minha irmã, e que se impõe acima de conjeturas humanas.

— E como agem os médicos? — voltei a perguntar.

Ergueu os ombros para dizer:

— Vão dando voltas por fora, com profundo respeito pelas voltas que os males vão dando por dentro. Tratam dos males, com o amor que a Justiça Divina merece e faz respeitar nas criaturas. Eles e nós todos ganhamos trabalhando, enquanto os doentes ganham tendo paciência e aprendendo as lições do Evangelho. Verdadeiramente, Leonor, o grande remédio é o Evangelho, é a Verdade, o Bom e o Bem.

— A Verdade, o Bem e o Bom! — repeti, perfeitamente concorde.

Rosa ergueu o dedo da mão direita, como quem pede atenção, afirmando:

— Não o Evangelho das longas conversas, não o Evangelho dos formalismos; o Evangelho, aqui, é procedimento, é vida em sociedade, é trabalho fraterno. Temos aqui gente vinda de todos os níveis da hierarquia religiosa, mas gente que veio dos abismos do submundo. O Evangelho de fora aqui não forma como valor algum, antes representa muitas culpas. Vá aprendendo a lição dos fatos, Leonor, porque a Justiça Divina desconhece e aborrece a todos os conchavismos de homens.

Interessada, perguntei:

— Como leem o Evangelho, aqui?

Simplesmente, explicou:

— Para saber como Jesus viveu os Mandamentos da Lei de Deus, nada mais. Se o Divino Modelo agiu como agiu, que os modelandos procurem imitá-Lo. E quem não o fizer antes, algum dia terá que fazê-lo, porque em Deus tudo é Eterno, Perfeito e Imutável. Isto é, nenhuma designação de Deus jamais voltará atrás, compreendeu?

— Isto eu o compreendo muito bem, — respondi.

— Pois faça questão de viver essa compreensão! — respondeu, veementemente.

Naquela hora, estava com o grande copo de suco avermelhado nas mãos, pronta para tomá-lo e tendo um leito muito bem preparado para nele deitar, pela frente. Tomei o suco, deitei-me e dormi horas e horas a fio.

CAPÍTULO 4

O BEM É A RELIGIÃO

*“O que é Verdadeiro, Bom e Belo,
conduz a Deus” — Pitágoras.*

Acordei envolvida ou penetrada de uma leveza estranha, suave, celestial; parecia ter vindo de distantes regiões, e, se fosse comparar com o estado anterior diria ser um estado realmente celestial.

Deram-me, para mudar, uma roupa cor-de-rosa:

— Fica-lhe mais de acordo com o estado psíquico; o branco é muito simples, desde que não seja brilhante e o rosa é mais vibrátil. Você sempre foi bastante ativa e inquieta, nervosa e impulsiva, não é isso?

— Seja como for, Rosa, esta cor me agrada mais. Será um simples caso de simpatia, mas o fato é que o rosa me agrada bastante.

Olhando, observei que as roupagens eram de variados tons, havendo gente enfeitada, com roupagens de três e quatro cores. Perguntando, respondeu-me Rosa as condições de tudo, roupas e utensílios, que eram por gosto e, acima de tudo, por merecimento.

Entretanto, passou-me o recado:

— Saiba, Leonor, que você tem cinco dias ao seu dispor, para observar o lugar, ler e passear, visitar algumas casas e fazer algumas perguntas.

— Algumas perguntas? Como saberei o que e como perguntar?

Sempre solícita, Rosa discursou:

— Leonor, esta região é a porta de entrada aos planos de luz e de glória; e nós somos gente que vem de baixo e não de cima; portanto, observe, teremos muito que perguntar e por milênios a fio, durante as vidas sucessivas e as avalanches de questões a defrontar. Nesta região, por exemplo, embora sendo inferior, todos podem notar a diversidade de atividades normais e a multiplicidade de recursos a serem empregados, para a máquina funcionar bem. Ninguém aqui poderia fazer tudo, nem tampouco saberia fazer tudo, como você irá observar. Portanto, repetimos a velha sentença: “Quem não respeita o Saber e a Virtude não é civilizado”.

— E as perguntas? — indaguei, interessada.

— As perguntas, — prosseguiu, — você as fará quando achar conveniente. Porém, tenha certeza, muita coisa entrará como experiência própria e muita coisa lhe irão dizer, sem que você formule perguntas.

— Por exemplo, Rosa, você falou em vidas sucessivas; aí tenho eu por obrigação perguntar, visto como os padres enviavam aos calabouços por muito menos.

Abanou a cabeça negativamente, perguntando-me:

— Quem perseguiu, prendeu, judiou e crucificou o Cristo?

Notou em mim a perplexidade causada pela sua resposta, adiantando:

— Querida irmã Leonor, peça Virtude aos virtuosos, Verdade aos verdadeiros, Conhecimento aos conhecedores e Liberdade aos livres; não cometa a leviandade de confiar em quem fala de Deus ou em Seu nome faz gestos e mercâncias. Temos em nós as provas de tantos males derivados das clerezias em geral, que já deveríamos estar imunizados contra tudo isso pela eternidade afora.

— A Verdade, o Bem e o Bom! — repeti, com entusiasmo.

Encarou-me com aquela singeleza que a caracterizava, completando:

— Na medida de suas possibilidades, saia imitando o Cristo; isto é, procure ir vivendo a Lei de Deus. Porque eu te afirmo, Leonor, que ela inteirinha tem aqui aplicação. E quero afirmar que, nos mais altos planos da vida, sempre subindo em suas mesmas amplidões, ela é a Chave do Triunfo.

Andando que estávamos, a conversa nos furtou de observar melhor o terreno e as coisas que se passavam; mas agora Rosa estacou, apontando:

— Estamos andando na direção do Vale da Separação...

— Vale da Separação?

— Sim, por onde todos chegam aqui... O caminho que você trilhou.

— Não percebi Vale algum.

— Não perseguiu uma luzinha que chegou a falar, Leonor?

— Sim, assim foi.

— Muito bem. A luzinha era um servidor dos caminhos, e o Vale você não poderia mesmo notar, estando como estava. Entretanto, saiba, ninguém aqui chega por acaso e sem ser por esse Vale. E saiba também, que sem ser um labirinto, ninguém o percorre e atinge os nossos campos já verdejantes e floridos, sem ser guiado.

— Entendo, Rosa, que a Justiça Divina funciona com inteira organização e através de leis e de elementos, como já me disseram. Enfim, Deus está em tudo e oferece o merecido a cada um. E para ser assim, os ambien-

tes e as pessoas entram na movimentação dos fatos até mesmo sem saber.

Rosa revelou alegria, dizendo:

— Isto mesmo! Vá tirando conclusões por si mesma, que valem mais na estrutura do orçamento evolutivo.

— Gostaria de ver mais nessa direção; é isso possível?

Rosa agora soltou amigável gargalhada, adiantando:

— Muito vais ter que agir por esses abismos, fazendo marchar gente que andou semeando trevas e que vive colhendo infernezas, antes que volte à carne. Seu trabalho vai ser por aí mesmo, por um bom tempo, e depois reencarnará. Mas, vamos até a saída do Vale. E vamos andando, que você não poderá voltar antes de tomar o quarto banho.

Antes que eu perguntasse, ela falou:

— Eu sei que tem muito a perguntar, Leonor; e darei as respostas, como as possa dar, sempre que possível. Agora, sobre os efeitos do banho, digo que têm a propriedade de tornar mais leve o teu corpo espiritual. É uma espécie de descondensação, ou de mais fluidificação, para vir a ter mais saúde e a poder voitar quando quiser.

— Em todos os casos? — perguntei.

— Jamais! — respondeu, afável — Os casos variam de muito, para não dizer ao infinito. Alguns passam meses entre feridas e febres, enquanto outros, como o seu caso, prestam-se a imediatas recuperações. E não faltam os perturbados mentais, que vão para outros departamentos, compreende?

Quando chegamos diante da casa onde recebi a roupa e as primeiras instruções, Rosa me avisou:

— Veja que temos doze casas alinhadas, com a frente voltada para o Vale; e lembre-se de que cada uma oferece uma espécie de ajuda. Você só precisava de uma roupa, mas há outros que precisam de comidas, bebidas, informes jeitosos, palavras de estímulo, fumos, padiolas, etc. Lembre-se de que, se tiveram que viver longos anos nas trevas, também o simples fato de merecer recolhimento significa medida de respeito aos seus usos e costumes normais.

— Por isso recebem a todos com verdadeira ternura?
— inquiri.

— Ternura! Ternura! — balbuciou ela, enlevada — Que palavra maravilhosa, para significar o amor que nós devemos ao trabalho em si e aos irmãos aos quais podemos e devemos ajudar, através do trabalho.

Depois de breve e meditada pausa, retornou:

— Sim, minha querida irmã, aqui estamos para estender as mãos, para amparar, porque a Justiça Divina cabe a Deus e não a nós dela dispor. E bem sentimos nós, todos os trabalhadores destes locais, que viemos dos lugares de pranto e de ranger dos dentes, que AMOR é a palavra mágica de que precisamos, para traduzindo-a por ternura, como você disse, convertê-la em vida feliz e esperançosa.

Rosa tinha os olhos marejados, os seus grandes olhos verdes e cismadores, e eu tive que lhe perguntar:

— De que te fiz lembrar, minha amiga? Lamento o que fiz...

Ela assinalou que não, abanando a bela cabeleira castanho-claro, explicando:

— Todos merecem ser tratados com ternura, depois de virem ter às nossas residências e departamentos; mas

é muito triste lembrar a chegada daqueles que a vida ou destino fez-nos ligar pelos elos consanguíneos mais íntimos. Estava a lembrar a chegada de minha mãe, faz uns cinco anos... Eu só o soube uns três meses depois, quando ela já estava muito melhor, e isso devi à ternura de trato daqueles amigos que a receberam e a trataram. São estas atenções, Leonor, que trazemos em nossos corações, fazendo-nos reconhecer que as graças de Deus com bem pouco esforço podem ser vazadas por nós, Seus filhos ainda pequeninos.

Enquanto apontou para um vulto que vinha surgindo das brumas, foi avançando nos conceitos, até considerar:

— Por isso é que compreendo a função missionária de Jesus; é que ninguém é grande fora do amor, e os grandes de verdade, parece que com bem pouco esforço se convertem em ternura para os seus irmãos menores, ignaros e maldosos.

Ela continuou apontando para o vulto negro e vimos, dentro em pouco, que era um homem esfarrapado, que mais andava de rastros do que de pé; e como Rosa cruzasse as mãos sobre o peito, entrando em oração, naturalmente em favor do pobre irmão, também fiz o mesmo. Orei com o melhor dos impulsos, lembrando o carinho com que fui recebida, procurando agradecer a Deus por tudo, ao ofertar ao pobre irmão aquela rogativa. E senti um estranho movimentar de forças em mim, dentro e fora de mim, que cheguei a me assustar um pouco.

Ao terminar a oração, Rosa disse-me:

— Faça sempre assim, ouviu?

— Como?

— Agradeça a Deus oferecendo préstimos aos outros, sejam lá de que ordem possam ser, porque assim Ele o deseja. Deus não quer ser adulado, quer ser servido. E como servir a Deus, sem ser através da Verdade, do Bem e do Bom?

— Mas, Rosa, como soube o que eu pensei?!

— Como você também virá a saber, quando chegar a hora.

Apontou para o lado das brumas, na direção de onde viera surgindo o homem e disse, perguntando:

— Que vê, naquela direção?

— Brumas e nada mais.

— Mas eu vejo longe, através do vale, sabendo onde estão os servidores do Vale e o que estão fazendo; como julgas que isso acontece?

— Faculdades? — perguntei, duvidosa.

— Sim, mas faculdades que estão em todos os filhos de Deus, restando apenas i-las desenvolvendo. Eu consigo um pouco, mas há irmãos, por aqui, muito avançados em muitas outras virtudes espirituais. E, lembre-se, isto por aqui é lugar de gente muito pequenina em matéria de luzes e glórias espirituais.

Chegou-se a mim, colocou-me o polegar entre os dois olhos e disse-me:

— Vá pensando em ver, em penetrar nas brumas, em estar lá dentro delas...

Primeiro senti uma carga de força que me fez estremecer toda; depois, aos poucos, fui observando rolos de fumo, que se envolviam, parece que vindos do chão; e depois notei que via alguém, não distintamente, que estando enroupado e coberto com um capacete luminoso, endereçava o jato fosco em certa direção.

— Olhe na direção do jato! — ordenou Rosa, com vigor.

Olhei e vi o jato bater na testa ou na cabeça de um vulto muito alto, porém parecendo feito de carvão, tal a densidade e o facetado que revelava. Eu tive a impressão de ver um homem enorme, feito ou vestido de carvão de mina, mas Rosa logo me informou:

— Cada um constrói o seu corpo astral de acordo com o seu modo de sentir e agir; e posso lhe garantir, Leonor, que os muitos anos passados em tal estado, podem fazer revolver as formas animais inferiores pelas quais já transitamos, durante a escalada pelos reinos e espécies. Surgem homens e mulheres das brumas, e surgem também monstros por fora que casulam homens e mulheres por dentro.

— E que fazem, para eles?

— Vão parar na casa própria, que é a da extrema esquerda; o pessoal é competente e a aparelhagem é própria. É só questão de dardejear com jatos de força e fogo, para surgir o ser humano, mais ou menos ferido. E como a tramitação pelas casas de tratamento é normal e perfeita, pode compreender que tudo são leis e recursos, atrás de cujas leis e de cujos recursos, está o Criador, agindo através de irmãos nossos muito crescidos em Amor e Sabedoria.

— Crecidos em Amor e Sabedoria! Como isso é bom de ser ouvido!...

— Melhor de ser vivido, Leonor, — respondeu Rosa, lançando-me olhar inteligente e compassivo.

Não tive receio de perguntar, notando-a assim amiga:

— Você conhece gente desses reinos superiores?

— Sim, todos os trabalhadores desta região conhecem criaturas algo superiores... Digo algo superiores, porque os de muito alto nada poderiam fazer entre nós. Para cada plano do mundo astral há um modo de viver, porque há um modo de ser, que condiz com o grau de evolução ou de progresso das criaturas. E por ser assim, os nossos mestres nos falam consoante as nossas possibilidades de entendimento e de ação. O que nos mostram e nos dizem é compatível com o que devemos ir pondo em prática.

E fitando-me nos olhos, como a querer falar ao mais profundo de mim, lembrou o Cristo:

— O Cristo, o Grau Perfeito, está para todos nós reconhecido intelectualmente... É a Sagrada Finalidade a ser atingida, através do Processo Evolutivo... Mas seria loucura pretender lá chegar, sem escalar todos os matices de graus que ficam nos intermédios. Creio que você pode compreender a evolução gradativa das criaturas, não pode?

Externei o meu pensar:

— Bem, se a Perfeição é obrigatória, porque em Deus não há desígnios que possam falhar, para lá marcharemos. Porém, Rosa, do modo como as religiões ensinam as criaturas, isso deve custar muito.

Calhou de vir aparecendo outro vulto, mas este rastejando e bradando socorro, e Rosa o apontou, murmurando:

— Observe, Leonor, o que fazem os falsos ensinamentos religiosos... Em lugar de mandar viver a Verdade e a Virtude, para que o Cristo Interno se realize segundo a Divina Modelagem do Cristo Externo, o que fazem é mandar dobrar os joelhos diante de seus donos e dos simulacros

que os engordam. E o resultado, observe bem, aí está demonstrado nesse pobre irmão, que bem representa a Humanidade ludibriada pelos religiosismos.

Atrás do irmão rastejante estava um vulto envolvido em grossos panos e coberto por um capacete muito esquisito; foi para ele que Rosa apontou, explicando:

— O irmão rastejante não sabe que está sendo socorrido, por isso clama por socorro; entretanto, guiado pelas projeções do trabalhador, lá vai na direção da casa que lhe compete. E, tome nota, alguém já recebeu o aviso, estando de prontidão, para o receber do melhor modo.

— Gostaria de ver isso de perto, para ir aprendendo — roguei.

— Então, vamos para lá! — anuiu Rosa, satisfeita.

E assim que iniciamos a marcha, acentuou:

— É muito bom que você tenha vontades felizes; isso nos auxiliará a ministrar ensinamentos, compreende?

E fomos seguindo de perto o homem que rastejava, desejando ardentemente que chegasse o mais depressa à casa na direção da qual estava indo. Tendo em mim as marcas de duríssimas tormentas, parecia que me sentia nele, tendo nisso uma das grandes razões para lhe desejar o melhor possível.

A caminhada foi um tanto demorada e dolorosa, cheia de exclamações da parte do homem rastejante; ele parecia estar fugindo de alguém, pois olhava de quando em quando para trás, arremetendo após com impetuoso impulso para a frente. Notando isso, perguntei a Rosa, tendo ela respondido:

— Em tais estados, lembre-se, a criatura pode estar vendo coisas criadas pela sua mentalização. Não vê o

que há, mas aquilo que criou pela ideoplastia. Note que ele não vê o trabalhador nem a nós tão pouco, enquanto vê ou julga ver perseguidores ou fantasmas, etc.

A certa distância da casa objetivada, o trabalhador parou, fitando-o com o máximo de atenção, depois de tirar o capacete. E Rosa convidou-me:

— Vamos ter uma prosa com o irmão trabalhador, enquanto o outro chega perto da casa e alguém lhe vem ao encontro.

Estivemos conversando uns minutos, diremos, com o trabalhador, e ele nos disse ser aquele um dia fraco de trabalho; poucos vinham do abismo, poucos estavam atingindo as fronteiras de luz e de socorro.

Era um homem alto o trabalhador, enorme mesmo, de fala grossa e potente, um trovão me parecia; seu semblante refletia a dureza de seu olhar, uma dose de energia bastante grande. Diria que era alguém treinado para mandar mentalmente, e que assim fora treinado, pelo simples fato de ser isso nele natural. Estava talhado para a coisa, funcionava no terreno certo.

Após a breve conversa, disse ter mais duas horas, ou medidas de tempo a tirar antes de ser substituído. E lá se foi, bruma adentro, à cata de trabalho, para dele tirar os proveitos normais progressivos. Quando meteu o capacete na cabeça enorme, reparei que tinha na frente um pedaço de metal ou uma pedra polida, sendo dali que devia sair o tal jato de luz ou força. Tendo perguntado a Rosa, sobre a questão, respondeu-me:

— Não sou forte nisso, mas pode estar certa de que o pensamento do trabalhador é a chave do êxito... Tenho observado, Leonor, que tudo por aqui depende do pensamento que emitimos. Existem elementos e aparelhos,

mas é necessário pensar certo e forte, para conseguir o desejado. E sabemos que, quanto mais para os altos planos, tanto mais a mente dirige tudo.

Estávamos andando na direção do irmão rastejador, que se avizinhava da casa que lhe competia, a fim de receber os primeiros socorros, quando Rosa apontou:

— Veja lá adiante, à esquerda, o que acontece.

Divisei um enormíssimo chimpanzé, ladeado por alguns trabalhadores, cujos jatos eram endereçados ao monstro.

— Observe como procuram controlá-lo... Pense também, quanto trabalho dá aos socorristas... E considere que atrás de tudo estão a Lei de Equilíbrio e a Máquina Judiciária, agindo em conjunto, para que tudo atinja seus objetivos.

— Perfeita organização! — exclamei.

— Muito bem, perfeita organização. E, resumindo, tudo para indicar a todos os filhos de Deus o sentido Moral da Vida, sem o qual não se atinge o Amor. Se alguém quisesse dar explicações ao porquê de tudo, teria que reduzir tudo a três fatores — Origem Divina, Processo Evolutivo e Sagrada Finalidade.

Dois homens saíram da casa, assim que o irmão rastejante dela se avizinhou, equipados de uma padiola verde, bem verde, parecendo de madeira pintada. Trataram de colocar o pobre irmão sobre ela, sem falar, embora ele, todo desajeitado, continuasse a pedir socorro.

Entramos na casa e Rosa nos apresentou, e a duas irmãs também; e pude observar as roupas do homem, esfareladas e lamacentas, mas onde se via que era uma sotaina. E clamava socorro contra os demônios que o perseguiram.

— Olhe bem para ele! — ordenou Rosa, com muito vigor.

Estremeci, porque era o padre Marcial que tinha os olhos saltados, revelando estar em grande perturbação. Direi que era o retrato do pavor, apenas isso. Mas o meu susto logo passou, porque Rosa sentenciou:

— Leonor, nós temos a Grande Via dentro de nós mesmos; ela vai para baixo e para cima, sendo que cada um se movimenta pelas suas obras, nada mais. Quem se estabelece na Consciência da Verdade, encara tudo com inteira prudência, porque sabe que em Deus não há erro. Apenas, observe bem, agirá sempre na certeza de que não existem mistérios nem milagres, porque tudo é regido por leis e elementos.

Assim observada, ponderei:

— Outra vez, Rosa, vem à tona a questão religiosa...

Ela me tolheu a fala, afirmando:

— É uma questão de Verdade e não de religião, minha querida irmã; é para a frente e para o alto o sentido da vida, não é para baixo e para trás. Vamos encarar a questão pelo prisma do Cristo, que dentro de alguns tempos começará a ser realmente conhecido e imitado; vamos deixar as superstições e as idolatrias para trás, que outros tempos estão sendo avisados pelos nossos instrutores...

Agora foi minha vez de interrompê-la:

— Que tempos, Rosa?

Com acentuada penetração nas coisas do porvir, esclareceu:

— Estamos sendo avisados de acontecimentos futuros grandiosos... Nossos irmãos de pouco mais alto, quando nos visitam, dizem de acontecimentos futuros

maravilhosos, pois falam na restauração da Doutrina deixada pelo Cristo... Dizem que vultos de escol estão encarnando, seguidamente, para este fim. E também salientam, que estando nós mais perto da crosta, muito iremos ter o que fazer, porque outros departamentos irão sendo instalados, quando for hora, para o desempenho de funções que ainda não conhecemos. E os nossos chefes, talvez mais avisados, vivem demonstrando umas alvíssaras indefiníveis, parece que prevendo uma renovação do mundo, a volta do Cristo ou de alguém que fale por Ele.

Neste ponto estacou, olhou-me bem e balbuciou:

— Bem, minha irmã, isto me parece ser o que dizem... Eu também gostaria que isso acontecesse... Afinal de contas, Jesus não pode ter sido o que dizem os religiosos, os donos de religiões, essa droga que anda envenenando as gentes, remetendo essa pobre gente aos infernos, de onde se sai desse jeito...

Cismou, colocou as duas mãos sobre o peito e completou:

— Ora! Ora! De onde viemos todos nós... Com quem aprendemos a errar? Em virtude de que crimes praticados passamos dezenas de anos nos abismos? E que fazemos, militando nestes lugares inferiores, senão curtir o atraso que os falsários religiosos nos impingiram?

Enquanto Rosa terminava o seu veemente protesto contra as patifarias que andaram e andam passando por religião na Terra, o homem dementado dava entrada em uma sala ampla, bem arejada, profusamente enfeitada com folhagens e flores, conduzido, é claro, pelos padioleiros.

— Que belo o enfeite desta sala! — exclamei — Quantas flores!

Rosa explicou-me, solícita:

— Aqui não valem como enfeites e sim como terapêutica... Preste atenção no que vai pelo chão.

Vi que a padiola fora colocada sobre uma corredeira de madeira, toda gradeada: parecia uma mesa toda furada e muito longa, porém baixinha, de uns vinte e cinco centímetros de altura, no máximo. E foi ali que ataram, com padiola e tudo o mais, o pobre irmão.

Eu ia perguntar, mas Rosa fez sinal de silêncio, assinalando também que procurasse ver tudo com muita atenção. O ato seguinte foi a retirada de um estrado que fazia a vez de assoalho, aparecendo uma canaleta de um metro e pouco de largura, por onde a seguir começou a correr uma água muito limpa.

Depois vieram mais quatro irmãos, que davam a impressão de sadios lutadores, dado que ostentavam possante envergadura física. Colocaram-se todos ao lado do irmão dementado, como que aguardando ordens. E foi o que aconteceu, porque a mais autorizada irmã, a seguir, comandou:

— Vamos todos estender as mãos na direção do irmão, porém vamos dividir as forças, metade para cada lado.

Rosa me aconselhou:

— Faça como os outros, apenas, que tudo sairá bem.

Ora, foi o que fiz, estendendo as duas mãos na direção de padre Marcial, que foi como os outros fizeram.

— Roguemos ao Senhor, — ordenou a irmã, — em benefício deste irmão; que se faça a Sua Divina Vontade!

Dentro em pouco as coisas se foram mudando, porque uma neblina densa, porém de aromatizada intensidade se formou, envolvendo a todos, mas de preferência

ao irmão Marcial. E reparei que tudo vinha de cima, caindo sobre ele, ou passando por ele, caindo após na canaleta, mas agora com feias cores, um visgo repugnante, que não cheirava nada bem.

E aquela batalha durou um bom tempo. Digo batalha porque, estando o pobre irmão agora a queixar-se muito, dele emanavam nuvens negras, que pareciam lutar contra a densa e cheirosa neblina, que vinha de cima, empurrando tudo para dentro da canaleta.

— Mais perto! — comandou a irmã.

E nos achegamos, ficando com as palmas das mãos sobre padre Marcial, que parecia cair em prostração. Nossas mãos estavam a uns trinta centímetros de altura, tendo eu visto perfeitamente que delas saíam uns raios de luz, não sendo porém iguais, de pessoa para pessoa e de dedo para dedo.

— Mais baixo! — tornou a irmã.

E puseram as mãos sobre ele, que agora dormia. Entretanto, a neblina caía com liberdade agora, sem encontrar oposição em nuvens negras. Também o visgo se foi diminuindo, começando a correr, dentro em pouco, água limpa pela canaleta.

— Terminado! — determinou a irmã.

Uma vez livres, Rosa perguntou-me:

— Gostou de auxiliar?

— Gostei; mas ele ficará dormindo?

Rosa indicou o movimento e disse:

— Olhe e entenda; porque ele será levado para a sala ao lado, onde deverá ficar, até que acorde normalmente.

De fato, o estavam desatando. E onde o colocaram, uma mesa pintada de verde, com abas levantadas, foi também coberta de folhagens e flores, ficando padre

Marcial completamente coberto, mergulhado em flores e folhas.

— Daí sairá liberto? — perguntei.

— Complexa pergunta! — exclamou Rosa, abrindo muito os olhos.

— Por que?

Ela pensou um pouco, para depois responder:

— Primeiro, que ele talvez fique sujeito a muitas aplicações como estas; segundo, que a cura do corpo astral não significa redenção de faltas; terceiro, que a verdadeira libertação só se atinge pela cristificação.

— Creio que entendi... — tentei explicar.

Rosa adiantou-se:

— Bem, você irá entendendo aos poucos; mas faço questão de salientar que o problema da libertação total só se consegue pela vitória sobre a lei das reencarnações obrigatórias. Só depois de atingir o Grau Crístico, entendeu?

— Quer dizer que agora ele terá que sarar do corpo astral, nada mais?

— Embora sarando por fora, ficará com as marcas registradas por dentro; o corpo astral é todo escamado ou fibroso, e as registrações ali ficarão, para serem desfeitas no curso das provas e expiações. Quem cria é que deve modificar, ninguém podendo fazer por ele a modificação. A Lei de Harmonia é Perfeita e a Justiça Divina é simples. Não entende quem não quer.

— Quando terá, ou teremos, que fazer as modificações?

— Resumindo, Leonor, o nosso corpo astral terá que vir a ser Luz Divina, ou como o é o chamado Segundo Estado de Deus; eis como já são os espíritos cristifi-

cados, eis como seremos todos, porque os desígnios de Deus não falham. Pouco importa perguntar onde, como ou quando, porque da Lei de Deus ninguém escapará. Se quiser saber das ferramentas a usar, digo que são duas, porque elas contêm todas as demais — Amor e Sabedoria!

Ali findou a prosa, porque Rosa tinha outros compromissos em vista. Despedimo-nos de todos, que se mostraram gentis em extremo, fazendo questão de oferecer os seus respectivos préstimos.

CAPÍTULO 5

TODOS SERÃO PUROS E SÁBIOS

“Façai-vos unos comigo, porque sendo eu uno com o Pai, viremos a formar uma unidade só” — Jesus.

“A Finalidade Sagrada, o Grau Crístico ou de Uno, é normal na ordem biológica, a todos pertence; o que é imperioso, porém, é atingi-lo o quanto antes, fugindo dos religiosismos, dos fanatismos sectários, procurando as trilhas da Verdade e da Virtude”.

Depois do quinto banho fui ensaiar a volição. E antes de isso poder acontecer, andei acompanhando irmãos servidores, aprendendo muitas coisas, mas reconhecendo que o Amor e a Moral estavam sempre nas bases de tudo.

Perfeita Religião é a vivência da Moral e do Amor; o restante, se presta é parte integrante e se não presta é caminho de trevas e de dores!

Falando agora, depois de embutida nas lides do Espiritismo, do Caminho do Senhor reposto no lugar, penso com muita tristeza no que vai pelo mundo dos encarnados, porque até mesmo no seio do Espiritismo já existem irmãos que fazem questão de ser sectários, de pender para o lado das paixões religiosistas, dos estreitismos de grupos e de facções, quando a Excelsa Doutrina do Caminho nada tem de comum com essas inferioridades. Quem poderá ser espírita verdadeiro, sem

Verdade e sem Virtude? E como poderia alguém aprisionar a Verdade e a Virtude, reduzindo-as a manobristos, a coisinhas de mórbidas tendências?

Todavia, mais tarde ou mais cedo, todos aprenderão que em todos os sentidos e para todos os efeitos, a Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude, terão que estar nas bases de todos os movimentos humanos. Enquanto isso não acontecer, enquanto isso for ignorado, as regiões de treva, pranto e ranger dos dentes, terão muito que fazer na Terra!

— Vamos, Leonor, a um passeio? — perguntou-me Rosa, vivamente feliz.

— Ora, se desejo passear!... Hoje termina minha folga, pois não?

— Então vamos, mas nada de pensar em trabalho, por agora. Cada coisa deve ficar no seu justo lugar.

E rumamos para o lado das camparias floridas, riscadas de rios e riachos, onde bandos de aves brindavam a vida com suas maravilhosas cores e cantorias.

Ao chegar junto a um bosque, sentei-me na relva perfumada, porém Rosa perguntou-me:

— Não gostarias de fazer algo mais agradável?

— Mas isto é um sonho! — exclamei, sentindo-me imensamente feliz.

Ela endereçou-me olhar profundamente amigo, dizendo:

— Venha comigo...

Levantei-me e segui-a, até que mais distante um pouco, muito compenetrada de alguma razão que eu desconhecia, disse-me:

— Agora feche os olhos, pense em Deus com o máximo de seu coração e vamos em frente!

De mãos dadas, fomos andando, até que me senti sem nada debaixo dos pés; e tendo por isso assustado um pouco, abri os olhos e olhei para ela, como a procurar socorro. Ela apertou-me a mão, dizendo com firmeza:

— Mande no seu corpo, Leonor! Eu quero voitar e o faço; por que você não deve fazê-lo?

De fato, sabendo que a coisa se resumia em comandar pelo pensamento, dentro em pouco estava ensaiando alguns movimentos. Há, de início, uma certa vacilação, porque a gente confia desconfiando, por isso nem tudo acaba saindo muito bem; mas assim que se adquire confiança, compreende-se que tudo é mandar com certeza e simplicidade, para fazer o que se quer.

Ensaíamos muitas coisinhas, inclusive ver muito mais além primeiro, para depois verificar indo até lá. E assim foi que vimos a paisagem do alto, tendo chegado até a maior cidade próxima, onde Rosa mandou observar o que havia sobre as escolas e os hospitais.

— Repare, — disse ela, — que paira no ar uma fosforescência em forma de cone, de onde vem faixas de luz, que são energias ou eflúvios reclamados pelas orações de muitos corações aflitos e de pessoas queridas ou servidoras.

Ela comandou e eu fiz como ela disse, ficando ao lado da faixa fosforescente, em observação; e vi, como ela dissera, através do teto e das paredes, as pessoas acamadas, sentadas, vendo também os médicos e os enfermeiros em grande movimentação. Aquele maravilhoso quadro me fez pensar com bastante vigor nas grandiosas oportunidades e por isso perguntei a Rosa:

— Que irei fazer eu, Rosa, de amanhã em diante?

Sem nenhuma alteração no semblante, respondeu:

— Irá fazer o Bem e o Bom, minha querida; apenas isso, porque tudo na vida importa em aprender a fazer o Bem e o Bom, para daí surgir o Reino de Deus que temos dentro de nós mesmos, como o Cristo falou e demonstrou. E você, Leonor, que andou pelos porões a fazer coisas contrárias ao Bem e o Bom, pode aqui mesmo e dentro de algumas horas, começar o maravilhoso serviço de reparação, acumulando ainda fartos recursos em benefício da cristificação própria.

— Rosa, como você é esplêndida! — exclamei, vendo que ela estava com um facho de luz no peito e uma coroa azulino-dourada sobre a cabeça.

Ela, olhando-me com imensa ternura, aconselhou-me:

— Leonor, procure amar sempre e sempre! Tudo são valores na Ordem Divina, mas o Amor é o Supremo Estado a ser atingido! Eu lamento não ser capaz de amar como gostaria de fazê-lo, porque sou muito pequenina, mas aos poucos vou descobrindo Deus em Sua Obra, o único modo de sentir bem a tudo, que até ao presente pude encontrar.

Ela olhou para baixo, para tudo aquilo que movimentava dentro do hospital, e tendo estendido as mãos, fez jorrar torrentes de luzes e cores maravilhosas sobre todos. Pude observar que era bem mais do que eu pensava, porque lá de dentro alguns se voltaram para cima, creio que vendo a ela, tendo estacado e entrado em posição de oração e reverência. De fato, Rosa estava transformada numa verdadeira rosa feita de luzes e cores, só um bom tempo depois retornando à forma humana.

Ao término da ação, falei-lhe com emoção profunda:

— Como és assim e estás por aqui?!...

Enlaçou-me com aquela ternura celestial, lembrando-me:

— Não te maravilhes de eu ser assim, minha querida; lembra-te de que Jesus, o nosso Divino Modelo, nos espera em igualdade, em unidade com Ele, porque essa é a Sagrada Finalidade da Vida! Serve sempre, ame sempre, derrama sempre muito Amor sobre teus irmãos, porque, como já te disse, Deus quer servidores e não adutores e fingidos.

Ela estava esplendidamente feliz, radiosa, embora sendo bem humana, e eu teria ajoelhado a seus pés, se ela não me impedisse. Todavia, meus olhos queimavam como se tivessem fogo, mas um fogo celestial, absorvente, que me impunha uma condição de tal felicidade, que jamais poderia definir em palavras.

Voltamos ao casarão e fomos ao encontro do seu diretor; diante dele, Rosa se apresentou como enfermeira, dizendo que tinha feito a parte ordenada pelos seus superiores. Agora estava livre, porque eu estava bem avisada.

O diretor veio a ela, beijou-lhe a mão, tendo ela lhe beijado a testa com o seu maternal carinho. Depois veio a mim, dizendo:

— Abaixo de Nosso Pai Divino, todos cumprimos ordens, minha irmã; não me despeço, porque os nossos pensamentos estarão sempre ligados, bem o sei. Todavia, fique com as bênçãos de Maria, a quem sirvo com todos os recursos de minha alma. Procura também servir, porque é servindo que somos servidos, é amando que somos amados, é glorificando a vida que somos glorificados.

Apanhou-me pela mão e conduziu-me à camparia florida; com muita pena e com muita alegria, enquanto

eu ficava no solo, notei que ela sumia na imensidão, rodeada de aves e de luzes. Não sei como dizer, mas estava longe e perto ao mesmo tempo. Quando tudo passou, a camparia estava ali, florida e povoada de aves, um mundo de verdura, flores e gorjeios.

Voltei ao diretor, que me recebeu com uma folha de papel na mão esquerda, dizendo que Rosa o havia deixado, para ser entregue quando tivesse ido. Apanhei o papel e li o que ela havia escrito:

“Afora o meu encargo, a função que me fora designada, e que executei com fraternal carinho junto a você, deixo aqui o abraço e a lembrança de quem já foi em vida, não muito remota, sua irmã carnal. Que o Amor de Deus, através de Jesus Cristo a envolva, bem assim como a todos os Seus filhos, que se movimentam pelos infínitos mundos: Rosa”.

Deus é que sabe, meus irmãos, como recebemos essas dádivas celestiais; nenhuma palavra jamais poderia definir um tal estado de alma. Como tudo isso é vivo e nunca morrerá, lembrando como foi para comigo, rogo ao Pai Divino a graça de um dia poder vir a ser também assim para com os meus irmãos. Como é de dentro de nós que temos que fazer verter o Reino de Deus, pelas trilhas benditas da Verdade e da Virtude, tratemos de trabalhar o bom trabalho, que o mais tudo virá, em tempo e normalmente. Não tenhamos pressa, mas façamos tudo para não empregar mal o tempo que o Senhor nos dá.

CAPÍTULO 6

O PROGRAMA É SER BOM

“A Moral, o Amor, a Revelação, a Sabedoria e a Virtude, tudo isso está incluso no AMOR VERTICAL ou de Deus, que terá de substituir o amor horizontal das criaturas involuídas. Não confundais a VERDADE com as religiões e os sectarismos humanos”.

Fui parar, no dia seguinte, e na hora certa, junto ao diretor do hospital; e ele me disse que tudo estava designado; eu formaria no conjunto de irmãos e irmãs que mantinham contato com as duas casas de recolhimento afetas ao hospital.

Uma esbelta morena, sorridente e feliz, veio a mim, tendo dito o diretor:

— A nossa irmã Celeste será a companheira ideal para você... Vá, e que muitas bonitas ações possam essas mãos realizar. Quem aprendeu com Rosa, aquela ternura feita amiga e irmã, não precisa de avisos sobre ser o Amor a integral arma de vitória, nestes planos da vida.

Ainda comovida, murmurei:

— Sem esquecer aquela irmã do coração, que julgo muito acima de meus poderes de afinidade, quero dizer que todos aqui são ternamente irmãos; algum dia hei de poder agradecer tudo isso...

Como poderia eu terminar a frase, se meus olhos estavam rasos e minha voz embargada? Mas senti o seu

ósculo paternal em minha testa, acompanhado destas palavras cujo sentido jamais terá fim:

— Toda vez que estiver servindo a um irmão que precise de teus cuidados, é a Deus que estarás retribuindo gratidões... E nós, filhos Seus, irmãos e companheiros de trabalho, juntos estaremos sempre bebendo no Sagrado Manancial da Vida Maior! Estaremos sempre quites, nada mais, porque nenhum ato fraternal pode ser levado à conta de favor.

Comecei o trabalho sendo apresentada à cinco irmãos; três homens e duas mulheres. Agora éramos três a três.

— Venha ver os pavilhões por dentro, — convidou a irmã Celeste.

— Eu já os vi lá do alto, ontem, mas de outro modo; agora, quero aprender o quanto possa, para servir do melhor modo.

Muito simples, Celeste emendou:

— Não tenha pressa, ouviu? Ninguém sofre por ser inocente...

— Bem, mas se chegou a hora de socorrer? — observei, prontamente.

Ela passou a mão pela minha cintura e convidou-me:

— Venha ver!

E fomos parar numa ampla sala de estar, muito ricamente florida, com bastantes sofás dispostos. Alguns grupos conversavam, outros discutiam assunto que julguei importante, pelo calor da conversa e dos gestos.

Celeste me segredou no ouvido:

— Vá passando e ouvindo, sem fazer de conta que faz questão de ouvir. Note bem sobre o que falam, como falam e para que.

Fui andando, como se estivesse apreciando as flores, até chegar bem perto dos quatro que mais acaloradamente discutiam. E ouvi que falavam sobre hierarquia religiosa, tendo mesmo um deles dito ao outro, que lhe era superior na carne, não admitindo que não o fosse ali. Tudo, como dizia, uma questão de ordem e de linha, para haver sempre harmonia reinante.

Ao voltar junto de Celeste, esta me segurou pelo braço, com muito carinho, para me levar embora; e mais adiante, lembrou-me:

— Vieram rastejando, feridos e fedorentos, e agora já se acham em condições de discutir hierarquia clerical. Chegará a hora, dentro de alguns dias, em que a coisa mudará, porque terão que ler umas páginas interessantes sobre Verdade e Virtude, Trabalho e Renúncia. Mas, irá observar, alguns ainda fazem questão de querer impor suas nobiliarquias, dizem que tudo lhes devemos, que são ministros de Deus, pretendendo até atirar exorcismos contra nós.

— Meu Deus!... – exclamei, realmente aturdida.

— Isso mesmo, irmã Leonor. Cérebros viciados em idolatrias, em importâncias do mundo... Uma praga, isso sim, pode estar certa disso. E vá começando a pensar livremente, tendo justa alegria no coração, observe o que quer que seja, porque isto é um plano deveras inferior.

— E como fazem para os doutrinar certo?

Celeste sorriu, afirmando:

— Temos prisões e podemos remetê-los aos abismos tenebrosos... Não penses que a disciplina seja, por aqui, uma questão de conversas e delongas. Não podemos perder tempo com gente de má fé ou com manias de grandezas formais. Bem que você vê, Leonor, que a

coisa séria gira em torno de três palavras: Verdade, Virtude e Trabalho!

— Isto me agrada imensamente – afirmei.

Celeste arregalou os muito bonitos olhos negros, para dizer:

— E como poderíamos lutar contra loucuras... Sim, que são perfeitas loucuras, sem ser assim?!... Se fôssemos discutir, eles iriam aos confins dos tempos, procurando todos os recursos em livros ditos sagrados e recursos que tais. Como, porém, as questões são resolvidas de outro modo, diretas e frontais, as discussões muitas vezes são feitas a um só e nas prisões, com uma ameaça apenas de volta aos abismos tenebrosos.

— Uma ameaça, apenas? Por que? – inquiri, muito interessada.

Ela fez um significativo gesto de mão, completando com a frase seguinte:

— Quando o tal importante não cede, levam-no para a prisão, com menos alimento e menos luz, isolamento e repúdio, e o avisam de que o pior, se mantiver a teima, será lembrado apenas uma vez. E a vez logo entra, porque fica avisado de que dentro de dois dias de punição, se assim quiser que seja, será remetido aos abismos.

— Que coisa estranha!... Eu não seria capaz de conceber isso.

Celeste encolheu os ombros, fez uma careta muito sua, um arremedo, explicando também muito ao seu modo:

— Essa coisa estranha produz efeitos maravilhosos! Onde se viu essa onda de porcarias, vir dar tanto trabalho e depois querer mandar até em Deus?!

Curiosa, perguntei:

— De onde veio você, querida?

— Das trevas! — respondeu prontamente — Mas eu nunca fui metida a importante. Jamais pensei em ser ministro de Deus, porque nunca os aturei, sabendo como eram, eu que fui... Bem, eu vi muita coisa e ajudei a fazer uma porção delas, também. Vim da sujeira e das tormentas, ficando muito agradecida por tudo quanto fizeram por mim. Quem quiser ser grande, que seja em atos de Bondade. Eu não sou forte em matéria de Verdade, mas gosto muito da Bondade, porque isso a gente dá e recebe, ficando todos muito satisfeitos, não é real?

Só para mim, pensei com atenção, mas pensei alto:

— Ó Amor! Ó Amor! Quando te faremos o senhor de todos os nossos atos?

Celeste ficou pensativa por alguns segundos, murmurando:

— Se não fosse compreender as leis de Deus, eu odiaria essa gente... Fazem errar e cair nas trevas, até mesmo a criaturas boas, como Rosa, por exemplo.

— Rosa?! – perguntei.

— O diretor esteve a nos falar de Rosa, depois que ela partiu; disse que a vida clerical atirou-a nos abismos, de onde saiu faz muitos anos, para recuperar o estado anterior, com grandes esforços ressarcitivos. Ora, perguntemos, que é uma instituição que se diz religiosa, que pelos seus erros e crimes atira a seus adeptos nas trevas?

— Estou bem com você, Celeste, porque também fui uma vítima dessa instituição, que em nome de Deus e do Cristo atira as almas nos infernos.

— E que direi eu, Leonor? Filha de gente simples, desviada por um padre e passando a vida como amante de outros? Que direi eu que, para encobri-los, tive que

casar com um doido, para ser a empregada de aparência e a amante de verdade, traindo a todos e a mim mesma? Que direi eu, Leonor, que acusei gentes sem conhecer, apenas para ficar tudo em casa, para bem funcionar a máquina infernal, o instrumento de defesa da Santa Madre Igreja? E os anos que passei nas trevas? E quanto tempo ficarei por aqui, retida nestes planos inferiores, por causa dos desequilíbrios íntimos?

Quando parou, encarou-me com agudeza e perguntou-me:

- Você não fez a mesma coisa, Leonor?
- Fiz... – respondi, sem querer falar mais.
- Teve filhos de padres? – tornou, com veemência.
- Não...
- Por que não os teve?

Amargurada, respondi:

- Como poderiam eles ter filhos?!...

Abanando a cabeça, tornou a perguntar:

- Mas qual foi a realidade? Não os tiveram?

Diante de minha mudez, ela avançou:

— Bem sabemos, Leonor, como são as obras da hipocrisia! Você não tinha um marido adoidado, para ser o pai dos filhos de padres, por isso os matavam. Mas o meu caso era diferente... Ó Senhor! Até quando tudo isso será assim, um caudal sem fim de vergonhas?

Condoída, falei-lhe:

— Onde está a moça cheia de alegria que há poucos minutos atrás conheci?

Levantou a formosa cabeça, enxugou as lágrimas e balbuciou:

— Bem, o melhor sempre está por vir, porque a Perfeição ainda está longe de nós; mas é doloroso que tudo

isso aconteça em nome de Deus e do Cristo. Tudo saindo de gente que se finge, que fala em absolver e salvar!...

Ainda com o fito de soergue-la, repeti:

— Vamos falar de outros assuntos?

Abanou a cabeça, muito a seu modo, respondendo:

— Por estas plagas, não; por aqui o confronto é perpétuo entre as coisas da Verdade e as coisas da mentira e do erro. O maior número dos advindos das trevas é por conta dessa gente, cheia de rótulos por fora e farta de imundícies por dentro.

Veio ao nosso encontro uma outra irmã, Isabel, reclamando:

— E o caso de Alexandrina?

Celeste ergueu-se prontamente e fomos atendê-la.

Frente à enferma, Celeste explicou:

— Esta fazia os seus infelizes comerem porcarias, como castigo... Uns procuravam matar-se, para não comerem porcarias, outros as comiam e adoeciam, e ainda outros enlouqueciam... E agora é ela que vomita um nunca mais acabar de gomas, de babas fedidas, de mil porcarias...

— Está aqui há muito tempo? – indaguei.

— Uns quinze dias – respondeu.

— E quando ficará boa? – tornei a perguntar.

Tornou a abanar a cabeça, afirmando:

— Depois de curada em parte, ou por fora, terá que reencarnar e enfrentar os seus problemas criados...

A enferma ouviu alguma coisa que não gostou e sacudiu a cabeça em sinal de repúdio.

— Ela não quer reencarnar? – perguntei.

Celeste sorriu e replicou:

— Ela não quer aceitar a lei... Ela pensa que sabe e pode mais do que Deus!

— Como assim?

— Ora! Ora! Pois se era uma terrível funcionária da Inquisição, como quererá saber de reencarnações? Tudo isso, para eles, não são heresias?

— Mas agora ela está aqui! – observei.

Celeste encolheu os ombros, sentenciando:

— Mas cada um pensa de acordo com os seus vícios mentais, achando que isso representa a Vontade de Deus! Está compreendendo como a coisa é e se passa?

E foi enfrentando problemas assim, meus irmãos, que comecei a pensar sobre a Verdade e a Virtude; foi assim que fui me libertando de certas manias, que ainda passavam como sendo boa religião; foi assim que ali trabalhei muitos anos, para depois reencarnar.

CAPÍTULO 7

REASCENDO PARA CRESCER

“Todas as Revelações chamadas Inicialísticas ou Fundamentais são reencarnacionistas; a reencarnação é a válvula redentora e evolutiva dos espíritos, com ou sem os palavrórios humanos”.

“Se a Terra não existisse; se nada do que há conhecido, no plano carnal ou espiritual existisse, na Ordem Cósmica ou Divina tudo seria realidade; é muita a presunção humana, porém o Senhor Deus é Infinito em todos sentidos”.

Entrei para um casulo de carne e deram-me o nome de Florence; a terra em que nasci foi a França; o tempo foi, uns setenta anos após os trágicos acontecimentos de São Bartolomeu. Para que nasci? Para aquilo que todos nascem, que é despertar em si mesmos a Verdade e a Virtude, porque a lei dos dois V V contém em si todos os fatores positivos, sem os quais ninguém atingirá o Grau Crístico.

Os trágicos acontecimentos de São Bartolomeu tiveram um efeito contrário ao esperado pelo fanatismo sanguinário de Roma; porque o ideal da Reforma cresceu, o revide atingiu montante realmente expressivo, embora tudo ficasse na letra morta, num outro e também prejudicial fanatismo sectário.

A humanidade não tem feito mais do que suceder-se em sectarismos estreitos, embora qualquer mente,

por inferior que seja, possa considerar que os infundos mundos e tudo quanto lastreiam, toda a prodigiosa vida, tudo quanto é necessário à subsistência das coisas e dos seres, nunca jamais dependeu de religiosismos, de fanatismos sectários, de malabarismos clericalistas, de livros ditos ou tidos como sagrados, porém fartamente empanurrados de erros e mentiras.

Quem vive sobre um mundo, seja lá qual for, em virtude de um livro ou de milhões de livros fanatizantes?

Qual o Sol que aquece, fornece energias e luz, em função de alguma obra tida como salvadora de almas, porém realmente causadora de separações terríveis entre os filhos de Deus?

Quem é que, para respirar o ar de que carece, para fazê-lo depende de umas páginas fanatizantes, verdadeiras fábricas de mórbidas paixões?

Quem irá colher os frutos da terra, ou movimentar os elementos da natureza, por efeitos de textos e traumatismos derivantes?

Que livro foi, meus irmãos, que ensinou ao Criador o que fazer, como fazer e para o que fazer?

Entretanto, os donos de religiões sempre os tiveram como salvaguarda de seus mais tenebrosos engenhos!

Todavia, as piores tendências e paixões humanas, em tais livros foram beber sempre as justificativas para seus crimes!

Porém, meus irmãos, a infinita Obra de Deus, com suas leis Eternas, Perfeitas e Imutáveis, nunca estará abaixo de alinhavações humanas!

Porém, meus irmãos, um Divino Modelo um dia passou pela carne, foi desde pequenino perseguido pelos donos de livros ditos sagrados, foi preso e castigado, foi

crucificado e insultado pelos donos de clerezias, mas foi apresentado pelo nosso Pai Divino como Modelo da Ressurreição Final do Espírito, sem ter escrito coisa alguma, pelo fato de saber que a Verdade e a Virtude não cabem em coisas que os homens fazem, quando manobram formalismos ao prazer de suas mediocridades.

Por mais inferior que um mundo seja, a vida nele se expressa imensamente vertiginosa, ensinando aquelas lições que todos deveriam procurar aprender e respeitar.

Por mais que uma humanidade seja infantil, tudo tem para compreender as necessidades fundamentais da vida, reconhecendo que não fez a Terra que tem debaixo dos pés, nem o Sol, nem os mundos, nem o ar que respira, nem coisa alguma que só Deus pode criar.

Qualquer indivíduo que se dê a pensar, logo descobrirá que é um escravo de muitas necessidades, sendo também assim os seus irmãos, podendo compreender, portanto, que da parte de Deus o Supremo Ideal só poderá ser a Fraternidade.

E para saber que assim o é, duas razões lhe sobram e muito inconfundíveis: a Lei de Deus, que não manda ter religião ou sectarismo algum, e o Divino Exemplo do Cristo Planetário, que foi por todos os sectarismos perseguido e crucificado, porque o clero levita representava a todos eles.

Nada tenho de importante a dizer daquela vida, a não ser que nasci com um defeito na perna direita, defeito que me obrigou a saber manobrar as mãos, no bendito mister de costurar e bordar.

Quanto à religião, era de origem protestante, cultivava o fanatismo da letra morta, achando que até Deus devia estar sujeito a tudo aquilo, porque alguns homens

assim haviam escrito, estando Deus, portanto, obrigado à sujeição.

Quando desencarnei, fui recolhida imediatamente, sendo instruída também imediatamente; e a companheira de moradia, uma jovem muito alegre, disse-me com a sua bela voz:

— Você ganhou no jogo do Bem e mereceu o nosso pronto acolhimento; se não tivesse admitido os ensinamentos da Lei de Deus e do Cristo, e se fosse atrás do que dizem as religiões, talvez tivesse que passar alguns anos nas trevas, antes de vir para o nosso meio.

Olhei para a minha perna, que vinha de ser endireitada, e foi a ela que endireitei o meu pensamento de agradecimento; não sei o que teria feito na vida, como a teria aplicado, se tivesse tido as pernas direitas. Pode ser que sim, pode ser que não, mas o fato é que pensei assim e assim continuo a pensar.

Costureira saí da carne e costureira vim a ser no mundo espiritual; passei vinte e três anos no mundo espiritual e retornei à carne, agora na América e no Brasil.

Fui barata de igreja, mas não fiz mal a ninguém com o meu fanatismo católico, porque uma negra escrava nada tinha a fazer dessas coisas, visto como os bens a dispor e os objetivos a atingir eram mais do que limitados.

Casei com um negro escravo, dócil e prestativo, tendo sido ambos muito bem tratados pelos amos, dos poucos que dispensavam aos escravos bons um passadio de brancos. E como tínhamos a vantagem de lidar na cozinha da Casa Grande, tudo se encaminhou para o melhor possível, com a nossa boa conduta e as graças de Deus.

Foi uma vida longuíssima, tendo atingido eu os cento e dois anos; e a saída foi boa, porque uma negra es-

crava, nem no mundo espiritual iria esperar tudo aquilo que ele me deu.

Todavia, quando me disseram se queria continuar negra ou branca, achei bom optar pela cor branca. Pude em breve conhecer algumas vidas pretéritas, ficando bem e mal ao mesmo tempo, porque os méritos e os deméritos equilibravam. Todavia estava livre de pecados, sendo apenas um espírito carecente de evolução, de vidas e mais vidas, para ir realizando em mim mesmo a Verdade e a Virtude.

— Então assim é? — disse a quem me esclareceu.

— A libertação só se consegue quando se atinge o Grau Crístico, porque significa vencer a lei das encarnações obrigatórias. Ser um espírito sem crime a descontar não significa libertação total. O processo evolutivo tem o seu seguimento normal, devendo o espírito atingir a sagrada finalidade, custe mais ou custe menos. Se errar terá que acertar, mas a vida é eterna e tudo continuará.

Veio-me à lembrança perguntar sobre futuras vidas, tendo ele respondido:

— Posso garantir que estamos no limiar de grandiosos acontecimentos, pois a Doutrina deixada pelo Cristo será restaurada e estendida sobre a Terra. Temos ordens de aguardar os acontecimentos; quando for hora, teremos os avisos e deveremos cooperar no grandioso movimento.

Mal saída de novo da carne, abalou-me ouvir aquilo, pois era fervorosa católica, capaz de afirmar que fora do catolicismo não poderia haver Doutrina de Jesus Cristo. Como ficasse profundamente chocada, disse-me Tancredo:

— Não te perturbes, porque terás que estudar um bocado, Alice, antes de entrares para novos trabalhos;

e saberás o que foi e o que voltará a ser a Doutrina de Jesus Cristo, cujos fundamentos são a Moral, o Amor, a Revelação, a Sabedoria e a Virtude, e tudo isso à margem de quaisquer clerezias, de quaisquer manobristmos de grupos formalistas e comercialistas. Compreenderás então que tudo repousará no cultivo da Verdade e da Virtude, tendo a Revelação como instrumento de advertência, ilustração e consolo.

— A Revelação? Isso é como a Anunciação, irmão Tancredo?

— Tal e qual, pois tudo se resume na comunicabilidade dos anjos, espíritos ou almas, que é como na Bíblia chamam aos espíritos comunicantes.

— Se Deus assim quer, que assim seja...

Tancredo viu-me pensativa e indagou-me:

— Em que pensas, Alice?

— Minha gente falava com os espíritos; isto é, fala com os espíritos. Se é isso que vai ser conhecido de todos, creio que será vantajoso.

Fazendo sinal de prudência, acentuou:

— Não te importes com o que irá acontecer, porque tudo acontecerá segundo ordens de muito mais alto. Afinal de contas, sabemos por informes de nossos instrutores, que em todos os mundos as humanidades, encarnada e desencarnada, terão que se infusar. A evolução conduz a este estado de vida, porque desperta nas criaturas sentidos novos e apropriados a isso. E sem te dizer mais nada por hoje, posso afirmar que as coisas já estão muito bem encaminhadas, porque um grande espírito já se encontra encarnado e em trabalhos, estabelecendo as bases doutrinárias. Dentro de alguns anos o mundo todo começará a falar nisso, e com mais alguns sécu-

los, a humanidade inteira estará consciente de verdades maravilhosas. Então é que a Terra passará a viver a Civilização Cristã, posto que isso que chamam de Cristianismo, nada mais é do que triste arremedo, verdadeiro paganismo aplicado despoticamente, para saciar erros, corrupções e acobertar crimes inomináveis.

Dito isso, Tancredo despediu-se, porque era professor e tinha outras aulas a dar. Fiquei conversando com algumas amigas, tornando a me familiarizar com tudo quanto pudesse, sobre a vida no mundo espiritual. Porque embora tudo seja como prolongamentos do mundo terreno, para melhor ou para pior, para baixo ou para cima, a verdade é que se estranha bastante a mudança quando se sai dos conceitos católicos, que são perfeitamente errados sobre estas plagas.

Os formalismos, os simulacros, todos os fingimentos, todos os sacramentismos e tudo quanto diga respeito a milagres e a mistérios; tudo isso que ilude a uns, engordando a outros, colocando galardões sobre criaturas ignorantes e petulantes; tudo isso que faz os traidores da Excelsa Doutrina passarem por ministros de Deus, tudo isso cai por terra, quando se entra no mundo espiritual um tanto superior.

Aquela chave libertadora: a Verdade, a Virtude e o Trabalho, isso de novo eu aprendera. E aprendera a ver Deus através de sua Criação, de tudo quanto tinha ao meu redor para ver e compreender, sentir e viver. Porque isto ocorre com facilidade, nestes reinos — em lugar de sujeitar as realidades de Deus ao crivo muitas vezes estúpido das letras ditas sagradas, o que se faz é compreender que essas letras estão muito longe do que pretendem os seus fanáticos.

Outra realidade que por aqui defrontamos é esta — prontamente observamos que os encarnados fazem questão de criar dogmas, de fabricar ortodoxismos, de manobrar com estatutos, mas tudo isso em benefício de interesses subalternos, tudo isso para acobertar ignorâncias, tudo isso para engordar o bolso, o estômago, o orgulho e outros tantos infelizes fatores.

Se ao menos houvesse pureza de intenção nos erros, muito bom já seria, porque em um mundo inferior como a Terra, aquele que age com boas intenções já é digno de considerações. Ao primeiro toque da Verdade e da Virtude, da Moral e do Amor, o homem realmente bem intencionado dará o seu passo à frente. Mas isso é muito raro, porque costuma dizer que o Reino do Céu está longe e que o reino das vantagens imediatas está neles mesmos, ataca-os de frente e a todos os momentos.

Também as letras ditas sagradas, ou que alimentam fanatismos em nome de Deus e do Cristo, tornando-se por isso instrumentos de dissídias e de mortes, por estas bandas são de outro modo consideradas, porque em lugar de agir como aí, onde os filhos de Deus com elas pretendem escravizar a elas o próprio Deus, aqui são encaradas de outro modo. Elas dizem muito mal, muito mediocrementemente, de gloriosas realidades que vivemos, de verdades divinais que sentimos verter da Presença do Criador, que é tangentíssima realidade.

Não falamos, é óbvio, dos planos inferiores do astral, para onde se prolongam as porcarias do mundo carnal; mas falamos dos planos melhores, já não digo muito melhores, onde a Bíblia de Deus é toda Luz e Glória, onde a palavra do Messias é Espírito e Vida, deixando muito longe o arremedo todo adulterado que os

terrenos ousam dizer que é Evangelho. Se me puderem compreender, quero dizer que há por aqui uma Verdade Intrínseca, um Amor Intrínseco, um Deus infinitamente presente e glorioso a dominar tudo e de tal modo, que as vossas letras ditas sagradas, se fossem lidas aqui ao pé da letra, fariam corar a um defunto, se estas maravilhosas paragens pudessem albergar defuntos.

É por isso que muitos religiosos, quando aqui aportam, sentem profunda revolta contra certas afirmações ditas aí sagradas; aqui eles procuram trocar tudo por Moral e Amor, Verdade e Virtude, realidades essas que por aqui brindam a todos com perenidade de presença, como realidades vivas e não como longínquas tiradas teologais, tiradas de efeito impressionante para aqueles que as usam para tapear os menos cautos, os compradores de idolatrias e de simulações.

Creio que descobris, pelas palavras que vos dirijo, o quanto o problema religioso está, na Terra, em profundo atraso; de tal modo atrasado, que o mais bem intencionado esquece prontamente de viver a Verdade e a Virtude, para consigo mesmo e para com os seus irmãos, para ir adorar vestes fingidas e idolatrias, pagando bem caro pelas simulações que um dia o atirarão nos abismos trevosos. E quem foi que forjou tudo isso? Quem colocou tudo na frente de dogmas e de ortodoxismos, de estatutos truculentos?

Muitos dizem, porque temos ouvido em todas as partes, já que agora estamos funcionando no Consolador Restaurado, que um novo Cristo devia encarnar, para ensinar verdades puras, para consertar a humanidade. Entretanto, esses mesmos que dizem isso, podem considerar que o Cristo é eterno, perfeito e imutável como

lição, porque representa a Lei de Deus vivida, a vontade de Deus executada. Mas de modo prático, no meio das ruas, junto das gentes, falando a linguagem da Moral vivida, do Amor trocado por bondades distribuídas.

Não ficou o Cristo no mundo, dentro de um tempo, a tecer futricas teologais; não perfilhou os conceitos farisaicos nem dedilhou a lira dos escribas, sempre meticulosos em vírgulas e acentos, jogos de palavras e mil futricas; foi Ele, o Divino Modelo, consolar aflitos, curar feridas, dar ouvido a surdos, vista a cegos; foi chorar com quem chorava, foi compartilhar das angústias daqueles que sofriam nas mãos dos ditos ministros de Deus!...

O seu livro sagrado foi o programa de Moral e de Amor, de Verdade e de Virtude que pôs em prática!

A nova ordem anunciadora, deixou-a no Consolador, na Revelação generalizada que do Pentecoste em diante teria ficado no mundo, se Roma não truncasse tudo com a sua traição!

E a prova da Moral e do Amor vividos, demonstrou-a com a Ressurreição, com a Glória com que Se apresentou após a crucificação.

Estas realidades, todos por aqui as conhecemos, por isso mesmo que devotamos um profundo pesar a todos os ortodoxismos, a todos os dogmatismos, a todos os estatutos que visam reduzir a Verdade e a Virtude a decretozinhos de homens. Temos a mais plena certeza de que, com um dedalzinho de prudência, de bom senso, qualquer um pode compreender que a Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude, não cabem em papéis e decretozinhos humanos.

As coisas deviam ser repostas no lugar e já foram mesmo restauradas, mas em caráter de Doutrina Viva,

evolutível ao infinito, e não como instrumento de novas dogmatizações, e não como edição moderna de viciosos fanatismos sectários. A Excelsa Doutrina do Cristo não cabe em livros, é Espírito e Vida! Os livros devem ceder lugar aos atos de Verdade e de Virtude! As grandiosas lições de Deus estão no infinito criado e toda a real Sabedoria está no Amor praticado!

Os homens ignorantes esperam o novo Cristo, mas o Cristo eterno espera pelos homens prudentes através de suas obras. Não há outro Deus a ser anunciado, não há outra Lei a ser promulgada, não há outro Cristo a ser apresentado, não há outro Amor a ser indicado, não há outra Justiça a ser lembrada.

Quem afirmou perante o mundo que Deus é Espírito e Verdade, assim querendo que Seus filhos venham a ser, nunca jamais passará, porque essa afirmativa contém a Sabedoria Total. Ninguém dirá verdade doutrinária maior do que essa, diga o que disser, no infinito do Espaço e do Tempo.

Não há que esperar um novo Cristo; há que desabrochar o Cristo Interno, conforme a Divina Modelagem do Cristo Externo, que Jesus, o Diretor Planetário, viveu diante da humanidade. Porque Cristo é grau, e todos devem atingi-lo.

CAPÍTULO 8

HÁ SÁBIOS NOS INFERNOS

“De um ou de outro modo, os Cristos e Missionários da VERDADE e da VIRTUDE sempre são crucificados; e o são pelos papas, sacerdotes, escribas e fariseus... Isso prova a falência das maquinações e dos conciliábulos humanos e afirma que os infernos estão cheios deles”.

Retornemos, pois, aos eventos daqueles dias, quando fui aprender a ler e conhecer a história das Revelações sucessivas.

Não havendo milagres nem mistérios na Ordem Divina, está claro que não foi milagrosamente que aprendi a ler, mas a verdade é que nos tornamos muito mais penetrantes, de um muito maior poder assimilativo, estando sem os embargos do corpo denso.

Uma vez querendo aprender, desejando aplicar a mente em determinado sentido, e começando pelas chaves iniciais, podemos avançar muito e em pouco tempo. Acima do formal colocamos o essencial, antes da formamos valor ao espírito da coisa, por isso mesmo que passamos a sentir a Verdade e a Virtude em todas as coisas, em lugar de acontecer como na encarnação, quando o intelecto funciona marginalmente à essência dos fatos, parecendo mais ficção do que realidade.

Para apelar a um paralelo, vamos dizer que o Cientista fala em Moral e Amor, porém os coloca em plano subjetivo, com isso podendo aplicar a Ciência em sentido

criminoso. Jogará com as forças e os elementos externos, mas ficará muito abaixo dos valores íntimos, dos poderes morais que determinam as consequências. É menos do que meio sábio, enquanto um ser moralizado e virtuoso, sem saber ler e escrever, pode ser muito mais do que apenas meio sábio.

Por isso já foi dito, que há sábios nos infernos e ignorantes no Céu!

O que importa é saber em que resume a Sabedoria, se é em jogar com os elementos externos, aplicando criminosamente as leis e os fatores conhecidos, ou se é respeitando o sentido Moral da vida e da Criação em geral, único modo de viver em sintonia com a Soberana Vontade de Deus, para de fato ser feliz.

Uma das modalidades conceptivas que julgamos bastante comprometedora é a chamada Ciência Pura, pelo fato de redundar quase sempre em pura calamidade, visto como todas as ações partem do espírito e todos os espíritos serem sujeitos a uma Lei de Harmonia Universal. Ninguém jamais será senhor isolado de coisa alguma; e por todos os motivos será sempre responsável pelo uso que fizer das leis e dos efeitos consequentes.

Que os materialistas pensem pobre ou miseravelmente, isso é questão que não nos cabe avaliar, porque refletem a falsa educação de que são portadores; certamente a Lei e a Justiça os encararão segundo o grau de ignorância. Mas que espiritualistas venham a fazer tais afirmações, querendo fugir ao sentido Moral da vida e suas aplicações, isto redundará em trevas e ranger dos dentes.

E bem sabemos quem habita os reinos de treva e de luz; porque a Lei e a Justiça não carecem de conselhos humanos, de sabedorias rastejantes. Muito antes de que

o pobre terrícola pensasse em Ciência Pura, já era de Total Pureza a Sabedoria Divina!

Lembramos a todos, portanto, que a humanidade terrícola é devedora de encargos morais e virtuosos, muito e muito acima de outros quaisquer. Porque jogar com as realidades externas, as leis e os elementos do mundo material, isso qualquer um poderá vir a fazer, por mais que seja um bruto espiritual; mas o importante, o fundamental, para a grandeza do espírito, reside na Moral e no Amor.

Desde que o mundo terrícola existe, em expressão humana, por milhões se contam os pretensos sábios que enveredaram para as regiões de trevas, renascendo depois, como dementes e atrofiados, para resgatar os males causados; mas o Príncipe da Moral e do Amor, ao passar pelo mundo, encareceu a questão de modo total, fazendo ver que todas as funções devem obediência à Moral e ao Amor.

A parte de Deus, que é Eterna, Perfeita e Imutável, não precisa ser posta em jogo pela presunção humana; mas a obrigação de cada filho de Deus, de se realizar em Verdade e em Virtude, essa é intransferível. E quem fará isso, fora da Moral e do Amor?

Não cairemos na leviandade de falar aos espíritas, como se estivéssemos falando a uma gente especial; porque os mesmos espíritas podem reconhecer que, nos dias do Profetismo de portas fechadas, ou antes do advento do Cristo, o Povo de Israel fora fartamente avisado pelos anjos, espíritos ou almas, nem por isso dando as melhores exemplificações. Tanto assim que, nem sequer reconheceu o Cristo, a mais falada pessoa de todos quantos foram falados ou anunciados.

Tremendas já são as falhas de muitos irmãos que encarnaram para auxiliar nos modernos trabalhos proféticos; porque em lugar de se entregarem ao cultivo da Verdade e da Virtude, brandindo as armas que são a Moral e o Amor, tudo fazem para salientar rivalidades pessoais, agenciando fanatismos sectários, cometendo levandades, tramando falsidades e traições. Não importa, conseqüentemente, que se diga alguém espírita ou cristão redivivo; o que importa é que ele de fato o seja, pelo fato de viver nos quadros da Moral, do Amor, da Revelação, da Sabedoria e da Virtude. E para viver essa conduta, terá que ser mais do que laçao dos interesses de bolso, estômago, sexo, orgulho e egoísmo.

Não existe realidade alguma, que sendo pela Soberana Vontade de Deus, possa temer os confrontos humanos; portanto, a Verdade e a Virtude precisam de irmãos que as vivam diante do mundo, mas não precisam de pseudo-advogados ou defensores. Quem quiser ser um bom servidor da Moral e do Amor, que se moralize e torne-se amoroso primeiro, para depois falar em seu nome. Esta questão é primordial ao espírita, pois do contrário não o será!

Os conceitos humanos evoluirão através do Espaço e do Tempo, pois não existe fenômeno relativo, que fora deles tenha execução. Desde que ninguém sujeite os problemas da Verdade e da Virtude aos tristes interesses subalternos, tudo irá bem, porque o homem livre de misérias de ordem Moral é sempre capaz de mudar de opinião, tanto bastando que venha a conhecer mais.

Simple é a centelha espiritual, o homem espiritual, mas complexos são os fatores que o envolverão, até que se tenha cristificado; ele terá que mudar de conceitos

milhões de vezes, porque irá descobrindo novas realidades, até o dia em que tenha atingido a Síntese Geral, pelo seu mesmo desabrochamento interno. Muitas vezes pensará ter atingido a Verdade Total, mas logo mais os movimentos se encarregarão de fazê-lo retroceder em suas presunções.

Convém que o santo desconfie de sua santidade e que o sábio ponha em dúvida a sua sabedoria; pelo menos, ao ter que voltar atrás, para recomeçar a caminhada, não precisará de se envergonhar. Feliz daquele que age dignamente, porque mesmo sendo habitante de um plano inferior, pelo fato de ser também inferior, nem por isso agirá em função da ignorância pura e do puro interesse subalterno.

Foi, meus irmãos, por algumas dezenas de anos, que se prolongara o período de estudos e trabalhos. Subimos um pouco e outros desceram, para chegarmos a um regular grau de conhecimento de causa, sobre os problemas fundamentais, que a Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude representam. E sabemos que toda e qualquer função, para encarnados e desencarnados, fora dessa Chave Mestra é comprometedora. Essa Chave Mestra é acima de condições sociais, porque todos a ela estão subordinados.

Se é certo que múltiplas são as manifestações da vida, os ramos do conhecimento e as possibilidades de aplicação dos indivíduos, o grande problema é que a parte de Deus não precisa ser posta em dúvida pelos Seus filhos; se procurarem viver a vida com decência de conduta, aplicando a Moral e o Amor, simplesmente atingirão a Verdade e a Virtude. Caso contrário, como tem sido, andarão querendo discernir Deus e o espírito,

enquanto contribuem para a manutenção de um mundo de guerras, pestes e fomes, um mundo de misérias e de imoralidades.

Essa foi a conclusão a que se chegou, depois de tantos estudos teóricos e depois de focalizar o problema das almas pelo prisma dos fatos observados. No fundo de todas as condições e situações individuais, sempre vimos os fatores Moral e Amor em jogo; quem agiu de acordo, estava bem e tinha bens a distribuir; enquanto que os desarmonizados tinham trevas para si e para outros. E todos aqueles que se haviam harmonizado com esses fatores, tinham conseguido realizar em si mesmos uma quantia apreciável de Verdade e de Virtude, estando em condições hierárquicas satisfatórias. E como argumento básico, fica dito que ao Grau Crístico não se pode ir por outros meios.

Poderia existir argumento maior do que ver espíritos, dos altos planos da vida aos máximos baixios, cada um recebendo segundo suas aplicações em Moral e Amor, sem embargo das condições sociais? Que significam pobreza ou riquezas, títulos ou não títulos, religiões ou não religiões, perante a Lei e a Justiça?

Os encarnados, e os desencarnados ainda perambulantes em lugares muito inferiores, podem não entender destas realidades supremas, porém um dia terão que as entender. O Reino do Céu interior, que não virá mesmo com mostras exteriores, é uma questão de Moral e de Amor. Tudo o mais que seja, poderá contribuir para a grandeza do espírito, mas apenas como contribuição àquela realização. Se falhar naquela Chave Fundamental, tudo cairá por terra!

CAPÍTULO 9

O APÓSTOLO BEZERRA DE MENEZES

“No curso dos séculos consecutivos a Jesus Cristo, todos os Apóstolos e aqueles outros que mais de perto acompanharam o Divino Modelo voltaram à carne, cumprindo tarefas em os mais diferentes setores de trabalho; Lucas, o Apóstolo que era médico e pintor, veio na personalidade de Bezerra de Menezes, pela última vez, deixando marcas inconfundíveis do seu valor e indo ser, após o desencarne, um grande chefe de legiões socorristas. Bezerra de Menezes não é apenas um nome a ser pronunciado com respeito; é uma bandeira de trabalho, é uma ação em movimento, é uma das muitas Graças de Deus ao dispor das almas que buscam a Verdade e a Virtude”.

Se é certo que a Restauração do Caminho do Senhor, com o nome de Espiritismo, está fazendo abalar os alicerces do multimilenar edifício clérico-dogmático, também é no mundo astral onde a grande revolução se processa. Porque tudo, por aqui, é muito maior e mais intenso. E como do quarto céu, ou da quarta faixa para baixo tudo são ainda subfaixas muito relativas, ou com profundos reflexos da vida carnal, podeis calcular o que sejam e como vivem estas humanidades. Mesmo nos lu-

gares já de luz e de paz, a vida transcorre muito ligada a costumes advindos da crosta. E dos planos de trevas, nem convém por ora falar, porque a narrativa o fará, em seu curso normal, conforme o plano estabelecido pelos chefes ou mestres que nos determinaram transmiti-la.

Outra realidade que muito fez movimentar a máquina revelacionista, foi a reencarnação daquele que em vida se chamou Adolfo Bezerra de Menezes. Como foi providencial a sua volta ao mundo carnal, foi e está sendo grandiosa a influência produzida! Em torno desse nome movimentam-se organização e falanges, como não podeis calcular. Ninguém fará a sua rogativa, começando por apelar para Adolfo Bezerra de Menezes, que não seja atendido. E se não fosse a Lei e a Justiça terem que impor condições e situações, muitas mais intervenções felizes haveria.

Entretanto, no mundo astral ou no plano carnal, apesar das motivações cármicas limitarem a ação dessas organizações e falanges servidoras, o trabalho assistencial é enormíssimo. E calha, conseqüentemente, o fato de lembrar uma vez mais a Moral e o Amor; porque havendo tais méritos, muitas mais portas se abrirão aos que fizeram seus pedidos de assistência.

E se lembrarmos o sentido assistencial das legiões do Senhor, que se filtram pelos escalões hierárquicos, lembramos a inteligência funcional de Jesus Cristo, que entregando o Bem e o Bom pelos caminhos afora, reclamava entretanto o dever de renovação íntima, pelas trilhas da moralização e do crescimento em atos amorosos. É necessário que cada um peça a assistência do mundo espiritual, mas que o faça lembrando bem de suas obrigações fraternais.

Estamos absolutamente autorizados a falar em nome desta realidade, porque o nosso trabalho é nesse sentido, faz várias dezenas de anos.

CAPÍTULO 10

SUJEITAI-VOS À VERDADE E À VIRTUDE

“Ninguém pensa como quer e sim como pode; para pensar melhor, cumprir evoluir; para evoluir, somente sendo contra todos os dogmatismos; e para ser contra os dogmatismos, somente sendo da VERDADE e da VIRTUDE ou contra os malabarismos que certos agrupamentos humanos teimam em dizer que são religiões, embora estejam sempre funcionando contra a Lei de Deus e o Divino Exemplo de Jesus Cristo”.

O homem isolado nada poderá fazer de grande, seja em que sentido for; mas desde que tenha o amparo de bons emissários espirituais, a coisa muda, podendo produzir obra de alongada influência. Quem quiser, uma vez mais buscar exemplo em Jesus Cristo, saberá que afirmou diante do mundo, para sempre — “Vereis os céus abertos e os anjos de Deus subindo e descendo sobre a cabeça do Filho do homem”.

— Que faziam os anjos, espíritos ou almas que desciam sobre Jesus?

Que fazia Jesus, tendo as Suas legiões espirituais em perene trabalho?

Não queremos gente “crente”, mas desejamos que todos se tornem conscientes e trabalhadores fiéis. Basta de molambismos pelos caminhos lodosos da letra morta e dos clericalismos pagãos e comercialistas!

A hora que se avizinha reclamará muito mais consciência das verdades eternas, perfeitas e imutáveis de Deus, porque fora dessa linha de conduta, mundo algum e humanidade alguma conseguirão jamais atingir o nível de Sabedoria e Amor. E tal estado espiritual, poderá ser conquistado sem romper com o passado, com a tradição, naquelas partes em que apenas servem para engordar escolas de molambismos?

Sujeitem-se, pois, os livros e os costumes à Verdade e à Virtude, e não a Verdade e a Virtude aos livros e costumes!

Sujeitemos nossos pensamentos ao Pensamento Divino, em lugar de pretendermos sujeitar o Pensamento Divino ao nosso!

Eis como foi, meus irmãos, que entrei para a falange de Bezerra de Menezes, quando o apóstolo da humanidade e da fraternidade começou realmente o seu apostolado. Sendo ele portador de um elevado encargo a ser desempenhado na Pátria do Cruzeiro do Sul, grandes forças espirituais lhe foram designadas, para que o trabalho fosse aumentando, alastrando, criando raízes, a fim de se alongar pelos dias seculares porvindouros.

Muitos irmãos já trabalhavam sob o controle de seus mentores, quando fui convidada a tomar parte numa das caravanas. E foi junto ao primeiro trabalho que se passou a coisa que me fez registrar o assunto acima exposto.

Anacleto era evangelista, mas tinha parentes já militantes na Seara do Consolador Restabelecido; e como não poderia deixar de ser, para ele mais importava o Evangelho da letra morta e adulterada em muito, do que a imitação dos Divinos Exemplos de Jesus Cristo.

E como todos os que nascem já o fazem hipotecados à morte física, Anacleto teve que deixar o fardo carnal, para enfrentar a nova situação. Como não fora amigo do Bem e do Bom, sem ser teoricamente, as coisas não lhe foram bem nas tramitações do mundo espiritual. Ficou mergulhado em uma penumbra, sujeito a solavancos, ora subindo um pouco para melhor, ora descendo muito para pior, até que lhe ordenaram o recolhimento, para ser tratado e instruído.

Como todos os fanáticos religiososistas, ou todos os que confundem a Religião da Verdade e da Virtude, da Moral e do Amor, com as manias sectaristas, Anacleto logo que se pilhou tratado, começou a querer discutir textos com os seus benfeitores espirituais.

Ele, que vinha do palavrório dogmatizado e histérico, queria ensinar aos que viviam, aos que em trabalhos já sabiam imitar um pouquinho dos exemplos do Cristo.

Ignorante que era da passagem, logo que a reconheceu, pelos tratamentos e avisos amigos, logo quis exigir a presença de Jesus Cristo, alegando que tinha acreditado, que tinha tido fé em Jesus.

Nada sabendo da lei de progresso, através das vidas, assim que lhe falaram a esse respeito, perguntou se por ventura não estaria no meio de demônios que o tentavam, fingindo-se de anjos.

Pensando numa beatice vagabunda, quando lhe disseram do trabalho edificante, no Espaço e no Tempo, para todos os filhos de Deus, encarnados e desencarnados, ele perguntou se era assim que recebiam prêmios os crentes em Jesus Cristo, fazendo cara de forte desagrado.

Aqui foi-lhe dito, então, que se quisesse poderia não trabalhar, nada fazer por quem quer que fosse, ficando

apenas sujeito a não ter recompensa alguma, em amizades e passeios, conversas e estudos.

— Acho isso muito esquisito! — disse ele, pensativo.

— Mas poderá modificar o seu modo de pensar e agir, quando quiser, — respondeu-lhe o instrutor.

Ocorreu-lhe perguntar se outros já haviam enfrentado uma tal situação, tendo o instrutor respondido:

— Pode estar certo de que não está sendo original em coisa alguma, irmão Anacleto; nós todos, ao virmos do mundo carnal, temos de nos adaptar em pouco ou muito a estes planos e modos de vida. Porém, quem vem conhecedor de melhores verdades, sabe que o progresso é lento, que todos enfrentam dificuldades e necessidades durante a escalada evolutiva, e fazem questão de auxiliar, de dar a mão ao irmão que vem mais atrás. Amor para nós é trabalho, não é conversa; e o programa da Verdade, pode estar certo, é bastante vasto para ser realizado numa vida, apenas.

Considerando as falhas educativas, deram-lhe dois dias de absoluta liberdade, dois dias que ele passou observando postos de socorros, até encontrar-se com uma irmã, meio aparentada, que se achava hospitalizada.

— Você aqui?! — perguntou assustado.

— E você?! — fez ela, retribuindo o susto.

— Estou aqui! — boquejou, desajeitado, olhando ao redor, onde outras irmãs também se achavam sob cuidados.

Cristina sorriu, movimentou um pouco a cabeça, e murmurou:

— Eu católica e você evangelista... E estamos todos aqui...

Anacleto cismou, encolheu os ombros e também murmurou:

— Não há diferença... Pelo que se vê...

— Deus não faz diferença... — ponderou Cristina, satisfeita.

Um enfermeiro, aproveitando a deixa, acrescentou:

— A diferença sempre esteve em nossas obras; quem mais vive para a Moral e para o Amor, mais depressa atinge as regiões onde a Verdade e a Virtude se apresentam intensamente. E quem fala muito em Deus e no Cristo, e vive para o seu infeliz fanatismo religiosista, ou vai mais para baixo ou chega mal até aqui.

Anacleto mirou-o com reserva, tendo perguntado:

— Era religioso?

O enfermeiro, atarefado, respondeu:

— Chiii!... Até demais!... Eu vivia de Bíblia na mão!...

O enfermeiro se foi, para trabalhar, para viver o Evangelho, e todos ficaram a olhar para ele, bastante enigmáticos.

Eu havia recebido ordem específica, razão por que lhe disse:

— Por que não põe a mão sobre a cabeça da irmã Cristina, rogando para ela os benefícios do Senhor?

— Eu?!... — fez ele, atônito.

— Jesus não passou a vida fazendo isso e mandando fazer?

Anacleto olhou-me com certa gravidade, depois pendeu a cabeça, como que envergonhado. Eu me aproximei, apanhei-lhe a mão direita, coloquei-a na cabeça de Cristina, ordenando:

— Vamos, peça a Deus por ela, para ter também para si; como Jesus Cristo fez, rogando ao Pai, façamos nós todos, que isso é boa religião! Ou quererá pretender, ainda, que religião é ter gosto por leituras ditas sagradas,

feitas com fanatismo sectário, ou mesmo as dobras de espinhaço diante de homens fantasiados e seus manobrismos?

Anacleto levantou a cabeça, olhou para o teto, como fazem aqueles que por má interpretação de Deus O procuram longe e fora, e com voz comovida orou:

— Senhor Deus e Pai Nosso! Senhor Jesus Cristo! Não sabe este vosso filho e discípulo, como confessar a sua ignorância em face da Verdade; porque tudo é diferente do que nos ensinaram na vida carnal... Também não sei se o meu rogo possa ter valia... Mas peço, com toda a minha alma, por esta vossa filha e discípula. Que as vossas bênçãos caiam sobre ela...

Embargada a voz, Anacleto cessou a fala; mas a sua mente, bem se via, demandava os reinos superiores. Envolvido em luz doirada, projetava sobre a irmã Cristina um facho maravilhoso, que após se estendia pelo corpo todo.

Ao abrir os olhos, olhou em torno, notando que o grupo estava bem aumentado, fazendo parte do mesmo, agora, uma personagem para ele muito cara.

— Mãe!... Ó minha mãe!...

Estes reencontros são sempre muito comoventes, porque aprendemos a mais sentir, nestes reinos, do que a pensar; e tomamos parte em todas as manifestações de amor e carinho, sabendo que somos todos filhos e pais. O próximo é nós mesmos, para todos os efeitos; suas dores e alegrias, suas lágrimas e suas exaltações emotivas, tudo é coisa nossa, porque no Espaço e no Tempo as conjunturas nos obrigarão a viver todas as condições e situações.

A mãe de Anacleto, a irmã Natália, era um espírito bastante avançado nos domínios da Verdade e do Amor,

habitando região bastante superior, onde dirigia um estabelecimento de ensino. Supus, na ocasião, que ela devia estar a par do que ocorria com o filho, aguardando entretanto que os acontecimentos tivessem seguimento normal, para intervir segundo a Lei, no momento oportuno.

— Como a senhora está maravilhosa! — exclamou o filho, notando a maravilhosa personagem, que todavia revelava uma simplicidade realmente absorvente.

Ela comentou:

— Todas as maravilhas do Nosso Pai estão ao nosso dispor; basta que cultivemos a Moral e o Amor, para irmos crescendo nelas.

Anacleto rememorou:

— A senhora foi uma grande professora!... E dizia que detestava todos os modos de padrequismo... Achava que para serem como eram, ou Deus estava errado ou eles em nome de Deus cometiam tremendos erros. E por saber que em Deus não pode haver falha, era totalmente contra eles.

Ela, com palavras ponderosas, explicou:

— Sempre distingui, ou procurei fazer, entre o homem em si e a sua função; assim é que podemos encontrar bons homens em más funções, como nos casos clericais, em que criaturas boas, almas piedosas, se aplicam de modo idólatra e pernicioso, pelo simples fato de terem sido mal orientados. Eu tenho um ex-padre como subordinado, um bom professor e uma grande alma; é que, embora errando sobre religião ou doutrina, sempre se distinguiu na vida pelos atos de bondade. Ocupou o seu tempo de folga em pedir esmolas aos que as podiam dar, para distribuí-las aos que passavam privações. Muitos pais e muitos filhos oravam para que ele jamais dei-

xasse o mundo; mas ele o deixou, como todos deixam, para vir colher, nestes reinos, as belas sementeiras que fizera no mundo, em trabalhos sociais.

O filho repetiu, pensativo:

— Em trabalhos sociais!...

A mãe tornou a comentar:

— Sim, meu filho, a religião da Verdade e da Virtude. Afinal de contas, o Nosso Pai quer colaboradores fiéis ou quer aduladores sectários?

Naquela hora dava entrada no vasto salão o diretor dos serviços hospitalares da região; como a função indicava e indica, era um médico de profissão e uma alma dotada de muitos dotes morais. E pelo que se viu, sabedor da presença, ali, da irmã Natália, compareceu para encontrá-la. E o encontro de criaturas de mais altitudes vibratórias é sempre um acontecimento feliz para os presentes em geral, porque sempre há uma elevação de tônus psíquico. Há um mergulho de todos numa atmosfera de elevada sublimidade.

Ela apresentou o filho ao diretor, e este, todo paternal, perguntou-lhe:

— Vai ser professor do que?

Anacleto meditou um bom tempo, depois olhou para a mãe de modo indagador, tendo respondido, com uma boa dose de incerteza:

— Se me permitirem, gostaria de conversar com minha mãe antes de escolher a minha nova função... Digo que me encontro, ao mesmo tempo, decepcionado, perplexo e encantado, senhor diretor. Por isso, peço a ajuda de todos... E eu sei que me ajudarão, porque vejo que a religião, por aqui, graças a Deus, é amar sempre o próximo.

O diretor sorriu, sentenciando:

— Quem apela a César deve ir a César!

Natália agradeceu, dizendo que iria falar primeiramente com o governador da região, para depois dizer ao filho como escolher a nova função, com inteira liberdade e assumida de responsabilidade.

E ali todos se despediram. Mais tarde, Anacleto foi indicado a servir no hospital primário, a pedido seu. Lidando com os mais doentes, aplicando mãos e lendo páginas evangélicas, foi melhorando muito, até vir a ser participante dos trabalhos relacionados com o bondoso Bezerra de Menezes, onde ainda permanece, juntamente com outras dezenas de milhares de entidades servidoras. Porque Bezerra de Menezes cumpriu a função terrena de tal modo, que com a sua desencarnação, a sementeira cresceu, mas cresceu tanto, que não é fácil considerar o montante atingido. E continua crescendo, e muito mais crescerá ainda, pelo que sabemos por informes superiores.

CAPÍTULO 11

O DOUTOR BEZERRA DE MENEZES

“Raríssimas são as pessoas que, encarnando, trazem lembrança das vidas pretéritas e dos encargos que as trouxeram ao mundo; entretanto, os espíritos de escol sempre trazem o poder intuitivo em grau superior, tendo por isso um inato sentimento da VERDADE e da VIRTUDE, inclinando-se pois aos trabalhos de ordem celestial; o trabalho de ordem celestial não é aquele que se fantasia de religioso, à maneira clerical, com ou sem batina, mas sim aquele que se caracteriza pelo VERDADEIRO, BOM e BELO, que é o que conduz a Deus”.

Por estas alturas de minha narrativa já estava participando das legiões que giravam em torno de Bezerra de Menezes. Quando digo o homem em seus trabalhos, o que faço é salientar a Determinação Divina, o serviço delegado pelo Plano Diretor. Porque se alguns espíritos vêm do submundo ou da subcrosta, para ressarcir tremendas faltas; se outros vêm dos reinos espirituais ainda pouco vantajosos, para terçar armas com as obrigações evolutivas mais elementares; se outros vêm dos reinos um pouco melhores, para evoluir e deixar bons exemplos, certo é que outros vêm de reinos superiores para marcar suas vidas com o vinco dos missionários de primeira linha, deixando no mundo os rastros luminosos

de seus feitos, os caminhos por onde outros poderão se endereçar aos Sagrados Objetivos da Vida.

Há gente, muita gente, que pensa estar a marca do missionário superior nas arengas teológicas; outros querem encontrá-la nos galardões religiosistas, nas pompas mundanas ou nos títulos da nobiliarquia clerical; outros pretendem que esteja a marca superior na descoberta de Deus e do espírito, do que sejam feitos e como são; porém, a verdadeira marca está no serviço do Bem, no amor pelo próximo, na renúncia de si mesmo pela melhora alheia!

Deus não é o produto das elucubrações humanas; tudo quanto existe, material e espiritualmente, não é pelo desejo humano; o movimento a que está sujeito é por Deus e não pelo homem; a evolução das almas não foi programada pelo homem; a responsabilidade é acima de cogitações humanas; a reencarnação, a comunicação, a habitação cósmica e a sagrada finalidade, tudo é por designação de Deus, tudo está totalmente acima do que podem os míseros vermes que ainda somos.

Portanto, havendo o que seja de nossa vontade apressar ou não, isso é a realização em nós mesmos da Verdade e da Virtude; isto é, identificar com a Verdade e viver a Virtude. Se a Moral for esquecida e o Amor desprezado, por qualquer motivo que se pretenda pôr em jogo, tudo estará muito mal, porque essa alma deitará para longe de si a luz e a glória, caindo em sofrimentos tremendos, até o dia em que, reconhecendo os desígnios de Deus, venha a trabalhar em si mesma pela Verdade e pela Virtude.

Não importam as posições sociais; não há que considerar a cor ou a nacionalidade; tão pouco observar o

homem pelo prisma do seu culto sectarista, porque os fatores de ordem essencial, como a Moral e o Amor, únicos que conduzem à Verdade e à Virtude, não reconhecem tais argumentos, sem ser, em muitos casos, para tanto mais responsabilizar.

O Divino Modelo não apelou para estes e aqueles ramos do saber dito humano; mas, pelo contrário, apelou e mandou apelar para a Suprema Cátedra, que é amar o quanto seja possível. Porque não existe saber algum, que mal aplicado seja caminho de glorificação!

E o médico Bezerra de Menezes, defrontando a vida dos semelhantes pela senda pura da Medicina, compreendeu que o semelhante, branco ou preto, rico ou pobre, doutor ou analfabeto, nacional ou estrangeiro, religioso ou ateu, era alguém que vinha de Deus, que estava acima de suas forças poder julgar. Se no pouco, o homem é tão pequenino, pensou e sentiu ele, como poderá ser grande naquilo que cabe a Deus, somente a Deus querer e determinar?

E tendo assim compreendido a religião da Verdade e da Virtude, enveredou por ela e deu de si, por toda a vida, o que podia dar. O missionário tinha, no plano carnal, encontrado a porta do Reino de Deus!

Sabendo ou não, o plano invisível estava sempre a postos; o médico da matéria fazia o que podia e o mundo espiritual agia segundo outras ordens, limpando aqueles que se fizessem dignos da limpeza. E os trabalhos doutrinários foram tomando conta do médico, colocando-o em plano superior, exigindo mais trabalho, a fim de traçar as metas futuras, a fim de sulcar a terra, para que outros, mais tarde, em tais sulcos encontrassem as veredas a serem abertas.

Bem sabemos de multidões de almas desencarnadas, que em seus trabalhos doutrinários encontraram o caminho da recuperação; digo recuperação, porque a libertação está no Grau Crístico. Quem está sujeito ao processo evolutivo não está livre de cair e de ter que levantar, para prosseguir a jornada; não está liberto, porque a libertação é a superação das reencarnações obrigatórias. E os realmente libertos, os Cristos ou Cristificados, quando encarnam é por vontade própria, como Jesus o salientou, afirmando que viera de espontânea vontade.

E no primeiro trabalho espírita em que tomamos parte, por causa da designação do diretor da região, tivemos o caso seguinte: pessoa encarnada falara ao médico Bezerra de Menezes do seu doente, nestes termos:

— Minha esposa já não tem mais remédios para tomar; e de tudo quanto ela tem tomado, nada resultou. Agora alguém falou no senhor, e eu aqui estou... Para lhe ser franco, não creio em coisa alguma... Isto é, creio na Natureza!...

O medico sorriu, perguntando onde morava, nada mais. E para lá foram eles, o marido com suas ideias e o médico com o seu dever em dia.

Casa rica de bens materiais, porque o dono, o engenheiro, era de boa fama e de muita procura. Sua esposa estava acamada, enfraquecida, intoxicada de tantas medicações, aliás materialmente muito bem indicadas.

Bezerra falou à doente, lembrou-lhe Deus e o mundo espiritual, recomendou-lhe tomar os remédios e não se esquecer das orações. Que tomasse os remédios com a água fluidificada, lembrando na ocasião que os bons espíritos ali estariam, para auxiliá-la.

E a doente, mais duvidosa do que outra coisa, balbuciou:

— Eu sempre faço o que me recomendam, doutor!...

Todo bondade, Bezerra assegurou-lhe:

— Então faça, o que Jesus quer que faça... Seus filhos necessitam de cuidados maternais, e Jesus sabe disso. Eu lhe dou os remédios do corpo, mas é Jesus quem lhe dará os remédios do espírito.

— Como fala com tanta certeza, doutor? — inquiriu ela.

— Porque Jesus é quem realmente cura, minha senhora. Nós, os médicos, apenas remendamos alguma coisa...

Sabendo ou não os doentes, crendo ou não, mas Bezerra de Menezes colocava os casos à frente do mundo espiritual; e quando os casos eram como este, graves de certo modo, então sabia ele que a cura estava nos trabalhos espíritas, porque as atuações espirituais maléficas tinham que ser combatidas pelas atuações espirituais benéficas.

No momento da visita, o nosso grupo assistencial, guiado por Tancredo, retirou um dos vultos negros que envolviam a senhora do engenheiro. Afinal de contas, se o marido não acreditava em Deus nem nos espíritos, isso não fazia com que a realidade dos fatos deixasse de ser aquela. E se a esposa duvidava de tudo, nem por isso tinha menos do que dois vultos negros colados a ela. E para nós, uma vez mais, a rica miséria do homem, falecia defronte ao pobre realismo da Verdade!

O vulto negro, retirado no momento do receituário, uma vez sujeito ao nosso processo de tratamento, revelou-se uma nobre dama, nobre para os galardões do mundo,

que compartilhara com ela de afrontosos atos contra a Lei de Harmonia, lá pelos meados do século dezessete. Foram familiares e agiram monstruosamente contra pobres escravos e outros servidores. Suas vontades eram leis e quem tinha o poder tudo fazia para agradá-las.

E uma vez colocada em condições de falar, reclamou respeito à sua posição; o nosso instrutor e dirigente, Tancredo, nem para seu criado poderia servir, pois o principal em um criado é obedecer cegamente, assim reclamava ela.

Depois de dar-lhe total liberdade, sem nada lhe explicar do que estava ocorrendo, Tancredo achou que era hora de avisá-la:

— Irmã, a morte física deu término aos seus títulos mundanos, faz muito tempo. É apenas um espírito sofredor, retirado de junto de alguém que também participou dos mesmos erros e crimes.

Irritada, gritou:

— Feitiçarias é para escravos! Desapareça de diante de mim, que o mandarei esfolar vivo!...

Cinco servidores estenderam contra ela as suas mãos, projetaram forças energéticas e fizeram-na dormir. Após, foi reduzida magneticamente, tratada em nossas estufas e logo mais encaminhada a uma nova romagem carnal. No seu roteiro da vida estava escrito que nasceria uma pretinha muito pobre, casaria muito cedo, teria vários filhos, ficaria viúva e teria que lavar muita roupa, a fim de enfrentar a triste situação.

Quem estava perto do servidor que lia o programa, comentou:

— Teve títulos, riquezas, extraordinária formosura e pagou bem pelos escapulários religiososistas. Como conse-

quências, teve as trevas do mundo astral pelos tempos que a Justiça Divina determinou, sendo agora obrigada a encarnar assim e para esse programa. Observemos bem, portanto, que fora da Moral e do Amor tudo são caminhos de perdição. Sem acusar, mas apenas deplorando tais falhas, tratemos de aprender as grandes lições que a vida nos oferece.

Um novato perguntou:

— Resgataria ela a todos os débitos, com essa vida?

O comentarista perguntou, para dar a resposta certa:

— Quem pode garantir que não venha a fracassar de novo?

E diante do mutismo geral, do pesaroso mutismo, convidou ele a fazermos oração pela pobre irmã.

CAPÍTULO 12

CONSOLADOR E INSTRUTOR

“Três são as Potestades da Ordem Divina — Criador ou Deus, os Cristos ou os Verbos Planetários e o Ministério do Espírito Santo ou Consolador, que é a Mensageiria Divina. Nos mundos novos, como a Terra, a infantilidade dos homens com muito custo admite as verdades que em Deus são eternas, perfeitas e imutáveis... E por isso, muitas e muitas verdades ficam, sempre, por serem ditas”.

O outro vulto negro que envolvia, penetrava mesmo a pobre esposa do engenheiro, foi retirado dias após, depois de observarmos o seu comportamento; isto é, o comportamento da enferma, em orações e tomadas de remédios.

Como o médico Bezerra de Menezes fizesse consulta espírita, a fim de saber melhor do que ia pela vida da enferma, vida espiritual ou cármica, foi-lhe dito que ele iria falar ao espírito vampiro, que sem querer vampirizava a enferma, que em vida anterior havia sido familiar muito íntima.

Foi-lhe recomendado, também, convidar o engenheiro, para que também tivesse a sua oportunidade de outros conhecimentos, se quisesse aproveitar a oportunidade, visto como também pertencia ao grupo altamente criminoso.

Com este outro vulto negro o processo usado foi outro, porque uma vez feita a sondagem do passado, pelo

processo psicométrico, foi visto que tinha a seu favor umas vantagens. Vinha de longe essa alma, das terras egípcias, tendo tido a oportunidade de conhecer e praticar o bom espiritualismo, a iniciação; mas pelos séculos seguintes, renascendo na Europa romanizada ou pagã, embora em nome de Deus e do Cristo, cometeu tremendas faltas.

Foi assim que veio para novas tentativas, quase sempre perdendo nas transações, por não calhar de encontrar os verdadeiros ensinamentos espiritualistas. Quando sua antiga tendência fê-la procurar as vestes sacerdotais, como homem, foi perseguidor não pouco feroz, agindo por conta e risco do Santo Ofício, ou pensando assim ser.

Todavia, somando altos e baixos, divididos estes, deram-lhe uma oportunidade de ser tratada, educada, em nossos reinos e colocada em trabalhos, para bem mais tarde poder reencarnar, com alguns méritos a mais, para correr menos riscos de fracasso.

E foi assim que o engenheiro, convidado em tempo certo, compareceu ao trabalho mediúnicamente do médico, para falar com o espírito que por tantos anos vinha, embora inconscientemente, vampirizando sua esposa e atormentando-lhe o corpo e a alma, a ele, o marido.

O marido veio alegre, curioso, cismado e algo reverente, porque sua esposa apresentava melhoras bastante consideráveis. E o espírito, também regularmente doutrinado, veio falando a contento.

O engenheiro, pedindo para fazer umas perguntas, teve o consentimento do presidente da mesa, o médico, que entretanto ponderou, não estar o espírito em condições de dar muitas respostas.

E foi quando alguém deste lado, muito ligado ao médico, retirou o espírito e comunicou-se para dizer:

— Devo dizer-lhes que isto não convém, por vários motivos, pelo menos por enquanto. Em primeiro lugar, o espírito subiu da subcrosta, para ser encostado à irmã enferma, em estado de completo obscurecimento, tendo ali ficado todos esses anos, sem nada mais fazer senão sofrer e fazer sofrer. Em segundo lugar, seu tratamento está em curso, sua educação em princípio, não convindo sofrer abalos nervosos. Devo dizer, a quem menos souber, que nossos corpos são relativamente a nós, como os vossos relativamente a vos, em tais circunstâncias sujeitos a terríveis desequilíbrios. E por fim, meus irmãos, nós não queremos perder o nosso tempo de tratamento, correndo o risco.

Cessou a fala por um pouco, virou o seu médium para o engenheiro e disse-lhe, em tom fraterno:

— Não tenhas muita pressa, meu irmão, para fazer perguntas a outros espíritos. Eu também já fui assim, mas a vida me ensinou a perguntar muito mais a mim mesmo. E de tal modo tenho estudado, perguntado a mim mesmo, que ultimamente, em meus trabalhos e em minhas conversações, mais prefiro calar do que perguntar. Se de fato quiser saber muitas verdades básicas ou universais, e não apenas verdadezinhas particulares e sem nenhuma importância edificante, então procure ler as obras doutrinárias. Lembro mesmo, meu irmão, a conveniência de fazer isso, porque está totalmente implicado no caso de sua companheira; se o não fizer nesta vida, terá que fazê-lo em outra, porque a Lei de Deus nunca passará e a Sua Divina Justiça estará eternamente em função.

O engenheiro alvitrou:

— Minha esposa está quase sã; posso pensar que terá perfeita cura?

O guia comunicante advertiu:

— De minha parte, porque interpreto a Vontade de Deus, prefiro que pense mais no espírito eterno, do que na carne passageira. Tudo isso foi uma oportunidade fornecida pelo Céu, para que conheçam a Verdade que livra. Se quiserem pensar apenas do ponto de vista imediato, melhor será que tratem de um longo programa de sofrimentos.

O engenheiro tornou a perguntar:

— Esse espírito sofredor, no vosso entender, nunca mais voltará?

O guia comunicante sorriu de leve, perguntando:

— Bezerra, você que já está muito mais versado nestas questões, poderia dizer, entre eles, os encarnados e os desencarnados, qual é ou quais são os mais sofredores? Quem dentre eles têm mais dívidas a reparar?

— De forma alguma, irmão, poderia eu me pronunciar a esse respeito, com o meu pessoal conhecimento de causa — respondeu o médico.

O guia, volvendo à fala, aconselhou:

— Meu irmão, no passado estão as nossas primeiras experiências, no presente estão as oportunidades que o Pai nos fornece através de leis e de elementos, e no futuro estão as glórias a que devemos atingir. Em Deus tudo resume Eterno Presente, mas para nós, muito relativos, temos que considerar todos os eventos no seio do Espaço e do Tempo. Assim considerando, devemos situar o espírito na chave seguinte — ser apenas o que é, estar em algum lugar, de algum modo e fazendo alguma coisa.

E ante o silêncio geral, estacou por um pouco e logo completou, ponderoso e grave ao mesmo tempo:

— Encaramos nós, os guias, a todos os fatos com profundo respeito; cuidamos de seus interesses espirituais com aguda acuidade de bons irmãos; porém, jamais pretendemos diminuir a Lei e a Justiça do Senhor, aos termos que encarar os vossos ou os nossos mais prementes desejos. Por ser assim, sentimo-nos imensamente satisfeitos com aqueles que antes de tudo observam as causas determinantes dos fenômenos. E, por que não dizê-lo? Por que não sentir tristeza diante de quem procura nos fenômenos apenas os recursos para soluções superficiais?

Algo empertigado, o engenheiro perguntou:

— O irmão acentua rigorosamente um tom de advertência em suas palavras; ao que devo atribuir essa atitude?

Como que satisfeito pela situação criada, o guia terminou a sua doutrinação com as seguintes palavras:

— Estamos vendo, com toda a nitidez possível, a caudal de sofrendores que a sua família arrasta. Uma vez procurando entender a lei dos fatos, poderão i-los doutrinando, encaminhando, libertando-se da tremenda pressão que eles, em caso contrário, irão causar. Temos feito como devíamos fazer: o nosso médico tratou do corpo, nós tratamos das causas espirituais, e, por fim, estamos dando conta do nosso trabalho evangelizador. Temos ordens de ser, antes de tudo, médicos dos espíritos.

Despediu-se e retirou-se, com outros colegas, para o trabalho hospitalar que os aguardava no mundo espiritual.

Nós ficamos no recinto, até Bezerra de Menezes encerrar o trabalho. Após fomos ao recinto familiar do engenheiro, seguindo-lhe os passos, observando suas reações, auxiliando-o com pensamentos favoráveis.

Foi conosco a ex-vampiro, para no local, receber de Tancredo algumas palavras doutrinárias. Depois de falar de todo um passado, cheio de altos e baixos, mais baixos do que altos, Tancredo recomendou a ela fazer orações ao Senhor, para ir melhorando o seu corpo perispiritual. Encareceu rogar pela encarnada, sua parenta íntima no passado, para que viesse a ter facilidade nos aprendizados.

Ouvimos nós toda a conversa do engenheiro e de sua esposa; ele contou como transcorreria a sessão, como falara o espírito ex-vampiro e como falara o guia, em tom de muita rigorosidade doutrinária. A esposa, muito mais sensível do que ele, sentindo a presença de Tancredo, que lhe pôs a mão direita sobre a cabeça, disse:

— Tenho certeza de que há gente invisível aqui!

O engenheiro recomendou:

— É melhor você fazer orações...

— E por que não você também?!... — reclamou ela, veemente.

Ele ficou pensativo, duvidoso, mas assentiu:

— Bem, eu direi alguma coisa... Você sabe que eu não sei rezar... Minha falecida mãe era católica, porém meu pai continua positivista ferrenho.

O silêncio envolveu o dormitório; as movimentações cerebrais passaram a emitir ondas luminosas; o Deus Onisciente, Onipotente e Onipresente começou a ser procurado muito e muito longe, lá num Céu distante, vago e quase impenetrável; mas os trabalhadores do mundo espiritual passaram a agir, impondo suas vibrações amorosas.

— Ó meu Deus!... Meu Deus!... – exclamou a ex-enferma, toda chorosa.

O marido, assustado, procurou saber:

— Que tem, Júlia! Que se passa?!...

Com a voz embargada, a esposa explicou:

— Vi... Eu vi um espírito!... Estava com as mãos sobre a sua cabeça...

O engenheiro nada disse, mas ficou a meditar; e quando tudo havia tornado à normalidade, a esposa lhe perguntou:

— Sabe que eu vi um espírito luminoso, orando sobre a sua cabeça?

O marido, revelando grande emoção e profunda alteração conceptiva, murmurou:

— Creio, Júlia, que a Obra de Deus é mesmo muito mais vasta do que pensam os homens. O que vemos não é tudo, não pode ser...

Replicando imediatamente, a esposa perguntou-lhe:

— Ora! Você já viu o ar que respiramos? Já viu o som que transmitimos e ouvimos? Já viu a olho nu, aquilo que só se consegue com o microscópio?

Eles ficaram entregues a suas cogitações, tendo a caravana espiritual saído para outros rumos, deixando porém um guarda no recinto.

Durante a viagem de retorno, a ex-vampiro quis saber se voltaria ao recinto de sua ex-vítima.

— Tancredo lhe dará instruções, — disse-lhe eu, — na hora certa; porque sabemos que a nossa irmã Júlia desenvolverá suas faculdades e trabalhará. E você fará a sua parte, trabalhando com ela.

— Anseio por isso... Sinto um novo mundo dentro de mim, uma vontade irreprimível de fazer alguma coisa útil, realmente útil. Mas, saliento bem, sob outras noções de espiritualidade.

— Sob outros conceitos religiosos! — aparteei.

— Justamente! — sentenciou ela.

E Tancredo, aproveitando a oportunidade, interferiu:

— Toda vez que uma consciência se esclarece, rompe violentamente com os grilhões religiosistas ou formalistas que a lançaram nas trevas. Se fosse possível mostrar a realidade do mundo espiritual aos encarnados, em pouco tempo fariamos a renovação do mundo, transformando a humanidade terrestre em alguma coisa digna de sua Divina Paternidade. Mas um véu encobre as realidades e a mentira toma o lugar da Verdade, o vício o lugar da Virtude e as simulações comercialistas o lugar da Moral e do Amor.

Luzia, a ex-vampiro, comentou com bastante gravidade:

— Tenho meditado muito sobre três pontos; o que Deus quer de Seus filhos, o que ensinam as religiões e o que nós fazemos.

— A que conclusões chegou? — inquiriu-a Tancredo, interessado.

Por estas alturas da viagem de retorno ao nosso reino espiritual, estávamos no pátio do hospital; e foi estacando sob frondosa árvore, que Luzia teceu as suas considerações.

— Bem sabem que fui rica, poderosa e católica; fiz minhas vontades e paguei minhas indulgências, portanto. Todavia, desci aos abismos, onde permaneci por muitos e muitos anos, para depois de lá sair, vindo a perseguir uma pessoa encarnada, sem o saber e querer. É por isso que me pergunto as três perguntas, nada mais.

Tancredo tornou a perguntar, curioso:

— Como solucionaria a questão?

Luzia sorriu, cogitando apenas:

— Quem sou eu para solucionar tamanha questão? Entretanto, coloco Deus acima de cogitações, considero que agi por conta dos ensinamentos religiosos recebidos e concluo que gravíssimas responsabilidades devem pesar sobre as religiões. E se acrescentar a isso o que vejo, sinto e vivo agora, aqui, entre vocês, que nada querem com os religiosismos da Terra, que direi? Não terei que dizer coisas infernais dos senhores proprietários de religiões? Não serei obrigada a considerar que eles, por interesses subalternos ensinam inverdades, falseiam tudo, enviando com isso os seus crentes aos abismos?

Tancredo fitou-a com imensa simpatia, mas observou-a:

— Minha irmã Luzia, você terá que ver onde vão parar certos espíritas!

Luzia arregalou muito os olhos, fez um semblante lívido e nada disse. Ficou imóvel, triste, como se uma nuvem negra a tivesse envolvida, fazendo-a desaparecer na escuridão mais negra possível.

E Tancredo, retornando à fala, balbuciou:

— Acorrem ao Espiritismo criaturas vindas de todos os redutos da ignorância, da imoralidade, da covardia, do fingimento, da idolatria, de todas as misérias tradicionais e não tradicionais. Portanto, lembre-se, o Espiritismo é uma coisa e os espíritas são outras coisas...

Luzia suspirou profundamente, gemendo:

— Meu Deus! Meu Jesus!...

Tancredo lembrou-lhe:

— Jesus Cristo não foi um piegas, um comodista, um interessado nos benefícios do mundo espiritual. Ele foi o Divino Revolucionário da Moral e do Amor, a fim de

ensinar a todos como atingir a Verdade e a Virtude. Não fez confusão entre a mentira e a Verdade, entre o vício e a Virtude, entre a covardia e a Coragem. Soube o que dizer e o que fazer, sem temer perseguições e martírios. Jamais calou diante da perversidade dos potentados e grandes do mundo. Nunca deixou passar em brancas nuvens os crimes clericais. Atirou contra os donos da falsa crença e dos monopólios temporais, todos os argumentos da Verdade e da Virtude, arcando com todas as responsabilidades. Virou o rosto aos malvados e hipócritas e não deu resposta aos maliciosos e comprados de consciência.

Quando cessou de falar, mostrava-se revoltado, pelo que disse, para despedir-se e rumar ao seu domicílio:

— A Verdade e a Virtude não precisam de advogados, mas sofrem na crosta a tremenda falta de lutadores corajosos! Muitos repetem as sentenças de Jesus para com os pobres e oprimidos; quase todos encontram nelas o recurso com que encapar a covardia que albergam; mas quem se lembra de repetir, diante dos vendilhões dos templos e dos esfoladores do povo miserável, aquelas palavras e aquelas atitudes frontais que Jesus teve, expondo a vida para fazê-lo?

Quando ele se afastava, gravemente conturbado, alguém comentou:

— É isso mesmo... Há muita diferença entre ser um falador sobre a Verdade e ser um lutador pela Verdade!

Mas essa mesma pessoa, depois de recordar certas passagens, ponderou:

— Bem... Bem... O Cristo que perdoa serve para todos os naipes de conduta, mas o Cristo que ataca e descobre podres é muito perigoso... Quem mandaria, hoje,

não atirar dádivas aos cães e pérolas aos porcos?... Quem ordenaria sacudir o pó das sandálias contra os incrédulos e perversos?... Quem diria tudo aquilo que Ele disse, contra clérigos, escribas e fariseus?... Quem teria a coragem de não responder uma palavra aos Herodes modernos?... Quem faria com que os modernos Pilatos ficassem com as suas perguntas suspensas?...

Luzia, recém-saída das sombras da ignorância e do mal, ponderou:

— Ainda bem que ninguém pensa, ir parar no cimo de um madeiro, para lá de cima, sofrendo pelos males que não fez, e pelos bens que produziu, ter a presunção de perdoar a todos os algozes, dizendo-os apenas ignorantes!

Outro companheiro, que até então apenas ouvia em silêncio os testemunhos de insuficiência e de arrependimento de quantos haviam falado, interveio:

— Vamos ficar alegres, meus amigos, porque tudo isso prova que temos um Divino Modelo a ser realmente imitado e igualado. E vamos trabalhar, vamos produzir, vamos adquirir méritos, para quando tivermos que voltar à carne, podermos ser da turma dos cooperadores, em lugar de sermos da turma dos faladores, apenas. Porque, verdadeiramente, os comodistas e fazedores de acomodações, de que temos falado, são apenas como nós fomos; faltou-nos o conhecimento, que a eles agora não falta, porque a Doutrina do Consolador os informa, mas a verdade é que não tivemos a coragem de ser verdadeiros diante de um mundo de mentiras, para virmos a morrer, como Jesus e os Seus discípulos, pela Causa da Verdade.

E foi nessa atmosfera de peso, que findamos um dia de trabalho, nós que habitamos estes reinos de paz e de

luz relativas; e quem nos ler, faça o favor de levar em conta os seus atos, as suas provas de servidor da Verdade e da Virtude, a fim de, quem sabe, subir um pouco mais na escala dos valores, atingindo reinos um pouco ou muito superiores, para não ter que brigar consigo mesmo, ao deparar com as falhas alheias.

De uma realidade queremos capacitar os nossos irmãos encarnados: ninguém jamais terá, nestes reinos, aquilo que à custa de trabalhos não haja conquistado, mas trabalhos íntimos, realizações em termos de Verdade e de Virtude, enfrentando perigos e sacrifícios, perseguições e crucificações.

E lembrando Tancredo, diremos que estamos com ele; porque falsas bondades, mal encobertas capciosidades, verdadeiras articulações com os mais agravantes delitos, andam passando por virtudes cristãs. Se é verdade que nenhum de nós deve se arvorar em juiz do próximo, também é verdade que à Lei de Harmonia ninguém poderá apresentar aparências em lugar de realidades.

Como a Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude, que constituem a Chave Libertadora, não são propriedades particulares de quem quer que seja, ou de seitas e de religiões, aqui deixamos o nosso lembrete a cada um dos nossos irmãos; porque a mania tradicional, de confundir os homens com as religiões ou seitas, deve ir cedendo lugar à verdadeira interpretação, que é a responsabilidade individual.

O Amor não exclui a Justiça, e vice-versa!

Se alguém achar que os ignorantismos e crimes da humanidade, por serem defeitos de nossos irmãos, devem ser defendidos ou pelo menos acomodados, vamos então perguntar às nossas consciências, por que motivo

Jesus e os Seus discípulos enfrentaram o mundo, agiram como agiram, até serem perseguidos e martirizados.

É muito fácil fugir da verdadeira luta, arrumando pretextos e desculpas; o que não é justo, é pretender que o mundo, hoje em dia, seja menos ignorante e errado em matéria de Verdade, do que naqueles dias. E quem deixa de falar e de fazer o que deve, na hora justa, como quererá ser discípulo de Jesus e companheiro dos Apóstolos?

CAPÍTULO 13

O IRMÃO PUREZA DE JESUS

“Quem disse que nomes significam virtudes?”

Se os nossos hospitais trabalhavam muito, atendendo criaturas que vinham pelos caminhos das trevas, apontando aos lugares e casas de socorros, muitos outros trabalhos e muitas outras preocupações passaram a ter, com o advento do Espiritismo, do Consolador Restaurado.

A nossa região, ligada ao Brasil, veio a ter imensamente aumentados os seus afazeres, por esse motivo; e quando Bezerra de Menezes surgiu no campo doutrinário, arrastando após de si as falanges servidoras, por força das determinantes ordens do Plano Diretor, ainda mais cresceram as nossas atividades.

Podemos afirmar que crescem dia a dia, hora a hora, não só nos céus do Brasil, mas em outras partes do mundo, porque o seu nome, ligado às falanges médicas e socorristas, ganha ouvidos a todos os minutos. E como os postos de escuta se encontram em pleno funcionamento, eis que a Mensageiria Divina, o Consolador ou Espírito da Verdade, esparge pelas gentes o que pode, segundo a Lei e a Justiça o permitam. Porque nada se faz sem haver ordem superior.

Praza aos céus que os homens, não pensem apenas em rogar o auxílio espiritual, mas sim que se compenetrem das devidas obrigações para com a Moral e o Amor, a fim de que as multidões servidoras, ao se loco-

moverem, não tenham apenas o trabalho de observar e bater em retirada; que possam encontrar merecimentos, virtudes acumuladas, meios de acesso e fáceis campos de ação.

Como temos obrigação de situar as verdades evangélicas no terreno da prática, da vida comum a todos os cidadãos do Infinito, porque assim foi o Programa Libertador vivido universalmente pelo Cristo, eis que vamos tomar exemplo frisante em um caso muito corriqueiro, infelizmente muito comum nos meios espiritualistas.

Aqui dizemos espiritualista, porque o irmão em foco não é um dogmático e nem tampouco um espírita; veio de uma das escolas ocultistas; e porque poderia ter vindo de qualquer uma delas, ou do Espiritismo, que ensinam muito mais, devemos lembrar que veio muito mais responsável.

Assim teve desenvolvimento a temática do irmão que, por ironia da sorte, tinha entre os nomes também o Pureza de Jesus. Diremos que o senhor J. A. Pureza de Jesus tinha tudo, também sabendo da pureza de Jesus, de quem era grande e respeitável admirador, do que muito falava, porque era farto de leituras espiritualistas.

CAPÍTULO 14

O REINO DE DEUS NÃO É TEORIA

“O Reino de Deus não é teoria nem malabarismos religiosistas, sectários e idólatras”.

Nascido em terras européias, chegou ao Brasil e se empregou no comércio; aos vinte e três anos casou-se e aos trinta e um tornou-se o proprietário da casa comercial onde estivera servindo como bom empregado.

Comprava e vendia, penhorava, executava, tinha articulações com elementos os mais esquisitos do contrabando marítimo; e assim a fortuna foi aumentando, enquanto lia e relia muito bons livros espiritualistas.

Verdadeiramente, meteu-se a escrever um livro, e de fato escreveu-o, ficando a vida toda a retocá-lo, sem nunca mandá-lo ao prelo; e se tivesse feito, teria êxito, porque a matéria era excelente; como tanta gente tem feito, viver aos cambulhões, metida nas patifarias do mundo, mas escrevendo bem para os outros, ele também o teria feito. Porque a dificuldade não está no saber, mas sim no realizar.

Ninguém vive isolado, todos precisam de sociedade, porque nada no Universo se basta; tudo e todos, em qualquer grau da escala dos valores, precisam de ter o que circunde, para baixo e para cima, para os lados, e que contribua com os seus valores intrínsecos.

Ao que ficaria reduzido o mais importante dos homens, se lhe tirasse Deus os três elementos mais simples: o solo debaixo dos pés, o Sol que lhe dá calor e

as energias e o ar que respira? E se disso não é ele, o homem, o fabricante, em que é ele realmente grande?

Ora, longa seria a série das misérias humanas, se fôssemos focalizar o homem à margem dos desígnios de Deus, que a tudo fez e a tudo sustenta e determina, colocando o homem no seio de Sua Obra. Todavia, a própria pequenez humana faz com que ele, o homem, não enxergue o tamanho de suas limitações.

E por ser assim, pensa ele na imensidão do Cosmo, mas dá-se bem vivendo com o seu mísero egoísmo, entre as imundícies do ambiente. Deus e a Verdade, a Moral e o Amor, merecem muitas atenções teóricas, mas o bolso, o estômago, o sexo, o orgulho e o egoísmo, estão rentes à vida, reclamam atenções imediatas. Portanto, é muito mais fácil bancar o tolerante, o paciente, do que fazer como Jesus fez, que foi precisamente o contrário!

O nosso irmão Pureza de Jesus, grande leitor de grandes livros, foi um espécime comum da fauna à qual pertencemos; ele sabia, mais do que muitos outros, que o Reino do Céu está dentro de cada um de nós; porém, como tantos de nós, sentia muito mais a presença dos interesses subalternos, razão por que sufocava os brados do Reino do Céu.

E foi assim que, no seu quinquagésimo sétimo aniversário, estava acamado, sentindo fortes pontadas no peito. Se ninguém morre de saúde, mas de desastre ou de doença, o irmão Pureza de Jesus deixou o mundo carnal embalado pela angina do peito, sem completar os sessenta anos.

Há um estado ótimo para tudo e para todos, que entretanto varia ao infinito, considerando a infinita va-

riedade dos homens e dos elementos; e foi assim que, em seguida à grande perda, a muito chorada perda, aos poucos a situação voltou ao estado ótimo. Viúva e filhos, muito bem postados na vida, foram desenvolvendo os seus respectivos dramas.

Ano e meio após o desencarne do irmão Pureza de Jesus, o estado de saúde de sua filha Maria começou a passar por algum desequilíbrio. Teve início, então, a ronda pelos consultórios médicos. De dentro de suas respectivas honorabilidades e especialidades, os médicos foram trabalhando, tratando da jovem Maria. Mas os sintomas foram tomando outros rumos, razão por que um dos médicos, achou conveniente mandar a enferma ao doutor Bezerra de Menezes.

O médico espírita, como de costume, sujeitou o caso aos seus amigos do mundo espiritual; e foi então que começamos o trabalho de retirada e de orientação do irmão Pureza de Jesus, que por falta de pureza, por falta de sentimentos cristãos postos em prática, ingressara no mundo espiritual em condições de plena cegueira, perambulando pelo recinto familiar, onde o prendiam as mentes queridas, vindo por fim a encostar definitivamente na jovem filha, cujas faculdades passivas lhe deram oportunidades.

Bezerra deu à jovem, a medicação precisa, para a sua recuperação física, pois o fenômeno de vampirismo estava caracterizado; e os mentores espirituais trataram de conduzir o irmão Pureza de Jesus para o local de reconhecimento do estado e aprendizado necessários.

Antes de mais nada, fizeram-no passar pelo sono reparador; depois de acordado, fizeram-no falar:

— Então, irmão Pureza de Jesus, como vão as coisas? — perguntou-lhe o bondoso médico do mundo espiritual, sem dizer-lhe de outras realidades.

Pureza de Jesus olhou pelos arredores do vasto pavimento, perguntando:

— Sem dúvida estou hospitalizado... Eu sabia que isso iria se alongar por muito tempo... Mas creio que perdi a consciência, que dormi muito...

O médico falou-lhe, entressorrindo e ponderado:

— E se desencarnasse?

Pureza de Jesus fitou-o longamente, perguntando:

— Isso não é para quem encarnou, doutor?

— Sim, mas em que paragens do mundo espiritual estaria, a estas horas?

Pureza de Jesus encolheu os ombros, dizendo:

— Bem, eu sou espiritualista... Tenho até um livro a ser editado... Mas a Deus é que cumpre determinar tudo, não é?

O médico emendou:

— A parte de Deus é Eterna, Perfeita e Imutável; isto é, Deus rege tudo através de leis. Portanto, cada filho recebe, segundo como dá. Quem dá mais para a Verdade e a Virtude, tanto melhor; e quem dá menos, tanto menos terá. De uma realidade, porém, devemos nos capacitar: em Deus não prevalecem particularismos.

Satisfeito, o irmão Pureza de Jesus perguntou-lhe:

— Também é espiritualista?

— Eu sou espírita, mas não em função de tendências, paixões ou sectarismo algum a ser alimentado; sou da Verdade que vale por si mesma, sem ser pelo crivo dos conceitos humanos.

Pureza de Jesus, cada vez mais satisfeito, renovou a pergunta:

— Leu muitos livros, doutor?

Assentindo com breve inclinação de cabeça, disse o doutor:

— Sem dúvida! Como não reconhecer o imenso trabalho dos livros? Não é nos livros que a humanidade armazena o extrato das conquistas custosamente conseguidas? Porém, irmão Pureza de Jesus, uma coisa é sujeitar os livros à VERDADE e outra coisa pretender sujeitar a VERDADE aos livros.

— Compreendo perfeitamente! — apartou o acamado irmão.

E o médico informou-o:

— Então saiba que desencarnou...

Pureza de Jesus estremeceu, olhou ao redor, arregalou os olhos, quis falar e não conseguiu.

— Por que não fecha os olhos e endereça ao Pai Divino uma oração de agradecimento? — aconselhou o médico, colocando a mão direita sobre a testa do irmão Pureza de Jesus.

Bem se viu que a intenção do acamado não era essa; ele queria alegar umas tantas coisas; mas o médico advertiu-o, com severa bondade:

— Peço que respeite, irmão, o desígnio de Deus... Nenhuma alegação poderia, agora, prevalecer...

Pureza de Jesus derramou lágrimas a valer; mas uma vez refeito, indagou:

— Quantas horas faz, doutor?...

O médico respondeu:

— Isso não importa... Mas faz alguns meses. E agora vai levantar-se, para dar uma voltinha pelos nossos jardins. Não é assim?

— Posso?! — perguntou, admirado.

— Deve! — respondeu o médico, auxiliando-o a pôr-se de pé.

A seguir nos entregou o irmão Pureza de Jesus, desejando-lhe felicidade e breve ingresso em campo de serviços

Já no jardim, observando a beleza, sentindo essa imensa felicidade que não é possível transmitir ao papel, perguntou ele:

— O Céu! Que Céu é este?

Tancredo falou-lhe:

— Uma das primeiras faixas depois das trevas... Deve compreender que os Sete Céus se subdividem em dezenas e dezenas de subCéus. Ora, como em torno do Planeta estão umas faixas umbrosas, depois delas começam as luminosas... Estamos numa das primeiras, apenas...

— Mas é maravilhoso!... — exclamou, observando as flores, as águas, as gentes que transitavam, etc.

Tancredo esclareceu:

— Que diria então, dos reinos superiores?

— Conhece-os? — perguntou, sequioso de resposta.

O instrutor voltou:

— Poucos acima disto conheço e de visita muito breve; mas sei de reinos que jamais deles poderia eu dizer coisa alguma, tal a glória que manifestam.

Pureza de Jesus olhou bem para todos nós, perguntando:

— São todos espíritas?

Tocou minha vez de falar:

— O Espiritismo é a restauração do Consolador, da Excelsa Doutrina que o Divino Mestre deixou no mundo, em seguida ao Pentecoste, ao Seu Batismo de Espírito. Tem por fundamento a Moral, o Amor, a Revelação, a

Sabedoria e a Virtude. E eu pergunto ao irmão, se está vendo em nós isso tudo em plena evidência, em total manifestação.

O irmão Pureza de Jesus calou-se, porque não quis dizer o que pensou; mas voltei ao assunto, com inteira consciência da realidade:

— Dia virá em que seremos todos espíritas! Jesus nos espera com os braços abertos e o Nosso Pai Divino sempre nos oferece os meios de progredir.

Pureza de Jesus ficou a meditar; seu olhar perdeu-se na vastidão florida de nossa região, tendo-o acordado dessa meditação o nosso Tancredo, ao dizer-lhe:

— Recupere-se, para que logo possa estar em trabalhos...

— Bem, bem!... — fez ele, volvendo a sentir-se feliz — Que trabalho poderei fazer eu?

Tancredo apontou para dentro ou para baixo, ou para o centro, avisando-o:

— O Espiritismo é a revolução nos termos da Lei de Deus! Assim como Jesus Cristo foi o exemplo da Lei em execução, assim terá que vir a ser a humanidade, mais tarde ou mais cedo. Apronte-se para o trabalho junto aos irmãos encarnados, porque Maria, sua filha, está com sua mediunidade em tempo de manifestação. Dois dos seus plexos estão manifestamente dilatados...

Outra vez Pureza de Jesus caiu em pranto, mas agora de alegria intensa. Nós todos o abraçamos e ele prometeu tornar-se um digno servidor de Jesus.

Mais tarde, quando dentro da casa em que Bezerra fazia sessões, e já tendo ordem de comunicar pela filha, Pureza de Jesus comentou, vendo algumas entidades que conhecera na vida carnal:

— Não fui apenas eu que andei falando muito e fazendo pouco... Vejo aqui dentro alguns conhecidos, gente que pensei ser melhor do que eu, mas que vejo em situação nada melhor do que a minha!

Tancredo lembrou-lhe:

— É bem difícil alijar de nós as paixões e tendências sectárias; porém é muito mais difícil alijar de nós as muitas mediocridades. Se é certo que não existe religião alguma que seja igual à Verdade e à Virtude, também é certo que em muitos outros pontos, nada fazemos para sermos humanamente melhores, apenas humanamente melhores. Portanto, vamos chegar perto, cada vez mais perto dos procedimentos de Jesus, Ele que tratou de viver a Lei, ela que é acima de religiões, porque é paralela à Verdade e à Virtude!

Pureza de Jesus exclamou, cismado:

— A Verdade e a Virtude!...

Tancredo retornou à Chave Mestra:

— Sim, como faremos para realizar em nós a Verdade e a Virtude, sem prezar na prática a Moral e o Amor?

Agora Pureza de Jesus perguntou, revelando dúvida:

— O Amor é fácil de entender, porque filtra-se pela Bondade, que o dinamiza; mas a Moral implica em contrastes. Não acha que é assim?...

— Muito bem! — aparteu Tancredo — Como acertaria as questões?

Pureza de Jesus comentou:

— Fiz questão de ler muito, para saber pelo menos um pouco; e tive pela frente, sempre, os pólos em contraposição. O Cristo, por exemplo, que mandou perdoar setenta vezes sete vezes; que Se ofereceu em sacrifício total; que pronunciou o Sermão da

Montanha; que, enfim, foi o Amor vivido, Ele mesmo mandou não atirar dádivas aos cães e aos porcos, Ele mesmo mandou atirar contra os rebeldes até o pó das alparcas, Ele mesmo mandou pôr fogo na cabeça dos adversários através da oração feita em favor deles. Ele mesmo teve para com os clérigos, para com as autoridades temporais, para com os fariseus e saduceus as mais terríveis invectivas. Como poderemos acertar, como disse, tudo isso?

Tancredo falou-lhe:

— O Amor não exclui a Justiça; e como Cristo é Verbo de Deus ou Delegado de Deus, junto aos irmãos menores em processo evolutivo, cumpre lembrar que Ele foi, a um tempo, o Amor e a voz da Justiça. De Jesus Cristo haviam dito os Profetas:

“Senta-te à minha direita, até que eu faça de teus inimigos o estrado de teus pés”.

Tudo isso, irmão Pureza de Jesus, para assinalar com que poderes delegados o Cristo age na direção planetária; e foi por assim saber que Jesus sentenciou, em face da humanidade:

“Aquele que se esbater contra esta rocha, re-bentar-se-á; e aquele sobre quem ela cair, será esmigalhado”.

Lembre-se pois, irmão, que o Cristo é a Síntese Geral, é a um tempo a Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude, a Lei e a Justiça. O capítulo vinte e dois do Apocalipse define-O com inteireza de Autoridade, porque como

Intermediário do Pai, fá-Lo aparecer como distribuidor de Amor e Justiça.

— Consequentemente... — ia emendar o irmão Pureza de Jesus, quando Tancredo continuou, satisfeito:

— Consequentemente! Justamente isso, irmão Pureza de Jesus, o Cristo é o Amor e a Justiça de Deus, a um tempo aplicados, segundo o merecimento de cada um; e por isso mesmo, fala de Amor aos bondosos e fala de trevas e infernos aos rebeldes e malévolos. Não há contradição no Cristo, mas sim nos homens; e se você encontrar contradição nos escritos, lembre-se de que Jesus não escreveu, tendo ainda os escritos passado por mãos de quem tinha ignorância a encobrir e interesses subalternos a defender.

— Justamente... — foi outra vez apartear o irmão Pureza de Jesus, mas o nosso instrutor Tancredo continuou, veemente:

— Justamente, sim senhor! Resta ainda que lhe diga, que o Evangelho é a Lei que Jesus viveu, sendo testemunho da Moral, do Amor, da Revelação, da Sabedoria e da Virtude. Portanto, irmão, faça cada um dessas cinco palavras o seu programa de vida, se quiser ascender ao Grau Crístico o quanto antes. Porque, se ficar apenas em conversas e mais conversas, terá que cair no ramerrão dos religiosismos, disso tudo que falando muito em Deus, na Verdade e no Cristo, vive remetendo legiões de criaturas aos abismos de pranto e ranger dos dentes.

Pureza de Jesus fitou-o bem, indagando:

— Então, assim é?

E Tancredo retornou, afirmando:

— Procure, nos planos de mais Luz e de mais Glória, quem adore a Deus e a Jesus, o Seu representante, sem

ser através de trabalhos amorosos. Porque a onipresença de Deus e do Seu Cristo é evidente em tudo e em todos, e o que todos devem fazer é cooperar no grandioso trabalho do Amor. Repare, por exemplo, naquilo que se passa aqui dentro. Procure a inteligência do movimento.

E como dentro daquela casa espírita, daquela escola, encarnados e desencarnados tudo quanto faziam era ensinar a Verdade e a Virtude, Tancredo repetiu:

— Veja que trabalham junto a irmãos ignorantes e rebeldes! Entretanto, tudo resume na afirmação de um Criador, de uma Lei de Harmonia e da Suprema Força, que é o Amor!

— Exatamente! — exclamou o irmão Pureza de Jesus, entusiasmado.

Tancredo, entretanto, doutrinou mais uma vez:

— Cada centelha de Deus tem em si mesma, em potencial, a Verdade e a Virtude; cada uma deve a si mesma o trabalho de manifestação ou desabrochamento; e no Espaço e no Tempo, através dos mundos e das vidas, enfrentando condições e situações, terá mesmo que desabrochar, até atingir o Grau Crístico. Este Grau é o Libertador, porque significa vencer a Lei das reencarnações obrigatórias. E foi por isso, falando desse Grau, que Jesus afirmou que era o Caminho, a Verdade e a Vida! Isto é, a Síntese Geral perfeitamente revelada.

Pureza de Jesus sorriu, abanou a cabeça e lastimou:

— Então irmão Tancredo, a coisa está mal figurada para muitos espíritas e espiritualistas... Porque ficam criando ranço e ferrugem em torno do pouco que sabem, ficam falando muito em termos apenas sectários, enquanto que a realidade, por aqui, demonstra uma Verdade que é absolutamente acima de paixões e de tendên-

cias religiosistas. Tenho notado que todos pedem a graça do trabalho, a sagrada oportunidade de servir, de fazer algum bem a algum irmão que precisa!

Tancredo abraçou-o, dizendo:

— Parabéns! Você chegou depressa onde eu queria; pois entendendo que Deus quer filhos cooperadores da Sua Divina Obra, tudo está fielmente encaminhado. Aquele que vê e sente o Criador nos fundamentos da Criação, em qualquer tempo e local procura servir a seus irmãos, trabalhando para que desabrochem a Verdade e a Virtude que trazem dentro de si mesmos. Eis o supremo trabalho, para que possam conquistar as supremas glórias!

Pureza de Jesus estava jubiloso, tendo dito:

— Agora sei por que o Cristo não ficou tecendo futricas com os fariseus e sacerdotes, escribas e saduceus; agora sei por que o expulsaram do templo e o perseguiram, até prendê-Lo e matá-Lo; é que o Cristo nada tinha com os formalismos religiosistas ou idólatras, tendo tudo com a grandiosa obra da Verdade e da Virtude, da Moral e do Amor, tudo isso em aplicações sociais imediatas, em trabalhos feitos a irmãos menores, simples e diretos, completamente à margem de quaisquer simulações!

Bezerra encerrava o trabalho, por essas alturas, tendo cada chefe de caravana chamado os seus para os devidos encaminhamentos; a Veneranda Irmã Maria, que do alto do cone de Luz guiava ou patronizava os trabalhos, derramou sobre todos a sublime candura do seu maternal Amor, deixando todos livres.

CAPÍTULO 15

BEZERRA FORÇA O MUNDO ESPIRITUAL

“Nunca deixará, o esforço humano, de influir sobre os planos espirituais; porém, assim como pode forçar os superiores, também o faz para com os inferiores. Importa, pois, saber usar as leis de Deus, ou que Deus nos colocou ao alcance da vontade”.

“Se Jesus tinha os anjos subindo e descendo sobre Ele, é porque todos os filhos de Deus podem tê-los. Basta merecer”.

A nossa região teve que aumentar o número de organizações socorristas e de trabalhadores, com o avançamento do trabalho de Bezerra de Menezes. Onde quer que estivesse, o bondoso médico ia distribuindo benefícios e endereçando almas ao Regaço do Pai Divino, através da Divina Modelagem de Jesus Cristo.

Antes eram os caminhos, aqueles caminhos que saíam dos abismos, que mais davam trabalho aos nossos hospitais; mas depois começaram a ser os trabalhos de Bezerra, porque o seu trabalho estava articulado com ordens muito superiores, em virtude daquilo que bem mais tarde deveria dar-se, como de fato se está dando, e com imensos crescimentos de minuto a minuto.

As escolas ou centros de doutrinação, segundo o Cristianismo do Cristo e não segundo as balelas romanas, também tiveram aumentadas as suas funções, porque o

Consolador generalizado pelo Divino Mestre e corrompido pela Roma pagã, havendo sido repostado no lugar, teve necessidade de aumentar seus quadros de serviços e de servidores.

Os centros espíritas foram aumentando, e aumentando foram os nossos trabalhos de variada ordem. Quando digo de variada ordem, não pretendo que os encarnados tenham noção exata daquilo que estou falando; porque os nossos trabalhos de recolhimento e de tratamento, de orientação e de preparação de novas reencarnações, excedem de muito aos vossos poderes de entendimento. Podeis saber que fazemos de tudo isso, mas não podeis conceber as extensões de nossos trabalhos, quando penetramos os matizes de nossas atividades.

Uma das medidas é o entrosamento de serviços, entre as regiões inferiores e as regiões imediatamente superiores. E como tudo isso ocorre por meio de organizações e de atividades individuais, de centros de serviço e de interferências pessoais, tendo no centro de tudo a Lei de Equilíbrio, deveis compreender o quanto este vastíssimo mecanismo atinge de amplidão, dando serviço a legiões de servidores. E por isso mesmo, quantas especialidades se fazem mister, por meio de criaturas dotadas dos mais variantes graus de sabedoria e de tendências.

Se todos pudessem, durante a romagem carnal, compreender a importância das amizades, das simpatias, como consequentes de efeitos a serem produzidos nestes reinos mais tarde, ou no após desenlace, todos procurariam compreender o motivo de Jesus ter calçado toda a futura felicidade nos atos de fraternidade, nas felizes ações praticadas entre irmãos, durante a vida carnal.

Se é certo que ninguém deveria praticar o Bem com olhos fitos nas recompensas futuras, porque isso implica em certa forma de egoísmo, também é certo que uma nobre ação, uma simples palavra bonita aplicada na hora certa, tudo quanto seja realmente edificante ficará registrado no indivíduo, para efeito de contagem no após desencarne. E assim, é claro, tudo quanto for contrário ao Bem!

Muitos ainda pensam que Deus manda seus anjos registrarem nos livros do Céu, ato por ato dos Seus filhos encarnados; e se é real que todos temos uma folha corrida, nos reinos administrativos, o mais justo, o mais respeitável, o mais necessário de reconhecimento é saber que tudo fica em nós mesmos registrado. E disso os exames psicométricos dão cabal evidência!

O caso seguinte é um dos muitos em que alguém, de plano ou reino superior ao nosso, interveio em favor de outro alguém, que se achava em perturbação depois do desencarne. Não é um caso como o do irmão Pureza de Jesus, que foi por apelo feito por um encarnado; este derivou de uma ordem superior, vinda pelos canais administrativos.

Qual o histórico?

Todos os históricos se parecem, pouco ou muito, não é verdade? E por isso este caso teve por centro de gravidade duas irmãs, duas filhas de Deus, cada uma estribada nas suas convicções e tendências em geral. Como ninguém vive isolado totalmente, porque todos estamos mergulhados na caudal humana, também Angélica e Clarinda se encontram no curso da vida, criando uma situação, construindo uma consequência para o futuro.

Quem fora Angélica?

Angélica fora freira, superior de uma escola de meninas; porém, tão fanaticamente católica ou clerical, que os deveres cristãos mais elementares, ficaram para longe de suas cogitações, muito para longe. Se muitos clérigos atingem os planos ou reinos de Luz e de Glória, embora muito relativos, pelo fato de praticarem o Bem, independente de serem clérigos, outros há que descem aos abismos da subcrosta, pelo fato de se tornarem simplesmente clérigos, produzindo muitos males e nenhum Bem.

Porque a Deus importa o Bem a fazer e realmente feito, o Amor posto em prática, sem importar a cor sectária do indivíduo, a roupa que vestia ou se gostava de macarrão ou de farinha de milho... Lembre-se de que as parábolas do Cristo estão cheias de muita moralidade, pelo fato de colocarem o Bem acima de qualquer cogitação religiosista. Para o cristão a Bondade é a única maneira de desabrochar o Cristo Interno, porque é a Bondade quem dinamiza o Amor!

Angélica fez absoluta questão de ser clériga, achando que somente assim poderia servir a Deus; e quando pilhava alguém em menos condição de respeito ao seu clericalismo fanático, punia, impunha castigo rigoroso, odiava de corpo e alma, fazendo reaparecer a grande servidora inquisitorial que fora vidas atrás. Tinha que descer, para lugares terríveis, porque a lei do peso específico é por Deus e não pelos homens!

Quem fora Clarinda?

Esta pobre mãe, quase analfabeta, começou a questão no fato de Angélica ter-lhe castigado severamente uma filha, além de após expulsá-la. Entre ambas surgiu diferença de ânimo, porém Clarinda não tinha em si a mania dos ódios sectários, a pretensão absurda de achar

que religiosismos estes ou aqueles representassem bem ou mal algum filho de Deus. Para ela a questão estava cingida ao cumprimento dos deveres e ao fazer todo o Bem possível.

Quando alguém fundou em sua cidade natal um abrigo, procurando servir a todo e qualquer filho de Deus, ela se ofereceu para lavar roupas, cobrando bem menos do que a importância devida, com o fito de fazer alguma coisa pelos órfãos. Em muitas ocasiões, organizava listas e pedia esmolas, também para auxiliar os mesmos órfãos. E assim foi atravessando a sua jornada terrena, sem saber ler bem o Evangelho da forma, porém sabendo escrever muito bem o seu caderno de merecimentos.

A freira desencarnou muito antes; foi o seu falecimento cantado e lastimado, tendo um enterro concorridíssimo; mas, como a Lei de Equilíbrio funcionou integralmente à margem dos conceitos e dos preconceitos humanos, ela desceu a lugar bem desagradável.

Clarinda desencarnou bastantes anos depois, e, como já vinha de uma longa e bela escalada sentimental, sua morte fora a de uma pobre mãe envelhecida, porém chorada por muitíssimos corações agradecidos. A casa era pobríssima, porém os irmãos de reinos superiores, ali estavam, para recebê-la carinhosamente.

E mais tarde, uns trinta e tantos anos depois de sua passagem, Clarinda fora designada a receber Angélica, assim que fosse retirada do terrível lugar em que estivera, pensando em parte por seus feitos muito religiosos!... Em parte, sem dúvida, porque bem depressa reencarnou, ela que não podia ouvir falar nessa lei do Criador, sem sentir os bofes a lhe saírem pela boca; e reencarnou, estando ainda na carne com uma tremenda corcunda

nas costas, além de viver de esmolas, que em nome de Deus as pede.

Como se deu a chegada de Angélica?

Deu-se, como tantos outros, subindo a rampa trevo-
sa, para atingir, rastejante, uma casa de socorro. Ali foi
recolhida, vestida e alimentada com sucos, para depois
ser enviada a um dos nossos hospitais, onde ficou em
tratamentos por algum tempo, visto como seu corpo as-
tral era muito denso, muito pesado, não podendo ceder
depressa aos impactos curativos.

Quando estava em condições de passear pelos nossos
floridos bosques, que não são lá muito diferentes dos da
crosta, mas já refletem as graças de Deus de modo absor-
vente, calhou de dar-se o seu reencontro com Clarinda.

Sentada sobre uma pedra, ali colocada proposital-
mente para servir de pousada aos convalescentes, viu ela
aparecer, subindo a ladeira florida, uma figura feminina
de tal modo brilhante que se atirou por terra, a nossa
macia e cheirosa terra, clamando pela Virgem Maria!

Clarinda chegou-se, levantou-lhe a fronte e falou-lhe:

— Irmã Angélica, eu estou muito longe da sublimi-
dade da Virgem Mãe!

Angélica fez muito esforço para fitá-la, porque Cla-
rinda se manteve brilhando intensamente, de acordo
com a ordem recebida. Ela poderia recolher ou controlar
o seu brilho, mas a ordem fora cumprida, porque o seu
brilho teria de significar um bom ensino doutrinário. E
quando Angélica viu quem era, depois de Clarinda ir
diminuindo lentamente o seu brilho, sem perder a ma-
jestosidade dos espíritos que são simplesmente bons e
humildes, cobriu o rosto com as mãos, caindo em pran-
to, gemendo palavras de arrependimento.

Clarinda sentou-se no chão, afagou-lhe a cabeça, beijou-a com maternal ternura, fê-la sentir-se à vontade.

Quando tudo estava em paz e alegria, Clarinda falou-lhe:

— Minha irmã Angélica, vim por ordem superior; vim dizer que o Nosso Pai é em todos os sentidos Eterno, Perfeito e Imutável; que é Onisciente, Onipotente e Onipresente; que não estima filho algum por causa de religiosismos ou sectarismos; que deseja a todos de uma só maneira, porque sujeita, através de leis fundamentais, à Verdade e à Virtude.

Angélica bramiu, pesarosa:

— Tenho sofrido muito!... Muito!... Peço que me ajude!...

Clarinda explicou-lhe:

— Nada podemos fazer fora da Lei, irmã Angélica. E não se respeita a Lei apenas clamando Senhor! Senhor! Você irá ler uns livros que temos, para através deles, aprender o seguinte — fora da Moral e do Amor ninguém realiza em si o Reino de Deus, a Luz e a Glória. Se fosse o Reino de Deus uma questão de religiosidade, Jesus, que foi expulso do templo, perseguido e assassinado pelos donos de religião, teria ido parar nas trevas, não é assim?

Angélica pensou como pôde, perguntando:

— Mas os assassinos de Jesus foram os padres israelitas, não foram?!

Clarinda, abanando a cabeça formosa e ainda bastante luminosa, respondeu:

— Sempre acham um motivo, num Profeta, para perseguirem e matarem a outros e outros Profetas; a Lei de Deus opina por alguma religião? Por que, então, dar

ouvidos às religiões, aos sectarismos, esquecendo de viver a Lei, que foi o que Jesus fez, porque a Lei é Moral, Amor, Revelação, Sabedoria e Virtude?

Aquele colóquio era um encanto, porque as duas falavam como se fossem duas almas gêmeas; é que Clarinda envolvia Angélica no seu manto de luz azulina tão pura, que esta sentia-se à vontade, vivendo numa atmosfera de Amor, tal e qual jamais poderia ter sonhado na vida.

Em dado momento, Angélica murmurou:

— Você tem estudado muito?

— Não, Angélica, eu leio pouco e trabalho muito... Sou uma espécie de Diretora Geral das escolas de crianças de algumas regiões, tendo que estar em perene contacto com centenas de mestres e milhares de milhares de alunos. Porém, se me pode compreender, meu trabalho é mais vibratório do que intelectual ou físico, embora considerando a nossa condição física. Quem lida com crianças, deve procurar compreender, deve pôr em tudo mais coração do que mesmo intellecto.

— Locomove-se como quer, não é assim, irmã Clarinda? Basta pensar para estar onde bem quiser. Eu ainda nada disso faço... Ainda ando rente ao solo...

Clarinda sorriu, o seu carinhoso sorriso, tentando explicar:

— Consigo um pouco mais... Tenho aprendido a amar mais do que a pensar; o Nosso Pai concedeu valer-me da lei da Divina Ubiquidade; você não sabe o que é, mas eu digo que posso estar aqui, sabendo o que há muito além daquelas distantes montanhas, podendo mesmo influir sobre quem achar conveniente. Posso, também, enviar o meu duplo mental a muitos lugares,

sem sair de um lugar. E se você não estranhar, digo que posso, através dessa lei ou desse recurso, apresentar-me em muitos lugares ao mesmo tempo, esparzindo radiações ou benefícios vibratórios.

— É maravilhoso! — exclamou Angélica, passando a mão no vestuário de Clarinda, que parecia feito de luzes azulinas transformadas em sedas, mesmo tendo ela reduzido de muito a sua grandeza espiritual.

Clarinda levantou-se, depois de avisar que precisava retirar-se, prometendo à Angélica que a visitaria em breve, quando fosse hora de retornar à carne; e foi como aconteceu, tempos depois. Angélica não poderia saber, mas nós sabemos que a grande servidora do Amor a beneficia, transmitindo-lhe pensamentos de prudência e de resignação, de tolerância e de perdão, pois ela tem no programa ser atingida pela chacota de muitos irmãos menos compenetrados da Grande Lei de Harmonia.

Devo dizer que também nos beneficiamos com essas visitas superiores, pois os agentes superiores são reais manifestações do Senhor. Todos estamos nos endereçando aos planos de mais Luz e de mais Glória; todos temos que nos unir ao Divino Modelo, seguindo a trilha evolutiva; mas enquanto isso, no caminho, vamos bebendo a água cristalina das fontes mais límpidas. Quem mais tem mais dá, sendo normal que os que têm menos, calhando a oportunidade, peçam e recebam um pouco. E como temos irmãos para baixo e para cima, assim como pedimos aos de mais alto, assim distribuímos aos de mais baixo.

CAPÍTULO 16

ESTÃO DE PÉ OS GRANDES INICIADOS

“Cristo é Grau, não é nome, portanto é IMPESSOAL. Jesus representou o Grau Crístico diante do mundo, para revelar o MODELO, o Grau que todos devem atingir.

Os Grandes Iniciados foram enviados do Verbo Planetário, e nunca ficará bonito, a alguém, menosprezar o trabalho dos missionários da VERDADE e da VIRTUDE.

Também, com diferentes nomes e em diferentes épocas, voltaram à carne e forçaram a evolução da humanidade. O Espiritismo lhes deve o trabalho, quase todo, embora os fanáticos sectaristas assim não possam admitir”.

Uma questão que devia ser bastante apreciada pelos encarnados, pelo fato de todos terem vivido nos mais diferentes continentes e países, é a das Antigas Revelações; porque além de haver uma unidade prevalecendo na Revelação Total, que é o Cristo, cuja Doutrina é o Caminho da Verdade ou da Libertação, essa unidade é formada de todas as Antigas Revelações, acrescida daquilo que elas não tinham, que é o caráter generalizado.

Os reinos espirituais sempre existiram, mas o conhecimento deles nunca foi revelado, como nestes últimos tempos, com a restauração da Doutrina do Caminho;

entretanto, se nunca tivesse havido Antigas Revelações, primeiros informes, como teríamos tido as Modernas Revelações, as informações complementares?

As raças e os povos sempre se estenderam pelos continentes, muitos deles já desaparecidos e esquecidos, porém as conquistas evolutivas ficaram nos espíritos, que era onde deviam ficar, para florescerem em futuras civilizações, em outros continentes, e marcando importância em outras raças.

E se hoje a humanidade se encontra neste estado evolutivo, sofrendo tamanhas convulsões, pelo fato de Roma ter adulterado a Doutrina do Caminho; se o materialismo cresceu, afogou o espiritualismo, principalmente no continente europeu, a realidade que é premente no caso, ressalta de bem poucos espíritos terem subido, desde muitos séculos, às regiões superiores. Tudo foi truncado, tudo brutalizado, tudo sensualizado. Além de a Excelsa Doutrina não ter invadido o mundo, como foi anunciado pelo Senhor no primeiro capítulo do Livro dos Atos, ainda mesmo no Ocidente a sua produção caiu, fez pouco e muito errado.

Também devemos considerar que nos ciclos antigos, após alguma Revelação Maior trazida por algum emissário do Cristo Planetário, as coisas tomavam rumo menos interessante, enveredavam para mercantilismos, fanatismos sectários, politiquismos truculentos, monopólios imensamente criminosos. Roma não inaugurou coisa alguma ao adulterar a Doutrina do Caminho; ela repetiu, a seu tempo, antigos crimes perpetrados contra a essência doutrinária. E se o fez piormente, foi porque truncou a generalização doutrinária, trazida pelo próprio Cristo Planetário.

Foi um convite por nós recebido, para subir a reino um pouco superior, que motivou alguns comentários entre a gente do nosso reino, por dias e dias após; é que as coisas passadas na crosta imediatamente repercutem aqui, influem para melhor ou para pior, conforme aí aconteçam.

Deviam falar vários mestres, como de fato falaram; e tudo girou em torno das Revelações Fundamentais, atingindo o Cristo, com o Seu Batismo de Revelação, passando depois para a corrupção romana, tornando a surgir fulgurante com o advento da restauração, com o nome de Espiritismo.

Porém não começou com Kardec, o Codificador, mas sim lá bem atrás, na Europa do século quatorze, com a ordem do Cristo Planetário, de serem iniciados os trabalhos restauradores, de onde surgiram no plano carnal aqueles vultos que se chamaram Wicliff, Huss, Joana D'Arc, Savonarola, Lutero, Giordano Bruno, etc. E dos frutos daí derivados, em liberdade e traduções de livros, houve a possibilidade de vir Kardec, acompanhado de muitos companheiros, trazendo de novo o Pentecoste, a grande eclosão mediúnica dos meados do século dezenove. Era apenas o retorno do Batismo de Revelação ou Espírito, tal como se acha exposto no segundo capítulo dos Atos, que fora a Graça trazida para toda a carne por Jesus Cristo.

Tudo ouvimos, debaixo de um silêncio profundo, naquele dia que correspondia, na crosta, ao lançamento de O LIVRO DOS ESPÍRITOS; porque os encarnados festejavam o retorno da Excelsa Doutrina do Caminho, e o plano espiritual festejava a data comemorativa da renovação intelecto-moral da humanidade, pelo conhecimento das verdades básicas.

Como nossos reinos são belos, límpidos, perfumosos, floridos e musicais, por muitos motivos as grandes festividades são comemoradas em lugares amplos, campinas ou vales, de molde que possam abrigar multidões de seres. Sobre como acomodar as multidões, disso não tratamos, porque aqui nada molha e nada suja, desde que a matéria é dominada, não domina. E para mais alto tanto mais belo, tanto mais dominável pela força do pensamento ou das disposições ambientais.

As disposições ambientais são aquelas que pertencem ao todo, ao reino, sendo as individuais aquelas que ficam subordinadas ao gosto de cada um, no seio da ordem geral. Isto, que saibamos, prevalece em todos os reinos; porque o todo pertence a todos, mas os matizes são de ordem pessoal.

Assim é que foi erigido um palanque, de onde deveriam falar os mestres vindos de reinos superiores. Como foi construído? Como poderia ser construído? É natural que se pergunte, pois os elementos materiais variam muito, de acordo com os reinos ou suas respectivas hierarquias. Pode-se falar em pedreiros e carpinteiros que trabalhem os materiais densos, como na crosta, como pode-se falar em técnicos que movimentam os elementos astrais, materializando casas, templos, escolas, hospitais, etc.

Mas, fica saliente, tudo segundo os merecimentos, nada fora dos direitos adquiridos pelas obras. O todo pertence a um nível geral, ao padrão, enquanto as partes, os gostos individuais, dependem dos méritos também individuais. No seio do plano geral é que cada um poderá ter o que deseje, se merecer.

O palanque foi construído pelos técnicos mentais, mestres da arte e competentes em força mental, e fora

construído sobre uma elevação. A multidão ficou sentada na relva macia e cheirosa, disposta em porções, repartida no painel florido e perfumado, perfeitamente à vontade.

Não foram as sentenças do livro que motivaram as falas, mas sim o motivo histórico, o fato cíclico, a razão moral que determinou a reposição das coisas no lugar, conforme as palavras do Cristo, no tempo certo e por quem deveria fazê-lo com a devida autoridade. O Espiritismo é o Evangelho, o Divino Exemplo de Jesus, em plena continuação. Repetimos que é a EXEMPLIFICAÇÃO da Lei de Deus vivida, e não a escravização aos textos, à letra, que foi escrita por quem entendeu como pôde e depois sofreu corrupções, por conta de quem quis corromper.

Portanto, como realidade histórico-profética, Kardec remontou a Jesus, Jesus sucedeu a Moisés, Moisés sucedeu aos Patriarcas, estes remontaram em linhas gerais a Henoque, tendo este, por sua vez, remontado ao longuíssimo período Búdico-Védico, somando tudo um tempo que vai além de duzentos e quarenta mil anos. E se fôssemos falar dos vultos intermediários, quantos teríamos que lembrar? Todavia, sem colocar no meio deles o Cristo Inconfundível, repetimos que os Grandes Reveladores não foram dez, sendo os demais, figuras altamente colocadas na hierarquia planetária, porém de menos categoria.

É um absurdo considerar o Espiritismo uma Revelação Distinta, à margem de todos os demais ciclos evolutivos ou das Antigas Revelações; porque a humanidade é a mesma, que vem subindo na escala, embora considerando os fatores migratórios, e os trabalhadores da Seara do Senhor, eles mesmos têm vindo, de tempos a tem-

pos, em falanges ou grupos, trabalhar pela movimentação dos valores doutrinários. Um maior que encarne, para cumprir função mais elevada, certamente força o acompanhamento de legiões, que fazem o movimento se estender pela humanidade.

Foi isso o que falaram mestres de reinos superiores, recomendando não tomar o Espiritismo como uma nova seita ou religião, por ser ele a reposição no lugar da Excelsa Doutrina do Senhor, que é a Verdade, a simples Verdade Fundamental em exposição. Se houver quem erre, quem menos entenda, quem corrompa, quem faça dele comércio ou instrumento de suas sanhas egoístas ou vaidosas, assim como fizeram com o Caminho do Senhor, de quem é a restauração, isso é com quem assim agir e não cabe culpa à Doutrina em si.

Nenhum Grande Revelador, e menos ainda o Cristo Inconfundível, jamais pretenderam fabricar verdades básicas; eles foram reveladores e nada mais, tendo Jesus Cristo sido, como Divino Exemplo, uma representação da Síntese Geral. Vede bem que viveu a Lei, Batizou em Revelação e deu exemplo definitivo da Ressurreição Final do espírito.

Essa foi a festa comemorativa do livro básico, que, embora tendo muito em que ser estendido ou completado, contém as matrizes doutrinárias. Jesus disse tudo quanto sabia? Kardec completou a sua obra? Há na Terra alguma coisa perfeita?

Ao findar sua palestra, o último orador, lembrou perante o Cristo Planetário a todos os Grandes Reveladores da antiguidade, agradecendo a todos e endereçando ao Verbo de Deus uma comovente saudação. Num ímpeto a multidão levantou-se, ficou estática, com os olhos

pregados no orador. Ele olhava para o Alto, mas para o Alto no sentido Celestial e não geográfico, tendo-se transfigurado diante de todos, revelando-se um pequeno sol multicolor.

A sua glória foi aumentando, todos entraram a orar com muito fervor, pelo que começou a subir do meio da multidão uma tênue fumacinha, que foi variando em colorações, até que tudo ficou iluminado de modo estranho, muito diferente do que o comum; e foi então que das alturas, do imenso azul puríssimo, foi surgindo uma multidão gloriosa, luminosa e cantante. Tudo aquilo descia, parece que o Céu vinha ao nosso encontro, todo transformado em luzes e espíritos gloriosos, sons divinais e maravilhas incontáveis.

Ao chegar a uns quinhentos metros, de vossa medida, aquele Céu rumou para o lado das montanhas, que ficava atrás do palanque, tendo-se ali postado. Fez um silêncio profundo, como se os mundos todos dormissem, por um minuto, pelo menos, do vosso tempo. E começou a seguir o mais lindo cântico que até então tinha eu ouvido, um hino endereçado a Jesus, o Verbo Divino.

Do Céu dos Céus, direi assim, envolto em multidões gloriosas, porém banhadas de infinita simplicidade, vinha o Cordeiro de Deus, o Modelo da Ressurreição Final do espírito, também feito como a imagem da Divina Simplicidade. Não sei como dizer isto, mas sei que Ele estava muito mais simples do que as Suas legiões, e tanto assim era, que chegou perto de todos nós, imenso na Sua Glória, porém meigo, igual, acessível, participante de tudo em nós, como se estivesse dentro de nós, sentindo o que nós sentimos, vivendo o que nós vivemos.

Depois de volitar ao redor da multidão, sempre rodeado de multidões gloriosas, foi também ficar atrás do palanque, indo todos os Seus maravilhosos acompanhantes para trás d'Ele, formando um arco-íris inenarrável. E como podemos ver longe ou perto, até certo ponto, sem sair do local, com a Sua Glória essa faculdade aumentou, porque a gente se sentia estar no Seu colo, nos Seus braços, no Seu carinhoso amplexo.

Pensei tudo, menos que Ele fosse falar; mas falou, umas palavras musicais, e tão simples, tão natural, que me pareceu ter sempre ouvido aquela voz, aquelas palavras, aqueles conselhos, aquele convite ao Supremo Amor. Se quiserem saber o que disse, digo apenas que repetiu aquelas palavras do Livro dos Atos. Porque afirmou que esteve, está e estará sempre com todos os filhos do Pai Divino, desde que os filhos do Pai Divino queiram ficar com a Lei. Depois disse algumas palavras, sempre divinamente simples, sobre a festividade, dizendo de Sua felicidade, pelo fato de retornar ao meio de Seus comandados o Batismo de Revelação. E com um firme tom de voz numa entonação diferente, como que se uma lei falasse ou decretasse, lembrou que no Seu Batismo de Espírito estava a Sua nova vinda, o Seu perene regresso para junto da humanidade. Ouvi-O dizer perfeitamente que muitos encarnados O veriam em espírito, por intermédio de suas faculdades, fazendo isso lembrar as antigas promessas, fazendo reconhecer que o Pai prometera e que Ele, o Seu Verbo, cumprira em verdade a tudo quanto fora prometido.

Seria estultice de minha parte, sequer pretender passar ao papel tudo quanto de glorioso foi visto e ouvido, naquela manifestação do Nosso Senhor Jesus, o

Cristo Planetário. Isto que digo, portanto, é apenas o muito mínimo.

As Suas legiões gloriosas entoaram outro hino, de Graças ao Eterno, e nós vimos que Ele, inclinando a lucilante cabeça, entrou a orar ou aquilo que eu creio tenha feito. Todos fechamos os olhos do espírito, num outro ímpeto, entrando em fervorosa oração de Graças ao Eterno. Quando abrimos os olhos, o Céu estava se recolhendo, toda aquela multidão estava subindo, estando Ele no meio, agora convertido numa Fonte de Luzes, num Divino Chuveiro de Luzes.

Tentei descrever o que vi e senti, compreendi e vivi, naqueles instantes em que participei da Sua Glória, estando certa que Ele, o Nosso Divino Mestre, participou de minha humílima vida. Acima de tudo, sei que Ele sempre nos transmite a Sua Mensagem Mental, conclamando à Moral e ao Amor, à Verdade e à Virtude. Se quisermos ouvir a Sua Mensagem, podemos fazê-lo, porque Ele fala a todos e de maneira muito simples, através de tudo quanto a Verdade encerra, através de tudo quanto o Amor contém, à margem porém de qualquer sentido sectário.

CAPÍTULO 17

O AMPARO CELESTIAL

“Estendendo a tua mão a sarar as enfermidades, e a que se façam maravilhas e prodígios em nome do teu Santo Filho Jesus” – Atos, cap. 4.

“Que se leiam os capítulos um, dois, quatro, sete, dez e dezanove, dos Atos, para saber que Jesus nunca prometeu o Consolador para dezanove séculos mais tarde – Ele o deixou pronto a funcionar, do Pentecoste em diante”.

“Que se leiam os capítulos doze, treze e quatorze, da Primeira Epístola aos Coríntios, para saber como os primeiros cristãos cultivavam o Consolador generalizado pelo Cristo – porque o Consolador é de sempre, mas até ali era esotérico, ou de portas fechadas”.

Dias depois daquela inolvidável festividade, fomos atraídos pelas orações de uma irmã encarnada, a quem Bezerra de Menezes receitara remédios e fizera recomendações sobre orações a serem feitas.

Doente ela era, e doença que surgia do seu corpo astral, por força de culpas antanho adquiridas; mas o pior nela era uma tremenda atuação de um irmão enegrecido, a ela tão ligado que chegava já a estar penetrado em seu corpo astral.

Ela vibrou intensamente, por estar diante de duas filhinhas, pensando que se as coisas não melhorassem, talvez não pudesse chegar a vê-las crescidas. Sua oração atingira o posto devido, em nosso reino, tendo havido ordem de pronto socorro.

Chegando o grupo ao local, o seu dormitório, vimos a mãe lidando com as suas filhinhas, estando bastante arcada, aflita e lagrimosa. Todavia, paupérrima que era, cuidava de tudo, embora em estado cambaleante. E nós, embora sabendo que a Lei de Equilíbrio não erra, embora reconhecendo que em tudo aquilo devia estar e estava a Justiça Divina, tomamos parte em suas lágrimas.

Tancredo colocou a sua mão direita sobre a cabeça da jovem e enferma irmã, rogando poderes ao Senhor, para conseguir afastar o embrutecido irmão que a feria tão profundamente. E como todos nos lembrávamos da Presença do Cristo, por causa daquela maravilhosa festividade, fizemos um pensamento conjunto, depois de combinar.

Aquela oração movimentou forças e elementos superiores, tendo chegado a nós, e muito rapidamente, irmãos do círculo de Bezerra de Menezes, que fora a reencarnação de Lucas, o Apóstolo médico ou terapeuta, da Ordem Essênica ou do Profetismo Hebreu.

Com a chegada de elementos assim superiores, ficamos ao dispor do que julgassem conveniente fazer, depois de estudar o caso. E aquele que deles era o chefe ou o mais autorizado, colocando a mão sobre a jovem e doente irmã, procurou ver nos seus registros íntimos, os motivos de tudo aquilo.

A seguir, falou-nos de um padre muito rigoroso em favor do Santo Ofício, que depois de penar dezenas de anos na subcrosta, foi recolhido e instruído, sendo logo

mais preparado para a imediata reencarnação, estando ali, na condição daquela pobre irmã, mergulhada em muita penúria, além de sofrer o tremendo impacto daquele irmão enegrecido, mais parecendo uma grande larva negra, que a envolvia, de preferência tomando-lhe toda a região do estômago, pâncreas e baço.

Depois, fazendo o mesmo com as filhinhas, contou-nos de dois companheiros de maldades, fortemente vinculados a ela. E aproveitando a oportunidade, disse-nos da Justiça Divina, que confere oportunidades para que os filhos do Pai Único tenham com que ressarcir as faltas, para prosseguirem após na jornada libertadora.

Coincidiu de ela ter que tomar o seu remédio, juntamente com a água fluidificada, do que se valeu o chefe deles, para levantar a mão direita ao Alto, rogando por ela. Formou-se uma luz sobre a mão, luz que foi se condensando, até que se revelou uma bola azulina, que também foi diminuindo, comprimindo, até ficar como um comprimido de remédio, desses que as vossas farmácias vendem, com a diferença de manter uma azulina luminosidade.

Ele colocou o comprimido luminoso dentro do litro de água fluidificada, tendo este se derretido, transformando a água num farol de grande potência. E quando a irmã terminou a oração, que fizera antes de tomar o remédio, e foi colocar o mesmo dentro do copo que enchera de água, de tal forma sintonizou com o ambiente espiritual ali criado, que caiu num pranto feliz, convidando a mais velhinha das meninas à oração, dizendo que Deus estava mandando-lhes o Seu auxílio.

Absorveu o líquido com o remédio, e nós vimos que a luminosidade a tomara toda, pondo o enegrecido ir-

mão em convulsões e gemidos. Foi então que o chefe do grupo convocou alguém, erguendo a mão direita em direção ao Alto, tendo muito logo chegado dois vigorosos pretos velhos, felizes e bondosos, aos quais o chefe disse que retirassem o tal enegrecido irmão.

Os dois servidores projetaram as mãos na direção do mesmo, enquanto endereçavam a ele vigorosos olhares; e a larva enorme, caindo no chão, ficou como morta, sem nenhum movimento. Estava hipnotizada.

Não sei de onde vieram dois outros pretos velhos, e duas belas moças pretas, irradiando bem e revelando muita felicidade. Os homens traziam varas feitas de madeira e as moças uns potes brancos, cheios de alguma coisa.

Sem falar, enfiaram as varas debaixo da larva adormecida e a levaram para o quintal da casa. E como o chefe nos convidou, fomos todos parar no quintal, onde os servidores colocaram o mostrengo. Ato contínuo, as moças jorraram o pó que estava dentro dos potes sobre a larva, retirando-se de perto. E ficaram olhando, esperando acontecer alguma coisa, sendo esta coisa uma chama verdeada, que foi aumentando, até atingir certa altura. O resultado foi o seguinte — uma vez queimado o corpo exterior, a larva, tudo se reduziu a um homem, um padre ainda jovem, que entretanto ainda gemia e esbravejava, perguntando onde estaria Deus, que não o ouvia.

O chefe a ele se endereçou, colocou-lhe a mão direita sobre a cabeça, fê-lo dormir e mandou que o levassem embora; e o lugar para onde o levaram foi o local de trabalhos espíritas do doutor Bezerra de Menezes. Disse o chefe, que o padre seria doutrinado num dos seus trabalhos mediúnicos costumeiros.

Quando entramos de novo casa adentro, a jovem mãe cuidava de suas obrigações. E o chefe disse a Tancredo:

— Esta irmã precisa de um aviso nosso; deve saber que a sua cura depende mais do espírito; e você fará isso, assim que ela vá aos trabalhos do nosso companheiro encarnado, doutor Bezerra de Menezes.

Tancredo prometeu, e dias depois cumpriu, falando a ela como devia falar, para ela proceder como devia proceder. Mais tarde, como sabemos, aquela irmã teve suas faculdades desenvolvidas, tornando-se ótima servidora; isto é, fazendo muito pelos outros, para bem-fazer a si mesma, ressarcindo faltas e acumulando bens para si mesma, com vistas ao porvir.

Antes de sairmos daquela casa, naquela primeira visita, tivemos uma prosa edificante com o chefe daquele grupo; ao findar a conversa proveitosa, apontando para a irmã enferma ainda e cheia de trabalhos, disse ele, com muita reverência:

— Agradecemos ao Pai a oportunidade de servir... Porque embora pareça que temos servido, a verdade é que fomos nós os beneficiados... Todos temos de transformar os nossos respectivos corpos astrais em Luz Divina, o chamado Segundo Estado de Deus, que nos garantirá a penetração na Divina Ubiquidade. E sem trabalhar, sem servir, sem amar através de obras, como poderíamos conseguir isso?

Depois da oração de graças ao trabalho amoroso, partimos.

Já em nosso reino, fomos parar à beira de um leito, onde uma irmã gemia e dizia coisas sem nexos; ela estava chegando de uma das casas de recolhimento, vindo das trevas, depois de muitos anos de terríveis sofrimentos.

Um dos enfermeiros, antigo habitante das trevas, mas agora dedicado servidor, comentou, como de costume, com a sua pontinha de ironia:

— Se quiserem, logo mais, umas aulas de mandinga, falem com ela!...

Sucedo, porém, que a conversa parou ali, porque um dos médicos vinha acompanhado de um auxiliar do diretor dos hospitais da região, e de mais cinco irmãos, bastante diferentes dos nossos conhecidos da região. Eles vestiam roupagens como hindus, tinham olhares duros e personalidade esquisita. Diria criaturas acentuadamente místicas, porém ainda pouco evoluídas ou algum tanto comprometidas.

O auxiliar olhou bem para a irmã, conversou depois com os cinco hindus, dizendo que ela havia sido boa conhecedora do revelacionismo, sendo dotada de faculdades interessantes, que entretanto foram usadas para comercialismos e vinganças, sem todavia ter deixado de fazer algumas boas obras.

O mais categorizado dos hindus aproximou-se dela, descobriu-a e fitou-a com acurada atenção. Estando ela desnuda, observamos que estava cheia de manchas redondas como patacas, de coloração marrom e de aspecto ulceroso.

O hindu cobriu-a de novo, e voltando-se para o auxiliar do diretor, disse com segurança:

— Essas manchas são ligações eletromagnéticas que a prendem a fatos criminosos, a locais e a elementos que se encontram nos tristes locais.

O auxiliar do diretor explicou:

— O médico que a tratou ficou embaraçado, porque as reações apareciam e de novo sumiam, como por en-

canto; isto é, a cura vinha com lentidão, para logo voltar atrás, de modo desesperador para ela.

O hindu falou-lhe, aconselhando:

— Estes casos, que nós cinco conhecemos bem, podem ser resolvidos até certo ponto; depois, por longos anos, séculos muitas vezes, o espírito fica obrigado a grandes empenhos, em serviços do mesmo ramo, porém na razão inversa, para conseguir uma reencarnação proveitosa. Como é sabido, desde os mais remotos tempos, a feitiçaria reina pelo mundo carnal, com tremendas ligações aos planos astrais inferiores. A luta é titânica, as legiões se digladiam terrivelmente e não pode deixar de ser tudo isso considerado, no círculo da vida planetária e no quadro da evolução das almas.

O auxiliar do diretor inquiriu:

— Que julga o irmão, devemos fazer com ela? Acha que deve ficar por aqui, até melhorar, ou pretende que vá para um departamento próprio?

A resposta foi prontamente dada:

— Eu gostaria de tratá-la aqui, se me permitirem o favor, porque isso traria vantagens experimentais a alguns dos presentes. A seguir, quando estiver melhor, levá-la-ei para o meu departamento, porque ali ela terá muito em que aplicar os seus muitíssimos conhecimentos sobre a matéria. Se é real que usou mal de suas faculdades e de seus poderes sobre muitos elementos, também é real que dispõe de fartos recursos técnicos, isso de que carecemos, para combater a feitiçaria.

O auxiliar do diretor fê-lo saber que isso implicaria em sondar outros dirigentes, razão por que lhe daria a devida resposta horas depois. E com isso nós ficamos

contentes, porque iríamos pedir no mesmo sentido, para vermos como o hindu iria lidar com ela.

Aquilo combinado, o hindu pediu uma concentração mental sobre a irmã, que parecia sonambulizada. Os cinco estenderam as mãos horizontalmente, olharam fixos para ela e começaram a falar em seu idioma. Ela foi levitando, subindo, até ficar um metro acima do leito, quando começou a girar como se fosse um disco, atingindo velocidade tremenda.

Eles foram ordenando, e ela foi parando de girar, até que parou de tudo, quando começou a descer. Uma vez direitinha no leito, o hindu chefe colocou-lhe as duas mãos a uns cinco centímetros da testa, com os dedos na direção dos olhos, tornando a olhar fixo para ela. Foi ela abrindo os olhos, até ficar de olhos bem abertos. E o hindu falou-lhe, tendo ela respondido, porém muito baixinho e como que bastante perturbada.

De novo o hindu mandou-a fechar os olhos, e tornando a fazê-la dormir, falou aos presentes:

— Peço a todos muitas vibrações a seu favor... É muito devedora, sem dúvida, mas está recolhida e é uma filha de Deus. Vamos auxiliá-la, assim como gostaríamos de ser auxiliados, se estivéssemos no seu lugar. E por agora que durma, para não ficar em sofrimentos e não dar muito trabalho; o dormir, para ela, representa parte integrante do processo da cura.

E como tudo fora combinado, ali mesmo ela foi sendo tratada, até o dia em que se despediu, para ir ao encontro do seu trabalho, junto aos que entendessem de quebrantar males feitos. Pelo pouco tempo que ficou conosco, deixou muitas saudades, e muita curiosidade em torno de seus dotes, pois ela era capaz de dizer coisas

altamente sérias, pela sua clarividência, pela facilidade com que invadia os recônditos do histórico alheio. Com ela foram feitas muitas experiências, tendo os nossos chefes e os médicos ficado encantados com as suas faculdades; pareceu-nos que, para ela, nada de nosso passado era coisa de segredo.

Nas despedidas, tudo entre muita alegria, disse-lhe o diretor:

— Minha querida irmã, se algum dia voltar à carne, pois certamente voltaremos todos, não vá tornar a exercitar a vingança... Faça o Bem, com as graças mediúnicas de que dispõe, sem jamais julgar que tem o direito de desenvolver mal algum a quem quer que seja. Perdoe sempre, minha querida irmã, que perdoar aos outros já é dirimir faltas. E que o Nosso Senhor Jesus Cristo, Verbo do Pai neste mundo, lhe confira muitas oportunidades de trabalho santificante.

Dias e dias após a sua partida, comentários eram feitos, durante as nossas conversações, a seu respeito; porque ela envolvia muitos assuntos, inclusive os cinco hindus, com os seus grandes poderes, com aquela técnica para nós esquisita, sabendo, como grandes conhecedores, aplicar as mãos e a força magnética dos olhos.

Como alguém do nosso círculo de amizade e trabalho, falasse na irmã, que tão dotada de grandes faculdades, tão mal as aplicara, Tancredo comentou:

— A Lei de Harmonia paira acima de tudo, reclamando de cada um o devido, em trabalhos e responsabilidades, seja quem for, disponha do que dispuser de conhecimentos e faculdades. Se o Cristo assinalou a Sua condição de servidor da Lei e não de senhor da Lei, porque dela só Deus é Senhor, vamos compreender isso e

não cair na asneira de usar mal a coisa alguma, a poderes quaisquer.

E em tom ponderoso, completou, depois de meditar um pouco:

— Lidar com agentes do nosso plano, para desfazer coisas feitas, como dizem lá na crosta, tem levado muitos trabalhadores a reincidir em graves faltas, porque as relações entre os dois planos são, por natureza dos trabalhos, muito ligadas aos níveis mais inferiores do astral. Quando menos esperam, estão servindo a guias que desguiam, estão fazendo o que pretendiam desfazer, chafurdando nos abismos e comprometendo futuras vidas.

Dado à gravidade dos conceitos, aquele alguém que havia inquirido voltou a inquirir, admirado:

— Então, bondoso instrutor, a questão é assim comprometedora?!...

Tancredo sorriu, e num tom de análise mais acurada acentuou:

— A questão não é comprometedora, mas sim o modo de encará-la. Se há quem faça o mal, por esses processos, há quem os possa quebrantar, porque a dialética é lei na Ordem Divina. Mas a questão não manda revidar, não manda vingar, nunca impõe valentias perniciosas. Porém, e aqui mora a periculosidade, muitos trabalhadores dessa ordem, deixam-se levar pela conversa de certos guias, espíritos ainda muito inferiores, caindo em graves faltas.

— E foi assim que ela cometeu faltas graves? — tornou aquele servidor a perguntar, sequioso de conhecimentos.

— Sim, pois dispondo de maravilhosas faculdades e tendo certa dose de poder sobre legiões do nosso plano,

aplicou por conta própria a “Pena de Talião”, revidando elas por elas, e até muito pior ainda. E assim sendo, dentro de algum tempo era escrava de elementos menos felizes, que lhe ordenavam, a título de defesa, os mais tenebrosos revides. Desceu à feitiçaria, cometeu crimes tremendos e foi parar nos abismos da subcrosta, como sabeis.

— Isto é coisa muito séria! — comentou aquele companheiro.

Tancredo, erguendo a seu modo o indicador, alertou a todos:

— Para desfazer qualquer mal, o importante é não aplicar o mal; assim fez Jesus Cristo, renunciando a mesma vida. Tudo proclamou, ensinou, advertiu e exemplificou, em palavras e atos, sem recorrer à aplicação do mal. Disse todas as verdades que deveriam ser ditas, enfrentou poderosos e potentados, com a máxima gravidade, mas não pensou sequer em vinganças. Foi, como cordeiro ao cutelo, sem dizer palavra alguma de vingança, deixando tudo a cargo da Justiça Divina. Infelizmente, porém, os trabalhadores dessa ordem de serviço, com muita presteza se entregam à mania de valentias, dos desafios, das paixões comprometedoras.

E assim terminamos aquela jornada, com boas colheitas doutrinárias. Isto é o que não nos falta, porque tão ligados que estamos ao mundo carnal, sempre temos pela frente muita fartura experimental. Tudo quanto é do próximo, também pode ser nosso, mais tarde ou mais cedo, e, portanto, fazemos questão de estudar bem a todos os fatos. Os mestres teóricos são muitos, mas a mestria principal cabe mesmo à vida! Ela é prática, ela é vida, ela é fato!

Vede bem que tudo pode ser comentado, contra ou a favor, sobre todos os assuntos; porém, quem poderia deixar de ser vivente e responsável? Bem sabemos nós, deste lado, que as movimentações humanas variam ao infinito; entretanto sabemos, e sabemos muito bem, que o Supremo Juízo compete a Deus e a ninguém mais. Porque os mesmos Cristos Planetários, nada mais são, em Suas altas funções diretoras, do que servos da Lei de Harmonia. Eles não vivem em estado de lástima e de pranto, pelo fato de alguns de Seus tutelados irem parar nos abismos tenebrosos, por causa de faltas cometidas. A Lei de Deus data do período Védico-Búdico, ou vice-versa, tendo sido Moisés apenas um retransmissor e grande codificador. O Divino Exemplo do Cristo todos sabem comentar, não é isso? Portanto, para subir ou descer, cada um o fará pelas suas obras; e depois, quem é o responsável? O Cristo? O próximo? A Justiça Divina?

CAPÍTULO 18

O CRISTO É PERMANENTE

“Cristo é Grau, não é nome, e, portanto, um espírito cristificado o representa diante de uma humanidade em evolução. Sendo Grau de Unidade com o Pai, é naturalmente VERBO DIVINO, ou representante de Deus”.

“Se os mistifórios clérico-políticos não tivessem alterado as lições do Cristo, todos já teriam conhecimento delas, e do que o Cristo é, e representa, ou a síntese das verdades fundamentais”.

Um Cristo será sempre rigoroso e causticante em suas palavras, mas os Seus exemplos serão sempre amorosos e cheios de renúncia. Aqueles, porém, que se tornam adeptos do antiCristo, em suas palavras querem parecer bons, tolerantes e vítimas de certo modo, mas as suas obras revelam covardia, falsidade e traição, sendo comum apelarem para atos violentos ou repugnantes.

Todos os movimentos renovadores, principalmente os de ordem Moral, sempre viram surgir, em seus meios e no meio de seus elementos, essa coisa feia, essa mancha. Uns por excesso de zelo, outros por excesso de vaidade, mas o fato é que nenhum movimento, até ao presente, deixou de ter contas a ajustar com esse doloroso fato.

Alguns apelam para os anos passados em estudos ditos doutrinários, sejam estes ou aqueles os sectarismos; outros querem valorizar os seus cabelos brancos; ainda

outros pretendem dar boa representação ao reumatismo que ostentam, achando que ele é testemunho de sabedoria; e não faltam os portadores de outras marcas de perebas, que com elas fazem questão de marcar ponto no relógio dos estatutos e das instituições.

Caifás, Anás, o Sinédrio, os fariseus, os saduceus e os escribas, todos falaram de cadeira, todos tinham uma tradição, não permitindo que Jesus Cristo pudesse sequer falar em nome da Moral, do Amor, da Revelação, da Sabedoria e da Virtude. É que Jesus era jovem, não tinha rugas, reumatismos, calvície, perebas e outros argumentos da mesma marca. Em consequência, o ranço e a ferrugem puderam mais do que a Verdade e a Virtude!

Considerando que isto poderá acontecer e muito, ainda, no Planeta, bom será que se evitem ortodoxias, dogmatismos, fanatismos sectários, etc.

O essencial, para não cairmos em tais faltas, seria não termos jamais ignorâncias a encobrir nem interesses subalternos a defender; mas, quando iremos planar nessas alturas?

Observemos, portanto, que o maior risco é ou será, sempre, daqueles que se acreditam proprietários da Moral e do Amor, da Verdade e da Virtude. Tudo isso em termos teóricos, porque os praticantes, os vivedores dessas virtudes, jamais cairiam em semelhantes emboscadas, em tais leviandades.

Foi um caso, fica bem saliente, enfrentado por nós, que motivou este capítulo. Sempre, portanto, aprendendo com as grandes lições da vida prática! Sempre focalizando a Lei de Equilíbrio, através dos vincos profundos deixados naqueles que contra ela atuaram, por culpa de seus fanatismos sectários, ou de seus orgulhos feridos, ou dos

clamores de seus mais imediatos interesses mundanos.

Estávamos em nosso reino, reunidos em torno de uma irmã; brilhava o sol da Verdade Central, de Deus, que nos ilumina e aquece, sustenta e estimula; e ela, recém-vinda dos abismos, em processo de tratamento, fora colocada ao lado de belo jardim, florido e perfumado. Nosso instrutor falava e ela ouvia, coisas sobre Jesus Cristo, que ele sempre filtrou como Verdade e Virtude. Porque ela vinha de uma vida desregrada, isto é, sem Verdade e sem Virtude.

Estando entre flores e águas, servidores do Bem e conversas edificantes, não há quem não sinta surgir de dentro, aquela cura que não pode vir de fora; e como uns aprendem com outros, ali éramos ouvidos abertos, armazenando conhecimentos, quando vimos chegarem, acompanhados do diretor dos hospitais da região, dois vultos maravilhosos, simplesmente estuantes de espiritualidade, que vinham ao nosso encontro.

Eram irmãos de alta hierarquia, habitantes de reinos superiores, diminuídos em si mesmos, cumprindo alguma delegação, isso bem se descobria; e foi como nos falou o diretor dos hospitais da região, apresentando-os:

— Tancredo, venho apresentar estes funcionários da Mensageiria Superior, em virtude de trabalho a ser feito. Alguém deve desencarnar, dentro de dias, e é quando eles deverão estar presentes. O mais tudo, eles mesmos farão, porque são os encarregados da missão que lhes cumpre levar a termo.

Disse os nomes, mas isso não importa porque não saberia como traduzi-los e porque a essência da coisa é que nos faz estar escrevendo. Se não fossem eles, é certo que seriam outros, porque a Lei e a Justiça pairam acima

de indivíduos. O que é por Deus, alguém terá que fazer, sem dúvida alguma!

E tudo ficou combinado, quando o mais categorizado deles, explicou:

— Um irmão, de nome Plácido, deverá ser retirado da carne dentro de uma semana. Desejamos que nos avisem, quando chegar a hora; e a hora será, lembrem-se, quando o irmão doutor Bezerra de Menezes for atender como clínico ao chamado de uma nossa irmã, que é a progenitora de Plácido.

Disse como proceder, enviando a ele a mensagem mental, retirando-se após. E nós ficamos meditando e comentando, quem seria o irmão Plácido, para ser assim recebido. Para nós, conforme os usos, devia ser alguém de bastantes merecimentos, pois os dois elevados irmãos, agiam também segundo ordens superiores. Portanto, para todos os efeitos, seria muito interessante o trabalho a ser feito; porque o aprendizado vem sempre, através dos fatos comuns da vida.

E uma semana depois, entrando por um cortiço adentro o doutor Bezerra, fomos topar com o nosso irmão Plácido; atirado no fundo de um quarto escuro, mais miserável do que pobre, estava um homem de meia idade, todo retorcido, aleijado, tendo ainda a mão esquerda ressecada, mais parecendo um galho seco de árvore.

A pobre mãe, ou riquíssima, talvez, assim implorou:

— Doutor, trate de meu filho!... É assim, porém eu só tenho esse... Sei o que tem feito e peço a sua ajuda....

Bezerra deu tudo, receita e dinheiro, dando também uma fervorosa oração; e o mundo deste lado, que o acompanhava sempre, deu o que devia e podia dar.

Tancredo fez como recomendou o tal Mensageiro Superior, e ele, dentro de segundos, estava presente, dizendo:

— Hoje à noite, terá que deixar o corpo... E vamos, por ora, formar um círculo, dando-nos as mãos. Vamos rogar a Jesus, o Divino Medianeiro, por este irmão altamente comprometido perante a Justiça Divina.

Assim foi feito. Fazer um círculo e dar as mãos, entrando em oração, produz maravilhas. E quando já em oração, disse o Mensageiro Superior:

— Olhem bem para ele e observem o que vai ocorrer.

Nós já tínhamos visto um monstro agarrado ao pobre irmão, tão agarrado que pareciam dois em um; tínhamos visto quatro bondosos pretos velhos, sorridentes e felizes, que lhe montavam guarda, cumprindo ordens superiores. E dali em diante, observando bem, fomos notando que um vapor subia do chão, envolvendo o homem e todos nós. Pouco depois, o vapor deixou de ser denso, tornando-se luminoso, cada vez mais luminoso.

Quando a luminosidade atingiu certo ponto, apareceu uma paisagem, que bem vimos ser a velha Jerusalém. Tudo como naqueles dias, quando Jesus palmilhou aqueles caminhos, para viver a Lei, Batizar em Revelação e testemunhar a Ressurreição Final do Espírito.

Tudo era simples, claro, normal, exato. Jesus estava vestido como os Nazireus, com a Sua túnica branco-opalina e coberto com o manto carmesim. Era jovem, esbelto, imensamente espiritual, ligeiro, pensativo e algo triste. Por todas as partes muita gente a cercá-Lo, pedindo curas, sorte, o Céu, etc.

E do meio do povo saía, repetidas vezes, um sacerdote magricela, barbudinho, encaveirado, de olhos

faiscantes, que atirava contra Jesus ofensas, ora como perguntas, ora como afirmativas severas, lembrando os preceitos, etc. E Jesus calava e trabalhava, ou respondia algumas vezes, sempre rodeado pelos Seus discípulos, sempre muito amparado por algumas mulheres contritadas, fervorosas e piedosas.

Vimos depois, dentro de vasto e muito ornamentado salão, Jesus sentado sobre um tamborete, estando alguns sacerdotes e outras pessoas, do outro lado, à Sua frente, fazendo perguntas as mais contraditórias. Dentre eles se destacava o sumo sacerdote, com um pergaminho na mão direita, que lia e argumentava contra Jesus. Porém, o sacerdote magricela e encaveirado, pedia licença e dizia tremendas coisas contra Jesus, chamando-O feiticeiro e discípulo de Belzebu.

E o cenário mudou, num repente, aparecendo o Monte das Caveiras, com as três cruzes levantadas.

Também isso logo mais desapareceu, voltando tudo ao quarto miserável, com o sacerdote magricela, agora na personalidade daquele pobre aleijado. E o Mensageiro Superior explicou, em breves palavras:

— Estamos na presença de um dos grandes algozes de Jesus... Porém, não vem diretamente de lá esta situação. Porque outros já se recuperaram, estando em boas condições, servindo a Causa da Verdade e da Virtude, absolutamente à margem dos religiosismos perniciosos. Este pobre irmão, entretanto, tem errado muito, tem recaído em faltas, tendo agora sido obrigado a renascer assim, para ser obrigado a resgatar um pouco de suas imensas culpas.

E voltando-se a Tancredo, recomendou-lhe:

— Assim que for desligado, ao entrar no hospital,

desejo ser avisado; é só fazer como fez agora, e depressa virei, para tomar as providências necessárias. Como sei que gostam de aprender, digo que o movimento restaurador grassa no mundo, havendo grandes oportunidades para muitos errados de outros tempos. E este nosso irmão, vem de receber de Jesus uma oportunidade de trabalho; porque, como deveis saber, perdão não existe, mas existe o trabalho que ressarce e constrói o Reino de Deus dentro de nós mesmos. Ele voltará à carne em breve, com boas faculdades, com boas ferramentas, e no trabalho mediúnico, servindo aos outros com o devido carinho, estará conseguindo servir a si mesmo.

Pouco depois da saída de Bezerra de Menezes, também nós saímos, ficando tudo bem combinado, para a retirada do pobre irmão, logo à noitinha. E como tudo gira em torno de leis e sobre leis, tudo foi encaminhado devidamente. Quanto ao fundo moral da questão, que cuidem bem de si mesmos, antes de mais nada, aqueles que se escravizam a estatutos e a instituições humanas. A Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude, não são realidades que possam caber em conchavismos de homens. Títulos dados por homens, reumatismos e perebas não significam espiritualidade!

CAPÍTULO 19

MARCHAI PARA O GRAU CRÍSTICO

“O Cristo Interno deve ser elaborado segundo a Divina Configuração do Cristo Externo; para isso é que o Pai Divino, em tempos apropriados, envia Cristos ou Divinos Modelos às humanidades em evolução”.

Uma das realidades simples, que transbordam em nossos serviços, é o fato de haver quem saia do corpo físico doente, vindo parar nestes reinos doente, necessitando enfrentar o mesmo tratamento, ou tratamento segundo as suas desarmonias físicas. Já não dizemos as psíquicas, porque afora os erros registrados na intimidade, ocorre que a perfeição só é total no Grau Crístico, ao superar a lei das reencarnações obrigatórias.

Antes de atingir a Suprema Libertação, ao ter que reencarnar, em um mundo como a Terra, atrasado em todos os sentidos da Ordem Moral, pode muito bem cair em faltas, tendo que responder por elas. Por conseguinte, os tratamentos de que falamos é o físico, o do nosso físico, que comporta todos os complexos do vosso, em virtude da lei de Causa e Efeito.

Porque ser um espírito inferior em evolução já é ter um corpo astral denso, é arrastar um carro pesado, é brilhar menos; e se, por cima, estiverem faltas acumuladas, erros gravados, então podeis avaliar como os nossos hospitais devem tratar de muitos corpos astrais atacados de muitos desequilíbrios.

E como os céus concêntricos e superpostos variam muito de grau hierárquico, podeis avaliar, também, quantos poderão ser os processos de tratamento, segundo os males das entidades e, acima de tudo, da normal hierarquia de cada um. Como é que se irá tratar numa faixa ou céu superior, uma nonada superior, do indivíduo que é inferior, que poderia na superior encontrar ainda mais dificuldades?

Vede, portanto, que os nossos reinos oferecem de tudo, segundo o grau evolutivo de cada um e segundo os males de que possa estar sofrendo; na Casa do Pai as moradas são muitas, em forma de galáxias, sistemas planetários, planetas e seus céus ou faixas astrais. E ainda resta a Casa Crística, o Céu Crístico, a Esfera Universal, que não pertence a Planeta algum, porque é acima de mundos, formas e transições. Lá está a Libertação Total, a Ressurreição Final do Espírito!

Antes de chegar lá, como deveis saber, cumpre tratar dos filhos de Deus, de nós mesmos, segundo a hierarquia e o mal que arraste consigo, na faixa ou céu a que faça jus. E não temos, por aqui, a mania de achar que a existência, a evolução, a respiração, os merecimentos, as responsabilidades, sejam fatos que possamos resolver fazendo cálculos algébricos ou inventando teorias complicadas e superficiais, muitas vezes traiçoeiras em alta conta. As coisas, por aqui, devem é ser encaradas com simplicidade e objetividade, deixando de lado tratados de sistemas estes ou aqueles, com que na crosta, os formalistas pseudo-sábios engodam os incautos.

O Amor, a máxima conquista evolutiva, filho da Virtude realizada no imo, não é apanágio de ricos ou pobres, sábios ou ignorantes, nacionais ou estrangeiros,

pretos ou brancos... E muito menos ainda de religiosismos estes ou aqueles!

Se, pois, não podemos fabricar Amor para aplicá-lo via oral ou por injeção, está dito que o nosso tratamento parte, sempre, da educação mental. Sem Lei não há Evangelho, e sem Evangelho não há cura!

E dia virá, em que os encarnados terão que pensar e fazer assim, porque tudo tende à simplicidade na Ordem Divina. Custará ainda muito, mas a Finalidade Sagrada impõe que assim venha a acontecer. A falsa ciência dará lugar à Ciência do Amor, em que tudo se resumirá, finalmente, em um irmão querer fazer o máximo bem ao seu irmão, que é de onde surge o ideal cristão, a consciência da vitória final do espírito, a antevisão do Grau Crístico!

Todos somos esperados, no Céu Crístico, por aqueles que já atingiram o píncaro evolutivo. Eles nunca foram filhos do favor de Deus, porque em Deus nunca houve favor. Uma é a Lei de Harmonia e todos terão que com ela acertar contas, durante a escalada evolutiva. E chegar ao Grau Crístico, fora da Lei de Harmonia, por um favor de Deus, seria coisa de se pensar?

Conseqüentemente, meditemos nos céus inferiores, nas faixas do submundo e nas bem pouco iluminadas; pensemos, enfim, nos céus que se sucedem, reconhecendo em tudo isso a Sabedoria Divina. Porque a evolução é lenta, e cada um terá, nos reinos espirituais, o lugar que por suas obras tenha merecido.

E como a realidade é sempre decorrente de alguma lei, não custa nada compreender que ela é letra evangélica e muito rigorosa!

Foi assim discursando, num ambiente reconhecidamente preparado, que um servidor de plano um bo-

cado superior, transmitiu a ordem de construção de uma casa de oração, com o fito de cura. Ali tudo seria feito, informou, com o fim de fazer compreender, a cada um dos presentes, que a cura real vem de dentro e deve ser a procurada fielmente; lições sobre a Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude, disse ele, devem preceder a todos os pedidos, a todos os movimentos de ordem mental.

E foi construindo um prédio, com o emprego da força mental de algumas dezenas de irmãos competentes; eles desenharam tudo, encararam com acuidade a todos os mínimos detalhes, e quando tudo era questão de ação, agiram. Depois houve música e alegria, com a presença de muitos irmãos bastante superiores, tendo no final, com a bênção rogada a Jesus Cristo, vindo das alturas um Alto Emissário, que sobre o prédio deixou cair uma folha como que de papel, onde estava escrito:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus, porque sempre representou Deus. Todas as coisas foram feitas por ele; e do que há feito, tudo por ele foi feito.”

Depois de tudo terminado, o governador da região entregou o escrito a um grupo de artistas, do nosso reino, ordenando que fizessem uma laje, do material mais apropriado que julgassem, para ficar no centro da parede posterior do prédio, por dentro, ou onde costumam colocar o altar dos idólatras.

No dia da inauguração, disse o governador, aquelas palavras de Jesus Cristo, sobre ser Deus, Espírito e Verdade, assim desejando que Seus filhos venham a ser; e

concluiu, portanto, que aquela inscrição era tudo quanto podia haver de mais certo, porque resumia o Poder de Deus através do Cristo Planetário. O Senhor e o Seu Delegado Planetário.

E como o vasto salão estava repleto de enfermos, de variada ordem, foi feita uma preleção pelo mesmo governador, sobre o sentido Moral da vida, porque ele achava, depois de tanto ler e meditar, que esse é o sentido que abrange todos os demais, que dizem respeito aos filhos de Deus. Disse que a parte de Deus é Eterna, Perfeita e Imutável, cumprindo a cada filho realizar a sua parte, sendo que o sentido Moral da vida é o resumo de tudo, porque fora dele nada há de realmente enobrecedor.

Assinalou que todos os cidadãos da região eram livres para ocupar a tribuna e falar, achando ele, também, que essa disposição vinha ao encontro da máxima dignidade de cada um, porque a oração não é privilégio de ninguém, sendo um direito igual garantido pelo Pai Divino, a todos os Seus filhos. Ficava dito, portanto, que nunca um mesmo orador ou presidente da reunião exerceria duas vezes em seguida a mesma função; a oração final era para desejar curas, e seria feita em silêncio absoluto, para facilitar a melhor mentalização por parte de todos. Alguém comandaria, e esse alguém seria qualquer dos filhos de Deus da região.

Ato contínuo, chamou ele o diretor dos hospitais da região, passando-lhe a direção da reunião, para que mandasse fazer a oração, a quem julgasse conveniente. E o diretor chamou um doente, alguém que estava em tratamento, dizendo-lhe:

— Graças ao Nosso Senhor Jesus Cristo, que representa o Criador neste Planeta, na parte sólida como na as-

tral, sendo também o Mestre dos mestres, eu te peço para fazer a oração, desejando curas e bens para todos nós.

O doente, que havia sido na vida carnal um escritor de bons recursos, porém descrente de Deus e de tudo que diz respeito à sobrevivência e responsabilidade do homem, fez ali uma confissão de culpas, que a todos fez derramar lágrimas. E quando orou, um Pai Nosso à sua moda, ninguém o acompanhou sem ser de ouvido, em virtude de ser inventado na hora. Depois, entrando todos em silêncio, ou orando realmente, as coisas mudaram, porque o prédio pareceu sumir, ficando tudo imensamente brilhante, quase impossível de ser bem visto. E no final, lá em cima do cone de luz, vimos muitos espíritos gloriosos, estando entre eles o Mestre dos mestres, com as mãos estendidas, fazendo jorrar muita luz sobre toda a região. O importante, realmente, é que a oração dos presentes estava beneficiando a todos os habitantes da região, os presentes e os ausentes, os que puderam comparecer e os que não puderam, por causa de serviços e outros motivos quaisquer.

Quando tudo havia retornado ao natural, o diretor dos hospitais encerrou a reunião, dizendo que jamais esperaria por tamanha colheita. As graças do Senhor vieram, disse ele, de modo a fazer compreender que a Presença do Cristo é real e não apenas mística, para aqueles que O buscarem de coração. E não é assim que o Cordeiro de Deus prometeu, no primeiro capítulo do Livro dos Atos? E por quê os nossos reinos seriam menos do que a crosta terrícola? Estas ovelhas não são, também, do Seu Aprisco? Ou pretenderão, os encarnados, que a Obra Divina é apenas aquilo que eles pensam que seja? Ou julgarão a Jesus como enganador e mentiroso?

CAPÍTULO 20

BEZERRA DE MENEZES, MÉDICOS E PRETOS VELHOS

“O trabalho socorrista é muito mais vasto do que pensam e sabem os encarnados; e como não há anarquia nem promiscuidade no mundo espiritual, o mecanismo socorrista revela o desdobramento das chefias e subchefias; e Bezerra de Menezes é um grande chefe, e sob sua chefia movimentam legiões de pretos velhos, índios, hindus e caboclos, comandados pelos seus respectivos imediatos”.

“Onde quer que haja um bom trabalho mediúnico, realizado por gente que conheça e muita disciplina reinante, os videntes podem ver e relatar como se distribui o trabalho dos espíritos socorristas”.

Os últimos tempos de Bezerra de Menezes, no plano carnal, foram marcados em nossos reinos, como de preparação arregimentadora, com vistas aos tempos porvindouros, principalmente dos meados do século vinte e um ao ano seis mil; porque o segundo ciclo do Cristianismo será esse, com essa longura de anos. Tudo quanto o Espiritismo fizer, por ora, será apenas sementeira, considerando-se aquilo que terá de fazer, nos futuros ciclos, em caráter de colheitas espirituais.

Como missionário vindo de plano bastante superior, Bezerra de Menezes não se entregou a outro gênero de obras que não fosse zelar pela saúde e evangelizar os irmãos. Não evangelizar pelo prisma dos clericalismos, que corresponde a tirar do Divino Exemplo do Cristo, para transformar em comprador de simulacros; ele o fazia pelo prisma do Consolador reposto no lugar, da volta ao sistema de culto dos Apóstolos, que era em termos de Moral, Amor, Revelação, Sabedoria e Virtude, como bem podeis compreender, no Livro dos Atos, escrito por ele mesmo quando fora Lucas, e nas Cartas dos Apóstolos, onde a Revelação era o marco central das movimentações em geral.

A encarnação é a válvula redentora e evolutiva das almas; quando deve culpas ela facilita repará-las e quando deve-se evolução ela oferece os meios. Cuidar da saúde, quando não haja questão cármica depondo em contrário, é um dever; e uma vez tendo saúde, que se transforme em oportunidades de nobres realizações.

Bezerra passou a vida curando os corpos, como podia, e ensinando a procurar a suprema cura, seguindo os Divinos Exemplos de Jesus Cristo. E no mundo espiritual, seus companheiros de trabalho, empreenderam a organização de núcleos socorristas e educacionais. Seu nome devia ficar ligado a um imenso movimento socorrista, sendo que os socorros teriam de levar, conjuntamente, as lições da Moral, do Amor, da Verdade e da Virtude, porque os ciclos futuros teriam que fazer incidir sobre esses quatro pontos cardeais, o edifício realmente religioso, o trabalho social dos filhos de Deus lotados na Terra.

Teria que ser, diziam, quando ele ainda estava encarnado; agora, poucas dezenas de anos após a sua pas-

sagem, Bezerra de Menezes já funciona como vastíssimo órgão assistencial, tendo a servir essa máquina socorrista, dezenas de milhares de médicos e de outros servidores. Muito complexa é a máquina, se levarmos em conta os mais diferentes rogos que a atingem, vindos de muitos recantos do Planeta, para atingir os mais diferentes reinos deste lado. Não será fácil, temos certeza, a um encarnado, compreender a vastidão dos serviços que nos cumprem, vindos através do nome de Bezerra de Menezes.

Mas existem postos centrais de recolhimento de mensagens; e estes postos as distribuem, conforme as necessidades, de acordo com o trabalho a ser feito. Do serviço puramente médico aos socorros de variada ordem, tudo é feito com rigorosa disciplina e encantadora harmonia. Médicos, enfermeiros, guardas, legiões de africanos, de pretos velhos, de hindus, de caboclos; tudo por ordem, cada facção cumprindo a sua parte, pois na Ordem Divina tudo é por hierarquia, competência e disposição de trabalho. Conforme a necessidade e o merecimento do encarnado que pede, assim a distribuição do serviço é feita. A máquina assistencial é vasta e o seu movimento é disciplinado. Cada servidor, maior ou menor, cumpre o seu dever e faz jus à recompensa. Quem poderia ser o juiz de Deus, para depor em contrário?!

Quando Bezerra de Menezes atravessou de uma vez os umbrais da carne, jamais poderia compreender o que havia feito e como o seu nome iria representar, futuramente, o instrumento de invocação do maior organismo assistencial de nossos reinos. E podemos afirmar que o movimento cresce, que novos postos são montados, porque o Batismo do Espírito trazido pelo Cristo, reposto no lugar com o nome de Espiritismo, invade a humanidade!

Com dois mil anos de atraso, por culpa de Roma, mas o certo é que se cumpre o que Jesus afirma, no primeiro capítulo do Livro dos Atos; e nestas plagas da Terra, o nome de Bezerra de Menezes concentra a maior quantia de chamamentos à Graça da Revelação generalizada por Jesus Cristo.

Depois do desencarne do Apóstolo do Bem, os serviços subiram tremendamente de monta; e subiram também os merecimentos.

Com os merecimentos, tudo acontece. Portanto, fomos convidados a visitar, em reinos superiores, muitos departamentos ligados ao nome e aos serviços que giram em torno dele. Desde a Chefia Central de Bezerra, contando com elementos de muita elevação espiritual, até o mais humilde servidor, o último preto velho ou índio, tudo é por ordem, tudo vem de chefias muito bem organizadas. Há muito que fazer e há muita prestação de contas, para efeito de contagem de merecimentos.

Os religiosismos fazem questão de estatutos e de instituições humanas; querem que Deus seja deles, segundo os seus respectivos exclusivismos; entretanto, quem é que, sendo inteligente, pretenderá que Deus seja analisável pelo homem? Ou que o homem, por si mesmo possa discernir o que seja, em essência? Ou quererá dizer que a Verdade e a Virtude deixarão de se impor pela Vontade de Deus, para ficarem à mercê das relativas concepções do homem?

Eis pois, que concitamos à máxima liberdade para efeito de estudos; que nunca dogmas e ortodoxismos vençam contra o livre exame; e que, muito menos ainda, as ignorâncias a encobrir e os interesses subalter-

nos a defender, criem condições de dificuldade para a prática do Bem.

Não pensem em Deus, a Essência Divina do Infinito, segundo estatutos e instituições humanas; porque Deus é Absoluto e essas coisas são relativas. Encarem o relativo pelo prisma do Absoluto, para que todos os conceitos sejam reverentes ao Pai Divino.

Não pensem na existência da Criação, material e espiritual, considerando que os homens saibam tudo a respeito; porque nas mais altas esferas da vida, filhos de Deus divinamente evoluídos, se inclinam diante da infinidade da questão.

Não pretendam limitar o movimento, de tudo quanto Deus manifesta, porque ainda não sabeis, sequer, o que contém o nosso pobre mundinho.

Não pretendais afirmar tudo sobre a evolução, porque realmente quase nada conheceis sobre a matéria, nem a seu mesmo respeito.

Deveis afirmar a imortalidade essencial de tudo, porque em Deus tudo é Vida Eterna; em nada existe a morte real!

Deveis considerar totalmente a responsabilidade, porque em menor ou em maior dose, ela já os atingiu, pelo pouco ou muito que já conheceis.

Reverenciai a lei das reencarnações, diremos em todos os reinos, porque ela é válvula redentora e evolutiva dos espíritos.

Cultivai a Revelação com inteligência e amor, porque o Serviço de Mensageiria Divina, ou Ministério do Espírito Santo, é desígnio de Deus; além do mais, generalizar a Revelação foi a função missionária de Jesus Cristo. Jesus pagou com a crucificação o direito de ser o Derramador do Espírito sobre a Carne!

Considerai, com inteiro respeito e perfeita liberdade, que sois por Graça de Deus, verdadeiros centros do Infinito; reverenciái ao Pai Divino, de vos ofertar o Cosmo, a Casa Infinita, tudo quanto está ao vosso redor.

Tende sempre em mente a Sagrada Finalidade, o Grau Crístico; acima de religiosismos ou sectarismos quaisquer, colocai a Moral e o Amor, a Verdade e a Virtude, porque assim o fez Jesus Cristo, o nosso Divino Modelo.

Não esqueçais que nos abismos da subcrosta vivem gritando, clamando Senhor! Senhor! milhares de milhares de criaturas que tiveram religiões e muito andaram lendo os chamados livros sagrados; observai que a Lei de Deus, sendo tão curta, é o mais longo documento existente, tanto assim que o Cristo afirmou, de início, que veio para vivê-lo e não para derogá-lo. Perguntai sempre, a vós próprios, qual é a religião que a Lei manda obedecer.

E não espereis o Cristo em carne e osso, porque Ele está atrás de Suas Legiões Mensageiras para, através delas advertir, ilustrar e consolar; e em verdade vos afirmamos, de Ordem Superior, que todos os olhos O verão, através do Espaço e do Tempo, por causa dos poderes mediúnicos e segundo os merecimentos que forem sendo alcançados.

Entretanto, repetimos, religiões e sectarismos nada vos poderão dar de realmente bom; somente a Verdade e a Virtude garantem a Libertação, sendo praticadas e não apenas faladas.

E para todos os efeitos, Deus é o Pai Divino e Jesus Cristo é o Divino Mestre; a Ordem está na Lei e o Exemplo está no Cristo!

SEGUNDA PARTE

PAZ E VENTURA

“À Maria, a Senhora Eleita, a chefe das falanges que socorrem nas trevas, dedicamos a narrativa seguinte, agradecendo enternecidamente a sua graciosa cooperação na transmissão da mesma”.

M.E.B.

ORAÇÃO A JESUS CRISTO

Jesus, Divino Amigo, Verbo do Eterno, a Ti rogamos a assistência das legiões mensageiras.

Síntese de tôdas as verdades, como Cristo Planetário, em Ti aprendemos as leis de Origem, Processo Evolutivo e Sagrada Finalidade.

Do estágio evolutivo em que nos encontramos, consideramos o que há para baixo, na escala evolutiva, rogando por aquêles que, através dos milênios, se encaminharão ao estado de consciência individual.

Igualmente o fazemos, Senhor Planetário, visualizando a consumação crística, a realização da Unidade, seguindo os rumos imortais de Tua orientação verdadeira, amorosa e justa, de Mestre Inconfundível.

No Teu Divino Exemplo, Jesus, reconhecemos o respeito que devemos aos Principios eternos, perfeitos e imutáveis do nosso Pai, o Sagrado Princípio do Todo.

Na Tua Ressurreição Espiritual, ó Divino Amigo, aprendemos a lição da ressurreição final de todos os filhos do Altíssimo.

No Teu Batismo de Revelação, Senhor, aprendemos a importância da Mensageiria Espiritual do Bem, cujos ensinamentos advertem, ilustram e consolam.

E rogamos, ó Jesus, ao Teu Sábio Ministério, que em tôda a Humanidade se faça um novo e glorioso Pentecoste, a fim de que, aprendendo com os Teus Mensageiros, os homens se tornem bons filhos do Pai Divino e fiéis amigos de seus irmãos.

Ponde, ó Celeste Benfeitor, a noção de Responsabilidade na Consciência de Teus tutelados, para que se

sintam juízes em causa própria, aprendendo a comandar seus pensamentos e atos.

Senhor, arrancai de tôdas as Mentas as tendências sectárias, idólatras e pagãs, ritualistas e simuladoras, fazendo brotar nelas a Certeza da Verdade, do Amor e da Virtude, como sendo a que liberta o espírito.

Mestre dos mestres, infundi nas almas, Tuas irmãs que ainda perambulam os planos inferiores da Vida, o sentimento da Simplicidade, êsse que faz reconhecer a igualdade perante as leis de Deus, o nosso Pai Comum.

Celeste Condutor, depositai em cada coração uma gotícula de Amor, para que os mesmos procurem nas obras de Fraternidade o Caminho do Céu, abandonando de uma vez para sempre os religiosismos que retardam a marcha evolutiva dos espíritos.

Cordeiro de Deus, fazei que Teus irmãos reconheçam, na Criação Infinita, nos Mundos e nas Humanidades, o Templo Vivo do Criador, onde todos devemos viver em Estado de Oração.

Divino Amigo, ponde em todas as Consciências a chama da Verdade e da Virtude, para que sintam a importância da Liberdade.

* * *

ORAÇÃO À MARIA

Meiga filha do Eterno Pai, amparai aos que peregrinam os rincões inferiores da vida, para que neles aflore o desejo de Conhecimento, Certeza e Bondade, deixando de parte as idolatrias, os paganismos, os ritualismos e todas as formas inferiores de culto espiritual.

Anjo tutelar das legiões que socorrem nas trevas e nos lugares de dor, atendei ao clamor daqueles que, arrependidos anseiam reencontrar o Caminho da Verdade que livra.

Doce Mensageira do Amor, derramai de vossa ternura maternal sobre os corações aflitos, para que se elevem às alturas do trabalho redentor.

Senhora Eleita, inspirai o sentimento da Verdade, do Amor e da Virtude nos corações de todos aqueles que tendem aos desatinos do mundo, para que não desçam aos lugares de pranto e ranger dos dentes.

Levantai, ó Senhora, dos abismos tenebrosos, a todos quantos erraram por causa dos fanatismos religiosos.

Intercedei, ó meiga estrela, por aqueles que, esquecidos da Lei e olvidados de Jesus Cristo, mergulharam nos lugares de sombra e de dor.

Inspirai arrependimento, ó Maria, às mulheres que desprezaram os sagrados deveres maternais, por cujos erros se encontram penando nos lugares tristes.

Ó ternura, ponde sentimento de Pureza em todos os corações femininos, para que se convertam em verdadeiros anjos guardiães

Sede a Luz, ó Maria, daqueles olhos que não podem ver.

Amparai, ó Senhora, aos que fraquejam ao longo dos caminhos da vida.

Ouvi, ó Símbolo das Mães, a voz dos que não podem falar.

Enxugai a lágrima, ó meiga irmã, daqueles que padecem falta de misericórdia.

Dominadora de paixões, sede o anjo guardião daqueles que temem resvalar nas vielas do pecado.

Consoladora dos aflitos, ungi com o Bálsamo do Amor aos que se encontram de coração angustiado.

Guiai os passos, ó doce amiga, dos que tendem a desanimar em face das torturas do mundo.

Depositai, ó Maria, em todos os corações o sentimento de igualdade perante as leis que regem o Universo Infinito.

Conduzi ao pórtico da Verdade, ó candura, a quem se encontrar perambulando pelos caminhos da inverdade e do crime.

Envolvei com o teu azulino manto, ó Maria, a todos aqueles que procuram as verdades eternas, perfeitas e imutáveis de Deus, através da Divina Modelagem de Jesus Cristo.

Apontai, ó luminosa estrela, ao Testamento da Moral, do Amor, da Revelação, da Sabedoria e da Virtude, para que todos os filhos do Altíssimo encontrem, de uma vez para sempre, os braços abertos do Divino Amigo.

PAZ E VENTURA

Estar em dia com as leituras sobre a Lei de Deus e o Evangelho não significa que se esteja em dia com aquelas obras que a Lei e o Evangelho concitam; porque é muito fácil conhecer, propalar, fazer berreiros aos semelhantes, mas não é fácil viver as lições e ordenanças que os dois excelsos documentos comportam. E é por isso que os abismos da subcrosta e os umbrais estão cheios de criaturas tituladas com as mais variantes colorações religiosas do Planeta.

A bem pensar, ou pensando simplesmente, qualquer um pode chegar à conclusão de que, realmente, a Justiça Divina jamais poderia estar conforme com os exteriorismos que as religiões fabricam e exportam a bom dinheiro, quando nisso ficam, pois com eles costumam, acima de tudo, manobrar governos e impor suas imperativas ditaduras, na certeza de que, pelo fato de serem fabricadas e impostas em nome de Deus, todos as aceitam, cabisbaixos, submissos, pagando ainda para assim se revelarem ignorantes e ridículos.

O único grande tribofe da História é, sem dúvida, o tribofe religioso, pois é aceito e pago, em nome de Deus, curvando-se as vítimas defronte aos tribofeiros, pelo fato de terem sido suficientemente ludibriados. Dir-se-ia alguém, bastante roubado, que viesse por fim a pedir uma ficha de estulto, para em apresentando-a, obter as palmas de uma assembléia de outros tantos infelizes.

Já disse alguém, de vosso plano de vida, que se a metade dos que berram em nome do Evangelho no mundo, vivesse a metade do que o Evangelho ensina, desde

muitos séculos a Terra não seria mais um mundo de guerras, pestes e fomes. Infelizmente, os temas evangélicos são comumente transformados em cabides de vaidades e interesses subalternos, sendo muitas vezes usados para ocultar os mais hediondos crimes. Tudo serve de reposteiro, no mundo, para ocultar vergonhosas ações; e os motivos celestiais, embasados na Lei de Deus e no Divino Exemplo do Cristo, são os preferidos, pois com eles costumam obter, não apenas a justificativa dos erros, mas também as ridículas curvações das próprias vítimas.

Desde remotos dias, no início das Iniciações Fundamentais, e por infeliz acréscimo, depois da vinda do Cristo, grupos de homens, com manias clericais e desejos de mandonismos a todo custo, deram de confundir entre a Verdade e os religiosismos. E de tal modo se aprofundaram no erro, e de tal modo apanharam sempre as gentes desprevenidas em matéria de conhecimentos da Verdade, que conseguiram burlar até mesmo a si próprios; porque muitos dos seus elementos, passaram a acreditar piamente nos engodos por eles mesmos fabricados.

Parece impossível que um filho de Deus, chegue a não confiar na Verdade, no Amor e na Virtude, em práticas sociais, para acreditar em todos quantos macaquismos ritualistas uma plêiade de agrupamentos clericais conseguiu organizar; mas a realidade é simplesmente essa, pois há muitos que, para cumprir uma oferenda mentirosa ou comprar uma indulgência altamente criminosa, passam por cima dos mais comezinhos deveres de Justiça e de Bondade. E é por isso que, todos os minutos e segundos, o plano carnal remete a estes lados, criaturas que ostentam carradas de escapulários e tranqueiras

adquiridas a bom preço e curvações, estando apenas em condições de chafurdar por longos anos nas regiões de sombra e de dor, não só a pagar as lesivas liberdades pretendidas à custa de formalismos pagos, como também o fato de se tornarem propositalmente idólatras.

A Lei de Deus e o Cristo ensinam que a Libertação é filha das ações sociais corretas ou condizentes com eles mesmos, as duas testemunhas fiéis e verdadeiras de que trata o Apocalipse; ensinam a praticar o que é Verdadeiro, Bom e Belo; mas os lastros mistifóricos que a Humanidade consigo arrasta, fazem desprezar o que é justo e imperecível, para correr após aquilo que é caro, comprometedor e ridículo.

Eis a razão por que os abismos da subcrosta e as faixas umbrosas que circundam o Planeta, albergam bilhões de criaturas rotuladas com todos os matizes das mais estranhas policromias religiosistas. Não se duvida de que, se os rotulismos tivessem préstimos, até o próprio Deus, se fosse individual ou antropomórfico, já teria sido derrotado por certos campeões da farândola ritualista. Sucede porém, e com vigor de Eternidade, ser a Justiça Divina acima de ginásticas humanas, bem ou mal intencionadas.

Resta-nos pensar, todavia, quando a Humanidade terrestre irá aprender a lição do bom senso, para confiar na Verdade, no Amor e na Virtude, em obras sociais, em lugar de andar se esforçando para adquirir idolatrias, ou mesmo ouvir discursozinhos histéricos, sobre a Lei de Deus e o Divino Exemplo do Cristo, por parte daqueles que, fora disso, nada mais sabem fazer do que dar maus exemplos.

* * *

Cada centelha espiritual é um Cristo feito ou um Cristo em fazimento; se está feito, trilhou os milhões de anos de auto-elaboração e atingiu a Sagrada Finalidade; e se não está feito, quer dizer que resta fazer-se, tendo que elaborar o que ainda em si mesmo não elaborou. Em Deus tudo é Eterno, Perfeito e Imutável, e Seus Santos Desígnios não voltarão atrás. Faça, ou cuide o homem de seus deveres e direitos, que é tudo quanto lhe compete. Saiba, porém, que diante da Justiça Divina, jamais rótulos religiosos formarão como elementos de outorga celestial, para garantir vantagens que em Espírito e Verdade não foram adquiridas. Pelo contrário, bilhões é que somam o número dos que vergam sob o peso de semelhantes e infernais enganósidades.

Resta aqui prestar homenagem ao Bem-Fazer, ao Amor posto em prática nos atos sociais; porque aqueles que tenham exercitado a Bondade, se perdem na certa com as idolatrias, ou com os escapulários comprados à guisa de absolvições, ganham na certa pelo Amor posto em prática. Tudo é questão de atingir o devido grau de compensação vibratória, de movimentar no bom sentido a lei do peso específico.

Dito isto, em linhas mestras tudo está dito; mas a História de uma galáxia, de um sistema planetário, de um povo ou de um espírito, é a História das movimentações coletivas, em leis, elementos e fatos indispensáveis. Não acredito que chegue alguém ao Grau Crístico, sabendo dizer tudo sobre todos os motivos de felicidade e de tristeza, que no seu caminho tenham aparecido, desde antes de ingressar nos reinos mineral, vegetal e animal, para no seio deste, ao ingressar na espécie hominial, terminar a sua longuíssima carreira. E como seria

desprezível aquilo que fez vibrar, que forçou o despertar de uma consciência?

Para outros fins é importante saber o que vai pelas trilhas do espírito, antes de ingressar na espécie hominial; para nós, entretanto, é a questão Moral que nos importa, porque somos funcionários de um Departamento que trata dos compromissos Morais dos espíritos. Os respeitáveis fatores que dizem respeito aos automatismos e reflexos apenas instintivos, esses não são os nossos, pois a nossa tarefa é lidar com aqueles filhos de Deus, nossos irmãos, que já atingiram a escala da razão, dos jogos intelectivos, das elucubrações mentais; lidamos com aqueles que lidam no seio dos conceitos de Passado, Presente e Futuro, aí se preparando, portanto, para algum dia ingressar no de Eterno Presente.

* * *

Quando alguém encarna cumpre um desígnio natural, submete-se ao determinismo de uma lei simples, cujo fim é fazer atingir a Sagrada Finalidade; se o sujeito sabe ou não, dos porquês, isso em nada importa à lei. Algum dia ele o saberá, e mais do que isso, pois terá que vir a ser um administrador de alta hierarquia, antes de atingir o Grau Crístico. Todavia, é bom perguntar de onde vem, como vem e para o que vem, não de modo genérico, porém específico.

Quando alguém desencarna, também cumpre desígnio simples, porque sair da carne é medida que cumpre a quem encarnou; resta saber, porém, de onde veio e como e para o que fazer, e para onde e como irá, em virtude do que fez ou deixou de fazer.

Existem os abismos da subcrosta, com sessenta e oito subdivisões, tudo pertencente ao Segundo Céu, pois

a crosta ainda está a ele sujeito. Portanto, pode o encarnado vir daí, de uma dessas subdivisões, depois de ser convenientemente preparado. Somam bilhões os habitantes desses lugares e são os que mais necessitam voltar às lides carnis, em termos de provas evolutivas e de expiações necessárias ao reequilíbrio Moral.

Pertencentes ao Terceiro Céu temos sessenta quilômetros de atmosfera terrestre, temos mil e duzentos quilômetros de faixas umbrosas e temos as primeiras zonas de sombra, que dão acesso gradativo aos primeiros rincões de acentuada celestialidade, porém lugares ainda próprios de organizações hospitalares e outros socorros.

Daí para cima ou para fora do Planeta, temos o Quarto Céu, que indo até às fronteiras do Quinto, vai entregando o espírito a elevados níveis vibratórios, até entregá-lo, um dia, ao chamado Oitavo Céu ou Céu Crístico, quando a lei das reencarnações obrigatórias cessa, só vindo a reencarnar em condições de toda liberdade.

Considere-se que mais reencarnam os mais necessitados, e observe-se que todos devem sair de algum lugar, em tais ou quais condições, para tomar um corpo, uma nova ferramenta. Assim mesmo quem desencarna irá parar nalgum lugar, para baixo ou para cima, ou poderá ficar muito tempo na atmosfera terrestre, no duplo astral de tudo quanto a Terra tem, sabendo ou sem saber que é um desencarnado.

Tudo pode ser dividido em três partes:

a) A Origem Divina, a chamada saída de Deus ou da Essência Divina, ou do Ato de Manifestação da centelha, por parte de Deus, fato que excede ao que por ora a nossa objetividade pode alcançar, para discernir;

b) O Processo Evolutivo, a longa jornada através dos reinos, espécies e famílias, até atingir a espécie hominal, no seio da qual realizará a plena conscientização;

c) A Sagrada Finalidade, o Grau Crístico ou de Unidade Vibratória com a Divina Essência Onipresente, Onisciente e Onipotente, que tudo rege por leis Eternas, Perfeitas e Imutáveis.

Só isso, apenas isso, nada mais do que isso, embora isso, por ora, esteja acima de nosso poder de análise. Para definir isso, lembremos, teríamos que saber analisar totalmente o Criador, a Criação e todas as leis determinantes da marcha evolutiva dos espíritos, além de termos que analisar o Espaço e o Tempo, que para Deus é apenas como se não fossem, além de termos que analisar os infintos mundos, todos e cada um em particular, em tudo aquilo que importe em suas verdades intrínsecas, em realidades e valores que a ciência terrestre desconhece.

E ainda assim, quando soubéssemos aplicar toda a terminologia técnica ou científica, explicando assim todas as razões e valores de todos os infintos mundos, estaria o fator Moral, o Centro de Gravidade dos espíritos, a nos sujeitar ao seu desiderato final, pois a Ordem Moral é aquela que realmente importa, é aquela que significa a Balança da Harmonia, da qual ninguém jamais poderá se livrar, porque ela está presente sempre, no espírito, seja ele um Cristo, seja ele alguém que se arrasta nos abismos da subcrosta, purgando hediondos crimes. Se a Ordem Cósmica ou física é aquela que o Cosmo apresenta, como vedes, façam ideia do que seja a Ordem Anímica, a Ordem Moral, que do imo de cada centelha tudo vigia e determina, em matéria de direitos e deveres.

Afirmar que Deus, de Seus filhos, apenas espera Amor, isso é repetir a receita imortal, é aconselhar o que todos aconselham aos outros... Entretanto, ninguém se verá um dia no Céu Crístico, por ter apelado para outro fator básico. Se empatar tempo em muitos outros afazeres é importante, nada é tão importante como produzir atos de Bondade Pura, de perfeita Renúncia. Até onde conheço dos Altos Planos da Vida, a regra do viver é fazer todo o Bem possível, jamais passando pela mente de alguém, prejudicar o seu irmão. A simples ideia de Mal, se houvesse, faria sombra à Luz Divina, com que se vestem as almas cristificadas.

* * *

Vivia eu a minha vida de advogado novato, em pequena cidade do interior, sem ter a menor ideia de casamento. Pensava, é certo, contrair matrimônio algum dia, quando as coisas andassem economicamente melhores. Mas como a cada dia basta a sua preocupação, segundo os ensinamentos do Cristo, também a cada dia compete apresentar o seu coeficiente de novas questões e oportunidades. E nem poderia ser de menos, pois em um mundinho tacinho como a Terra, como haveria progresso, sem que o Criador fizesse jorrar, continuamente, novas modalidades de acontecimentos na vida de Seus filhos? Como irem Seus filhos à Verdade Integral, sem que ela se revelasse, todos os dias, em novas peculiaridades?

Bailes eu os tinha dançado e moças prendadas já havia muitas no rol de minhas amizades; mas Noêmia apareceu, naquela noite festiva, naquele aniversário de gente amiga, e em face de qualquer coisa estranha, que sua presença espiritual revelava, disse eu a mim mesmo, que com ela iria me casar. Quem encarna mergulha as

lembranças de sua história num véu de esquecimento, enfumaça a vista do espírito e veda a passagem de suas observações mais íntimas; porém o sentimento, a impressão que entra pelo coração, mostra com mais facilidade os horizontes da história e dos fatos que ela registra. Assim é que vemos alguém, não entendemos esse aparente estranho, mas de pronto o coração diz alguma coisa, queiramos ou não. E se a razão precisa trabalhar para revelar, o coração abre ou fecha portas repentinamente, causando muitos esforços às modificações porvindouras, quando se fazem necessárias.

Noêmia teve em mim todas as portas abertas, desde a primeira visão, quando a vontade de dançar me fez girar para trás; porque ela estava a um metro, se tanto, de mim, e ao virar tive-a diante de mim, como se fora uma aurora de luz, despontando ao meu espírito, dentro daquele salão de danças, em casa de família amiga.

Ela atendeu, sorridente, e nós atravessamos a noite em danças e conversas felizes, porque seus pais ali estavam, eram tios da jovem aniversariante, e uma vez feitas as apresentações, ficamos unidos por fortíssimos sentimentos de amizade. E com o progredir de tudo, marcamos casamento dois meses depois, para ser realizado um ano adiante, como de fato aconteceu, para um roteiro feliz, para uma vida repleta de graças do Céu.

E como não é possível conhecer mais pessoas sem enfrentar mais problemas, o casamento com Noêmia lastreou três cunhados, um dos quais era padre de profissão e de exercício; isto é, assim ganhava a sua vida e punha, ou julgava pôr, em prática a sua devoção. Era simples, aparentemente manso, tendo para mim bem saliente uma duplicidade de modos, que ocultava com

muito engenho. Ocupava a condição de padre, a de familiar e tinha, também, aferrada tendência à política, manifestando fortes evidências ditatoriais, pois nunca entrava com suas livres opiniões, e sim com suas truculentas exigências, ainda que apenas teóricas. Tudo porém indicava, que se um dia fosse eleito e tivesse outorga executiva, muito mais lhe agradaria mandar com exigência do que observar a lei com elevada reverência.

Entre todos os familiares e ele, para efeitos de religiosidade, as coisas andavam pelas vielas do comodismo eufórico; ele o padre, o salvador da família e o orgulho da parentela toda, e a família e a parentela toda, sempre curvadas a ele através dos ritos. E assim por diante, todos curvados a Roma, que inventou um clero para através dele defender um Império, teve o Império desfeito e o clero a dominar tudo.

Tudo sempre correu em santa paz, nada anuviou a vida familiar, sem ser doenças e mortes, aquilo que é normal. Padre Antônio fechou os olhos para o mundo no dia em que Noêmia, minha esposa, completava quarenta e nove anos; e fê-lo, segundo o mundo, em cheiro de santidade, porque, acreditava eu, tivera a sorte de jamais ter-se metido em política de modo ostensivo. Seu despotismo, aplicado dentro da Igreja Romana, fê-lo não ir além de simples cura de aldeia; ele agia com muita cautela, para não se revelar como de fato o era, mas se traía facilmente, para com os seus superiores, dando opiniões contrárias, pretendendo forçar situações, criando casos e pondo-os alerta. Para o bispo, um homem encanecido e pacato, aquele padrezinho nervoso, cheio de ideias esquisitas, bem que poderia fazer a vida mudar de rumo, ir parar em lugar bem menos sossegado. E tudo isso para

o mundo continuar o mesmo, dizia o bispo, pois nem Jesus Cristo o consertara! Que todos, portanto, fossem vivendo, que bastantes pensares já lhes causava o pastor luterano, desviando ovelhas ou fregueses para outras bandas ou balcões.

Muitos são os vícios e perigosos, mas nem todos são realmente catalogados ou mesmo admitidos como tal, porque escapam ao raciocínio lógico, ao veredito da inteligência superior, e superior porque trabalhada na forja dos estudos e das experiências contínuas. Sem isso, como pensar livremente? Sem isso, como marchar para Deus, deixando para trás os ranços da miséria humana?

Piores do que o fumo, o álcool, a bebida e outros, é a mente viciada no comodismo formalista dos religiosismos. A mente humana, derivada da Mente Divina, deveria ficar sempre acima de preceitos humanos, sempre ligada à Causa Fundamental e Universal, que não admite dogmas, instituições e estatutos humanos, como cangalhas, como peso em cima. Quem sujeita Deus e Suas Divinas Leis a preceitos humanos, a igrejismos, não sujeita realmente a Deus, mas a si mesmo se escraviza, a si mesmo se corrompe e desvirtua.

E padre Antônio fora enterrado sob toneladas de discursos encomiásticos, até havendo quem mandasse esperar “milagres” de seu túmulo, tal a montante de virtudes e galardões que a sua pessoa arrastara em vida. E para nós, os parentes, aquilo era uma participação no Reino das Graças, porque ele era nosso, era privativo do sangue e de bastantes documentos selados e registrados em cartórios. Por cima o tempo mandou chuva, chuva grossa, que a gente do povo ligou ao fado da sorte, porque aquilo que aconteceu com a rica e poderosa família, não

estava, quem sabe, no mérito de alguma pobre gente, se o defunto fosse dela, que não seria rico, padre nem poderoso. As coisas, vistas pelo prisma do mundo, de seus conceitos e dos cômodos de sua multimilenar superstição, não são como são, porém como parecem, como as pintam os olhos vessos do mundo. Aquela bruta chuvurada seria uma praga num enterro de pobres, mas era bênção de Deus num enterro de ricos; e confesso que a minha causídica mentalidade aceitava tudo aquilo, achava normal, mesmo levando em conta que as leis de Deus, regentes da Natureza, não seriam modificadas pelo enterro de mais um filho Seu, que explorara o Seu Nome a vida inteira, para ser servido e festejado por outros filhos Seus, pequeninos e humildes, a grande maioria embutida em tremenda ignorância e pobreza. Aquilo me soava bem, porque um pedaço do defunto me cabia, por ser meu cunhado. O Céu nada avisou, a chuva caiu e rolou normalmente pelo chão, a terra dadivosa também fizera silêncio... Mas tudo aquilo era sorte, a chuva abençoada regara, limpava de alguma coisa a alma do santo padre Antônio... Assim diziam e assim se ouvia e acreditava!

O papel a ser representado pela Justiça Divina, segundo as crenças do mundo, seria o da ignorância e do ridículo, somados, bem somados, para gáudio de todos os cérebros doentios, escravos de ajeitamentos e interesses subalternos. Principalmente destes últimos, pois enquanto o povo ignaro aceita tudo, muita gente se locupleta, materialmente, mesmo sabendo que perante Deus as coisas se passam de outro modo. O bolso, o estômago e outros fatores, queiramos ou não, vivem a nos açoitar a vida inteira, enquanto nos arrastamos sobre a Terra; e de tal modo inculcam seus ditames, que em altas doses pas-

sam para cá, forçando a remorsos e angústias. Não é fácil analisar o homem, quando encarnado, porque mil e um fatores o tornam realmente insondável; as aparências se apresentam prontamente, são logo vistas, porque todos as temos, mas a realidade íntima, todos a escondemos, quem mais e quem menos, e com inaudita capacidade automática. O encarnado parece que vive mais de malícia do que de alimentos e do ar que respira!

E como no Espaço e no Tempo todos os fenômenos se desenvolvem, chegou o dia em que se ouviu uma mulher do povo dizer:

— Sempre vejo padre Antônio correndo, fazendo viagens entre a igreja e o cemitério...

Quem era essa mulher do povo? Quem era essa infeliz que via o santo padre Antônio correndo, entre a igreja e o seu túmulo? Era uma pobre lavadeira, alguém muito pobre, viúva cheia de filhos, que por dizer aquilo perdera ali o seu ganha-pão, pois a rica e culta família a pusera fora da porta, com ordem severa de jamais ali retornar, nem mesmo para pedir esmola.

— Que atrevimento!... — bramiu a minha boa sogra, encarquilhada pela idade, mas cheia de mil certezas sobre o Paraíso em que seu rico e poderoso filho deveria estar.

Entretanto, porque a consciência fala alto em horas que muitas vezes parecem impróprias, a família começou a pensar em rezar missas, muitas missas, centenas de missas, milhares de missas. E a boa mãe de padre Antônio, começou a se fazer mais afim com o rosário, de vez em quando regando-o com suas maternais lágrimas.

— Que diz, você, Artur? — perguntou-me Noêmia, sem se revelar surpresa.

Eu, que não esperava pela pergunta, e que como advogado devia partir sempre da segunda intenção, segundo a escolástica e os dotes da malícia, dei-me a raciocinar, para enfim dizer, vagamente:

— Acho melhor, querida, não dizer coisa alguma...

Noêmia encarou-me bem, enterneceu os seus já bem ternos olhos, murmurando:

— Meu bem, nós não temos certeza alguma... Quem sabe é Deus...

E assim findou a conversa, pairando um abismo entre os conceitos humanos e a Soberana Justiça de Deus, que ninguém encontra de modo materialmente ou individualmente exposta, para com ela discutir, levantar questões, quem sabe ensinar-lhe alguma coisa, que seria do gosto de muitos sobre a Terra.

Como é da ordem natural, fomos enterrando os outros, até que um dia chegou a nossa vez; fomos pela porta simples e boa da Morte, que entrega a domicílio, sem ter nada que ver com o produto, se é melhor ou pior em matéria de qualidades.

* * *

Embora todos estejamos acostumados, multimilenariamente acostumados, a Morte é a Vida que se apresenta com vestes um tanto diferentes, por isso mesmo que parece novidade, feia ou bonita, segundo o estado de merecimento e segundo o estado mental da pessoa. Diremos que ela é igual para todos, mas nem todos são iguais para com ela e suas decorrências. Ela é simples funcionária da Vida, faz apenas a sua parte, mas as decorrências dão ou podem dar muito o que falar, porque a Síntese da Vida é muito simples, mas as minúcias se desdobram ao Infinito. É muito fácil dizer o que é um grão

de areia, mas não é fácil dizer de onde vem, para onde vai, como realmente é e para o que serve, bem como onde poderá vir a estar e como, no curso dos milênios ou da Vida Eterna que tudo em Deus tem.

Sempre tive por lema da vida não pegar causas repugnantes; a mim mesmo me dizia medroso, talvez covarde, mas escolhia minhas causas, porque pretendia dizer a verdade. Um tremendo sentimento de culpa me acompanhava, surgindo dos abismos de minha consciência; e mesmo não sabendo de seus porquês, que vinham do meu histórico, a ele fiquei devendo mil e um favores. E como, por medida de prudência, dava meus trabalhos aos mais pobrezinhos, digo que tive sorte, porque a Morte me entregou nos braços de gente amiga, pouco hierarquizada mas de boa qualidade em questões de sentimento, de préstimos e vasto lastro pelos séculos pretéritos.

Dormi e acordei, logo em seguida ao enterramento do corpo; e se tenho a dizer que a Morte não causa abalos de morte, devo dizer que ela muda repentinamente o panorama exterior, pondo em sérios embarços o mundo dos reflexos interiores, das impressões imediatas e irrefreáveis.

— Tenha confiança em si mesmo, mantenha a mente vigilante, lembre-se de que nascer e morrer é o comum da vida! — dizia-me o professor Silvestre, que fora encarregado de me cuidar, até a entrega do corpo no cemitério.

Porém, que lição tremenda de autodomínio, ver a família reunida defronte ao nosso cadáver, chorando pelo parente vivo diante do corpo inerte, sem poder dizer coisa alguma, remetido irremediavelmente a outro con-

tinente vibratório. Os sentimentos prendendo à esposa e aos filhos, a mente ligada aos destinos do espírito e a novidade da Morte fazendo fremer o campo das esperanças, defronte ao infinito dos fenômenos porvindouros, daquilo que é simples na ordem natural, mas que as incertezas do momento fazem parecer sonhos indecifráveis.

Todavia, como as leis regentes pertencem a Deus, tudo foi acontecendo, vendo eu enterrar o corpo, com discursos e festas intelectuais, achando tudo muito esquisito e interessante ao mesmo tempo, de certo modo pensando que não era comigo ou em torno de mim que se movimentavam aquelas formalidades caudalosas. Nunca me sentira assim importante, cercado de tantas “virtudes de tabuleta”, tudo isso de que se enfeitam as imagens, quando chegam as datas festivas. Sinceramente, vinham à minha lembrança os dias de minha infância, quando os retratos de Santo Antônio, São João e São Pedro eram festejados, eram retirados do porão da casa, limpados e enfeitados, lá de quando em vez comprados novos, para os devidos festejos, para logo mais voltarem ao porão... Tinha chegado a minha hora, pensava, enquanto uns e outros chegavam, diziam coisas tristes e bonitas à minha adorada viúva, fazendo com que ela caísse em repetidos prantos, o que me incomodava bastante, pois ela e eu parecíamos um só, conforme a lição bíblica.

— Quanto falta para o enterro? — perguntei muitas vezes a Silvestre.

E Silvestre filosofava antes, para lacônico responder:

— Isso é assim mesmo! Você vai se acostumar!...

— Acostumar com o que, professor?!...

Ele sorriu, muito brevemente, argumentando:

— Isto é... Se você tiver que servir como eu, em acompanhamento de enterros, logo verá que a coisa se repete tanto, tanto... A novidade, Artur, é para o recém-vindo, e assim mesmo as incertezas e esperanças, bem como esse sofrimento todo causado pela separação dos entes queridos... Nós, entretanto, que fazemos isto há muito tempo e por obrigação funcional, achamos até bastante monótono esse negócio de morrer...

Silvestre fora meu professor ginásial, talvez um pouco aparentado de bem longe, homem simples e de língua solta, isto é, de coração na boca ou franco a todo custo. Alegre, tomando a vida como era, sabendo fazer amizades e gozando em mantê-las. Deixara longa progênie e muito bom rastro sobre a Terra, saudades incontáveis, e para mim fora muito bom tê-lo ao meu lado na hora do desprendimento. Se vinha encontrá-lo como receptor de novatos junto aos impérios da Morte, isso não poderia eu dizer porque, em que grau da engrenagem do imenso maquinismo se fundamentariam os motivos. Mais tarde eu o saberia.

— Então, professor, isto não lhe parece um sofrimento tremendo?!...

Ele encolheu os ombros e comentou:

— Pode ser que pareça, como não, meu caro Artur... Mas quem vai mudar isso que é por Deus?... Lembre-se, acima de tudo, que você teve a sorte de ser imediatamente recolhido... Pior seria, Artur, acontecer isso e você estar endereçado aos lugares de pranto e ranger dos dentes...

Devo ter apresentado uma careta muito expressiva, pois ele completou:

— Sim, senhor!... Você pensa que Jesus falou aquilo tudo em vão ou para ter como empatar o tempo? Há

criaturas que nem sabem que deixaram o corpo, tal o estado de atraso, ignorância, confusão e dores em que o fazem...

— Vão parar no inferno!... — exclamei, sentindo alegria imensa, pelo fato de ter merecido outra direção.

— O nome certo eu não sei, Artur, mas a verdade é essa mesma; acho até que nomes não importam, o que importa é não parar nesses lugares medonhos, seja pouco ou muito tempo, porque aqueles que de lá vieram, com quem tenho falado, contam coisas horríveis.

A conversa andava nessas alturas, quando a hora do enterramento do corpo chegou, e tudo depois aconteceu, como ficou dito anteriormente. A seguir, ou depois do enterramento do corpo, fui dormir. Quando acordei, estava deitado ao lado de formoso riacho, no meio de vasta campina florida, um verdadeiro tapete de flores que não deixam de ser fragrantes e perfumadas. Um indizível prazer espiritual me invadia e, por isso, dei-me a levantar depressa, olhar ao redor, respirar aquele ar perfumado, tismado de um não sei quê celestial, esse sentimento da Presença Divina que se tem nos lugares de Paz e de Luz.

Observei a planície florida, os montes distantes, o céu de um azul puríssimo e o voejar de aves e borboletas maravilhosas; vi que a certa distância perambulavam alguns homens, notando que um deles vinha ao meu encontro, ou pelo menos na minha direção. E como tivesse vontade de conversar com alguém, de entrar em contato com a nova condição de vida, fui-me ao seu encontro, vindo a estacar diante dele, sem dizer coisa alguma, apenas observando que era feliz, saudável e risonho, parece que revelando uma intimidade qualquer, que eu não podia no momento explicar ou admitir.

— Sou apenas um servidor... — disse ele, — Como são vários os que dormem para se refazerem, uns tantos guardas perambulam pela campina, a fim de atender aos que porventura venham a carecer de socorro...

— Neste lugar de Paz e Ventura celestiais alguém pede socorro?! — perguntei, interrompendo-o.

— Embora seja de Paz e Ventura, como diz, alguns aqui aportam com os seus dramas em continuação. Isto não é o Céu Crístico, nem mesmo um Céu muito inferior ao Crístico, mas de elevada capacidade vibratória, onde os recém-chegados podem estar absolutamente livres de certos percalços. Quem aqui chega, tanto pode estar um pouco melhor, como um pouco pior, nada além disso...

Estava gostando da conversa, principalmente notando que tomava caráter técnico, e de uma técnica que fugia aos meus conceitos de celestialidade. Essa questão do Céu ou de Céus, para quem passa uma vida inteira comprando formalismos clericais, não voga bem a quem chega ao mundo espiritual, todo ele totalmente diferente das mesmas encomendas formais. Portanto, procurei dar andamento à conversação, perguntando:

— Você conhece bem o problema dos Céus?

Afável, de uma afabilidade nada formal, toda absorvente, respondeu:

— Como você virá a conhecer, pelo Mapa Diagramático, uma vez que, para conhecer praticamente, necessário é evoluir praticamente.

Antes que entrasse em detalhes, perguntei sobre o ponto que mais me interessava:

— Como é esse Mapa Diagramático?

— É o Atlas Astral do Planeta, nada mais. Mostra o Planeta sólido e os Céus astrais, que vão do seu interior

até certa distância, para o exterior, até atingir a fronteira vibratória do Céu Crístico. Quando estiver familiarizado com o Mapa Diagramático, verá que a questão não reside em dar muita atenção ao que a Deus compete, e sim ao que nos compete, que é atingir o Céu Crístico o mais depressa possível. Isto é o que nos cumpre, é ao que chamamos evoluir praticamente, aquilo que não é apenas conhecimento teórico.

— Nunca ouvi dizer isso lá na vida carnal...

Ele deu continuidade, depois de fazer um gesto de lamentação com a cabeça, como a dizer que, infelizmente, as religiões se importam muito com os formalismos que engordam orgulhos e vaidades, em lugar de cultivar o máximo respeito pela Verdade:

— Nem eu tinha ouvido dizer isso, nem muitas outras verdades mais, que vim aqui encontrar. Por lá tudo cheira a conceitos e preconceitos humanos, de sorte que, quando se pensa estar adorando ou servindo a Deus, se está fornecendo farto material de monopólio aos engodos religiosos. Enquanto aqui se aprende que o Pai deseja de nós Verdade, Amor e Virtude, traduzidos em obras sociais, por lá a coisa funciona em termos de ritualismos comercializáveis, com grandes somas votadas em favor dos orgulhos nobiliárquicos, que no curso dos milênios criaram raízes profundas no arcabouço da humanidade.

— É lastimável!... — murmurei, entrando a meditar sobre mil e uma questões, porém sem articular palavra, para que o guarda fosse avante com as suas considerações.

— Sim, é lastimável... Até parece que as religiões, na Terra, nada mais fazem do que servir ao Mal em nome

do Bem... Pelo menos, meu irmão, podemos afirmar que há uma diferença muito grande entre as verdades reais e os interesses de grupos religiosistas.

Naquele momento, pouco adiante, um vulto se pôs de pé, começando a berrar e a correr pela campina; e o guarda volitou no seu encalço, deixando-me sozinho, ou em companhia de minhas elucubrações. Pouco depois, havendo retornado, sem fazer referência ao caso, perguntou-me:

— Quer ficar mais um pouco por aqui, antes de ir para a sede da região?

— Antes gostaria, — repliquei, — de saber como terminou o acidente... Pareceu-me que o nosso irmão não estava bem...

Ele deu de ombros, sorriu e disse:

— A sua interpretação do caso, irmão Artur, bem prova que não conhece destes misteres; isso nada tem de acidente, é apenas o normal por aqui, como já lhe falei antes. O tal irmão, como viu, saiu correndo e gritando, de medo da Morte, da desencarnação...

— Mas se ele já morreu!... — atalhei.

Novo sorriso e nova explicação singela:

— Mas ele não é obrigado a saber isso, logo após a desencarnação. Sucede, também, que deixou a carne por motivo de doença cardíaca prolongada, por cujo motivo sofreu angústias horríveis, que o traumatizaram mentalmente. E, para o seu governo, vá desde já observando, que tudo isso é normal, importando apenas o fato de que é necessário ampará-los na hora certa e com os recursos certos. Nunca, por aqui, faremos o que fazem os religiosismos terrícolas, que depositam confiança nos seus rotineiros formalismos, deixando de parte a essên-

cia das questões. O lema, por aqui, é atacar o centro de gravidade das questões, e esse, pode estar certo, não é com exteriorismos idólatras que serão resolvidos.

— Eu lhe agradeço as lições e lhe peço que me encaminhe à sede da região, pois estando encantado com tudo isto, desejo ser útil o mais breve possível. E se me quiser responder, diga-me sobre o fato de saber o meu nome, pois ainda há pouco me chamou por ele.

Ele me reclamou a mão, apertou-a com efusiva alegria e disse:

— Você, Arthur, foi meu benfeitor no mundo... E eu pedi para ser o primeiro a lhe falar, ao acordar do sono reparador. Por ora, nada mais quero dizer, sem ser que muito feliz me considero, de tê-lo servido.

Mostrou-me o caminho, dizendo:

— Siga o riozinho, pois ele atravessa a cidade... E, lembre-se, não faça caso de algum perturbado que possa encontrar pelo caminho, pois os que estão servindo são muito competentes e bem controlados.

Nas regiões de Paz e Ventura há um Amor que brota do imo de tudo e de todos, e a este Amor eu tenho atribuído todas as alegrias destes rincões maravilhosos; e se é certo que ainda estamos muito longe do Céu Crístico, também é certo que tudo isto, apesar de muito inferior ainda, deixa longe, muito longe, aquilo que as estultices religiosas da Terra apregoam.

* * *

Não sei quanto tempo terei demorado na caminhada, pois fui observando as belezas da natureza. Com aquela graça que tudo tem, e mais um sentimento profundo de Amor que invade a vida em geral, não se tem pressa para nada, sem ser na hora de atender alguém, de

fazer um bem, de ter a santíssima oportunidade de pôr em prática o sentimento de fraternidade.

Ao chegar ao topo da colina, de onde se descortinava o panorama da cidade, os olhos se me encheram de lágrimas; parece que de dentro, das profundezas de mim mesmo, alguém dizia que eu voltava ao meu lugar de partida. E como aquele sentimento de Deus Presente me dominava intensamente, dobrei os joelhos e orei, caindo num pranto, de tamanha alegria, que ninguém poderia jamais traduzir em letras de forma.

Levantei-me e prossegui, até o local em que o riozinho fazia uma curva, para depois entrar na cidade, que mais parecia um jardim entremeadado de casas. Não esperava, entretanto, que um grupo de cidadãos da cidade me viesse dar as boas-vindas, ao transpor o marco de entrada da mesma. Entre eles estava Silvestre, tendo sido ele o apresentante de todos, que, disse, já eram do meu conhecimento, porque dali partira eu para reencarnar.

E fomos ao governador da cidade, um irmão que na encarnação fora político de não poucos valores, porém incompreendido, razão por quê veio a desencarnar muito cedo, atacado de mal cardíaco. Embora tudo certo, porque fatores cármicos assim determinassem, mas a realidade é que, infelizmente, na Terra, bem pouca coisa é feita com o sagrado objetivo de atingir os supremos desideratos do espírito. Tudo ainda é feito em termos de concorrência, de invejas, de falsidades e de traições, enquanto se fazem discursos laudatórios a bem da humanidade e das indispensáveis instituições basilares.

— Terá uns dias de folga, — disse o governador da cidade, — para rever tudo quanto quiser... E não diga que vai dispensá-los, porque terá que aproveitá-los e

muito, fazendo muitas perguntas e ouvindo bastantes respostas.

E enquanto me dava o seu abraço amigo, entressor-rindo observou:

— Não pense, por ora, em visitar a família, que seria menos interessante para si e para os seus; lembre-se de que tem amigos que tudo já providenciaram, conforme o possível, pois é natural que as condições e situações, criadas na Terra, representem lições imperiosas, traduzem aprendizados indispensáveis ao despertamento da consciência.

Agradei por tudo, como melhor pude, prometendo que, em breve, gostaria de fazer pelos outros, uma partícula daqueles bens de que estava sendo objeto. E foi assim que partimos rumo ao meu novo domicílio, onde fui reencontrar alguns parentes distantes, pois os mais próximos haviam já reencarnado, alguns no próprio seio familiar, o que muito me fez sentir alegria.

Estando com a esposa, os filhos e os pais encarnados, e sendo os parentes de boa distância, tive facilidade em fazer de toda a comunidade a minha família. E digo isto com algum embaraço, porque só seremos grandes de fato, quando o sentimento de irmandade for capaz de abraçar a humanidade cósmica, assim como por ora abraçamos o mais querido parente, aquele que pareça ser a razão de ser da nossa própria vida. Tal é o destino glorioso dos filhos de Deus, todos eles, pois que filhos especiais nunca os fez ou teve, dizem os grandes mestres que de mais altos planos vêm, para nos falar e envolver com a grandeza de suas luzes, com o poder de suas auras benfazejas.

Silvestre me apresentou a certo irmão, dias depois, dizendo:

— Conhece-o, Artur?

— Tenho certeza que sim, mas de onde não me recordo — respondi.

— Funcionou como seu Anjo de Guarda, como dizem; seu nome é Solano, que foi o último usado na Terra. E não tenha para com ele medidas especiais, porque tudo é simples, é normal, além de ter sido você, já, o seu Anjo de Guarda.

Nos abraçamos, carinhosamente, como irmãos do coração, tendo-lhe eu agradecido por tudo quanto teria por mim feito, aquilo que eu de modo algum poderia aquilatar, visto nada entender de tais assuntos, de modo prático. E com esses e outros acontecimentos, a montante amiga crescia, dia a dia, enchendo minha vida de imensas alegrias e fartíssimas obrigações de puríssima amizade.

Devo dizer que o caso do meu cunhado, padre Antônio, começou a tamborilar no meu cérebro, cada vez mais intensamente. E se nada disse aos mais chegados, que eram Silvestre e Solano, porque os parentes tinham ocupações muito diversas, foi em virtude de reconhecer que eles conheciam os meus pensares e desejos. Eles, pensava eu, diriam sobre a questão o mais certo e útil, assim que fosse chegado o momento. Entretanto, mais de uns três meses depois, fui perguntado:

— Quer estar presente a uma aula?

— Quero estar, onde quer que seja que possa aprender ou ser útil.

— Então, logo mais, que vai estar de folga, venha me procurar em casa, que juntos iremos a essa aula.

E lá estava eu, na hora, entrando pela casa adentro, onde alguns outros amigos também estavam; a residên-

cia de Silvestre estava sempre cheia de visitas, nas horas determinadas, certos dias, em virtude dos serviços que prestava, pois era chefe do grupo de guardas, que funcionava naquela planície, onde eu dormira para efeito de recuperação perispiritual.

Partimos dali, rumo ao Salão de Conferências da cidade, a fim de assistir a aula, para a qual fomos convidados. E para o achatado prédio, plantado como um enorme repolho no centro de formoso gramado, adentramos poucos minutos depois, mesmo andando a pé. Notamos que os salões internos se dividiam em forma de V, com o vértice para dentro, observando assim a simetria do prédio. E como no centro havia uma cúpula, avisou-nos Silvestre que ali estavam instalados os aparelhos de projeção. Isto é, que para as trinta e tantas salas se distribuíam canais especiais, para as devidas ilustrações durante as aulas, quando se fizessem necessárias.

Ali, foi dizendo, projetavam desenhos e mapas, de galáxias, sistemas planetários, planetas, satélites, nebulosas e diagramas em geral, além dos diagramas em geral, de espécies minerais, vegetais, animais, etc. Disse-nos da importância do ser humano, com as sete coroas energéticas ao redor da centelha, ativando o corpo perispiritual e o físico, quando encarnado. Falou de cada chacra ou plexo, os sete, cada um correspondendo a uma coroa, enaltecendo a importância do seu desenvolvimento, até a formação, ao atingir a espécie humana, para depois se dilatarem e observarem a ação convergente, ou unificação de todos no plexo coronário, ao atingir o Grau Crístico.

A conversa se alongou até o momento da entrada de um grupo, chefiado por um velhote muito alto e sim-

pático, e grupo que foi instalar costados lá na frente, a uns dez metros do painel vítreo que ficava nos fundos, ocupando toda a largura da parede.

Como eu nada de mais observasse, perguntou-me Silvestre:

— Não viu alguém do seu parentesco no grupo?

— Não.

— Seu cunhado está ali no meio...

— Padre Antônio?!...

— Sim.

— Que faz ele?

— Prepara-se para reencarnar, Artur.

— Ele está bem, Silvestre?

— Agora está melhorando...

— Esteve mal?

— Muito e muito tempo...

— Por quê, Silvestre?

— Porque a Justiça Divina funciona divinamente, Artur.

— Ser padre compromete?

— Até certo ponto, Artur.

— Que ponto, Silvestre?

E o diálogo parou, porque uma campanha sinalou o início da aula, que foi apenas uma leitura, feita por aquele encanecido irmão, com um vigor tal de voz, que mais parecia um dardo fumegante a penetrar nossas mentes.

De pé, sozinho lá na frente de todos, bem encostado ao painel, começou a ler:

“LEMBRA-TE”

1 – Que Deus, a Essência Divina que tudo cria, sustenta e destina através de Leis Eternas, Perfeitas e

Imutáveis, é por si mesmo Onisciente, Onipresente e Onipotente, pairando acima de todos os conceitos e preconceitos humanos, crentes ou descrentes;

2 – Que a Criação, espiritual e material, que enche o Infinito, do que todos somos parte e relação, não a manifestou Deus segundo os caprichos religiosistas ou não de quem quer que seja;

3 – Que o Movimento, ou a lei que a isso força, obriga tudo e todos no sentido da Finalidade, também sendo acima de manobrismos sectários quaisquer;

4 – Que a Imortalidade é normal no que deriva de Deus, nada devendo aos conchavismos religiosistas ou não dos homens;

5 – Que a Evolução é lei simples, queiram ou não as crenças ou descrenças humanas;

6 – Que a Responsabilidade cresce nos espíritos, sempre em correspondência com o crescimento em conhecimento de causa, nada havendo que possa depor contra;

7 – Que a Reencarnação é lei comum na Ordem Divina, é a válvula redentora e evolutiva dos espíritos, aceitem ou não os fanatismos religiosistas de quem quer que seja;

8 – Que a Revelação é Instituição Divina, com a função de advertir, ilustrar e consolar os filhos de Deus entre si, funcionando nos mundos e intermundos, saibam ou não os homens, gostem ou não os religiosismos humanos;

9 – Que a Habitação Cósmica é uma herança de todos os filhos de Deus, que nada deve aos conceitos humanos, crentes ou descrentes, ditos sábios ou ignorantes;

10 – Que a Sagrada Finalidade é um Desígnio de Deus, não havendo quem possa eliminá-la;

11 – Que os Dez Mandamentos constituem o Código de Conduta, contra o qual se reberntarão todos os erros humanos;

12 – Que a Lei de Deus e o Cristo sintetizam a Moral, o Amor, a Revelação, a Sabedoria e a Virtude, sendo as duas testemunhas fiéis e verdadeiras de que fala o Apocalipse;

13 – Que a Verdade que Livra é o cultivo da síntese da Lei e do Cristo, a VERDADE, o AMOR e a VIRTUDE, jamais havendo argumentos religiosistas ou formalistas que possam substituí-los;

14 – Que a Autoridade Doutrinária pertence à Moral, ao Amor, à Revelação, à Sabedoria e à Virtude, jamais podendo pertencer a homens e a instituições humanas;

15 – Que no AMAI-VOS UNS AOS OUTROS está resumido tudo, em matéria de deveres morais, importando aos filhos de Deus cumprir esses deveres, visto que a parte de Deus não depende dos homens e de suas concepções;

16 – Que a Religião é o cultivo da VERDADE, do AMOR e da VIRTUDE, que sintetizam os ensinamentos da Lei de Deus e do Cristo, e que devem ter absoluto emprego nos atos entre irmãos;

17 – Que o Reino de Deus é de ordem interna, é a Glória que deve ser desabrochada no íntimo de cada um, pelo desabrochar das virtudes espirituais em geral, que se resumem em VERDADE e AMOR;

18 – Que a Volta do Cristo é sobre as Legiões Consoladoras, a quem cumpre advertir, ilustrar e consolar os irmãos entre si, assinalando que é bem-aventurado todo

aquele que, tornando-se consciente, venha a tomar parte nesse Divino Ministério;

19 – Que é infeliz aquele filho de Deus, em quem a Justiça do mesmo Deus encontrar sem VERDADE, AMOR e VIRTUDE, pois nenhuma artimanha religiosista poderá jamais dar-lhe Paz e Ventura;

20 – Que o conhecimento das VERDADES FUNDAMENTAIS constitui o CÓDIGO IMORTAL, pairando acima de religiões, filosofias, instituições e estatutos humanos quaisquer, porque vigora no templo da consciência, responsabilizando totalmente o filho de Deus;

21 – Que só existe uma Unificação necessária, que é entre o Pai Divino e Seus filhos, e que fora da VERDADE, do AMOR e da VIRTUDE, jamais poderá ser realizada;

22 – Que a Era Cósmica convida todos os filhos de Deus para um encontro com o BOM SENSO, a fim de atender a Jesus Cristo, cuja bandeira branca, tendo no centro escrita a palavra AMOR, convida ao abandono dos preconceitos em geral, para que o Reino de Deus possa desabrochar no íntimo de todos, marcando a entrada deste Planeta no âmbito de outras dimensões vibratórias;

23 – E que é bem-aventurado aquele que assim reconhecer, reconhecendo no Espiritismo o trabalho de Elias que, consoante a profecia do Cristo, com esse nome repôs as coisas no lugar, no curso de três encarnações consecutivas.

Ao término da leitura, pediu uma oração endereçada a Deus, a Primeira e Total Potestade, aos Cristos Planetários ou Segunda Potestade, e ao Consolador ou Ministério da Revelação, a Terceira Potestade.

E foi então que se deu o inesperado, pois o prédio pareceu sumir, vendo-se o céu referto de brilhantes es-

trelas, céu que também se foi tornando brilhante, cada vez mais brilhante, até tornar-se visível o glorioso semblante de Jesus Cristo, que estava engastado no centro de multidões de gloriosos espíritos, estando bem próximo as chamadas Três Marias, rodeadas de legiões de maravilhosas criaturas, tudo numa festa de luzes e esplendores celestiais, tal como seria impossível descrever.

Ao cabo de tudo, o prédio ali estava, tudo em ordem, tudo natural, porém atapetado de pétalas de rosas brancas, perfumadas e vivas, assim como tudo é nestes rincões maravilhosos, sem que se saiba como e porquê, a não ser o fato de se sentir a Presença Divina, de modo simples, puríssimo, sem a farta e repugnante intervenção dos ritualismos terrestres, desses engodos que, exercitados em nome de Deus, engordam bolsos, estômagos, sexos, orgulhos e vaidades truculentas, de homens despidorados, fingidos de ministros de Deus, fantasiados e que têm o direito de comprar e vender o que é Sagrado, só porque lidam com gente ignorante, tão ignorante que não acredita na VERDADE, no AMOR e na VIRTUDE, para acreditar em bagunças clericalistas.

* * *

Depois que o velhote disse estar finda a aula, estando todos consequentemente livres, Silvestre avisou-me:

— Quero te apresentar ao ex-padre Fabiano e também deixar-te livre, para conversar com o teu cunhado Antônio. Leve em conta, Artur, o estado de acanhamento em que possa cair o teu cunhado... Não pergunte coisa alguma sobre onde esteve e como esteve... Compreenda que a Justiça Divina basta, para dar a cada um segundo as suas obras, sem haver necessidade de que um irmão coloque mais peso sobre os já pesados débitos de outro irmão devedor.

Calei-me, embora estivesse com a mente ocupada por mil e umas indagações, inclusive aquelas que diziam respeito ao ex-padre Fabiano, que sendo padre, teve outra sorte ou destino, pelo que se via. Mas Silvestre, olhando-me bem, entrou a dizer:

— Você pensa no caso de Fabiano, que veio bem da carne, apesar de ter sido padre ou mercador de idolatrias. Lembre-se de que muita gente boa seguiu os erros de Roma, sem saber o que estava fazendo; lembre-se de que o importante são as obras de humanidade, fora de questões religiosistas, e que esse irmão Fabiano viveu, para a sua felicidade, pedindo aos mais ricos para dar roupas, comida, remédios e quantas bondades pôde aos pequeninos do mundo. Assim como você deu trabalhos jurídicos aos mais pobres, assim como você não defendeu causas repugnantes, assim mesmo ele confiou nas obras de fraternidade, criando para si essa quantia de Paz e Ventura, com que você o vê galardoado.

Ainda continuei calado, mas com a mente fervilhando, motivo por que Silvestre aduziu:

— Seu cunhado, entretanto, andou envolvido em adultérios e outras porcarias, orgulhos e vaidades, além de confiar no ritualismo e nas possíveis vantagens clericais. Como temos dito, Deus não quer filhos padres, sejam quais forem as colorações sectárias, mas sim filhos decentes, cultivadores da VERDADE, do AMOR e da VIRTUDE. Aí tem você, de pronto e em síntese, a história toda...

— Fico-lhe muito grato pela explicação, amigo Silvestre.

Ele virou-se presto para mim, emendando:

— Lembre-se de que poderíamos estar nós no lugar dele, ou em lugar e condições muitíssimo piores,

amigo Artur, porque se a Terra é um mundo perigoso, nós temos em nós as piores marcas cármicas, que nos induzem a desvios horripilantes, fabricantes de tenebrosas prendas infernais, fontes de desarmonias íntimas que podem custar milenares anos de ressarcimento. Como, pois, enxergar o mosquito no olho do próximo, deixando de considerar o camelo que temos no nosso?

E fomos na direção do grupo, que saía em companhia do ex-padre Fabiano.

Frente a frente com o meu cunhado, esbocei satisfatório sorriso, mas em breve retrocedi, porquanto ele baixou a cabeça e derramou lágrimas abundantes, não de alegria, mas de pesar. Assim envolvido, também fui conduzido àquele estado emocional. E quando olhamos ao redor, os amigos e companheiros nos haviam deixado a sós, para termos liberdade e não sentirmos ainda mais alguma possível tortura moral.

Passado tudo, Antônio falou, dizendo que sabia de minha volta, por lhe haverem dito os amigos e parentes, com quem tivera contato, através de uma sessão espírita, dois ou três dias antes.

— Sessão espírita?!...

— Sim senhor, sessão espírita... Foi ali que ganhei consciência do meu estado... Lembra-te da lavadeira de mamãe?

— E bastante!...

— Pois está muito velhinha e bem alentada de espírito...

— E não morreu de fome, pelo fato de lhe tirarem o trabalho, quando disse a verdade que devia dizer, pois não?

Antônio voltou a mim, perguntando:

— Como é isso, Artur?

— Poucos dias depois da sua passagem, disse ela, em casa, que te via constantemente correndo, do cemitério para a igreja, e da igreja para o cemitério; e como a nossa gente pensasse de outro modo, puseram-na fora de casa, com ordem de nunca mais aparecer, nem mesmo para pedir esmola, se viesse a precisar.

Antônio enterneceu-se, murmurando:

— Quem pode lá saber, onde o Bom Deus semeou as Suas Graças?... Ela deu-me à luz da realidade, quando a hora chegou... Que o Bom Deus a recompense e perdoe os nossos parentes, porque se a ignorância é pecado, muitos deles têm eles para arrastar pelos dias afora, como eu arrastei!...

— Você falou em parentes... Alguém nosso foi visitar a lavadeira?

— Noêmia... A minha irmã e sua esposa... A nossa compreensiva Noêmia foi a ela, no seu Centro Espírita, pois agora é um Centro, com o intuito de saber de você, e soube de mim, também, porque o Bom Deus determinou que fosse instruído, tratado e recolhido a este lugar, de onde deverei em breve sair, para reencarnar.

— Soube disso, Antônio, da parte de Silvestre; convidou-me para a aula, com o intuito de nos prodigalizar encontro. E quanto a mim, saiba, nada tive e nada tenho contra pessoas da família, pois vivia minha vida como melhor pude, procurando fazer o Bem, tal e qual como por lá podia entendê-lo. Creio que para um advogado é bastante, não acha?

Antônio assentiu com a cabeça, com ar muito pensativo, para depois comentar:

— Para um advogado é bastante!... Mas para um padre, que pretendia vender o Céu a peso e a retalho, que representa ficar dezenas de anos em tal estado, correndo entre a igreja e o cemitério, como uma tempestade em forma de homem, nada podendo fazer por si e muito menos pelos outros?

— Você ouviu bem a lição de hoje, Antônio?

— Não ouvi, apenas... Devorei o quanto pude!...

— Eu também... Nunca pensei que em tão poucas palavras coubessem tamanhas lições! Tinha a impressão que Deus falava pelo velho ex-padre Fabiano!

— Foi um homem de elevada moral e rico em piedosas qualidades; não foi a religião do mundo quem lhe deu o que tem, que poderia guindá-lo às mais altas esferas, mas sim a Moral e o Amor, essas armas contra quem as trevas jamais poderão triunfar.

— Eu também estou aprendendo outras lições...

— Aqui a gente sente a Presença de Deus e se entrega à simplicidade... Lá na carne a gente sente os ímpetos do bolso, do estômago, do sexo, do orgulho, de uma caudal interminável de animalismos desbragados, que parecem querer devorar até os mais recônditos pensamentos de Bondade, já não digo de Verdade, porque a Verdade é muito mais, é tudo quanto há de Divina Realidade!

— Bem, Antônio, a vida é Eterna e a Evolução é lenta, sendo a Sagrada Finalidade um fato garantido por Deus. Ainda que errando, que descendo aos rincões de pranto e ranger dos dentes, de lá se sairá, para a marcha em busca do Reino de Deus, que temos dentro de nós mesmos.

— Você viu como as coisas se passaram, durante a oração?

— Vi muito pouco...

— Por quê, Antônio?!...

— Porque Fabiano disse que cada um tem a visão da Verdade, assim como merece ou faz por merecer... Eu vi apenas o Divino Mestre, que representa a Verdade, pendurado no lenho, no alto do Calvário... E creio que é muito...

Tornamos a derramar lágrimas, pois a situação de Antônio era mentalmente dolorosa, e eu dela participava, e com muito gosto, pois sentia que éramos irmãos, não apenas cunhados. Basta que seja um plano de Luz, Paz e Ventura, para se ter vibrante a mais intensa sensação de irmandade; e isto força a tomar parte nos fados ditos alheios.

Bem pelas tantas nos recolhemos, se formos atender aos fatores geográficos do mundo. E devemos assim fazer, porque no Céu em que me encontro, e em sua subfaixa, as condições são muito ligadas ao Planeta sólido. Apesar de tamanhas considerações, lágrimas e tudo mais, a despedida momentânea foi em termos de alegria e de vigorosas esperanças de melhora. Afinal, consideramos, a vida é Eterna.

No dia seguinte, portanto, encontrando Silvestre e Solano juntos, perguntei:

— Por que meu cunhado viu aquela gloriosa visão de modo diferente?

Silvestre comentou:

— Qual de nós está, aqui, vendo a total Presença de Deus? Entretanto, lembremos, se Jesus Cristo aqui estivesse, poderia dizer da Presença Divina aquilo que para nós seria impossível, talvez, até mesmo conceber. Assim sendo, consideremos que o modo geral é esse, e que nas

especificações, os acontecimentos tendem a observar essa diretriz. Portanto, cada um viu segundo diferentes dimensões vibratórias, como é de lei.

E colocando as mãos no meu ombro, avisou-me:

— Vá perguntando sempre... Mas vá raciocinando sobre os fatos, porque nunca encontrará mistérios e milagres pela frente, na Ordem Divina. Tudo é segundo leis eternas, perfeitas e imutáveis, e com elas temos que harmonizar, se quisermos progredir na escala hierárquica, isto é, se quisermos fazer crescer o Reino de Deus que temos dentro de nós mesmos, como o Cristo deixou avisado.

— Então, — comentei, — as religiões terrícolas andam todas fora de esquadro, longe de interpretar a Soberana Vontade de Deus.

Solano interveio, ponderoso:

— A Soberana Vontade de Deus é no sentido de que Seus filhos conheçam e ensinem, uns aos outros, aquelas verdades fundamentais que forem podendo conhecer, e isto sem o caráter de trustes religiososistas, sem os feios e degradantes interesses subalternos de grupos comercialistas e politiqueiros. Entretanto, considerando a lentíssima evolução de qualquer agrupamento humano, temos que pôr em evidência toda a prudência possível, para não arriscar a perda dos tentos conquistados a custo nos milênios anteriores.

— Não entendi bem... Quer trocar isso em miúdos? — roguei.

Solano fitou-me bem e começou:

— Você se esforçou para se formar em Direito?

— Sim, o quanto pude, — respondi.

— E se esforçou para conhecer verdades espirituais fundamentais?

— Bem, sempre achei que essa parte era com os padres, que deviam fazer por nós o trabalho de salvação. Agora sei que andei errado, e que a humanidade terrícolanda anda errada, mas por lá, assim foi que andei pensando e agindo.

Solano fez um gesto de desalento, retornando à fala:

— Lembre-se pois, que antes da ida ao mundo do Cristo Planetário, para deixar todos os exemplos de Verdade, Amor e Virtude em termos de realidade simples, duzentos e quarenta mil anos de ensinamentos já haviam sido entregues à humanidade terrestre; Budas, Vedas, Zoroastros, Moisés e Hermes, Profetas e Pitágoras, e tantos outros grandes vultos andaram semeando verdades básicas, e, depois disso tudo, um homem culto, um advogado, passou pelo mundo e não se interessou por aquilo que é e será sempre o mais importante a saber, que são as verdades sobre a Origem Divina do espírito, o Processo Evolutivo a que está sujeito e a Sagrada Finalidade, que por seus esforços deverá atingir. Observe, portanto, que se o número de descuidados é grande entre os analfabetos, também não é pequeno entre aqueles que ostentam títulos doutorísticos.

Bastante encabulado, murmurei:

— O problema do Céu é muito grave!

Solano acrescentou, pesaroso:

— Não acusamos ninguém, porque somos igualmente errados; mas enquanto uns erram porque fazem das coisas do espírito uma quitanda como outra qualquer, outros erram porque abandonam o magno problema aos cuidados de homens fantasiados, fetiches, rituais, ginásticas, exteriorismos e altas negociatas idólatras em geral, inclusive a sujeição das supremas realidades do espírito,

aos manobrismos de natureza politqueira, colocando o Reino do Céu debaixo dos tacões do reino do mundo.

Silvestre comentou, sorrindo:

— E vivemos dizendo que foi um único Esaú que trocou, a primogenitura do espírito por um prato de lentilhas!...

Solano considerou:

— Bem, estamos em pleno século vinte, com o Caminho do Senhor repostado no lugar, graças ao trabalho de Elias, que, consoante a profecia do Senhor, cumpriu a parte que lhe tocou. O Espiritismo adverte, ilustra e consola, mas não pode forçar. O sagrado relativo direito de livre-arbítrio, bem sabemos, é outorga do Pai a Seus filhos. Portanto, aguardemos que o Tempo faça com que os filhos do Pai se convençam, que devam ser iguais para com Ele, assim como Ele é igual para eles.

Eu tinha que cuidar de meus deveres, que consistiam em conversar com alguns recém-recolhidos, e no curso da conversa, sem parecer, dar alguns esclarecimentos da nova condição de vida. E foi por isso que os deixei, visto que tinha perguntas muitas a fazer. E ainda assim acontece, pois se a Verdade Genérica é já bem fácil de conceber, porque a colocamos acima de análises humanas ou tão relativas, as verdadezinhas em que ela se manifesta são tantas, mas tantas, que por todos os lados as encontramos, chamando a nossa atenção, reclamando o nosso raciocínio, desejando a cooperação do nosso esforço individual, para assim nos forçar ao crescimento intelecto-moral, chave de todos os demais crescimentos.

* * *

Jesus ensinou que a fé remove montanhas? Sim, Ele ensinou, dando provas disso com a Renúncia que pôs

em prática, indo ao encontro da cruz, pelo fato de saber que além dela estava a Liberdade, porque o mundo e a carne serão, para os espíritos, as grandes montanhas que devem ser removidas.

Porém as coisas se passaram de modo diferente nos ouvidos humanos, desde então para cá, pois os homens só pensam em montanhas exteriores, deixando o grande problema das montanhas interiores para mais tarde ou para os outros resolverem.

Tudo materialmente se defronta!

O homem arranja elementos para descer terra adentro, subir aos ares, penetrar socavões submarinos, esfrelar a matéria, etc., etc.. Mas quando chega a hora de mudar um conceito, avançar na direção da Verdade que livra e sondar os recônditos de si mesmo, então as coisas terão que ser coadas pelo prisma das superstições, das manias religiosistas, dos fanatismos sectários, dos estreitismos conceptivos.

Meu trabalho, que servia para entrar em contato com o meio e sondar os complexos da alma humana, de fato tudo isso ensejava, fazendo com que pudesse ver em homens e mulheres encanecidos, fartos indícios de infantilidade espiritual. Um deles assentava nos conceitos religiosos, e ainda assenta, pois se de lá saí faz muito tempo, tudo por lá continua na mesma e a humanidade, que fornece mortos ao plano da vida, continua cultivando suas manias, seus vícios sectários, ou idólatras, em lugar de procurar aquela Verdade Absoluta, que jamais poderia ser escrava de cacoetes tão pueris, ela que é bastante acima de tudo quanto o homem pode conceber, até esta etapa cíclico-evolutiva.

Para que façam uma ideia da ordem natural do meio ambiente, basta saber que para este lugar não podem vir os ruins, os maldosos, pois isso jamais a lei do peso específico, de ordem vibratória, o permitiria; só uma certa dose de Bondade, e Bondade aplicada durante a existência carnal, é que determina a vinda para este lugar ou quaisquer outros correspondentes; mas, note-se, os efeitos de certas doenças, as preocupações mentais, os complexos religiosos, e até mesmo as mais singelas questiúnculas familiares, tudo para aqui vem, tudo pode acompanhar o recém-chegado, fazendo defrontar a situação e dando muitas vezes não pouco trabalho aos servidores do local.

E como é regra geral que o doente porta-se como doente, e é devido respeitar a situação, porque o problema é de esclarecimento e não de força bruta a ser empregada, fácil é conceber o quanto pode dar de trabalho, para muitas vezes render pouco ou quase nada. Em tais casos, quando o paciente é teimoso, primeiro se lhe diz que a Morte não volta atrás, depois que a Ordem Divina jamais se modificará segundo os nossos caprichos, e, se ainda perdurar a teimosia, pode-se garantir ao teimoso que os reinos de treva, pranto e ranger dos dentes, não existem por acaso, porque afora os que por lá já estão, outros lhes podem ter que fazer companhia, caso teimem em pretender ensinar a Deus, essa feia coisa que quase todos os religiosos gostam realmente de pretender fazer.

Convém saber que isso tudo, ou muito disso não acontece com os melhores elementos, porque o poder das afinidades é como por força de magias brancas, parece encantamento divinal; estes, que mais tendem

para os planos mais elevados do que para os inferiores, logo se importam com o trabalho amoroso e útil, disso fazem a religião e o devotamento, e o mais tudo, que corre mesmo por conta de Deus, se encarrega de torná-los felizes, produtivos e progressistas. Estes tais são quase sempre aqueles que não passaram a vida discutindo teologias e teodicéias, porque o cumprimento do dever não lhes fez sobrar tempo; e não tendo enchido a cabeça de pernosticismos, viveram simplesmente e simplesmente vieram ter a estes planos, o que muito lhes valeu. Reconhecem que o Plano Geral a Deus pertence, e que fazendo os Seus filhos todo o Bem possível, uma Divina Justiça deles cuidará, jamais permitindo que as trevas possam contra eles arremeter seus dardos traiçoeiros.

Sem nenhum esforço podemos compreender, depois de deixar a vida transcorrer por conta de Deus, através de Suas leis, que o problema do Amor é para ser aplicado por parte de Seus filhos, e não discutido. E como tal, perguntando a muitos sobre o fator religião, em essência, ninguém conseguiu dizer mais e melhor, resumindo, do que afirmando que fora dos atos de Bondade ele não existe ou não fornece elemento algum realmente produtivo, simplesmente celestializável.

O fato principal, segundo o nosso entender, ou daqueles que singram o mar da vida espiritual na nossa região ou no nosso nível vibratório, é que ninguém pode melhorar bem e depressa, tão facilmente como quando procura sintonizar com o Deus ou Pai que traz no seu íntimo. Quem sente que tem o Pai em si e que está mesmo a Ele ligado fundamentalmente, e que Ele nada mais pede aos filhos do que Verdade, Amor e Virtude, esse

é o que mais consegue em Paz e Ventura. E se não foi outra a lição do Cristo de Deus, não adianta querer, em muitos casos, fazer compreender essa realidade feliz, aos que trouxeram do mundo suas enraizadas concepções sectárias, suas pretensas infalíveis tabelinhas salvadoras.

Naquela manhã, o primeiro a ser atendido no Departamento Inicial, uma escola de iniciação à reintegração na vida espiritual, foi um israelita. O seu problema eram a bebida e os charutos, pois havendo-os proibido terminantemente o médico, ele passara para este lado com os seus desejos em dia, e, nos primeiros momentos e sintomas reacionais, reclamava-os, berrando para que a esposa os trouxesse. Delirava primeiro, revoltado e inconsciente dos fatos, para se acalmar depois, quando de tudo era servido, pois só não temos o que não queremos ter, ou aquilo que por determinação superior nos é proibido ter.

Logo após, entrava a doutrinação, fazendo ver que há importância em lutar contra todo e qualquer vício, por menos prejudicial que pareça ser, em primeiro lugar porque o Pai nos quer ver Espírito e Verdade, assim como Ele é, e em segundo lugar, porque regalias muito maiores estão ao dispor dos Seus filhos, regalias de todo espirituais, acima de vícios quaisquer.

Passado esse período, que a grande maioria tinha que passar, pelos lastros oriundos da carne, vinham as questões mais difíceis, aquelas de ordem passional e as de posse, pairando alto e prejudicialmente as de caráter religioso, as manias ou os vícios sectários. Com esse israelita tudo tornou-se fácil, pois tendo a concepção do Deus Informe ou IÉVÉ, e de que a Lei de Deus não manda observar cerimoniais exteriorísticos, presto co-

locou-se face a face com a ideia do Infinito em Tempo e Espaço, situando o sentimento de Amor no topo de todas as cogitações.

A separação dos entes queridos é uma das torturas de muitos espíritos, porém a noção de que ninguém morre e todos devem retornar à Pátria Espiritual, conforta e condiciona logo mais ao ideal, favorecendo a normalização da mente. Bem bom é reconhecer, ainda na carne, que o importante é o bem espiritual, o bem da entidade imortal, que deve prosseguir em demanda à Sagrada Finalidade, deixando quaisquer outras circunstâncias abaixo dessa. Ademais, quem pode fazer que as leis de Deus deixem de ter andamento normal? E uma vez reconhecido isso, há como que um mundo de Paz e Ventura à disposição do espírito que mereceu recolhimento, e coisa essa que deve aumentar ao Infinito, respeitando a lei de progresso lento, com o ir e vir da encarnação, tantas quantas vezes sejam necessárias, para dar-se o despertar integral da centelha espiritual.

— Então, — perguntou o israelita satisfeito, — o Reino de Deus a ser desabrochado no íntimo de cada um depende da Verdade, do Amor e da Virtude praticados, postos em função na vida social, acima de conceitos e de preconceitos humanos?

— Exatamente! — foi-lhe respondido.

Sorriu, gozou qualquer coisa que lhe ia no coração e comentou:

— Estou muito satisfeito! Ninguém sendo proprietário particular da Verdade, do Amor e da Virtude, algum dia os religiosismos terão fim e os homens compreenderão o sentido messiânico de Israel, apresentando Jesus Cristo ao mundo, como Divino Modelo da Origem Divi-

na do espírito, do Processo Evolutivo, da Sagrada Finalidade a ser atingida e da Ressurreição Final do espírito.

Informaram-no, ainda:

— Lembre-se do Seu Batismo de Espírito, ou da Generalização da Revelação, no Pentecoste, depois de tornar como espírito. Leia com atenção o Livro dos Atos, porque a Igreja do Caminho, estabelecida sobre a Revelação, só começou depois do Pentecoste.

Fomos dali, da conversa com o israelita, tratar do mesmo assunto com outros religiosos, outros escravos de vícios sectários, cada um pretendendo estar de posse da Verdade, capacitado a ensinar a Deus em lugar de aprender com Deus.

— Mas então eu fui burlado! Burlado!... — começou a berrar um ex-ricaço, que deixara estipulada no testamento, a quantia fabulosa que devia ser gasta em missas que deviam ser rezadas a seu favor.

— Quem compra idolatrias é como quem as vende, irmão Borges. E pode render graças a Deus, de ter amparado obras de assistência social, isso que motivou sua vinda a este plano de relativa Paz e Ventura. E se tivesse confiado apenas nos exteriorismos ritualistas?

— Quisera encontrar o bispo X!... — fremeu ele, pensando nos conselhos que o tal bispo lhe dera, para que deixasse a fabulosa soma, com a qual, convertendo-a em missas, teria a Eterna Bem-aventurança.

Ensinarão-no:

— Basta ao errado o peso da própria culpa; ninguém precisa pesar mais sobre ele, nem tem esse direito, porque também não é um perfeito. E afora a questão pessoal, lembre-se de que o perdão é de ordem universal, porque se é certo a responsabilidade de cada um,

também é certo que a humanidade é um organismo. Se uns não perdoarem aos outros, pelas mútuas falhas, como o todo virá a ser harmônico?

Ainda amuado, perguntou Borges:

— Então tudo é questão de fazer o Bem, em nome de Deus e pelas graças de Deus?

— E não pode haver o verdadeiro Bem, onde não haja o verdadeiro perdão, o perdão que é ir ao encontro do culpado, para fazer-lhe o Bem.

Ressentido, rogou Borges:

— Deixem-me algum tempo isolado, para meditar... Afirmo que hei de perdoar a ele e a todos, para que Deus me perdoe... Mas preciso de tempo...

Fomos a um outro, fardado de ministro de Deus, com as insígnias de certa organização sectária, fanático de repetir textos bíblicos, mas desleixado das devidas práticas, no trato com os semelhantes. Como fora a quinta conversação, a última segundo o programa, foi-lhe dito que as demais seriam em outros tempos, quando voltasse algum dia das trevas, pois para lá teria que ir inapelavelmente, se continuasse a pretender impor suas interpretações dos textos bíblicos, para safar-se de suas culpas.

— Como assim!... Como assim!... — principiou a dizer, aturdido.

Foi-lhe dito:

— Um bom lugar para os teimosos discutirem com a Justiça Divina é nas trevas abismais... E uma boa conduta religiosa é a imitação do Cristo, que foi parar no meio das gentes sofredoras, a dizer palavras de consolo, a enxugar lágrimas, a curar enfermos, a lembrar a Lei de Deus, ela que não indica fanatismo sectário algum, ela que foi transmitida pela Revelação...

Mardoqueu tinha o livro na mão e para ele ficou olhando, sem dizer palavra, e o instrutor acrescentou:

— O livro não tem culpa, ele ensina, apenas... Culpados são aqueles que fazem discursos longos, com o livro na mão, pensando que isso os desculpará de andarem de coração vazio... Culpados são aqueles que transformam o livro em cabide de suas vaidades e prepotências, aliando-se às politicalhas do mundo, usufruindo benefícios imerecidos, arrogando-se honras que o Divino Modelo não quis...

Mardoqueu apertou o livro contra o peito, retirando-se de rosto banhado. Tinha, por fim, compreendido a Divina Lição que o Cristo em si mesmo é, da qual Divina Lição os escritos nem sempre avisam fielmente.

E assim terminamos o dia de trabalho, advertindo, ilustrando e consolando o próximo, conforme o programa, isto é, colocando a Lei de Deus e o Cristo como medidas a serem observadas, para libertar os filhos de Deus do jugo infernal dos sectarismos religiosistas, do vício nefando das práticas ritualistas, que fazem esquecer o AMAI-VOS UNS AOS OUTROS.

* * *

O Cristo, como indivíduo, é um filho de Deus como os demais, que se elevou à Sagrada Finalidade, fazendo a evolução normal, isto é, cedendo ao Processo Evolutivo, através dos mundos e das vidas, portanto implicitamente sujeito às condições que os fatores circunstanciais jamais deixam de impor.

O Cristo, como Cristo Planetário, é o seu Diretor, pois como todos os mundos têm o seu, a Terra não deixaria de ter; é aquele conhecido como Jesus.

O Cristo, como funcionário encarnado, ou Jesus encarnado, funcionou como derramador do Espírito sobre a carne, ou generalizador da Revelação, tendo ainda testemunhado aquelas realidades que estão expressas no “CÓDIGO IMORTAL”, documento poderoso em síntese, mandado distribuir na Terra pela Mensageiria Divina ou Ministério do Espírito Consolador.

Tudo isso dá muito para falar no Cristo. Porém, como o Cristo Programa é que importa, eis que muitos teóricos do Cristo sentem-se por aqui apeados. A mente é fértil em capacidade imaginativa, o arcabouço histórico é poderoso, mas o coração permanece vazio, raquítico, faminto.

Foi Solano quem me convidou a visitar um sábio homem, recém-vindo da carne e sujeito a tratamento. Fora católico praticante, como poderia ter sido filiado a qualquer outra alcunhada escola religiosa, tendo passado a vida em ativos trabalhos de investigação, procurando a VIDA MAIOR, o porquê da infinita vida relativa que se estende pelo Cosmo Infinito. Um grande naturalista, um meticoloso dissecador, anotador de termos técnicos, etc.

Se todos os homens, sábios ou ignorantes, lembrassem de que há uma Ordem Moral nos fundamentos de todas as demais ordens, todos procurariam manter em dia a obrigação máxima, o sagrado respeito pela vida, a ponto de elevar esse respeito aos extremos da misericórdia. Entretanto, como em todos os departamentos de serviço é possível que os trabalhadores se desvirtuem, em nome da Ciência e da Arte muitos erros e crimes são cometidos. E a Lei de Harmonia, uma vez ferida, reagirá no curso do Espaço e do Tempo, colhendo o faltoso nas malhas de acontecimentos para ele estranhos e dolorosos.

A mania do complexo atrai as mentes novatas, assim como o gosto pela síntese coroa o pensamento dos espíritos mais evoluídos.

Toda e qualquer investigação deveria partir, portanto, da premissa de que em Deus tudo é Eterno, Perfeito e Imutável, nada havendo que possa conferir ao filho de Deus o direito de se julgar juiz de Deus ou da chamada Criação.

O direito de evoluir, de procurar e de encontrar as Causas Determinantes, para saber como tudo funciona, do Micro ao Macrocosmo, não é proibido por Deus, visto que Seus filhos deverão, normalmente, crescer e participar da Ordem Divina, como colaboradores do Pai Divino.

Existe, porém, muita diferença entre empregar ou não devidamente o trabalho de investigação. Orgulhos e vaidades podem prejudicar o bom êxito, bem como a rudeza no trato para com os seres vivos, pretextando austeridade científica.

Nada deve ser encarado como apenas formal, quando se trata de manusear a vida, seja em que sentido for. A matéria inorgânica é uma, a orgânica é outra e as centelhas espirituais são ainda mais respeitáveis. Antes de mais nada, os termos técnicos do homem ou as suas concepções sobre a vida, não foram usados pelo Criador, para manifestar de Si Mesmo a Criação. Portanto, ninguém lida com o que é Criado, sem se comprometer perante as leis regentes da Criação.

E o nosso irmão dissecador, exagerado dissecador, além de ser apenas isso, porque a sua religião era sujeitar-se aos formalismos litúrgicos, ainda rompia em blasfêmias horripilantes, por causa das dores que sofria. As

câimbras o levaram aos fortes medicamentos, e estes à intoxicação, e esta ao desencarne. E tudo ficaria por aí mesmo, se o espírito fosse mortal...

Por força das atenuantes, foi recolhido a um local de tratamento, porém sofrendo ainda horríveis ataques caimbrinos. E até a nossa visita, o tratamento ordenado fora o passe magnético, o sedativo passe magnético, nada mais. Que fosse lendo os bons livros de nossa biblioteca, nas melhores horas, pois devia muitos sofrimentos, que impusera a inocentes irmãozinhos, a título de encontrar a VIDA MAIOR no bojo das vidas infinitamente múltiplas.

Há uma promessa do Senhor Deus Onipresente, Onisciente e Onipotente, no Velho Testamento, sobre retirar da Terra o espírito imundo e os animais daninhos, quando os homens se tornarem mansos e humildes. E nós, por aqui, chegamos a conhecer lições tremendas, quando encaramos a vida e suas manifestações, pelo prisma da Ordem Moral. De tal modo a vida é respeitável, por aqui, que podemos afirmar que o respeito que a Ciência da Terra confere à vida é apenas formal e exterior, havendo quase nada de restrições em contrário. Portanto, a palavra da Revelação fica de pé, de modo algum estando aqui alguém que pretenda julgá-la!

E o quadro, naquele momento, era estarrecedor, porque as dores caimbrinas interiores forçavam o sábio a caretas e trejeitos exteriores.

— Venham!... Venham!... Eu morro!... Morro!...

Solano informou, pela milésima vez:

— Já morreu, já morreu... Mas, como sabe, a morte é aparente...

— Raios! Mil raios... Dez mil raios!... Quinhentos mil!...

Solano ordenou colocar as mãos na cabeça do sábio, projetando sobre ele tudo quanto fosse possível, dos efúvios benéficos individuais. E dentro em pouco estava bem, estava livre, sorria e conversava muito.

Foi então que Solano avisou-o:

— Hoje, irmão... é um grande dia para você; vai ver coisas de si mesmo, de sua vida, findando as dores caimbrinas...

Por aqui é muito fácil rir ou chorar, porque a sensibilidade aumenta tremendamente. E quando ouviu dizer que ia sarar, assim como praguejava fácil, também facilmente começou a render graças a Deus, derramando copiosas lágrimas, pronunciando palavras de agradecimento.

Três servidores trouxeram um aparelho, colocaram-no ao lado do enfermo e logo mais ligaram-no à corrente elétrica. Nós fomos colocados ao redor, com a incumbência de fornecer elementos fluídicos para as imagens que deviam ser refletidas no painel.

Assim acontecendo, o sábio viu ele mesmo a fazer dissecações, torturantes e longas dissecações, observando os tremores, as repulsões, os desmaios, tudo aquilo que as torturantes dores causavam nos pobres animazinhos. Havia nele um bem acentuado gozo por aquilo tudo, chegando a fazer tais experiências, mais por sadismo do que mesmo por gosto e por finalidade científica.

Ao término, cabisbaixo, murmurou:

— Quanta tortura, meu Deus, causei aos pobrezinhos!...

Solano comandou:

— Repitam o trabalho!

E tudo começou de novo, porém com um acréscimo,

que era penetrar mais nos fatos, pois os espíritos eram vistos sair dos corpos, com a morte, depois dos tremendos sofrimentos. Eram coelhos, lebres, tatus, sapos, répteis, ratos, jacarezinhos, peixes, aves, etc. Todos tinham algo de essencial, de espiritual, que abandonava os respectivos corpos, saindo alegremente, correndo, disparando, etc.

O sábio tinha o rosto banhado em lágrimas, quando fomos embora, deixando-o entregue aos pensamentos, com a certeza de que não mais sofreria ataques de caimbra. E como era de supor, Solano foi-nos dizendo muito em termos doutrinários, sobre a vida essencial e as realidades de Deus, que não dependem de tecnologias humanas, e da Paz e da Ventura que viremos a usufruir um dia, quando soubermos colocar o Amor acima de tudo, para jamais causarmos uma dor, seja em quem for, maior ou menor na escala evolutiva.

Apesar das lições, comentei o fato de ser a Lei muito rigorosa em suas cobranças, razão por que Solano lembrou-nos:

— As verdades doutrinárias fundamentais são sempre as mesmas, desde milênios; isto é, desde que foi sendo possível ministrá-las. Por exemplo, considerem o que ensinavam e ensinam as tradições hindus, às quais estamos profundamente ligados, nós do Brasil, em virtude da Atlântida. E por lá diziam e dizem, que a Verdade é cortante como o fio da navalha, e que o verdadeiro por ela anda, sem se cortar.

— Isso diz respeito à Perfeição que o espírito deve atingir? — perguntei.

Solano sorriu, dizendo após:

— Sim, à Perfeição que ainda está bem distante de nós, que ainda palmilhamos os rincões menos evoluídos

da vida. Assim sendo, como viram e como vêm em nós mesmos, a Justiça Divina não nos pede nada em sentido absoluto. Não temos a Perfeição realizada e não sofremos pelo que ainda não temos de dívidas. A Justiça Divina, portanto, age em nós e para conosco relativamente, sendo forçoso dizer que é bemaventurado quem conserva o menor resquício de boa vontade, em suas obras, pois por esses resquícios virá a ter a sua dose de compensação.

— Então, ainda estamos ensaiando andar sobre o fio da navalha?

— Sim, — respondeu ele, — creio que andamos sobre largos trilhos, por ora, como exercício ou treinamento, para irmos aprendendo a andar sobre o fio da navalha, isto é, para vivermos segundo a Reta Suprema, que é a Verdade que livra. Tudo, portanto, em caráter relativo, tanto os méritos como os débitos, e por conseguinte o plano de Paz e Ventura em que nos encontramos, que virá a ser, com os progressos contínuos, de plena Paz e de plena Ventura, assim como nenhuma palavra humana pode interpretar.

Quando chegamos ao Departamento, havia um aviso para mim, ordenando comparecer à sede da Governadoria, assim que os trabalhos permitissem; e a permissão veio de Solano, que me liberou por alguns minutos.

* * *

Chegado à Governadoria, fui informado de que Noêmia estava com a volta marcada para breves horas, tendo o Governador nomeado uma comissão de recepção, pois Noêmia saíra de sua esfera de vida espiritual, que era muito acima daquela em que nos achávamos, onde ele desempenhava a função de Governador da Região. Todos já devem saber que muitos são os que desempenham

funções em esferas inferiores, por variantes fatores; mas é de salientar que os Governadores o são por indicação de Autoridades Superiores, visando a influência vibratória, o tom hierárquico indispensável. Um Governador é mais do que um simples administrador formal, porque os visos da Divina Paternidade se escoam pelos elos decrescentes, a começar do Cristo Planetário, passando pelos Seus Imediatos e por aí adiante, até chegar ao que diríamos ser o último da escala administrativa.

Na face da Terra as coisas se passam de modo diferente, porque a brutalidade da matéria densa encontra apoio na inferioridade moral dos espíritos; e assim sendo, em tudo se curvam ao imediatismo das formas, dos rótulos, das aparências, de modo a truncar a influência essencial, os méritos da Verdade, do Amor e da Virtude, que são aqueles que deveriam tutelar todas as atividades humanas, a fim de criar, conseqüentemente, um ambiente realmente cristão.

Todavia, como o ideal é a Perfeição, ainda no erro se encontra os vestígios do que é Certo, pois quem pensa em depor uma autoridade, pensa de antemão em colocar uma outra no lugar. O mal é que tudo parte do imediatismo formal, objetivando vantagens materiais, ou mesmo despeitos e desforras, quando tudo deveria visar os supremos destinos do espírito. E é por isso que vemos nos abismos da subcrosta e nos umbrais, elementos fartos de sabedoria formal, autoridades em política e terminologias científicas. Não é que o mal esteja em querer ser sábio ou administrador, pois todos terão que aprender de tudo, que essa é a Finalidade Sagrada do espírito; porém, sem partir do Amor como premissa, jamais alguém atingirá o Divino Epílogo.

Desta sorte, qualquer mente pode imaginar a função do Cristo, quando encarnado, ou de Sua conduta, pois sendo o Administrador Planetário, renunciou a todos os títulos e dispensou todas as prerrogativas do Reino do Mundo, em troca do Reino do Céu, que Lhe custou a crucificação. É que sabia muito bem para onde costumam ir os mandatários do Reino do Mundo, em sua imensa maioria, que é para as regiões de sombra e de dor, de pranto e ranger dos dentes!

Tudo pode servir de ferramenta perante as realizações que nos cumpre colimar, porém é bom lembrar o quinteto máximo: Bolso, Estômago, Sexo, Orgulho e Egoísmo. E como ninguém poderá atingir o Grau Crístico, sem usá-los a todos, devemos estar sempre alerta, para controlá-los, e não para sermos controlados por eles. A Lei de Deus e o Divino Exemplo do Cristo, somente disso é que tratam, nada mais e nada menos, embora os traficantes de mercadorias religiosistas possam dizer em contrário o que bem quiserem, para defender suas traficâncias. Mas, lembrem-se, também a respeito deles podemos e devemos afirmar, que as regiões de treva funcionam em benefício do Reino do Céu. Eles, mais até do que outros, costumam fazer longos estágios nos lugares tenebrosos!

Entretanto, vamos ao caso de Noêmia, que afinal de contas não trocou a primogenitura do espírito pelo prato de lentilhas, como fazem muitos daqueles que pretendem passar por sábios e poderosos do mundo.

Se Noêmia sempre fora dócil aos preceitos do Céu, a meu ver, enquanto estava eu encarnado, muito mais disso me convenci, depois de haver desencarnado. E com a minha desencarnação, tendo ela procurado a velha la-

vadeira, tudo subiu de monta, pois começou a distribuir dádivas aos pobrezinhos, como melhor podia, mesmo enfrentando a má vontade dos parentes, que a chamavam de discípula do Diabo, instigados pelo novo padre. Foi em frente, ouviu o Consolador que adverte, ilustra e consola, tendo atingido a hora final rodeada de muito carinho de ambos os lados da vida.

Espírito bastante tarimbado, tendo tido vidas em companhia da Grande Mãe Maria, ela sonhava com Maria freqüentemente, assim dizia. O certo é que trabalhava sob a sua orientação, como acontece com muitos milhares de seres encarnados, pois a Grande Mãe, como a denominam por aqui, comanda as legiões que socorrem nas trevas, usa bastante os fluidos humanos, para fins de serviço nos lugares tenebrosos.

Fui ao encontro de minha esposa, mas a princípio fiquei acanhado, porque suas companhias espirituais, que vieram beirar o leito dito de Morte, embora reduzidas em suas luzes e maravilhas espirituais, deixavam muito longe a minha pobreza de espírito. Mas como o Reino do Céu vai em Medidas de Amor para muito além das concepções que dele fazemos, eis que me vejo, num repente, envolvido pelas comandadas de Maria. A simplicidade gloriosa dos espíritos maiores é impossível de ser descrita, mas é fácil observar que a grandeza de luzes e graças corresponde ao montante de simplicidade com que se portam.

Quando tudo parecia transpor os limites de minhas ideias, pois eu todo fremia de envoltimentos celestiais indizíveis, o Céu vem sobre mim na pessoa maternal de Maria, com os braços estendidos, os olhos feitos de amor e o sorriso de Mãe a convidar para o banquete das har-

monias que somente as minhas lágrimas traduziam, e os meus joelhos prontos a se curvarem, o que não fizeram porque ela ordenou em contrário, dizendo:

— Filho meu querido... Todos somos iguais perante o Pai Divino e a Divina Direção Planetária do Cristo... Uns teremos avançado mais, outros menos, porém a Origem é a mesma, o Processo Evolutivo é o mesmo e a mesma é a Sagrada Finalidade de todos os filhos do Pai Amantíssimo... Queremos amor e não exaltação... Desejamos chegar, mas vocês nos repelem, julgando-nos filhos especiais do Pai...

Eu queria falar, mas as palavras não saíam, tal a profundidade da emoção que a sua maternal presença me causava; e foi ela quem apanhou a minha direita, dizendo:

— Vai tirá-la do cárcere, meu filho... Eu quero que sejas tu o libertador de Noêmia...

Ela fez tudo, eu nada fiz, pois estava aturdido, inundado de amor, as faces regadas de lágrimas quentes, escaldantes, ferventes. E quando menos esperava, tive Noêmia nos braços, mas não a Noêmia da encarnação, a Noêmia da carne e ossos densos, porém uma Noêmia angélica, feita de luz e deslumbrantes graças.

A caravana partiu, subiu, entre cânticos de boas-vindas e alegrias inenarráveis. Subi com aquela embalagem celestial, aquele ouro e azul divinos, sem saber ao certo como. Foram depositar Noêmia na presença de um Grande Mestre, Imediato do Cristo, que lhe passou as palavras do mesmo Cristo, felicitando-a pela vitória e prometendo Sua visita, assim que estivesse refeita das emoções do momento. E a Grande Mãe veio a mim outra vez, singela e gloriosa, para informar:

— Noêmia vai dormir um pouco, muito pouco, meu querido filho; e tu a esperarás algumas horas. Vai e trabalha, faz o que podes pelos pequeninos, pois o Pai assim quer e nós só podemos crescer quando realmente fazemos pelo crescimento de nossos irmãos...

Ainda assim, assaltado pela emoção divinal, não pude falar, não pude agradecer. Ela chegou-se, beijou-me a testa e admoestou, com aquela carícia vocal que parecia um dilúvio de amor maternal:

— Quero que me ames, filho, pois é da Vontade de Jesus, o Verbo do Pai neste Planeta, que eu represente nele a Gloriosa Maternidade; mas não debes portar-te assim, exaltando-me desse modo... Virei a ti dentro de poucos dias, mas espero que te portes como filho do Pai Único, vendo em mim a irmã, apenas a irmã que evoluiu mais, sem ter porém, afora isso, nada mais do que todos os filhos d'Ele. E podes estar certo, também, que o mesmo é o pensamento e a palavra de Jesus, o nosso Diretor. Qualquer outra consideração, portanto, será de ordem hierárquica e administrativa, mas fundamentalmente somos todos irmãos, filhos Daquele Pai que a ninguém criou especialmente. Procura amar bastante, filho, mas deixa a exaltação de lado, que ela muito nos separa, e isso muito prejudica...

Creio que vi uma réstia de tristeza em seu meigo olhar, naquele momento, e a prova tive-a na sua palavra, pois ela afirmou, em seguida:

— O amor aproxima e a exaltação separa, filho meu... Dize a todos os filhos do Pai Divino, a todos os comandados de Jesus, que a ordem é muito amor e nenhuma exaltação... Onde quer que alguns já estejam, na hierarquia planetária, para ali todos terão que ir, porque essa

é a lei. Vai, filho, e espera trabalhando o bom trabalho, que dentro em breve irei ao teu encontro e ao encontro de todos aqueles que desejarem a minha companhia...

Já foi dito que as Glórias Divinas são manifestadas pelos Espíritos Divinizados; é o que podemos reafirmar, e reafirmando queremos respeitar o fator hierarquia, sem de modo algum julgar que o Pai Divino tenha criado filhos especiais. A emoção que tive de enfrentar, muitíssimos já enfrentaram e todos os espíritos em processo evolutivo a enfrentarão, porque as luzes espirituais são como forças tremendas, potencialidades energéticas que parecem transformar-se em amor, mas em amor divinizado, que só se pode reconhecer o que seja ao senti-lo. E assim mesmo ressaltamos, que o sentir depende do grau de penetração de cada um. Quem não sintoniza não sente, e ninguém sintoniza com o que quer, porém com o que pode, conforme o seu grau de evolução íntima. E esta, bem ao contrário do que afirmam os negociistas do religiosismo terrícola, retrato fiel do paganismo retrógrado, filho retardado das eras primevas, só se consegue com as boas obras, só se adquire com o bom procedimento social, que é como o afirmam a Lei de Deus e o Divino Exemplo do Cristo.

Ao retornar aos meus afazeres, deslumbrado por tamanhos acontecimentos, sentia em mim estranhos sentimentos; é que vivia em um plano intermediário, tendo os filhos na crosta e a esposa em planos muito superiores. Dentro de mim havia como que uma estação telefônica, com suas ligações diametralmente opostas, porém controladas por uma central poderosa, que era representada por um amor maciço, poderoso, confiante e capaz de remover montanhas.

— Isso é normal, — disse-me Silvestre, quando lhe contei o que vinha acontecendo nos meus domínios emocionais.

E entrou em detalhes:

— Afinal, Artur, é fácil observar a Sabedoria de Deus nisso tudo, pois estando ligado para baixo e para cima, pelos laços de família, está apenas dando seguimento ao Plano Divino, que misturando maiores e menores, favorece a uns e a outros, uns crescendo pelo fato de ensinarem, e outros tendo com quem aprender. É o maravilhoso mecanismo da lei, que sem falar alto, pois Deus não faz discursos, a todos envolve e favorece com as sagradas oportunidades da vida, da grande mestra.

Depois de considerar bem a questão, comentei:

— Se os homens soubessem como tudo é divinamente simples!

Ao que Silvestre aduziu:

— Enquanto a Verdade Única força à união, os homens se dividem por causa de múltiplos interesses subalternos... Enquanto a Moral, o Amor, a Revelação, a Sabedoria e a Virtude conclamam à unidade, o Bolso, o Estômago, o Sexo, o Orgulho e o Egoísmo proclamam as separações... São cinco contra cinco, que a evolução há de obrigar ao entendimento, para funcionarem a bem do espírito, pois os fatores positivos e os negativos, conjuntamente, ou bem usados, terão que produzir todas as vantagens imorredouras dos filhos de Deus. Isto porque, entenda bem, nenhuma força deve ser destruída, mas sim bem orientada! Aquele pois, que mais depressa transformar a fase negativa de uma lei em fase positiva, esse torna-se maior. A grande questão não é apenas jogar, mas sim jogar bem!

E nos despedimos, porque tínhamos o que fazer, em setores diferentes na aparência, mas iguais na realidade, porque ambos lidávamos com irmãos sofredores, uns de certo modo, outros de outros modos, porém todos eles por causa de íntimas desarmonias, de marcantes desajustes em face da Lei de Deus.

* * *

Em face da Lei de Deus não quer dizer em virtude de ter um credo religioso ou deixar de tê-lo; e isso se verá adiante, através de fatos, mas de fatos inapeláveis, apresentados diante da Justiça Divina, nestas plagas de Luz e Realidade, onde as burlas do mundo não podem influir.

Silvestre convidou-nos, dias depois, para auxiliar no recolhimento de um irmão, que se encontrava a quinze anos e poucos meses nos umbrais, para onde se baldeara pelas obras que praticara.

A partida do grupo deu-se entre alegrias, até atingirmos a fronteira das trevas, a algumas centenas de quilômetros da crosta, para fora da crosta. Ali foi colocada, na boca de um dos cães amestrados, uma peça de roupa, a parte astral, do irmão a ser de lá retirado.

E a descida foi sendo feita, com aquela prudência que caracteriza os trabalhos em tais lugares. Uma vez soltos os três cães, no lugar adequado, imediatamente tomaram direção a uma vala escura, muito mais escura do que o normal do ambiente, e que além de mais escura, emitia uivos e fumaças mal cheirosas.

Dentro em pouco vinham os cães arrastando um fardo, uma carga esfarrapada e mal cheirosa; era o tal irmão, ex-funcionário de rendas públicas, que em companhia de outros, um grupo coeso, traficava com a fun-

ção, vendia o dever, etc., se bem que fosse categórico afirmador das verdades espíritas.

Depois de conduzi-lo a lugar melhor, claro mas não muito, de dar-lhe banho e roupas limpas, fomos com ele ao Centro Espírita onde ainda, muito velhinha, funcionava a velha lavadeira. Embora quase centenária, estava bastante forte e suas maravilhosas faculdades em plena ação. E ao seu redor, como que agrupadas por mãos celestiais, pessoas de bom quilate moral e esplêndidas faculdades também.

Assim que demos entrada, não no local material, a sala muito pobre, mas sim no ambiente psíquico, luminoso e serviçal, alguns videntes anunciaram a presença de todos nós, “conduzindo um irmão que tinha tudo de muito sofredor”.

E sobre a Mesa Astral, farta em apetrechos e instrumentos socorristas, como sói acontecer nos bons Centros Espíritas, foi colocado o irmão sofredor, deitado em branco lençol também astral, ou feito de nossa matéria. Após, o Guia do Centro retirou dos corpos três espíritos, pô-los ao redor e comandou:

— Vocês já sabem que os espíritos encarnados, onde quer que vão, fornecem elementos fluídicos animais, altamente magnetizados, mormente quando devidamente comportados perante o Senhor Deus. Vocês, felizmente, estão de boa conduta perante a Lei... Portanto, uma vez mais, estendam as mãos na direção da cabeça desse precioso filho de Deus, nosso irmão.

Dos componentes da Mesa saía uma faixa nebulosa, onde se misturavam o azul, o verde e o vermelho vivo, que atravessando os três corpos, vinham também passar pelos respectivos espíritos ou seus corpos perispiritais,

saindo pelas pontas de seus dedos, em forma de jorro avermelhado brilhante, que essa é a cor do fluido vital. E entrando pela cabeça do irmão, se distribuía pelo corpo todo, vendo nós que atingia as células mínimas, como se fosse vida, algo por demais fluídico para ser considerado como matéria fluídica.

O ambiente todo, o astral, era uma poderosa oração endereçada ao Senhor do Infinito, por isso mesmo que sendo Onipresente, Onisciente e Onipotente dá a cada um segundo as obras e o merecimento.

— Basta! — comandou o Guia do Centro, a certa altura.

Todos desviaram as atenções, os três encarnados retornaram aos respectivos corpos e o irmão foi por nós retirado, havendo-nos retirado também, depois de agradecer ao Guia do Centro a cooperação.

Silvestre foi até a velhinha, envolveu-a com as mãos luzentes e beijou-lhe a testa enrugada, com uma ternura que não se pode descrever. E ela, que via tudo, com outros que também viam tudo, rendia graças a Deus, a Jesus e a Maria, por tamanhas e “imerecidas alegrias”.

Observando aquilo tudo, lembrei-me de Jesus, quando louvou a Deus pelo fato de revelar as grandezas do Céu aos simples e humildes, escondendo-as aos que se julgam grandes. Aquela pretinha encarquilhada por fora, brilhava por dentro e por fora, revelava um coração imenso que se desfazia em ondas multicores, enquanto que, feliz ou infelizmente, temos visto os rotulados do mundo, os que se presumem donos da Verdade, porque levantam paramentosas instituições e encarapitam sobre elas rompantes estatutos, temo-los visto, repito, fardados de cores escuras e acompanhados de menos felizes companhias espirituais.

O Reino do Céu continua e eternamente continuará a pertencer ao Amor; e quando os homens que se acreditam sábios, reconhecerem que a sabedoria do homem é de fato estultícia perante Deus, como ensina a Escritura, então tratarão de tomar o rumo certo. Mas, ao chegarem tardiamente ao Templo do Amor, lá encontrarão aquelas crianças de que falou Jesus, e aqueles simples e humildes a quem o Pai Divino desde muito revelara Suas Glórias, Glórias que não respeitam os tratados humanos, empanturrados de mil e um pernosticismos terminológicos, com os quais tudo fazem para acobertar a falta de Amor, do Amor Vertical de Deus, que desconhece as rompâncias dos preconceitos humanos.

Quando saímos com o irmão socorrido, fomos colocá-lo à beira de maravilhoso lago; e Silvestre fê-lo dormir, aplicando-lhe passes magnéticos.

— Quando acordar, — disse, — terá a impressão de ser outro, tal o estado de saúde em que se irá encontrar.

— E deverá sentir-se feliz! — exclamei, julgando a coisa a meu modo.

Silvestre abanou a cabeça e observou:

— Isso é outro problema, pois ele terá que se lembrar, enquanto não reencarnar de novo, que foi um funcionário altamente corrupto... E o fará, ainda, sob a noção de que conhecia as verdades espíritas...

Compungido, fiquei olhando para Silvestre, e foi ele mesmo quem ponderoso e sentido, comentou:

— O Espiritismo é a Igreja do Caminho restaurada, que montada sobre a Revelação generalizada por Jesus, adverte, ilustra e consola. Isso, apenas isso, nada fora disso!

— Realmente, irmão Silvestre, — concordei.

Algo severo, erguendo a mão direita em sinal de alerta, volveu:

— Lá está afirmado, no capítulo final do Apocalipse, que a cada um será dado segundo as obras que praticar; e como mais será exigido daquele a quem mais haja sido dado, bem podemos saber que somos obrigados a ser juízes de nós mesmos, através de nossas mesmas obras. Portanto, a saúde foi devolvida ao nosso irmão, mas a saúde exterior... A saúde do espírito, da consciência, ele terá que arranjar-lá à custa de trabalhos ressarcitivos, no Espaço e no Tempo!

— Bem compreendo agora, irmão Silvestre, que andar em dia com as letras bíblicas, apenas em teoria, nada mais representa do que aumento de responsabilidade.

Ainda sob forte impressão, Silvestre acrescentou:

— Sim, buscar a Verdade que livra, na expressão do Cristo, não é procurar o exterior da Verdade; porque ela, apenas conhecida, já meteu, mete e meterá muita gente nas trevas exteriores, muitos espíritas também, pois a Justiça Divina é acima de sectarismos quaisquer.

E como viessem ao encontro dois guardas da campina, fomos andando com os mesmos, aproveitando eu para aspirar aquele ar maravilhoso. Demos, após, com as vistas numa estela alvíssima, plantada entre rosas e lírios, brancos e rosa em suas cores, emprestando ao local um sentido superior, um misto de mais beleza ambiente e mais um toque de espiritualidade.

— Leia a inscrição, — disse-me Silvestre.

Em letras douradas, ressaltando do branco alvíssimo do material de que era feita a estela, estava lembrada a sentença do Cristo:

“E o que quereis que vos façam a vós os homens, isso mesmo fizeti-o vós a eles”.

Silvestre acompanhou o meu gesto, observou a minha reação e ficou aguardando a minha opinião; como me calasse, perguntou:

— Que mais te impressiona nessa recomendação do Cristo?

Pensei e respondi, sem ter a pretensão de analisar totalmente o seu sentido:

— O sentido de Justiça Universal, irmão Silvestre.

Ele assentiu com um movimento de cabeça, acrescentando:

— Sim, sim... Fala ao sábio e ao ignorante com a mesma absoluta regularidade, lembrando a obrigação de exercitar a Justiça Elementar, que a todos atinge e responsabiliza, menos aos mentecaptos ou dementados.

E fazendo silêncio, encarou-me com agudeza, indagando:

— Quem colocou isso aí e por quê, Artur?

— Não sei, irmão Silvestre.

Abraçou-me, com emoção profunda, informando a seguir:

— Fomos nós dois, faz alguns séculos! Essa estela marca o nosso reencontro com a Paz e a Ventura, irmão Artur. Foi aqui, nos Céus do Brasil, que dois juízes venais, vindos da Europa, tornaram a ver as benditas claridades e se rearmonizaram com a Paz de Deus! E o irmão que recolhemos hoje, Artur, é um dos comparsas de velhos crimes, que ainda não está melhor recuperado... Foi então meu pai carnal e teu tio... E eu desejo que ele também venha a ter em grande conta, este marco plantado no seio desta campina florida!

Estava com o rosto banhado, em sua testa vincos profundos se mostravam, mas o semblante, em seu todo, era de muita alegria; ele sentia que mais uma vez estava festejando o reencontro com a Lei de Deus, que não faz discursos nem inventa rituais, porque é acima de ginásticas humanas.

— Hoje é, para mim, um grande dia! Embora Francisco tenha falhado no mesmo sentido, traficando com a função, já mereceu socorro e logo mais o teremos entre nós, trabalhando para ressarcir as faltas e lutando para desabrochar o Cristo que tem dentro de si mesmo.

Eu nada mais fazia do que fitá-lo, sentindo dentro de mim que muito o estimava, principalmente porque ele, acima de tudo, desejava melhorar e fazer melhorar.

Depois de enxugar o rosto, apanhou-me pelo braço e fomos caminhando; enquanto íamos pisando o maravilhoso tapete, ele comentava:

— O Infinito, se é problema, é para o Nosso Pai Divino... A nossa parte, Artur, que é muito relativa, ninguém a fará por nós! E se nos lembrássemos sempre de uma palavra que é composta de apenas quatro letras, quantidade de menos, para nós e para os nossos queridos!

— Sim, grande amigo, os homens em geral fazem questão de ser sábios ou complexos, e isso fá-los esquecer do Amor, da única medida redentora, pois que os Grandes Mestres ensinam, mas não podem realizar por ninguém.

E quando chegamos ao Departamento, um bom aviso nos esperava; é que Noêmia estaria à minha espera, em hora certa e lugar certo, para onde eu seria conduzido por uma pessoa que me viria buscar.

* * *

Há uma questão que todos levantam, quando a lembram, assim que chegam a estes rincões de Paz e Ventura; é perguntar em que paragens da erraticidade maior estariam, se não tivessem cometido erros e crimes. E foi nisso que andei pensando, depois de pensar no irmão socorrido, pai carnal de Silvestre e meu tio. Todos nós, funcionários venais, onde estaríamos, sem o peso das venalidades?

— Quem poderia aquilatar isso de modo exato? — respondeu perguntando Silvestre, quando lhe formulei a pergunta.

— Bem, não é certo que somos, nesta região, espíritos em ressarcimento?

— Nem há dúvida! — retorqui.

— Isso até parece “psitacismo”! — lembrou alguém, que estava conosco.

— Que bicho é esse? — perguntou um outro, curioso, rindo-se a valer.

E o pai da questão explicou que era um assunto que não é assunto, uma explicação que não explica, um fato que não tem sentido de fato, uma farra em matéria de falta de bom senso e de lógica.

— Então é sabedoria humana! — gritou alguém, cujos sofrimentos lhe garantiam o direito de assim dizer.

Graças a Deus, naquela hora vieram chamar-me, para ir ao encontro de Noêmia, que me esperava. Se eu estava ansioso, com o aviso tornei-me nervoso, excitado e acho que até perturbado mental. Os grandes espíritos vivem para as questões coletivas, morrem carnalmente pelos ideais universais, gozam até o sofrimento pelas causas que hão de frutificar nos milênios porvindouros; mas eu, que vinha das enxurradas do crime, apenas sen-

tindo que devia ser o mais honesto possível, sentia que tinha na minha querida Noêmia, o meu Anjo Guardião de todos os momentos.

Quem me veio buscar era uma jovem deslumbrante de beleza espiritual, um pedaço bem grande das Altas Esferas, isso eu podia compreender, pois se tudo nela se caracterizava pela beleza exterior, muito mais fluía nela a beleza interior, que os seus olhos feitos de absorvente irmandade obrigavam a sentir. Era uma bela jovem, porém muito mais uma poderosa força mental, que obrigava à convergência de seus elevadíssimos pensamentos.

— Comande como bem quiser, senhora! — disse-lhe eu, submisso.

Com aquela meiguice que caracteriza os espíritos das Altas Esferas, ela me apanhou pelo braço, sussurrando:

— Sou sua irmã... Apenas sua irmã... Venha comigo e partilhe francamente da minha irmandade simples e humilde...

Ela devia saber o que ia pelo meu pensamento, tremendamente arrebatado pela sua deslumbrante simplicidade e humildade, bem diferente das pessoas que eu lembrava do mundo, que até das patifarias faziam alarde e motivo de orgulho.

— Ainda me ressinto das formalidades e, também, das grosserias do mundo, minha doce irmã, — disse-lhe eu, procurando vencer minha inibição.

Com aquela graça infinitamente simples, que se tornava som vocal, ela disse:

— O mundo terrícola, onde muitas vidas vivi, e ao qual ainda pertença como cidadã de uma faixa astral, marcha muito lentamente no rumo da Perfeição; mas os

que fizerem força para evoluir, isto é, os que confiarem nas obras de Amor, certamente avançarão, rumando para as vizinhanças do Plano Crístico, onde a vida é imensamente distinta dos planos inferiores. Há um sentido de Paz e de Ventura em toda parte, nos Reinos de Luz, mas a variação das intensidades se afirma cada vez mais, caracterizando a sublimação do meio ambiente, eterizando a matéria astral, até atingir o Plano Crístico, onde nada mais há que se caracterize pela forma ou pelas construções formais.

— Que fazem os habitantes do Plano Crístico, irmã? Nem sei como perguntar isso, mas a mim parece que é justo perguntar, pois um pouco mais de elevação me embaraça a mente e parece me afogar o coração...

Eu notava que íamos subindo, não verticalmente, mas em boa porcentagem, pois os lugares eram cada vez mais belos, mais ricos em tudo, salientando-se as flores e as águas, as vestimentas dos seus habitantes, a policromia geral, o sentido de penetração das faculdades espirituais.

Antes de responder, ela me envolveu pela cintura, enlaçou-me com o braço direito, e eu senti que ganhei uma nova energia, um certo poder de harmonia, dessa harmonia que vinha perdendo, com a subida gradativa, com o aumento das luzes e dos esplendores locais.

— Os Cristos ou espíritos cristificados, irmão, são as Potências Celestiais que infundem a vida e coordenam o movimento das galáxias, dos sistemas, dos mundos, de tudo quanto tem sentido material, essa matéria complexa que é a ferramenta dos espíritos em processo evolutivo. Embora tudo seja em Essência manifestado pelo Ser Absoluto ou Deus, as comunidades crísticas comandam

o Cosmo, vigiam e controlam os movimentos universais. E dizem, porque eu ainda estou longe dessa ordem vibratória, que o Cristo Planetário é o Elo que liga a humanidade planetária às comunidades crísticas, e estas, por sua vez, ao Ser Absoluto, que embora sendo Onipresente, é essencial demais para ser atingido pelos Seus filhos de menos extensões vibratórias.

— Todavia, — disse-lhe, — por aqui podemos sentir a Presença Divina com uma facilidade enorme. Sentimos Deus até sem querer!...

— Sim, muito relativamente, irmão Artur... Cada um vai, ou cada habitante de cada faixa, até onde pode... Eu não suportei, faz dias, um forçamentozinho de alguns graus. Todos chegaremos lá, sem dúvida, mas o trabalho de burilamento individual é indispensável.

— Sim, eu compreendo isso; mas, mesmo assim, tudo por aqui é muito mais fácil de sentir. E como seria mais fácil ou prático, para avançar mais no sentido da Divindade Onipresente?

Parando na marcha lentíssima, porque a viagem estava sendo feita lentamente, por motivo que ela devia saber perfeitamente, e que eu creio que fosse para facilitar aprendizados, ela falou-me:

— Sobre os planos superiores ao meu, nada digo, mas para a gente do meu plano de vida, o melhor modo de atingir mais no sentido da Divindade Onipresente é uma questão de atingir mais sobre os mais elevados espíritos que nos visitam. É comum dizerem, que o brilho dos Altos Mentores é o reflexo que eles já conseguem manifestar do Divino Brilho de Deus. Assim sendo, cada um reflete Deus ou filtra-O, segundo o seu grau de evolução. E é reconhecido, também, que nada

pode mais refletir o Deus Onipresente do que os Seus filhos, os espíritos. E se você quiser experimentar, eu lhe servirei de instrumento de experiência... Tanto basta olhar para mim, que irei me revelando mais como realmente sou, até que suporte, quando então tornarei a me restringir...

E assim foi feito. Ela começou a brilhar de modo estranho, depois a perder a forma humana, depois tomou a forma de brilhantíssima estrela... Mas quando a estrela foi aumentando de brilho, não mais suportei, e não só pedi que parasse, como senti que meus joelhos queriam dobrar-se, o que ela não permitiu, afirmando que somos todos irmãos, sendo o Pai um só, que é Deus.

Quando tudo voltou à ordem anterior, falei-lhe:

— Você, querida irmã, já é um grande refletor do Nosso Pai Divino!

— Existem outros, irmão Artur, diante de quem eu ainda nem simplesmente posso ficar... Entretanto, lembremos, todos vamos para a Unidade Vibratória, todos marchamos, lentamente, na direção do Grau Crístico, que é a Sagrada Finalidade do espírito.

E chegamos ao ponto de encontro, um plano azulino-dourado, uma cidade onde as flores e as águas cintilantes e multicores tomavam conta da paisagem. De longe em longe havia um grande edifício, em forma piramidal, sendo os arredores uma verdadeira exposição de maravilhas, com aves lindíssimas, coloridas, enchendo a paisagem e os ares de vida, mas de vida altamente sublimada, como se o Bom Deus estivesse oferecendo uma festa de Graças a Seus filhos muito queridos.

— Este, — disse a doce mensageira, — é o Céu de Noêmia.

Aquela palavra informativa estava me assustando, mas logo acrescentou, numa expressão de ternura maternal comovente:

— Não te importes com a diferença, querido filho do Céu, que se você ainda não pode viver aqui, Noêmia pode viver onde você habita. É da Vontade de Deus, e Vontade que os Cristos representam e fazem ter execução, que o amor entrelace os Seus filhos, maiores e menores, para que todos cresçam. E como quem tem mais pode e deve dar mais, Noêmia irá, de hoje em diante, cumprir tarefa junto dos que, no seu plano de vida, estão aprendendo a ser amorosos, estão procurando subir na escala dos valores íntimos.

Paramos defronte a imenso prédio, parece que feito de alabastro e pedras preciosas, porém de material vivo, vibrante, e não como na Terra, e nem como no meu plano de vida, onde tudo é ainda um tanto opaco.

Entretanto, fomos dar em vastíssimo salão, havendo no centro uma mesa ovalada, como nunca pensara ver de tamanho igual; e ali estavam sentadas, em pequena parte da mesa, umas oitenta pessoas, entre homens e mulheres, estando Noêmia entre as mesmas. Assim que chegamos, todas se levantaram, tendo sido a Grande Mãe a primeira que veio ao meu encontro, apanhou-me pela mão e me conduziu até ao lado de Noêmia, onde me colocou, indo após para o seu lugar, e lugar que ficava na ponta ovalada.

Um som maravilhoso se ouviu, provindo parece que das profundezas de nós mesmos. Entretanto, toda aquela gente gloriosa olhou para a porta, se assim se poderia dizer, que dava para o lado direito, feita em forma de triângulo, toda entalhada e cravejada de pre-

ciosidades reluzentes, representando cenas da vida de Jesus Cristo.

A Grande Mãe foi para a entrada maravilhosa, ansiosa e simples como as simples e ansiosas mães, e no umbral de entrada abraçou um jovem esplendoroso de vida e de felicidade, tão contagiante em suas graças e virtudes, tão simples e tão puro, tão irmão e tão igual em essência, que todos se inclinaram como que forçados por encantamento divinal. Com ele vinham dois outros, bem se via que menores em hierarquia, porém muito acima do que podemos supor.

Eles foram para a outra ponta ovalada daquela mesa enorme, e ao sentarem um vozerio se fez ouvir, entrando para dentro do salão imenso uma multidão de jovens de ambos os sexos, esplendentes de luzes e de alegria, vestidos com roupas parece que esponjosas, coloridas e farfalhantes, musicalmente farfalhantes.

A Grande Mãe falou, ecoando aquela voz musical pelo imenso salão, ou de modo a se sentir que a voz tinha saído de toda a sua grandeza:

— Irmãos queridos, aqui estamos para dizer boas-vindas a cinco de nossos concidadãos, que depois de cumprirem tarefa na crosta, voltam a nós como felizes servidores do Pai Divino. E como o Pai Divino recompensa, sem tornar Suas recompensas alardeantes, pedi ao Nosso Senhor Planetário, que com a Sua presença nos cumulasse de graças. Estando Ele presente, a ele passo a palavra, para que fale o que desejar a cada um dos recém-vindos.

Sem nenhuma formalidade, muito familiarmente, o jovem de olhar meigo e cintilante falou:

— Traga-os, mãe, um por um até mim.

Ela foi ao encontro de uma velhinha muito encurvada, segundo como saíra dos laços carnavais, apanhou-a pela mão e conduziu-a à presença d'Ele; e Ele, que era muito mais alto, colocou-lhe a mão sobre a cabeça, disse algo em linguagem que não entendi e fez a velhinha transformar-se numa jovem esbeltíssima, coroada de luzes multicores, parece que algo maravilhoso transformado em uma pessoa.

Assim fez com três mulheres e dois homens, sem falar com eles; mas quando todos tinham retornado a seus lugares, Ele disse, em tom singelo:

— Irmãos e amigos queridos, o nosso Planeta ainda é dolorosa moradia, cheio de estorvos e perigos; mas o Pai não falta jamais, enviando a Seus servos o Divino Auxílio. Eu me regozijo convosco, os recém-vindos, pelo exemplo deixado no mundo, pois ele servirá de roteiro de luz a muitos outros irmãos nossos. Se, em verdade, a Lei e o meu exemplo são conhecidos, nem sempre os que vão a ele, nas condições de mensageiros encarnados, dele voltam triunfantes. O bom exemplo reclama simplicidade e renúncia, e o mundo arma ciladas com o egoísmo e o orgulho... Mas vós triunfastes, e aqueles que fracassam terão que triunfar um dia, e o Pai Nosso a todos nos recolherá... Elevemos ao Pai Nosso, irmãos queridos, o nosso pensamento de gratidão!

Não saberia dizer o que aconteceu: muito menos, como aconteceu; mas sei que o prédio sumiu e todos nos elevamos, pairando nos ares ofuscantes de Luz e Glória, cânticos e votos de felicidade a todos, a todos nós das esferas inferiores, os que ainda estão com o Reino do Céu interior quase todo para despertar ainda.

O jovem cintilante foi sumindo no Infinito, deixando grupos no caminho, até que ficou sozinho entre dois outros. Aquele incêndio de Luz e de Glória foi se apagando, apagando, apagando...

A Grande Mãe entregou, ainda nos ares, cada um dos cinco aos entes queridos, apontando o caminho de volta. Olhando para baixo, vi o imenso prédio no mesmo lugar, engastado no seio de um painel feito de águas e flores cintilantes e musicais. E como cada um tinha um guia, ela comandou o retorno, augurando a todos muitos e felizes trabalhos.

— Que o Pai nos abençoe, meus queridos, e que na obediência de Sua Lei e do Seu Ungido, estejamos prontos ao trabalho fraterno. Todos fomos destinados a uma Ressurreição Final, e todos a atingiremos, se nos amarmos como nos ama o Nosso Divino Modelo, que, como vistes, é simples e humilde.

Quando a esbelta jovem nos colocou no chão do meu plano de vida, para ter em mente o nome de mais uma irmã superior na escala evolutiva, perguntei-lhe:

— Como se chama a doce irmã, a quem tanto devo? Ela parecia feita de um sorriso estelar, e foi sorrindo que respondeu:

— Maria de Magdala.

Quis beijar-lhes as mãos alvíssimas e benfeitoras, mas foi ela quem o fez, dizendo palavras de carinho, lembrando Jesus durante a encarnação e oferecendo sua ajuda, quando quiséssemos dela o auxílio, para os trabalhos de socorro. E posso afirmar, por tamanhas provas armazenadas, que é muito difícil agradecer aos maiores da espiritualidade, porque eles nos antecedem e fazem tudo primeiro do que nós, e melhor do que nós, porque

colocam tamanho Amor nos atos, que ficamos augurando para eles a paga de Deus e não a nossa.

* * *

Enquanto não for ultrapassada a obrigação reencarnacionista, deve contar o espírito com a volta à carne, de tempos a tempos, cumprindo função e adquirindo luzes internas. É o coscorão em desgaste, para que a gema pura cintile perante o Sol da Divindade Absoluta.

Muitas vezes, infelizmente, o Reino do Mundo fala mais alto do que o Reino do Espírito, e o candidato à Sagrada Finalidade resvala, vai parar nos abismos da subcrosta ou nos umbrais, isto é, no sentido inverso; mas, ainda assim, estará sob o controle Divino, pois tudo é pesado e medido, nada foge à Ordem Divina, que é em tudo Lei, Amor e Justiça Absoluta.

Uma coisa é encarnar para fim absolutamente expiatório; outra coisa é fazê-lo para fim absolutamente missionário; outra coisa para enfrentar trabalhos ou provas evolutivas normais, e, ainda outras, quando se mesclam todos esses fatores.

De qualquer forma, porém, os menos evoluídos reencarnam mais, sendo que muitos, das mais altas esferas, passam até milênios sem reencarnar.

Verdade a saber, também, é que nada tem que ver involução com crimes; o criminoso é quem transgrediu a Lei e o involuído é apenas um involuído. Este é como a gema que dorme no seio do coscorão, enquanto aquele, o criminoso, é como a gema que se deixou manchar por um impacto menos feliz, e de cuja mancha terá que se livrar através dos próprios esforços.

E assim como a encarnação fornece dezenas de milhares de almas, todos os dias, aos planos erráticos,

também os planos erráticos fornecem, todos os dias, dezenas de milhares ao plano carnal; e, infelizmente, o grande número não vem com as recomendações em dia, sendo certo que, dentre os infelizes, contam-se muitos elementos categorizados, que se deixaram envolver pelos enganos do mundo.

Conta o Evangelho que Jesus, no fim de Seus dias terrícolas, agradeceu aos amigos fiéis o fato de terem estado com Ele nas horas de tentação; é bem de aquilatar o exemplo do Mestre dos Mestres, para ressaltar o quanto é perigoso encarnar em um mundo como a Terra, onde o bolso, o estômago, o sexo, o orgulho e o egoísmo, em lugar de ferramentas de uso, passam a ser os senhores absolutos da criatura. Quando assim se passa, a Moral, o Amor, a Revelação, a Sabedoria e a Virtude ficam por baixo, isto é, a Lei e o Cristo são relegados a plano inferior, e, conseqüentemente, a Morte vem pilhar o espírito em tristes condições. Muitas vezes estão forros de bens e glórias do mundo, mas o túmulo faz imediata separação e o destino é a subcrosta, por dezenas, centenas ou mesmo milhares de anos, quando a mente do indivíduo não muda de rumo, nem mesmo com a dor!

Temos corroborado nos serviços reencarnacionistas, bem como observado com um imenso respeito, o reencarne de alguns maiores da espiritualidade; e como deveis conhecer de sobra, que a cada um é dado segundo as obras, tudo é na mesma ordem, para vir como para ir. É um desses fatos que vamos relatar, porque a volta de Noêmia coincidiu com o reencarne de uma nossa diretora, a chefe geral dos serviços de relações interplanos da região. Enfim, um órgão simples, controlador do movimento entre os de cima, os de baixo e os das regiões

pertencentes à mesma faixa ou subCéu. Divide-se, é claro, em departamentos, chefias e subchefias. A diretora, afora a competência técnica, deve dispor de certos recursos psíquicos, de certas extensões mediúnicas. O fato de ser uma mulher, e de tê-la substituído outra mulher, não quer dizer que não possa ser homem o tal funcionário; é mera coincidência, pois.

Primeiro houve o tempo de ensaio de Noêmia, até ficar apta ao desempenho da função. Foram dias, apenas, mesmo porque os funcionários componentes da organização eram capazes e de uma dedicação a toda prova. Eram e são, pois nestes planos o coração manda muito e tudo é feito para mais e não para menos, quando se trate do simples servir ou do gosto de fazer o bem. A brutalidade que se observa na crosta, a incompreensão da importância do trabalho, pois todo ele representa uma grande parte das obrigações coletivas de cada filho de Deus, isso por aqui não se encontra. Se os bons elementos encarnados sabem que a grande oração é o cumprimento do dever, por aqui essa realidade sobeja, porque aquele que trabalha ganha méritos ou acumula direitos, e tem em si mesmo a graça imediatamente recebida, numa condição emotiva sublime, que não saberia como definir.

Na crosta o trabalho é como dolorosa obrigação, para muitos, em virtude de haver a exploração de uns sobre o trabalho de outros, por variantes motivos, talvez bem explicáveis uns, mas jamais explicáveis outros, do ponto de vista da Vontade de Deus, isto é, das leis fundamentais que regem o Universo Infinito. É como se uma fera comesse outra, é como se o trabalho fosse a expressão mais vibrante da luta entre os concorrentes pela vida ou

direitos de subsistência, orgulho, vaidade, prepotências, etc.. Até nos cultos ditos de fé, nos religiosismos, porque Religião com inicial maiúscula globalmente na Terra ainda não há; até nisso qualquer um pode encontrar quem, por malícias ou expedientes que tais, inventando rituais e manobrismos formais, transforme o seu irmão em coisa sujeita, em menos do que ele, para muitos fins e todos bastante repugnantes.

É muito comum e fácil, nos mundos inferiores, os maliciosos usarem verdades fundamentais, nomes e leis, acontecimentos e fatos, para deles fazerem arapucas ou instrumentos de negociatas e truculências contra seus irmãos. Os abismos da subcrosta, os umbrais e as teratologias que falem!... Mas nos planos de Paz e Ventura, ainda que em tom mínimo, o trabalho é feito de irmão para irmão, de um para outro filho de Deus. É o espírito quem vê outro espírito e lhe tem prazer em beneficiar. E como tudo é tremendo em respeitos hierárquicos, observai como a ordem funciona. Porque a autoridade não vai parar em mãos indignas ou incompetentes, e porque, também, quem manda o faz com o coração, colocando até mesmo nas advertências o toque da mestria real, necessária e digna de agradecimento, porque há um objetivo pairando acima de tudo, que é filtrar, nos atos, o sentido da Verdade nos conhecimentos e do Amor nas aplicações.

Mafalda, a ex-diretora, tinha méritos e escolheu uma família espírita para o novo meio carnal; isto, que pode parecer uma nonada, representa muito, porque nos verdes anos a criatura é como a terra preparada, que tudo oferece à semente, para germinar, crescer e logo produzir os melhores frutos. Era uma alma grande conduzindo

um corpo frágil e pequenito, pois não fora reduzido em tamanho e consciência.

Com a entrada de Noêmia para aquela diretoria, e por causa dos “tempos” que estão marcados nos Livros Proféticos, principalmente no Apocalipse, as coisas tomaram lentamente novos rumos; porque todo o século vinte e mais a metade do vinte e um significam o fim de um período de transição bastante violento, com vistas à Nova Era, que dos meados do século vinte e um irá até às divisas do século sessenta. Grandes movimentações, portanto, na subcrosta e nos umbrais, e como é sabido que pertence à Grande Mãe o comando das legiões socorristas, em torno dela tudo girou, em matéria de novas disposições de trabalho. Não pense alguém que tenha havido descuido de Deus, em algum tempo, para com o funcionamento das trevas purgatoriais; apenas, em virtude da transição cíclico-histórica, ou da chegada ou contagem dos “tempos”, o que passou a se dar foi um maior emprego de recursos, forçando a movimentação de legiões, no sentido de apressar a melhora e servirem, as tais legiões, em benefício do bem em geral.

Muito reduzido é, ainda, o número daqueles encarnados que cooperam conscientemente nos serviços de socorro; e dizer mais não seria vantagem, porque os recursos empregados para tais descidas socorristas, não cabem na mente de quem está por demais embutido nas grosserias do mundo físico. Mormente quando se trata da interferência direta da Grande Mãe e das suas legiões, e que o Filho Ungido jamais deixa de participar com o Seu Divino Influxo, através de Seus Poderes de Ubiquidade, desta Graça Divina de que fazem uso tais Elevados Espíritos, e que de nada adiantaria falar, desta Divina

Graça ou Lei, porque excede de muito ao que dela poderiam pensar, aqueles que não a possuem ainda. Porque as Graças Divinas são como medidas impossíveis de serem analisadas pelo simples raciocínio, e só quem nelas vai tomando parte, delas podem sentir e fazer uso, mas não sei eu como poderiam falar ou explicar.

Outra medida tomada foi a procura de ambientes encarnados apropriados ou sintonizantes; porque aparências existem e de sobra, mas o real valor psíquico e mediúnico é reduzidíssimo, causa espanto e dor. Entretanto, alguns grupos foram localizados e o trabalho, com a participação de algumas dezenas de encarnados, foi tendo curso e se está estendendo aos poucos.

E com isso, temos tomado contato com o diagrama terrícola, temos subido por medidas de graça e temos descido muito, para forçar a retirada de quantos se revelem, desejosos de arrependimento e recuperação, e deles após fazer uso em trabalhos socorristas de menos responsabilidades, ou assim como possam ir servindo, de acordo com as próprias melhoras. E se é doloroso dizer que certos filhos de Deus não querem, de modo nenhum, atender aos nossos convites, é maravilhosamente grato observar que verdadeiras legiões deixam os lugares de pranto e ranger dos dentes, em busca de alguma Paz e de alguma Ventura. E como é sabido que a Paz e a Ventura dos Cristos começou também assim, o que vemos é irmãos nossos, filhos como nós do Eterno Pai, fazendo a escalada cristificadora, tomando parte no esforço comum pela Ressurreição Final, que para todos está destinada.

Se o trabalho de levantar legiões de irmãos da subcrosta e dos umbrais é enorme, convém lembrar que é quase um mínimo em face dos tratamentos posteriores.

Para as colheitas maravilhosas valem os empregos vibratórios de quem já vos falei, mas para certas reconstituições perispirítas devem valer os esforços de cada um dos recolhidos. Feliz daquele cuja capacidade mental atinja o ideal de Deus, da Verdade, do Amor e da Virtude, porque ele lutará de igual para igual com as tristes marcas do passado, não se deixará intimidar pela lembrança dos erros e crimes perpetrados, levando aos poucos tudo de vencida. Principalmente quando chega a hora de entrar em serviço, de ganhar seu bônus, suas regalias, tudo muda mais depressa, porque a alegria é moto tremendamente propulsor.

No mundo espiritual as coisas se passam de modo bem esquisito, se formos comparar com o mundo carnal; porque a quem tem, de fato tudo pode aumentar com certa facilidade, mas a quem não tem, tudo pode custar tremendos esforços. As vantagens do Bem empregado são como juros a render juros, e tudo é no sentido do mesmo Bem; mas a ignorância e o atraso, as manchas negras e as visões macabras, só para isso mesmo tendem, retardando as melhoras e dificultando a entrada nos serviços que distraem e amealham regalias.

As religiões, se é que merecem tal título as organizações ditas assim, cometem graves faltas quando amedrontam as criaturas, e sobre tudo apresentando, como medidas de libertação, rituais e fingimentos, além da venda de certas mercadorias que, em verdade, nem no mundo carnal passam de tribofes grosseiros. Não se pode compreender, depois de se chegar aqui, como conseguem tais organizações ludibriar tantas criaturas, impondo comércios vergonhosos, contra o ideal de Verdade e de Amor, que seria tão mais simples e mais fácil

de ser executado, além de ser o único que por Deus é determinado e aceito. Reconhecemos que homens há que vendem artigos podres, que falsificam os bons, que corrompem tudo, com o fito de aumentar as respectivas fortunas; mas como conseguem enganar tanta gente, vendendo séculos a fio suas corrupções e iniquidades? Se respeitamos a falsa vantagem dos que vendem patifarias, como pensaremos, todavia, dos que as compram, apenas?! E se dissermos que os vendilhões de idolatrias usam os nomes de Deus, da Verdade, do Amor e da Virtude, para impingir suas pecaminosas mercadorias, por quê, então, os estultos compradores não usam dos mesmos nomes, para descobrir que são tolos, que Deus não Se convence com tais ridículas transações?

Temos visto, apesar de tudo, que a quase totalidade dos que vêm das trevas foram bons compradores de mercadorias religiosistas; e como a praga dos vícios idólatras e sectários cristaliza as mentes pelo comodismo criminoso, depois de iludir com o ópio sacramentista, foi criado um campo de repouso, em uma área vastíssima que compreendia imensas planícies, (ou que compreende, pois eu deixei a função há tempos, mas o trabalho continua) montanhas, rios, florestas frutíferas e fartura de aves belíssimas, etc. Nessa área de repouso foram ou são colocados, aqueles que vão melhorando, que vão conseguindo meditar melhor. Porque, se é fácil atingir certa cura por fora, não é tão fácil curar alguém do seu fanatismo sectário.

Também é necessário considerar a complexidade do caráter humano, ao dar-se a mudança e aos primeiros toques de melhora; porque, em muitos casos, a criatura se revela revoltada contra tudo quanto foi ou é passado,

entregando-se aos novos e simples aprendizados com muito empenho, auxiliando grandemente a melhora geral e o avanço no rumo do Céu interior.

Em virtude de ser necessário, na maioria dos casos, esperar pela compreensão lenta dos elementos socorridos, foram colocadas algumas estelas com inscrições doutrinárias, pela campina e pela montanha; e assim o enfermo de corpo e de espírito encontra de tudo, frutos e ensinamentos, enquanto faz estágio, enquanto vai ajustando a mente a outras e reais verdades, deixando para trás os feios vícios que lhes minaram a mente e o coração, encaminhando-os aos lugares de treva.

Uma estela se achava postada ao lado de uma espécie de cerejeira e dizia: “É HORA DE MUDAR DE CONHECIMENTOS, CONCEITOS E PRÁTICAS”.

Outra se encontrava junto a uma cristalina fonte e dizia: “ASSIM COMO A ÁGUA JORRA DO SEIO DA TERRA, ASSIM MESMO EU, A ESSÊNCIA DIVINA, JORRAREI DE DENTRO DAQUELES QUE ME PROCURAREM ATRAVÉS DA VERDADE, DO AMOR E DA VIRTUDE”.

Outra ficava junto a um pico de montanha e dizia: “AQUELE QUE É ALTO DE VERDADE, ENXERGARÁ LONGE, MESMO QUE ESTEJA NUM ABISMO, PORQUE A VERDADEIRA ALTURA É A DO ESPÍRITO”.

Perto de um templo derribado, assim feito propositalmente, uma estela dizia: “ASSIM COMO EU, O VOSSO PAI, SOU ACIMA DE MATÉRIAS E DE PAREDES, ASSIM QUERO QUE VENHAIS A SER. DERRIBAI POIS, TODOS OS FORMALISMOS, QUE EU APENAS ESPERO DE VÓS O BOM CONHECIMENTO E AS BOAS OBRAS”.

No centro de um pomar de amoras, outra estela dizia: “VÓS SOIS CENTELHAS MINHAS E TENDES A MIM

NA ORIGEM; BUSCAI-ME NO ÍNTIMO E EU VOS DAREI A MINHA PAZ E A MINHA VENTURA”.

Junto a uma fruteira que tinha muitas cascas, ou a casca escamosa, e um miolo saborosíssimo, outra estela dizia: “ESTAIS NO CENTRO DE SETE COROAS ENERGÉTICAS E DEVEIS REDUZI-LAS A UMA SÓ, PARA VOS TORNARDES A GEMA SABOROSÍSSIMA. EU, QUE DOU A VIDA, ASSIM ESPERO”.

Junto a um poço sem fim, um infinito profundo, outra estela dizia: “EU MESMO SOU A VIDA, A LEI, A JUSTIÇA E A GLÓRIA; QUEM PODERÁ VENCER ESTANDO CONTRA MIM? OU QUEM ME ENCONTRARÁ, PARA COMIGO DISCUTIR?”

Numa das saídas, uma estela lembrava: “VÓS ENTRAIS E SAÍS, MAS EU SOU O ETERNO PRESENTE, ONISCIENTE E ONIPOTENTE, QUE TUDO CRIO, SUSTENTO E DESTINO”.

Era e deve ser muito fácil encontrar muita gente sentada na relva, defronte a tais estelas, em profunda meditação. Os trabalhadores do campo de repouso, quando inquiridos, respondem apenas: “NÓS TAMBÉM VIVEMOS PERGUNTANDO SOBRE AS LEIS; MAS NÃO PERGUNTAMOS SOBRE O DEVER DE AMAR COM TODO O FERVOR POSSÍVEL, PORQUE JÁ ENTENDEMOS QUE FORA DO AMOR NÃO HÁ PAZ NEM VENTURA”.

Em linhas gerais, penso que mostrei o plano de trabalhos que está sob a chefia da Grande Mãe, com vistas ao que deverá suceder no Planeta Total, a partir dos meados do século vinte e um; isto é, entrar para um ciclo algo melhor, preparando campo, consequentemente, para outros ainda mais avançados, até que o Grau Crístico, a JERUSALÉM CELESTIAL, tenha feito infusão

com o Planeta Total, e a antiga Terra nunca mais seja encontrada.

* * *

Quem vive sobre a Terra, sobre o chão terreno, poucas vezes lembra de quantas graças lhe oferece Deus, através das multidões de alegrias que as circunstâncias da vida conjugam. Porque, se o homem ainda continua revel aos ensinamentos fundamentais, ou pronto a corromper os ensinamentos e a estabelecer na Terra o império da maldade, certo é que a vida carnal é cheia de oportunidades e alegrias. E se considerarmos que os grandes espíritos têm motivos de queixa, porque se ressentem das diferenças vibratórias e das companhias menos sintonizantes, também podemos afirmar que o número deles não dá para formar a regra geral, ao passo que os demais, os noventa e cinco por cento restantes, se a isso podemos atingir, devem dar graças a Deus de poderem estar encarnados na Terra.

De tal forma as condições do encarnado são favoráveis, pela falta de valores psíquicos ou vibratórios, ou das qualidades de libertação, que aquele número acima indicado, mal desencarnando, procura meios de voltar à carne, assim que se coloca em condições de ponderar a diferença entre altos e baixos. Se durante a encarnação se julgava uma vítima dos erros de Deus, pois é assim que muitos grandes errados se imaginam, logo que se compenetraram dos fatos, procuram movimentar meios, amizades e fatores, para novas e benditas oportunidades entre os laços da carne.

E quando dizemos que escalões imensos formam filas, aguardando com angústia até a hora do ingresso no mundo físico, apenas estamos dizendo uma parcela da

realidade, pois o drama é muito mais complexo, abrange questões e pormenores muito mais profundos e carecentes de acuradíssimos estudos. Aqueles que se julgam vítimas durante a encarnação, quando se retratam no espelho de nossas realidades, se reconhecem os grandes verdugos!

Não bastam os quadros comprovantes de que falharam nas mínimas obrigações da última passagem, sendo pais, cidadãos, governantes ou governados incapazes de melhor conduta; é que sobram as marcas do passado criminoso, pois entre uma centena de espíritos apanhados a esmo, os que podem ser considerados apenas involuídos é mínimo o número, sendo a grande maioria constituída de elementos altamente endividados!

E como a pressão da Lei de Harmonia, ou atividade da Justiça Divina, se torna logo patente, a ex-vítima, segundo suas impressões, procura movimentar recursos para uma nova oportunidade. Lembra o chão prodigioso, os melhores irmãos de jornada, os entes queridos que foram mal servidos, os deveres falcatruados, o ar, o Sol, a Lua, a chuva, etc.. No caleidoscópio que a vida espiritual lhe apresenta, a ele que muito pode ir para baixo e nada tem para ingressar nos planos superiores, vê o quanto foi ingrato para com a grande escola carnal, desprezando as dádivas do Bom Deus, que fluíram generosamente diante de suas liberdades, e liberdades de uso que não soube aproveitar!

Grande soma das culpas cabe aos religiosismos, que por falsa interpretação se dizem religiões; porque nunca faltaram ensinamentos fundamentais nas Grandes Revelações ou Iniciações Fundamentais, ensinamentos que foram sempre adulterados, corrompidos, transformados em comércios

clericais, com profundas penetrações nos movimentos político-sociais-econômicos, por onde ainda mais vieram a prejudicar a evolução normal da humanidade!

Observando as bases deixadas pelos Maiores, ou Grandes Reveladores, encontramos aqueles ensinamentos fundamentais apontados no texto intitulado “LEMBRA-TE”, com a preponderante influência da Revelação, da comunicabilidade dos espíritos. E no Divino Modelo vamos encontrar a máxima advertência em que sentido? Não é sobre o Sagrado Ministério da Revelação ou do Consolador?

Sim, a grande realidade salta ao entendimento de qualquer um, quando quiser usar o seu entendimento, para analisar as Linhas Mestras Doutrinárias e a gloriosa função da Mensageiria Divina, advertindo, ilustrando e consolando os encarnados. E que diremos de quem ignora as Linhas Mestras Doutrinárias e ainda por cima blasfema do Sagrado Ministério do Consolador?

Diríamos, ainda, com coroa de louros, que o toque final para o estabelecimento da Revelação Generalizada, deu-o Jesus Cristo, abandonando o corpo num madeiro infamante, para em retornando como Espírito, deixar o Pentecoste Imortal, o Imortal Pentecoste que, quase dois mil anos depois, volta a ser repostado no lugar pela vinda de Elias, a cujo arcabouço doutrinário deu o nome de Espiritismo. Porque, entenda quem tenha inteligência de entender, Jesus não prometeu Consolador algum para vinte séculos depois, mas sim a generalização imediata e a restauração no devido tempo.

Lembramos com alegria os setenta profetas de Moisés, com os quais pretendeu começar a generalização da Revelação, pois o seu desejo era que todo o povo comunhasse com o plano espiritual e profetizasse.

Lembramos com amargura o trabalho do clero levita, que trancou a obra de Moisés, valendo-se da ignorância de Saul, chegando a queimar os documentos e a matar os Profetas ou Médiuns, além de, posteriormente, falsificar os documentos que foram apresentados por Esdra.

Lembramos com alegria ímpar a vinda de Jesus, o Cristo de Deus e não feito por homens, entre cujas funções estava a de derramar do Espírito sobre a carne, aquilo que tanto prometeu em vida, e que cumpriu integralmente, depois de alguns dias, deixando na História o Glorioso Pentecoste.

Lembramos com profunda amargura o crime de Roma, truncando o Batismo de Espírito, ou derrame de Espírito, ou generalização da Revelação, afirmando serem os fenômenos mediúnicos ou proféticos de autoria do Diabo, para assim forjar uma igreja sua, defensora do Império despótico e sanguinário, e ato criminoso esse que mergulhou a humanidade na ignorância das coisas do espírito e na terrível brutalidade em que ainda vive.

Lembramos com alegria cristã a volta de Elias, o trabalhador da reposição das coisas no lugar, pois além de se cumprir nele uma profecia do Cristo, é fato que esta se revela como restauração da Excelsa Igreja do Caminho, Igreja Viva porque edificada sobre o Consolador Generalizado por Jesus Cristo!

Quero lembrar também, ó Pai Divino, em nome do Teu Ungido Jesus Cristo, de ter a oportunidade de usar a minha presunção, pelo fato de me terdes concedido a santa oportunidade de dizer estas palavras aos meus irmãos; porque, Senhor e Deus meu, ainda que venha eu, algum dia, a errar muito, ainda assim terei, como medida

bonificadora, a graça de ter dito a mais lucilante verdade aos meus irmãos de jornada evolutiva. Graças, Pai Santo, pela Graça que me concedeste!

E assim dizendo, volto ao assunto do capítulo, para focalizar um dos maiores criminosos da História, que permanecera mil e duzentos e dez anos nos abismos da subcrosta, pelo fato de ter sido fiel aos ditames de Roma, que se dizia a Guarda dos Ensinos de Jesus Cristo Perante a Humanidade.

Este irmão, crente do que lhe diziam os donos do Vaticano, tendo poderes nas mãos, comandou legiões, ferros e fogos, semeando o vandalismo, o sadismo por todas as partes, contanto que tivesse a seu favor a possibilidade de pensar que estava protegendo a Vontade de Deus, pelas validades que Roma lhe oferecia. Arrastou rios de sangue após de si; e veio a mergulhar nesses rios de sangue, por todo aquele tempo, em companhia de legiões de comandados e de comandantes!

Depois de retirado de uma das mais baixas das subfaixas da subcrosta, foi submetido a tratamento por mais de três anos e meio, do vosso tempo, para ter a oportunidade de passear pela campina. Seu perispírito, ou coisa que possa valer por isso, estava completamente deteriorado... E se é verdade que Deus querendo, a restauração pode dar-se prontamente, também é verdade que a Justiça de Deus é coerente ao infinito...

Ele devia ter que meditar muito, enquanto o seu exterior estivesse em fase de rearmonização; isto é, que fosse, também, rearmonizando a mente!

Depois de tudo, quando alguém lhe lembrava os tristes fatos, ele dizia:

— Se cometi o erro de acreditar nos homens, por

que não cometi o acerto de confiar na Lei de Deus? Se um Jesus Cristo afirmou que não veio para derrogar a Lei de Deus, por que acreditei em homens que se julgavam mais do que o Cristo?

Enfim, esse irmão está entre vós e trabalha como pode nas hostes do Consolador... É um, dentre muitos, que pode até julgar-se vítima da vida que arrasta sobre a crosta... Entretanto, saiba ele e quantos estiverem interessados pelo próprio destino, que é melhor aproveitar o tempo produzindo o Bem, do que discutindo os méritos da Excelsa Justiça!...

* * *

Não nos parece possível que a Eterna Bonança vigore para algum espírito, desde a sua hora de manifestação da parte da Essência Divina; ninguém afirma isso, e todos dizem em contrário, isto é, atestam que muitas tempestades se intercalam entre o começo e o fim da jornada evolutiva. Portanto, bonanças e tempestades se intercalam, até que o espírito se instale de uma vez para sempre na Eterna Bonança.

Outro ponto digno de atenção é saber se Jesus Cristo chegou a se arrepender do que fez e do que disse. Ninguém ousa dizer, por aqui, que tenha se arrependido. Portanto, os hipócritas e ladrões, os raposas, os mentirosos e assassinos, os túmulos caiados por fora e podres por dentro, os cães e os porcos, toda essa legião de representantes do antiCristo, ou contraventores da Lei, continua recebendo nos ouvidos os impactos da Eterna Advertência. E, pois, devem andar errados aqueles que se dizem arautos da Verdade, enquanto apresentam como conduta em geral bem estudadas maneiras e atitudes perante os mais evidentes e chocantes pro-

cedimentos de certas criaturas. O Divino Mestre disse tudo na hora certa, disse certo e bem alto, ainda que sabendo que iria receber a crucificação por prêmio. Não usou falsas bondades, fingidas tolerâncias e muito menos fantasiou a covardia de resignação, quando viu a Lei afrontada, a Verdade espezinhada, o Bem calcado aos pés pelos poderosos do mundo, a Virtude escandalizada e a Pobreza vilipendiada!

Mais uma faceta do Eterno Bom Senso nos diz, também, que nunca é em benefício da Eterna e Absoluta Verdade, que certos homens ou certos grupos de homens dogmatizam ou fazem cristalizar pontos de doutrina bem relativos, muito carecentes de contínuos progressos. Alguém, mais ou menos coletivo, está atrás disso tudo, com os seus interesses subalternos a proclamar o “não passem adiante!”. Da parte de Deus não havendo ordem de parada, para o progresso de Seus filhos, toda parada forçada pelos homens é criminosa. A voz de Jesus se levantou neste sentido: “AMAI A DEUS COM TODA A FORÇA DO CORAÇÃO E DE TODA A INTELIGÊNCIA”.

Estas e muitas outras aparentes simples falhas, ou nonadas na ordem dos atos cotidianos daqueles que peregrinam o mundo carnal, nos fazem pensar com acurado zelo, pois no amanhã seremos nós a substituir alguém, como parcela da demografia terrestre. Quanto ao campo de colheitas experimentais, tivemos os tempos de trabalho junto às legiões da Grande Mãe, bem como agora, estudando programas pré-encarnacionistas, sope-sando fatores, empregando o pouco de Senso de Justiça que a profissão terrestre nos favoreceu, no estudo dos contras e dos prós que residem no histórico de miríades de irmãos candidatos à encarnação.

Como já é bem conhecido, as registros são duas: uma é intra, é feita pelo espírito em si mesmo, como a psicométrica o prova facilmente; a outra é extra, é um relatório dos fatos mais salientes, contra e a favor, que pode ser lido a qualquer espírito, sendo conveniente. E para os espíritos embrionários em evolução, o mais importante é o relatório escrito, com os máximos fatos apontados, pró e contra. As miudezas devem ser observadas pelos maiores, aqueles a quem cumpre andar sobre o fio da navalha, sem se deixarem cortar...

Portanto, encaremos um irmão a mais, enquadrado como milhões de outros nas divisões terríveis que separam os homens; numa vítima a mais dos divisionismos que a moral humana, a lógica humana, a cívica humana, o patriotismo humano, as ditas religiões e outros preconceitos humanos endossam e sustentam, sob a égide granítica daquelas dignidades ou daqueles brasões que, por fim, por ferirem de frente os ditames da Lei de Deus, arremetem seus cultores para as trevas, onde o pranto e o ranger dos dentes fazem a vez das recomendações infernais.

Porque ficará de pé uma advertência: ninguém responderá pelos seus atos, frente a uma comissão de encarnados ignorantes, forrados de preconceitos, pernósticos ou encarapitados no cômodo das protuberâncias convencionais do mundo; mas terá de fazê-lo perante a Divina Justiça, que ninguém vê e que não aceita argumentos, porque age de dentro para fora das criaturas, em termos de rearmonização! A medalha que ao teor do mundo apresentava uma face, passará com a Morte a apresentar a outra, não havendo injunções de posses, nacionalismos, religiões, políticas ou coisas semelhantes, que tenham como intervir, para fazê-la mudar!

Perante Deus, já disse alguém, ninguém consegue usar rótulos!

Poderá ser como o joio, que cresce com o trigo, até certo ponto, mas na hora da colheita será separado e lançado ao fogo!

O irmão Karl, antigo Burgomestre, foi chamado à observação, para efeito reencarnacionista, isto é, para tratarmos do seu esquema da vida; delinear as linhas gerais, pois os pormenores entram normalmente e a parte de boa ou má vontade, a parte do encarnado, por isso ele responderá, quando retornar.

Focalizado Karl, o aparelho psicométrico, o painel das imagens refletidas, envolveu um grupo de irmãos, todos de projeção nobiliárquica, todos tremendamente articulados em fatos históricos criminosos. Portanto, o chefe da comissão de estudo recomendou:

— Convoquemos o grupo todo; quem sabe se poderemos enquadrar todos num mesmo plano de ação renovadora? Se isso ocorrer, nós ganharemos tempo e eles terão pela frente valiosa oportunidade de confraternização.

O Departamento de Noêmia funcionou e oito irmãos foram colocados defronte ao aparelho psicométrico. O Burgomestre, o Juiz, o Bispo, um Barão, um Padre, dois Advogados e duas Mulheres que serviram de isca em alguns casos, formaram o centro de ação de uma tragédia que envolveu milhares de pessoas, obrigando umas aos martírios redentores e outras aos desvios tenebrosos.

Tudo começou com a palavra de um Barão no ouvido de um Burgomestre; porque a coisa cresceu, envolveu, corrompeu cada vez mais e a Morte, fiel cumpridora de seus deveres, foi aos poucos juntando todos. Os primeiros a desencarnar foram ligados imediata-

mente aos que ficaram na carne; mas quando o grupo se reencontrou no plano astral, a luta e a permuta de acusações foi aumentando, crescendo, criando condições eletromagnéticas dantescas. Uma nuvem de fumo, negra e fétida, aumentou tanto que parecia cobrir a cidade, que de fato acabou cobrindo. E então passou a descer, a procurar o caminho da subcrosta, até parar num determinado ponto, determinado este pela lei do peso específico. E no seu bojo, aquela nuvem negra conduziu aquele grupo infernal, que por sua vez arrasou milhares de outros, todos pertencentes ao mesmo padrão vibratório.

O inacreditável começou a se apresentar diante de nós, diante daqueles que se encontravam diante do aparelho psicométrico, para efeito de revisão e estudo da programação necessária. Porque as discussões levaram às unhas, às mordidas, aos devoramentos, ao macabro!

Uns comiam os outros, depois ficavam mostrando os ossos descarnados; e a configuração áurica da legião macabra começou a apresentar as piores deformações, e a mentalização começou a criar formas densas à custa da matéria astral, até que se revelavam como imensos monstros, dinossauros, jacarés, serpentes, tudo transformado, tudo reduzido a horrores.

Dois séculos e meio depois, o trabalho comandado pela Grande Mãe os atingiu, e vimos um grande raio de luz penetrar nas trevas abismais. Lá do alto, um Sol Divino, tendo o semblante de Jesus Cristo no centro, atravessava três vultos femininos brilhantíssimos com Seus raios maravilhosos, comandando mais em baixo as legiões socorristas, inclusive os cães amestrados.

Tudo, de alto a baixo, era um maravilhoso cone de luz, formado de anéis, que perdia em brilho quanto mais descia, até facilitar identidade com a legião que devia ser levantada. Uma grande parte, não todos, pois a Lei de Harmonia é funcionária rigorosa!

Vimos a legião levantada ficar em determinado plano, de pouca luz, mas já em plano socorrista, perto do Terceiro Céu. E vimos a Grande Mãe, com suas legiões amigas, volitando sobre aquele amontoado de ruínas, fazendo cair sobre ele umas torrentes de neblina verde-azulada, que o cobria e obrigava a despertar para novas ideias e novas proposições. Assim foi acontecendo, dias e dias se repetindo a mesma operação, até que foram se destacando, destacando, cada elemento se tornando distinto, pensando por si, etc..

Um dia, diria uma gloriosa hora, lá em cima estava outra vez o Sol Divino, e o semblante do Mestre no centro. As Marias um pouco abaixo, depois em sentido decrescente os demais milhares de trabalhadores. O glorioso jato de luz focalizou a legião levantada, que se espalhava agora por imenso terreno, mas ainda ensombrado. E começou a deslizar para outro local, com um tremendo poder de locomoção, arrastando aquela gente toda para a beira de um imenso lago. Gente por dentro, porém revestida de brutas formas animais por fora.

Aos poucos, começaram a se banhar, notando que a água tinha um poder maravilhoso, além de ser deliciante ao contato, pois produzia cintilações belíssimas. E dentro de horas, todos estavam dentro daquele curativo lago, onde as formas densas exteriores se derretiam, deixando as pessoas perfeitamente humanizadas.

O Céu, para testemunhar a palavra certa, fez um Evangelista aparecer bastante reduzido diante deles, mas revestido de um eletrizante arco-íris de luzes policrômicas; e tendo um livro nas mãos, leu em voz tonitruante:

“Varões galileus, que estais olhando para o céu? Este Jesus, que se afastando de vós foi assunto ao céu, assim mesmo virá, tal como o vistes subir ao céu”.

Depois fechou o livro, apertou-o sobre o peito com as duas mãos e disse, com uma simplicidade terrivelmente penetrante:

“A Lei de Deus e o Divino Exemplo de Jesus Cristo já estão de novo no mundo, restaurados em forma de Espiritismo. E a Revelação dará, para os confins dos tempos, o testemunho que lhes compete. Voltareis ao plano carnal, pois o Pai Divino lhes concederá nova oportunidade. Observai a Lei! Imitai o Cristo Modelo! Cultivai a Revelação! Jamais forjeis novas clerezias!”

Todos, nas alturas, foram se afastando... O espaço ficou azul, límpido, mas um vislumbre celestial pareceu permanecer na imensidão... E nós, rente ao chão, vimos que grupos de outros trabalhadores vinham, do horizonte à nossa direita, e com eles alguns aparelhos de transporte. À frente vinha um, muito alto e com divisas nos braços, como insígnias militares. Chegando-se, falou àquele que na ocasião comandava os trabalhos, dizendo daquilo que lhes competia fazer, distribuindo aqueles irmãos todos pelos diferentes centros de aprendizados, etc..

A psicometria mostrara tudo quanto havia acontecido.

O painel permanecera claro, em função, motivo por que ficamos olhando. E um rosto lindo, meigo ao extremo, apareceu, ordenando:

— Aqueles que estão no vosso plano astral, que voltem à carne o mais breve possível, nos mesmos grupos familiares, porém na América do Sul, principalmente no Brasil, que será o bastião espiritual no Novo Ciclo, e Novo Ciclo que entregará o Planeta inteiro a um bem mais elevado nível vibratório.

Daqueles olhos infinitamente maternais saíram graças indefiníveis, e o painel se foi apagando, apagando, até ficar escuro.

Os oito irmãos estavam entregues a um misto de comoção e deslumbramento, e disseram não ter visto, durante os trabalhos socorristas de que foram objeto, as maravilhas que o painel psicométrico lhes fizera ver agora. É assim mesmo que ocorre, pois raramente os muito inferiores podem ver os muito superiores, pois a vista, o ouvido e outras penetrações derivam de graus vibratórios distintos. Para tudo é preciso estar nivelado ou capacitado sintonicamente.

Eles já estão encarnados, sendo irmãos e primos, para que se encontrem durante a romagem carnal. Queira Deus que o Consolador, generalizado pelo Cristo, corrompido pelo Império Romano e restaurado pelo Profeta Elias, com o nome de Espiritismo, lhes entregue a sua mensagem de advertência, ilustração e consolo, para que não voltem em más condições para este lado da vida. Como é sabido, cada qual, ao transitar pela vida carnal é atingido pelas influências do passado, por ordens de vibração e de elementos deste plano. Assim sendo, quem deixou para trás marcas ou registros menos felizes, é comumente atingido por influências tais. Cumpra reconhecer isso e fazer questão de estar ligado, pelas orações, conduta e amizades, quer aos nossos planos,

quer aos melhores elementos encarnados. E se assim o novo aluno não quiser pensar, fazendo tudo em contrário, pode estar certo de que os reinos de treva também trabalham em benefício do Reino do Céu... Porque tudo é parte e relação de um Divino Mecanismo!

* * *

“Em nome e sob as graças do Senhor Deus, e do Seu filho Ungido Jesus Cristo, vai e faz Bem aos teus irmãos”.

A Revelação, o Consolador ou Espírito da Verdade, funciona nos mundos e intermundos e não se poderia dizer, com absoluta certeza, de quantos recursos lança mãos e a que montantes pode atingir, em sua maravilhosa simplicidade. Porém, como medida de ordem técnica, deixamos para os encarnados o direito de conceituar como complexidade, precisamente aquilo que dizemos simplicidade.

Os encarnados partem de premissas um tanto contrárias, partem dos fenômenos e dos conceitos materiais, dos escolasticismos, da terminologia científica ou pseudo-científica, dos efeitos para as causas, enquanto nós aprendemos e bem depressa a começar do começo, de Deus e das leis causais. Sendo assim, quando os conceitos de algum encarnado chegam aqui, todos sob medidas formais, escolásticas, lastreados pelos importantes — Fulano disse, etc. —, nós vamos às verdades-chave, ao centro de gravidade, aos princípios. E podemos, então, de dentro de nossa crassa ignorância, compreender e sentir que a realidade tabelada pelos encarnados, fica muito melhor quando livre das tabelas...

E quando as tabelinhas vêm dos quadros religiosistas, temos por obrigação tomar medidas imediatas, por-

que as tabelinhas que na crosta funcionam em nome de Deus, da Verdade, do Amor e da Virtude, ou do Cristo Verbo que a tudo isso representa, verdadeiramente funcionam em benefício de grupos que tais, de súcias mercantilistas e politiqueiras, na maioria das vezes. Porque outras vezes funcionam em nome de simples fanatismos sectários, porém puros de intenção, o que já representa uma boa quantia de valores dirimentes.

Dito isso, vamos ao fato.

William, o pastor, saíra da carne embalado e forrado pelos conceitos luteranistas; e tinha seus grandes méritos! Porém, tinha horror a respeito de muitíssimas leis ou verdades que jamais poderiam ser de fabricação humana.

Mudaria Deus ou mudaria o ex-pastor William?

Por causa disso é que a Mensageiria Divina funcionou, enviando o homem cheio de boas prendas, de modo encantador; ele veio como que do Céu, através de graciosa faixa de luzes, onde se misturavam três cores, o verde brilhante, o azul-prateado brilhante e o lilás muito claro e também brilhante. Um presente do Céu, diremos, que ficaria ao nosso encargo entregar a um novo instrumento carnal, para os devidos efeitos progressivos.

Pisou o solo do nosso jardim, todo sorridente, trazendo na mão direita um bilheteinho. Entregou-o ao chefe dos serviços e este leu aquilo que está encimando o capítulo.

Diante do irmão assim afeito aos tratos bíblicos, o chefe indagou:

— Fomos avisados de sua vinda; mas, perguntamos, que gostaria de fazer, até a hora de tomar conta de novo fardamento carnal?

Sem perder tempo, respondeu:

— Estar sempre em contato com o mundo carnal, pois durante a vida cometi o erro de condenar a Revelação.

— Entretanto, irmão William, veio muito bem, pois não?

— Sim, porque o Senhor Deus, nosso Pai, observa as obras e não as manias sectárias de Seus filhos.

— Que mais o encantou no mundo espiritual, assim que chegou?

— Antes já de abandonar de vez o corpo, vi ao redor do chamado leito de morte, dezenas de irmãos conhecidos, que haviam partido antes de mim, estando entre eles alguns desconhecidos, deslumbrantes de luz, que me convidavam a acompanhá-los. Isso foi, para mim, uma graça de Deus que jamais teria esperado. Depois de estar por aqui, a maior graça foi ter visto Jesus Cristo, de muito longe, tendo ouvido Dele algumas palavras... Só Deus sabe como me senti!...

— Que lhe disse Ele? — perguntou-lhe o chefe, curioso.

— Ouvi-O dizer perfeitamente: “Tu estremecees diante da minha visão. Todavia, terás que ser como eu sou... Volta ao mundo carnal, sê um verdadeiro profeta, progride e faz progredir a teus irmãos...”

O chefe disse-lhe:

— Reencarnar é por nossa conta, como já sabe; entretanto, como pensa que se sairá, no mundo?

William meditou um pouco e respondeu:

— Isso depende de vários fatores... Se Deus me conceder faculdades psíquicas, e se eu vier a ter em Deus e em Jesus Cristo a fé que já tive, tenho certeza de que regressarei, um dia, com os meus deveres fielmente cumpridos.

— Dentre as faculdades, qual a que mais lhe agradaria possuir?

Prontamente respondeu:

— Gostaria de ser um bom clarividente!

— Por quê? — perguntou-lhe o chefe;

— Quem tem a visão do mundo espiritual, certamente pensa, sente e age com mais elevação de caráter. Lendo após a morte o Evangelho, tive oportunidade de apreciar muitas particularidades. Jesus, que tinha os anjos subindo e descendo sobre a Sua cabeça, tendo tudo isso diante de Sua visão psíquica, ou de quem tinha o Espírito de Dons e Sinais sem medida, não teria encontrado nessa maravilhosa faculdade a Sua maior força? Está escrito, também, que Ele tinha, diante de Si, os céus abertos; e podemos aquilatar, mais uma vez, o que isso pode significar, como fonte de coragem e resignação.

O chefe apontou para um dos presentes, dizendo:

— Você vai hospedar William, até o dia em que deva reencarnar; e, lembre-se, ele tomará parte em quantos trabalhos quiser, mormente aqueles que tenham de ser feitos junto aos encarnados, para se ir ambientando.

Cada qual foi para seus destinos; e no dia seguinte, à tarde, havendo sessão em determinada residência terrestre, lá estava o grupo todo, inclusive ele, o irmão William, que revelava bastante curiosidade. Nem poderia ser de menos, porque os encarnados eram poucos, menos de quinze ao entrarmos, porém dotados de intenções mui nobres, sendo que alguns eram dotados de poderosa clarividência, razão porque foram avisando da chegada dos mentores espirituais, com uma precisão encantadora.

Mal sabia ele, William, que ao iniciar-se o trabalho, vários daqueles encarnados poderiam deixar seus corpos, invadir o mundo espiritual, trabalhar ao nosso lado e estarem dando todas as informações aos demais componentes do ambiente.

Outra realidade para ele maravilhosa, é que estando o grupo de encarnados mui ligado aos trabalhos da Grande Mãe, por fatores históricos e laços de sangue nas encarnações pretéritas, para aquele humilde ambiente viriam, logo mais, elementos de alta hierarquia, para comandar serviços em lugares tenebrosos, isto é, socorrer criaturas que muito desceram, por muito terem errado.

E lá pelas tantas, com os serviços em curso, na hora de suspender legiões de abismos horripilantes, quando a Grande Mãe, do alto da espiral luminosa invocou os poderes de Jesus Cristo, enviando aos altos uma faixa de luz dourada; e quando, das alturas cintilantes agora, foi aparecendo o Sol Divino, que chegando mais perto revelou o semblante do Divino Mestre, William atirou-se ao chão e desandou a chorar convulsivamente, dizendo-se indigno de ver o Mestre.

Quem poderia limitar os poderes de Jesus Cristo? Quem está apto a negar que Ele, que pode o máximo, não pode o mínimo? Quem é mais do que Deus, para dizer que em essência não somos iguais, havendo apenas diferenças hierárquicas entre uns e outros de Seus filhos?

O Sol Divino foi descendo, descendo, reduzindo o Seu brilho cada vez mais e chegou bem perto de todos nós; era Ele, o Divino Mestre, tal e qual como vivera há dois mil anos quase, que estava à nossa frente. Apesar de reduzido a um homem, Sua Presença causava um não sei que de celestial, impunha um respeito inexplicável,

diria divinamente terrificante, porque nos fazia pensar e sentir numa convergência infinitamente absorvente, como se o próprio Deus, o Ser Infinito, ali estivesse, reduzido a um simples homem, para testemunhar que é o Pai de todos.

Chegou-Se, colocou as mãos alvinitentes sobre a cabeça de William e chamou-o pelo nome, com uma voz que parecia feita de carinho celestial. William levantou a cabeça, viu-O, estremeceu e caiu a Seus pés, dizendo palavras sem nexo, derramando lágrimas abundantes.

Jesus foi subindo, subindo, endereçando olhar magnânimo a toda aquela multidão maravilhada; quando parou, a grande altura, as três Marias maiores também subiram, tendo aparecido alguns grandes espíritos mais perto, e multidões de seres a se estenderem pelo espaço esplendente de Luz e de Glória.

Antes de sumir na profundidade do espaço, enviou a mensagem seguinte, que ecoou pela imensidão, parecendo a mim que tinha o poder de se fazer ouvir até pelas águas, flores, chãos e tudo quanto havia por ali, criado por Deus:

“Nunca estive longe de minhas ovelhas e peço que nenhuma esteja longe de mim. É da vontade de nosso Pai, que nos amemos como verdadeiros irmãos, os maiores e os menores, até chegar a hora de formarmos uma só Unidade”.

Quem foi colocar as mãos na cabeça de William foi uma jovem, um espírito encarnado, que estava trabalhando fora do corpo em plena consciência, e enviando à mesa de trabalhos os informes que achava mais proveitosos.

Terminado aquele serviço, a comitiva de encarnados e desencarnados voltou ao recinto da sessão, tendo

William visto, ao redor da mesa, uma jovem igual àquela que o erguera.

— E aquela, tão igual, meu anjo querido? — perguntou ele, comovido.

— Aquele é meu corpo, apenas, meu irmão, — respondeu sorrindo.

William ficou mudo, pensativo, triste e alegre ao mesmo tempo; mas quando a jovem disse que ia tomar conta do corpo, havendo-lhe estendido a mão, para a despedida formal, tal como fazem os encarnados, ele segurou-a com muito respeito, osculou-a e gaguejando disse-lhe:

— Diga aos irmãos encarnados, minha querida irmã, que Jesus Cristo é quem tem a inteira razão... E diga, também, que a razão de Jesus não é aquela que os religiosos da crosta usam ou afirmam diante da humanidade.

Depois que ela havia tomado conta do corpo, mas permanecendo em plena clarividência, disse-lhe o mentor da sessão:

— Não te preocupes, que essa irmã desceu de grandes alturas, para reencarnar, estando frequentemente em contato com o seu plano de vida espiritual. Ela é mensageira superior e, apesar de encarnada, não perdeu a função, porque o seu coração funciona paralelo com o coração amantíssimo do Cristo Planetário.

William encolheu os ombros, abraçou fortemente o guia da sessão e disse:

— Nada mais direi das graças de Deus, que fluem sobre Seus filhos através de Jesus Cristo, neste Planeta. Quero começar a pensar de outro modo, para não estar levantando fronteiras e barreiras entre o Poder Divino

e os Seus filhos, como fazem as religiões... Sendo Deus Onipresente, Onisciente e Onipotente, por quê devemos pensar em separações e distâncias incomensuráveis? Por quê?!...

Tarimbado, falou o mentor da sessão:

— A Terra ainda é um mundo infantil; só as crianças, como nós, pensam que o Pai usa os nossos conceitos. Por isso mesmo, irmão, não pense que descobriu essa verdadezinha elementar, pois já a descobriram, antes de você, milhões, bilhões ou trilhões de outros irmãos nossos. Mas, e aqui está a complicação, assim que voltam às plagas terrestres, voltam logo ao estado de burrice anterior, recomeçando as práticas ignorantes, erradas e até mesmo criminosas.

William fitou-o bem e depois baixou a cabeça, entristecido; mas o mentor da sessão falou-lhe, confidencialmente:

— Este seu amigo é useiro e vezeiro nessas faltas, compreende?

— Também foi pastor protestante? — perguntou William, curioso.

O mentor sorriu alto, bem a seu gosto, rematando:

— Já negocieei em todas as espécies de balcões religiososistas... Já pratiquei, em nome de Deus, todas as formas de asneiras, compreende? E é por isso que ainda estou trabalhando rente ao chão terreno!...

— Rente ao chão terreno!... — comentou William, pensativo.

E o mentor, fitando-o bem, explicou:

— Todos os Planetas são apenas casas cósmicas, nada mais, onde humanidades fazem sua evolução. Portanto, têm eles a parte interior ou subcrostiniana, a parte

que é a crosta, onde vivem os encarnados e aqueles que ficam ligados a eles por vários motivos, e as partes exteriores. Quanto à Terra, tem ela uma faixa umbrosa de mil e duzentos e tantos quilômetros, ao redor, começando depois as faixas de luz. Ora, ninguém atinge o extremo exterior, a zona crística, enquanto arrastar consigo falta de Verdade, de Amor e de Virtude, entendeu?

William disse que sim, que havia visto o mapa diagramático do Planeta, logo que deixara a carne; e o mentor da sessão falou-lhe:

— Muito bem! Então você já sabe que o Reino de Deus é uma questão de Verdade, Amor e Virtude, e não uma questão de fanatismos religiosistas. Eu também sei disso e muita gente o sabe! Mas, infelizmente, quando se toma um novo corpo, a fim de conseguir mais libertação espiritual, os estreitismos humanos, sectários e outros, fazem o serviço do cupim, isto é, minam a planta pela raiz! E voltamos do mundo cheios de rótulos, porém vazios de verdades libertadoras...

William perguntou ao mentor da sessão:

— Já teve alguma visão do Divino Mestre?

— Claro! O Divino Mestre nunca deixou de vir a nós, de modos os mais diferentes. Sua Presença, no Planeta, é um fato e não uma lenda. Mas, caro irmão, também aí as coisas se passam de modo menos feliz, pois endereçamos os fatos ao rol da exaltação, enquanto Ele, o Divino Amigo, quer apenas imitação e realização, de nossa parte, do Cristo que em nós aguarda manifestação. Nós, todavia, mal instruídos pelas ditas religiões, pensamos em programas de reverência e adulação, com fitos muitas vezes de comércio ou meio de vida para determinadas súcias, e os convites do Grande Amigo ficam

para trás... Isto é, nós ficamos para trás, porque ao fim de milhares de anos e de encarnações, estamos ainda rentes ao chão terrícola...

William assentiu com breve sinal de cabeça, balbuciando:

— Há muito vasilhame e bem pouca essência, na Terra, em matéria espiritual!

O mentor ventilou, de pronto:

— Veja o seu caso, por exemplo: não é certo que, como pastor protestante pensava ter engolido a Verdade? Não é certo que, trepado na sua importância interpretativa, até ao próprio Deus seria capaz de impor seus pontos de vista? E no entretanto, em quantos assuntos, e bem relativos, veio a compreender que estava bem errado?

William baixou a cabeça, entristecido, e o mentor comentou, com muito carinho em suas expressões:

— Tu és como nós todos somos, irmão William!... E assim como te atiraste ao chão, na presença do Irmão Maior, assim todos temos feito, contrariando a Sua Vontade... Ele quer que vejamos n'Ele o Grau Crístico, a que todos devemos atingir... Ele não quer de nós exaltações e nem traumatismos terríficos, porque o ponto atingido por Ele, é o mesmo que deve ser atingido por todos os filhos do mesmo Pai Divino.

William levantou a cabeça, menos embaraçado, argumentando:

— Bem, a Igreja do Caminho está restaurada... A Lei de Deus e o Divino Exemplo do Cristo estão de novo no mundo, límpidos e fulgurantes, convocando os homens ao Divino Banquete da Fraternidade, tendo na Revelação, no serviço da Mensageiria Divina, o traço de união entre os filhos do mesmo Deus. Portanto...

O Mentor sorriu bem expressivamente, interrompendo-o:

— Portanto, o quê, irmão William?... Pensa que os homens vão deixar assim a boca torta pelo cachimbo?... Ora! Ora!... Lembre-se de que, sob pretextos vários, hão de levantar novas clerezias, com menos fantasias, talvez, porém tão criminosas quanto aquelas que, após as Grandes Revelações, sempre levantaram no mundo. Começam falando em organização, direção, cimentação, pureza doutrinária, necessidade de movimentação coletiva, etc., etc.. Mas, no fundo de tudo, não é o exemplo de boas obras que os domina, porém os vaticanismos e papismos que arrastam no arcabouço cármico; é o desejo de serem juízes e fiscais dos irmãos, a mania de quererem ser os donos da consciência alheia, querendo olhar de cima para baixo os seus irmãos, porque julgam que o Bom Deus os fez especialmente para dominar os outros! Puro regime de falsa observação doutrinária, pura mistificação na ordem dos deveres fraternais! Assim começaram todos os vaticanismos e papismos e assim o Consolador restaurado também correrá o mesmo risco, se não é que já está bastante minado pela praga dos mandonismos ditos especializados.

— Então, — perguntou William, — em que vamos confiar?!...

Desaprovante, o mentor respondeu:

— Essa pergunta não se faz, irmão William!

— Por quê?...

— Porque a Verdade nunca será engolida por ninguém! Porque a Doutrina do Caminho é em si mesma igual para todos os filhos de Deus! E porque as instituições e os estatutos pernósticos e prepotentes, que certos

homens possam inventar, jamais controlarão as mediunidades e o movimento dos espíritos mensageiros!

A vastíssima assembléia prorrompeu em aplausos, gritando alguns o seu VIVA! à Excelsa Doutrina do Caminho, que jamais será escrava de preconceitos humanos quaisquer. E ali findou a sessão, tendo nós visto que das alturas, uma Grande Amiga fazia jorrar luzes de suas benditas mãos, luzes que, chegando a nós se convertiam em alvíssimas e perfumadas pétalas de rosas.

* * *

“Aqueles que forem representantes da Verdade, do Amor e da Virtude, certamente darão provas individuais disso, através das obras que praticarem, sem se importarem com aqueles que não são e com aqueles que apenas parecem ser”.

William chegava ao término do seu estágio entre nós, beirando cada vez mais a residência daquela gente simples e humilde, que lhe iria contribuir para a encarnação, oferecendo-lhe o bendito instrumento carnal.

Sílvia, que lhe seria e é a mãe, era e é, jovem dotada de boas faculdades; e o pai, modesto funcionário público, embora sem muitas letras no plano carnal, conta nos registros cármicos com excelentes conquistas em geral. E não pena com o fato de ser inculto, pois no passado, com a mania das terminologias complicadas, querendo e fazendo para aparecer mais, contraíra alguns débitos. É até bem feliz, pois sendo incapaz de melhores assimilações pseudo-científicas, vive procurando fazer o bem, vive para dilatar as imortais importâncias do coração. Também, em abono de seus méritos antigos e do bom comportamento presente, o guia de sua esposa vive a repetir: *“A sabedoria que vale diante do mundo, pode não valer diante de Deus”.*

Ele não tem a menor noção dos porquês de tais palavras, mas elas lhe fazem o bem devido; e farão a todos aqueles que tiverem vontade de viver vida ajuizada, já que a sabedoria enfeita o espírito, mas a consistência que garante a Paz e a Ventura, essa jamais deixará de pertencer ao Amor!

É por isso que (embora pareça esquisito aos homens, principalmente aos que se nutrem de pseudo-importâncias), muitos pequeninos voam aos altos planos da erraticidade, enquanto eles, cheios de rótulos do mundo, fazem longos estágios entre a carne e os planos inferiores do mundo espiritual. Lembramos, para efeito de juízos quaisquer, que não estamos fazendo a apologia da ignorância... Apenas queremos dizer e dizemos, que a verdadeira Sabedoria é aquela que se deixa envolver e penetrar pelos santos unguentos do Amor, para juntamente subirem e se apresentarem unidos em face dos planos onde a Paz e a Ventura dominam absolutamente, por estar ali exposta de modo inenarrável, e acima de individualismo, a Presença Divina, o Ser Infinito, Aquele que É tudo em todos, e que todos O trazemos dentro de nós, sabendo ou sem saber, amando-O ou não.

Falando d'Ele, cuja Paternidade é igual, lembramos aos que se dobram cheios de medo, e terrores até, na presença de Grandes Irmãos, que é necessário, o quanto antes, perder muito de beatismos falsos, de pieguismos repugnantes, para ganhar simplicidade, podendo assim manter uma conduta harmoniosa em face de todas as entidades, questões, condições e situações. Quem se sabe um filho de Deus, por insignificante que seja no campo evolutivo, é no campo individual um filho de Deus, alguém que tem por obrigação honrar a Divina Paternida-

de. Se os Grandes Irmãos não precisam de curvações e babujas, que os menos evoluídos não se comportem como se fossem réprobos, porque para isso ninguém foi criado!

Quem for simplesmente involuído ou iniciante na escala hierárquica, lembre-se que deve trabalhar para progredir, sendo que seus irmãos maiores poderão auxiliá-lo, com ensinamentos e algumas outras ajudas, nunca porém realizando aquilo que é devido a cada um; e quem for devedor de faltas, por erros cometidos, lembre-se de que a Justiça Divina é Absoluta, porém flexível nas aplicações, muito oferecendo aos que se fizeram penitentes... Mas, lembre-se bem, aquela penitência que se caracterize pelo fazer bem ao próximo, porque aquela penitência piegas, idólatra, ritual, exterior ou formalista, de nada adiantará.

Os preparativos de William foram muitos e práticos; quase um ano de trabalhos e de observações locais, por força de sua vontade, que foi no sentido de auxiliar e de aprender ao mesmo tempo. E com isso, como é fácil conceber, ele se permitiu felicíssimas registros mentais e emocionais, registros que, no curso de sua vida carnal, não de vir à tona, em termos de intuição.

Há na maternidade um quê de imensamente imponente!

Se é certo que, nas piores condições, iguais se atraem e irmãos portadores de vibrações inferiores se re-encontram em todos os campos de atividade, inclusive o reencarnacionista, dando-se portanto, acontecimentos assustadores; se, em função das leis sintônicas, nascem criaturas em meios os mais hediondos, o certo é que, na maternidade, há sempre alguma coisa que entenece profundamente. Queremos dizer, pelo que sabemos, que

os filhos de Deus podem desonrar seus direitos e suas oportunidades, suas regalias e suas funções, mas o mérito das leis fica de pé!

Porque o poder criador é exclusivo de Deus, Seus filhos usam de leis Suas, e o fazem bem ou mal, porém sem jamais poderem tocar, de longe que seja, na santidade intrínseca das mesmas! Concludentemente, o mais feliz é aquele que aprende as melhores lições da vida, acumula experiências, tudo fazendo para não usar mal ao que o Bom Pai fez para ser bem usado. E como leis são leis, todos responderão pelos maus usos feitos, porém muito mais, ou em maior porcentagem, aqueles que o fizeram com mais conhecimento causal.

Os três casos que aqui vão relatados, podem fazer pensar em legiões deles, tanto bastando que se aplique a lei das proporções a cada um deles.

O primeiro foi o de um espírito de ordem bastante inferior, encomendado por um homem abastado e sem filhos, por ser sua esposa estéril; encomendou-o por intermédio de uma mulher de más recomendações. Ela teria o filho e lho entregaria, recebendo, no momento, uma boa quantia em dinheiro, afora o já recebido. E tudo sucedeu, inclusive a indicação de um espírito, pelos encarregados deste lado.

Apesar do ambiente infeliz, em que vivia a futura mãe, foi-lhe dado guarda até o dia de ter o seu bebê, quando passaria às mãos do pai, através de outra pessoa. A comitiva entregou o espírito ao colo materno, no devido tempo, em sua residência, depois de haver muito trabalho de limpeza. E houve oração, rogo ao Pai Divino feito pelo chefe da comitiva e palavras de ensino a alguns novatos em matéria de trabalhos dessa ordem.

Partindo do princípio que ensina ser a Criação a Bíblia de Deus, tudo é escola e tudo traz proveitos, mais tarde ou mais cedo, sem sofrimentos, com mais ou com menos sofrimentos. A questão é a seguinte: saber, pensar, sentir e proceder do melhor modo. Mas quando isso não for possível, as leis terão curso e a responsabilidade terá que ser de alguém, porque mistérios e milagres não existem na Ordem Divina. E como com a Justiça Divina ninguém jamais irá discutir, porque nunca virá a encontrá-la como um indivíduo, eis que, nos dédalos do Espaço e do Tempo, todas as contas serão ajustadas até aos mínimos detalhes. Para os homens os fatos podem se revestir de farto enigmatismo; mas não há disso na Justiça Divina e em coisa alguma que derive de Deus. Abram os homens suas mentes, procurem focalizar as verdades eternas, perfeitas e imutáveis de Deus, porque a parte de Deus não depende de cogitações humanas.

O segundo caso foi de uma beleza singela; uma jovem esposa inaugurava a maternidade, e, como era procedente de plano espiritual apreciável, foi para lá que foram remetidos, os dois, ela e ele, o esposo, para voltarem ao recinto familiar com um belo presente do Céu — uma pequenita luminosa!

Em virtude de um acidente, certa mãe perdera a filha alguns dias antes de nascer; e como o programa do espírito reclamava urgente encarnação, foi endereçado o mesmo ao jovem casal de que falamos. O corpo perispiritual, assim como saíra, assim fora deixado. A jovem mãezinha, estuante de felicidade, recebeu a bonequinha nos braços e sobre ela ensaiou, também, as primeiras lágrimas de sentido maternal.

Quando falamos em Ordem Divina, queremos dizer o TODO e suas leis também totais; num lance de pensamento, num apanhado geral que permita, ao ser relativo, a ideia do TODO, eis o que chamamos, para nós, a Ordem Divina. Porque ela é como é, e ninguém poderia negar, mas, para nós, ela é como o nosso relativismo permite focalizá-la. No seio desse conceito maravilhoso do TODO, as pequeninas questões e os mínimos fatos atingem grandezas inenarráveis. Assim foi a entrega de um espiritozinho àquela mãezinha, no interior de um templo, na esfera de vida de onde partiu ela, a mãezinha, um dia, para reencarnar.

A Revelação funciona nos mundos e intermundos da Infinita Casa do Pai; portanto, funcionou ali, também, naquela hora sublime. O globo de cristal, colocado no local onde no mundo formam as exposições de idolatrias comercializáveis, em dado momento começou a revelar farta e policrômica iluminação. As cores menos claras foram dando lugar às mais claras, até que tudo ficou entre ouro e prata, porém de um brilho impossível de ser descrito. E a Grande Mãe apareceu, rodeada de milhares ou de milhões de pequenitos sorridentes e brilhantes, tendo endereçado à jovem mãezinha palavras de incentivo. Mas cada um de nós ganhou alguma coisa, porque ela disse, emprestando à flexão de voz um poder tremendo de penetração:

“... Porque em um mundo inferior como a Terra, não pode triunfar aquele que não pode renunciar...”

O terceiro caso foi a entrega de William aos futuros pais; e também com ele o Céu quis dar-nos a graça de

uma viagem a plano bastante superior. Portanto, uma falange de mais altos servidores veio a nós, para nos emprestar auxílio vibratório, sem o que a nossa presença ali seria difícil, por tempo algum tanto prolongado.

Acertado o local da reunião, trouxeram da crosta o casal de pais, e, uma vez o conjunto realizado, a falange superior nos envolveu, formando círculo em torno de nós. Feito isso, o chefe da falange comandou a viagem, dizendo que bastava a cada um, para cooperar, ligar o pensamento a Jesus Cristo. E a comitiva se elevou nos ares, entre sons maravilhosos.

De onde saímos, pelo menos vinte e duas fronteiras vibratórias atravessamos, para chegarmos ao local de destino. E se tudo tinha mostras do mundo terreno, com edifícios, jardins, aves, flores, fontes, sons, etc., a verdade é que o sentido de divinização deixava e muitíssimo longe as belezas de nossos planos menos iluminados e venturosos.

Entramos para um imenso edifício em forma de pagode, feito de alabastro brilhante e ornado de cravejamentos maravilhosos. O salão para onde fomos, de um caráter grave em tudo, tinha ao centro uma mesa enorme, de cor escura porém viva ou vibrante, como todas as cores por aqui o são, sendo natural que, quanto mais se sobe, tudo mais e mais se torna lucilante e glorioso.

O chefe da falange colocou cada um em seu devido lugar, deixando intervalos que, a seguir, completou com irmãos de seu comando. Disse que assim devia ser, para os de esferas inferiores, e os encarnados, receberem o necessário auxílio vibratório. Na ponta da mesa, e no centro dela, pois era muito grande, colocou os futuros pais de William, deixando uma vaga entre eles. Feito

isso, mandou a sobra de elementos seus formarem círculo em torno. E quando tudo pronto, avisou:

— Estamos informados de que seremos visitados por alguns irmãos de mais altas esferas; e embora seja comum isto, mormente neste salão, dedicado à recepção de encarnados e candidatos à encarnação, é sempre com elevado júbilo que recebemos os avisos, os convites e as ordens, para organizar as reuniões. Estando nós prontos, manifestamos o nosso agradecimento ao Pai Divino, ao Divino Mestre que é Jesus Cristo e ao Sagrado Ministério do Consolador. Que se faça a Vontade Suprema, através dos Santos Escalões, que a nossa rende graças de poder servir.

Clarins soaram primeiro. Feito silêncio profundo, profundíssimo, vozes se ouviram, vindas de um dos lados. E um grupo de irmãos apareceu, cada um deles vestido singelamente, simplesmente, como os nazireus ou essênios. Tudo neles denotava a marca do profetismo hebreu e a rigorosa simplicidade dos altos seres, aquela simplicidade que penetra, comove e causa profundo respeito, porque contém de cada um o que realmente é, sendo que esse “é” revela o infinito respeito que revelam ao Senhor do Todo!

Digo aqui, abrindo parêntese, que os religiosismos da crosta e dos planos inferiores do astral, como não podem ser derretidos, para se apresentarem de modo diferente e conveniente, devem tratar de se modificar quase que totalmente; porque, diremos, fazendo parábola, que aquilo que aqui é simples, porque mostra o lado de dentro das pessoas, na crosta e planos inferiores não é simples, não é puro, não é decente, porque mostra o lado de fora, mostra a aparência ou o rótulo das pessoas.

Direis que tudo deve evoluir e que é normal ser assim... Mas eu digo que os tristes vícios e as deturpações favorecem maquinações bem engendradas e fortemente conservadas... Uma coisa é ser normalmente involuído, e outra é ser propositalmente capcioso, politiqueiro e negociista das coisas do espírito!

Um dos do grupo passou à frente, sentou-se entre os futuros pais de William e disse, com voz harmoniosa, vigorosa e meiga ao mesmo tempo, assim como quem é o irmão, o amigo, o mestre, o veículo da Divina Paternidade e a expressão da Sua Divina Justiça:

“Os mundos físicos são escolas e as humanidades são classes de alunos, como bem o sabeis. O destino fundamental é a glorificação integral dos filhos do Pai Eterno. E para que as humanidades alunas tenham sempre com que contar, em matéria de aprendizados, vamos nós, executando a Suprema Vontade, enviando professores aos mundos físicos.

Como a parte de livre-arbítrio não pode ser tirada, muitos professores têm invertido a ordem da realidade, mais aplicando de seus mesmos conceitos, do que refletindo, em seus ensinamentos e obras, a Vontade Suprema”.

Volveu o olhar amigo e severo a William, sorriu, um convite feito sorriso, e chamou-o:

“Venha buscar este aviso, para que leve nas mãos, durante todos os dias de sua passagem pela encarnação”.

William levantou-se, foi até ele e fez uma inclinação de cabeça, mas bem se viu que dobraria os joelhos automaticamente, se ele, com o seu olhar, não o proibisse de fazê-lo. E recebeu um pedacinho de papel, ou parecido com isso, cor de ouro, com letras azuis, tudo brilhante,

mas de um brilho divino. E quando tinha o papel entre as mãos, as duas, recebeu uma ordem, um doce convite:

“Quer lê-lo para nós?”

William leu-o, em voz alta, e com aquele timbre que não era o seu normal, parece que penetrado daquele poder maravilhoso que envolvia a todos ali. Aquilo que está dito no cimo do capítulo foi o que leu. E o presidente da reunião, diremos assim, tendo-se erguido foi colocar-se atrás do futuro pai de William, e depois atrás da futura mãezinha, tendo orado, direi que tendo conversado com o Pai Onipresente, Onisciente e Onipotente, porque a LUZ DIVINA atingiu a uma tal intensidade, que causava divino assombro, se assim se pode dizer, para logo mais vir voltando ao natural daquele plano espiritual, acrescido, é claro, com a presença daquela celeste comitiva.

Terminado tudo, o presidente mandou todos ficarem à vontade, bem se percebeu que para dar a todos oportunidade de trocar conversação amiga. Ele mesmo ficou à disposição de todos quantos quiseram falar-lhe, perguntar-lhe, dizer-lhe de suas preocupações e desejos de novos empreendimentos.

De minha parte, tinha a impressão de que, se não fosse o tremendo auxílio da falange auxiliadora, rebenitaria pela pressão intensíssima de algo que tinha no coração, me parecia um mundo de fogo, de amor descomunal, coisa que, se de lá de dentro saísse, invadiria o Infinito e banharia tudo com o seu poder de expansão divinizante.

Não ousei ir ao presidente, porque tinha e tenho certeza de minha pequenez; mas ele, na sua celestial simplicidade, foi varando entre os grupos de presentes e me veio tocar no ombro. Quis vê-lo de perto, e vi que

seus cabelos e tudo o mais, principalmente os olhos, o retrato de sua majestade pessoal, pareciam feitos de Céu materializado... Sei que não me entenderão, porque eu não sei o que isso quererá dizer totalmente, mas peço que assim me aceitem e que confiem nele, porque gloriosa é a Finalidade da Vida.

Minutos depois, convidou os seus para a viagem de volta; houve como que uma alegria banhada de tristeza, porque ele nos deixaria, se bem que ele não é quem se afasta de seus irmãos menores. Não falou com a boca, mas falou muito alto e forte, e penetrante, lembrando a todos que, durante a jornada evolutiva, as amargas passam e as eternas venturas permanecem, porque o Pai Divino assim o quer. E foram se retirando, depois de encantadora inclinação de cabeça, tão simplesmente como vieram, como grandes amigos no vai-e-vem dos dias da Eternidade.

O chefe da falange auxiliadora falou, agradeceu a todos e comandou a viagem de volta, para os nossos planos, os inferiores. E quando chegamos ao nosso plano de vida espiritual, entregou ele os futuros pais ao chefe do departamento competente, dizendo que William devia reencarnar conservando aquele papel na mão direita, pois sempre que, durante as dormidas do corpo, pudesse estar livre e ler o conteúdo, receberia o grande aviso.

* * *

A regra é e será eternamente, a cada um segundo as obras que praticar; e como praticar é se representar perante a Justiça Divina, assim funcionará, no seio das comunidades irmãs. Simplesmente assim, normalmente assim, porque aparências e sofismas não prevalecem perante Deus, que é infinitamente íntimo a tudo e a todos.

Quem ainda não atingiu o Grau Crístico, por certo estagia num grau inferior, seja ele qual for. E, sendo assim, tem para trás aquilo que já foi, tendo para a frente aquilo que terá de vir a ser. Bom seria, portanto, que ninguém jamais olvidasse o Sagrado Elo que une tudo e todos, e principalmente a Origem Divina à Sagrada Finalidade, pois esse, que se portar assim, muito poderá se avantajear nos caminhos da evolução.

Enquanto encarnados, muitos sonham com regras e tabelas miraculosas, não sendo mais do que isso os ritualismos e sacramentismos comercializados pelas religiões ou pelos seus proprietários; mas tudo isso é falho, e muitas vezes falso e pior ainda, porque diante de Deus, ninguém jamais deveria comparecer fantasiado ou revestido de aparências. Os atos perante o Criador e os irmãos, esses é que representam realmente, nada mais havendo que os substitua, de modo algum. E falamos com inteiro conhecimento de causa, porque vemos, aos milhões, caírem por terra as fantasias e os galardões trazidos do mundo. É confrangedor, é terrível, e é por isso que recomendamos boas obras e não religiosismos.

Como padrão, ou média geral, a humanidade terrícola é, moralmente, fato bem chocante, bem deprimente; o grande número se importa com o mundo, com aquilo que pode ser visto pelos semelhantes, deixando de parte aquilo que só Deus vê bem, e, conseqüentemente, só Ele pode recompensar. Além de não cooperar para a melhora do mundo, com tais imprudentes atitudes, todos deveriam saber que os hipócritas não herdarão o Reino de Deus. Cumpre, pois, custe o que custar, dizer e fazer o que é certo, na hora certa!

Do ponto de vista doutrinário fundamental, todos deveriam saber o seguinte, para efeito de autoconduta: que jamais alguém poderá atingir os altos planos da erraticidade, e muito menos o Grau Crístico, sem enfrentar situações decisivas, sem ter que tomar medidas de fato, em certas horas. Aqueles, portanto, que pretendem ocultar verdades ou desleixar deveres, alegando interesses subalternos ou possíveis opiniões alheias, não se esqueçam de que, com isso, jamais conseguirão convencer a Justiça Divina. Quem não tem caráter para afirmar a Verdade não tem merecimento para subir aos altos planos!

Foi preleção assim, caros irmãos, que vimos ser endereçada ao espiritista José, dois meses e meio depois de sua passagem, quando foi recolhido a um plano de muito relativa luz e para ser medicado num de seus hospitais.

Que fazia o irmão José, com as suas faculdades e os seus trabalhos mediúnicos, com o jogo de suas conveniências materiais e as suas responsabilidades para com a Justiça Divina?

As faculdades, pensava, eram o produto de suas boas realizações pretéritas, e podia usá-las à vontade e livremente, porque propriedades são propriedades! Como ferramentas, pelas quais teria que responder, ao desencarnar, não pretendeu jamais encará-las. Portanto, recebeu muitas pagas, presentes e tal, pelos trabalhos prestados.

Suas conveniências materiais, em geral, fizeram-no passar por cima dos Mandamentos da Lei, em muitas ocasiões e para fins bastante comprometedores, chegando às raias da imoralidade, abusando da confiança que lhe atribuíam. Mal sabia, que, em tempo algum, alguém passará por cima da Lei!

Entre a melhor conduta perante a Verdade, tal como a conhecia, e algumas injunções humanas, deixou a Verdade debaixo do alqueire e defendeu falsa moral humana. Teve o que dizer, muitas vezes, para dar o testemunho certo, mas os presentes e as festinhas que lhe fizeram nos ouvidos, autorizaram-no a silenciar, até mesmo a mancomunar com o erro!

Em grau bastante elevado, portanto, foi apenas um mercador de práticas mediúnicas. Como, porém, seus conhecimentos foram maiores, muito mais ao pé da Verdade, em confronto com os de outros mercadores da fé, eis que foi chamado em tempo antecipado, e para enfrentar situação menos agradável.

O mentor indicado naquele posto de socorro, que ficava bem nas divisas das faixas trevosas, disse-lhe:

— Agora, irmão José, que sabe porque desencarnou antes do tempo, e que sabe quanto tempo irá trabalhar neste posto de socorro, para adquirir méritos, a fim de encarnar de novo, procure ser um esforçado trabalhador. Aportam aqui irmãos em estado desesperador, vindos das faixas inferiores. É um campo de trabalho, é um instrumento de ressarcimento, é uma graça de Deus!

Entristecido, José perguntou:

— Não voltarei ao meu antigo plano de vida, antes de reencarnar?

— Não, tal é a ordem que está no seu relatório. Voltará daqui mesmo para o novo corpo, depois dos muitos anos que terá de aqui trabalhar, para ressarcir os erros cometidos por culpa de suas leviandades.

José pertencia a um plano muito mais elevado; ninguém poderia negar o fato; mas ao mais conhecedor mais será exigido!

É muito fácil ler o que se encontra na Lei de Deus, no Código de Conduta; é muito fácil ler sobre a significação do Divino Exemplo do Cristo; porém muito mais fácil é acreditar nos próprios conceitos, exaltando os próprios méritos, pensando que a Justiça Divina é apenas um sócio igual e nada mais, com quem se pode discutir à vontade e talvez até mesmo desfazer o compromisso!

A honra do profeta está no compromisso para com a Verdade, o Amor e a Virtude, que são acima de religiosismos e conchavismos humanos quaisquer; para ser apenas um mercador de posições e vantagens, aparências e rótulos, o Céu não remete ao plano carnal criaturas com salientes faculdades medianeiras.

Quando José saía, levado por um outro servidor, para iniciar longos anos de trabalho árduo naquele posto de socorro, o mentor indicado comentou:

— Em nenhuma parte do mundo o Consolador restaurado atingiu a amplidão que atingiu no Brasil, a Atlântida redescoberta, o rincão que encabeçará o movimento espiritual da Nova Era, entregando a humanidade a um nível muito mais elevado na ordem vibratória; mas, é penoso dizer, que a todas as horas recebemos elementos de volta, cujos índices estão muito longe do esperado.

Sempre desejando saber, perguntei:

— Por quê, bondoso irmão?

Ele invadiu o meu ser todo com aquele penetrante olhar, para depois responder, com um profundo acento de mágoa na entonação de voz:

— Eu, pelo menos eu, que também errei no mesmo sentido, tenho certeza de que o maior dos males, irmão Artur, é a mania de querermos doutrinar os outros, enquanto deixamos para trás a própria noção de conduta.

— Foi um médium relapso?

Assinalou que não com a cabeça, tendo murmurado:

— Não fui apenas um médium, mas um fundador de Centros e organizador de estatutos. Cuidei muito dos templos de matéria e não soube compreender muito bem os templos espirituais... Fixei programas para várias casas, mas não tracei melhor conduta para mim mesmo, em face da Lei de Deus e do Divino Exemplo do Cristo, Daquele Divino Homem que fugiu dos templos e foi praticar a Santa Vida Exemplar entre as gentes, até a hora de ser preso, espancado, falsamente julgado, insultado de todos os modos e por fim crucificado.

— Tudo isso faz pensar muito! – disse-lhe eu.

Levantou ele a cabeça, fitou-me bem e aduziu:

— A humanidade não precisa de mais umas igrejinhas, irmão Artur... Não é a falta de outras modalidades clericais que o mundo reclama, para aquelas modificações que visam entregá-lo a plano superior de vida... Sem que cada um se compenetre da edificação pessoal no seio da VERDADE MAIOR, tudo serão igrejinhas, tabelinhas, pílulas e teorias engarrafadas!

— Concordo, irmão, e levo em conta o seu cabedal de experiência própria, mas pondero que, em virtude da tamanha falta de cultura geral, que avassala a humanidade, bem pouca coisa poderá fazer o Consolador restaurado, mesmo que alguns abnegados façam da vida um campo de sacrifícios...

Interrompeu-me ele, para observar:

— Sim, sim, irmão Artur. Nesta fase histórica da humanidade terrestre, dois terços dela sofrem de analfabetismo e de fome!... As divergências de ordem econômica, disfarçadas em ordem política, construíram o maior

monumento bélico, aguardando a hora propícia para o desencadeio do maior massacre de todos os tempos!... As crianças e a juventude, o fermento da humanidade adulta, que no amanhã deveria produzir o bom exemplo, está contaminado pelo gérmen do religiosismo idólatra e brutalizante!... E, enquanto isso, os representantes do Consolador restaurado só sabem fundar igrejinhas, pensar em filas de necessitados nas festas de fim de ano, repetir dentro de Centros as sentenças do Cristo e, como iguais, formarem na rançosa coluna dos que acham que Deus deve providenciar as reformas sociais da humanidade...

— Como deveriam pensar e agir os espíritas, então? — perguntei.

Vi-o sorrir, abanar a cabeça negativamente e dizer:

— Como deveriam, isso não vou dizer... Mas eu sei que uns fundam igrejinhas e tabelinhas, para serem os de cima, e outros procuram as igrejinhas e as tabelinhas, para terem onde e com quem passar umas horas ou para pretenderem que os espíritos lhes consertem a vida!... As grandes reformas íntimas e as necessárias reformas sociais, em termos cristãos, isso dá muito trabalho! Já não digo que custe martírios, como em outros tempos, pois se assim fosse, os tais modernos profetas abandonariam a arena antes de haver perigo! Tudo, portanto, irmão Artur, é questão de tirar proveitos pessoais... E o Reino de Deus, que é questão de Verdade e não de acomodações religiosas, também para os spiritistas já deixou de ser importante, para ser apenas um item do vasto programa da vida medíocre...

Eu e dois outros, que fôramos entregar José àquele plano e posto de socorro, fomos logo embora, levando nos ouvidos aquelas palavras candentes, aqueles agra-

vantes conceitos. Como cada um pensa como pode e não como quer, e tem dentro de si os seus problemas a resolver, melhor julgamos registrar os fatos, sem ajuizar sobre seus méritos ou deméritos. Apenas, como medida de prudência, afirmamos aos espiritistas que há muita diferença entre falar ao mundo em religiosismos e falar ao mundo em termos de VERDADE. Ninguém confunda a VERDADE com os rançosos religiosismos, se não quiser enfrentar tristes situações ao desencarnar.

Se tudo fosse a mesma coisa, Aquele que deixou a Igreja Viva do Caminho, edificada sobre o Imortal Pentecoste, ou Consolador Generalizado, não teria ido em linha reta da Manjedoura ao Calvário! Portanto, Espiritismo não é um religiosismo a mais, somando entre os conchavismos do mundo, e um espiritista, conseqüentemente, arrasta consigo muitas responsabilidades a mais.

Conversinhas humanas podem afirmar o que bem queiram ou possam, mas nos altos planos da vida errática, todos sabem que o Pai Divino jamais deixou faltar no mundo a Tocha Iluminadora que é a Revelação; todos sabem o que foram os Grandes Iniciados, os Grandes Profetas que bradaram ao mundo os avisos do Céu; todos sabem da Divina Exemplificação do Cristo; e como, então, na hora em que cumpre à Revelação, ao Consolador repostado no lugar, o tremendo serviço de esclarecimento da humanidade, ter alguém que o transforme num formalismo como os outros?

Aquele que não saiba separar entre uma questão de VERDADE e uma questão de religiosismo formal, que se não diga espírita! Uma escola de conscientização, que não se estriba em dogmas e formalismos inventados por homens, porque afirma diante do mundo as Verdades

Eternas, Perfeitas e Imutáveis de Deus, é digna de melhores arautos!

* * *

De um modo geral, cumpre aos homens deixarem para trás essa mania de pensar que Deus deve reger o Universo Infinito pelas suas tabelinhas sectárias, pelos estreitismos conceptivos de seus fanatismos religiosistas; devem reconhecer que a Terra é um planetazinho muito pequeno e atrasado, engastado no seio de bilhões de bilhões de mundos, diríamos melhor dizendo bilhões de bilhões de galáxias, e que os homens mais se parecem com formigas insignificantes, em virtude do atraso intelecto-moral de que são portadores.

E se em outros tempos, mais atrasados, idolatrias e superstições vogaram à vontade, fizeram praça e pareceram verdadeiros cultos superiores da fé, chegada é a hora de tudo modificar. Já não tem mais cabimento a Fé, a Esperança e a Caridade, porque o CONHECIMENTO, a CERTEZA e a BONDADE, desde muito que podem tomar a vanguarda das movimentações humanas, à custa de quanto o Consolador restaurado tem ensinado.

Os enigmatismos das iniciações antigas, com as suas carradas de manias ocultistas e misteriosas; tudo isso, enfim, que cheira a terminologias eufêmicas, e mais as posturas físicas e as presunções iniciáticas, quando realmente são vazias ou apenas cheias de ilusões ocultistas e pretensiosas. Isso tudo é asneira querer conservar ou passar adiante, porque o Consolador restaurado, a Revelação tornada ostensiva, por ser absolutamente prática, ao alcance de todos e a par da vida dos filhos de Deus, tudo isso jogará por terra, queiram ou não os discípulos de todos os enigmatismos arcaicos ou modernos.

A mania dos templos, das vestes fingidas, dos sacramentismos, dos rituais e das súcias clericais, com suas profundas influências nos domínios político-econômicos, produzindo o retardamento evolutivo da humanidade, tudo isso também já poderia estar nos depósitos de lixo da História. Embora os documentos oficiais provem que, neste meado do século vinte, dois terços da humanidade sofrem de fome e de analfabetismo, afirmamos que um terço da humanidade, sendo letrada, bem poderia conduzir os restantes dois terços para fora daqueles ignorantismos e atrasos.

E aqueles que acham o Cristianismo nos longos discursos bíblicos e nos cânticos, pouco caso fazendo da Lei de Deus e do Divino Exemplo do Cristo nas suas obras sociais, esses também precisam mudar e bem depressa, pois o Consolador vai assaltando a humanidade com os seus FATOS, dando da Lei e do Cristo o devido testemunho.

Estes conceitos, nós os manifestamos, em virtude de um aviso recebido e dos últimos dois trabalhos levados a termo, antes de terminar esta narrativa, da qual fomos incumbidos por um mensageiro de muito alta hierarquia, que veio em nome da Grande Mãe.

O convite foi de Silvestre, para que estivéssemos em sua residência na hora indicada. Lá estando, disse ele:

— Artur, a narrativa está a findar; o pensamento da Grande Mãe, ou daquela que simboliza a Maternidade, ou tudo que é Feminino neste Planeta, está radicado em letras de forma, para constituir graciosa mensagem de aproximação entre os homens e as altas esferas da vida espiritual, tudo com vistas ao Novo Ciclo. Portanto, tenho dois casos a lhe apresentar, para que com eles

encerre a obra mensageira. Terá apenas que observá-los e descrevê-los, para que a lição fique nos ouvidos e nas consciências, nada mais. Como já lhe foi dito, nossa obrigação é lançar a semente na terra, para que esta, conforme seja melhor ou pior, favoreça a germinação, o crescimento, a floridura e a produção. Isto é, nós temos apenas a obrigação de falar às mentes e aos corações, ficando eles responsáveis pelos resultados positivos ou negativos.

— Muito bem, tal é a sentença do Cristo.

— Vamos hoje, então, ao primeiro caso.

E fomos observar a saída do corpo, do mais alto dignitário clerical, de quem a imprensa em geral falou muito, tendo-o chamado de “Santo” para cima. Todavia, ninguém o amparou, depois do corte do liame fluídico que o prendia ao corpo. Como que atingido por uma força invisível, foi parar numa capelinha humílima, em um interior da Itália, sem saber que desencarnara e sofrendo terrível geleira pelo corpo, que ele não sabia que era o do espírito. E com ele se trasladou uma tremenda multidão de outros clérigos e de outras gentes, formando uma nuvem horrenda, um cortejo macabro.

— Que monstruoso espetáculo! — exclamei, assustado.

Silvestre encarou-me, assentiu com breve aceno de cabeça e murmurou:

— A justiça humana é vesga, mas a de Deus nunca o será!...

— Quando sairá dali?!... E que acontecerá com essa legião igual a ele?!...

Sem perder tempo, Silvestre aduziu:

— A Justiça Divina é absoluta e todos os fenômenos se desenvolvem no Espaço e no Tempo, nada mais.

Apenas, como consequência de tudo, ele virá a dizer que serviu a Deus, enquanto os mensageiros socorristas lhe provarão que ele foi apenas muito bem servido, adulado, festejado, mimado, obedecido e tido como autoridade temporal e espiritual... Provarão a diferença entre ele e seus títulos e o Divino Exemplo do Cristo, que títulos não aceitou e terminou a carreira carnal crucificado, por outros tantos falsos ministros de Deus!... E por fim, lhe mostrarão o caminho de trabalhosas e difíceis jornadas carnis...

No dia seguinte, na hora certa, estava eu a postos, aguardando o momento de verificar outro acontecimento, sem ter a menor ideia do que fosse.

— Vamos embora! – comandou Silvestre, todo feito alegria, planando em faixa vibratória que não tinha coisa alguma que ver com os umbrais.

Num abrir e fechar de olhos, estávamos dentro de uma casa singela, repleta de gente chorosa, povoada de multidões espirituais maravilhosas. Entre as lágrimas dos encarnados e as alegrias do mundo espiritual, somente pairava a fronteira carnal, a parede formal; menos isso e todos, encarnados e desencarnados, festejariam o desencarne de uma velhinha muito magra, encarquilhada ao máximo.

Silvestre fez um gesto de reverência, diante das grandes almas presentes e se disse o mensageiro da libertação. Todos abriram alas e ele chegou, elevou a sua mente, no que foi acompanhado por todos, tendo havido, então, uma profusão de vozes, palmas, cânticos, sorrisos de boas-vindas, uma verdadeira tempestade de glórias!

Solta entre milhares de braços amigos, formando uma nuvem azulino-dourada, a velhinha foi subindo, su-

bindo... Mas ela foi deixando a velhice para trás, foi passando por uma transformação celestial, até que lá nas alturas, para nós, vimos a Grande Mãe vir e envolvê-la com a vastidão do seu manto brilhante, tão brilhante que, mesmo de longe, ofuscava as nossas vistas espirituais.

— Que espírito maravilhoso! — exclamei.

Silvestre sorriu e corrigiu:

— Que trabalho maravilhoso, isso sim, pois espíritos maravilhosos todos o somos, já que o Pai Divino nos fez semideuses!

— Que trabalho fez ela? — perguntei.

— Mãe de onze filhos, avó de setenta e nove netos, bisavó de centenas de bisnetos... Lavou muita roupa, cozinhou muito, distribuiu seus dotes de coração a milhares de irmãos... Deu conselhos a vida inteira e quantos exemplos pôde... Em lugar de pretender absolver os outros, com suas palavras simples orava e dizia ao Bom Deus que lhe perdoasse as faltas... Mesmo que lhe quisessem oferecer títulos e rótulos do mundo, ela os não aceitaria, porque o bom trabalho não lhe deixou o tempo para tais comprometedores devaneios... Enfim, Artur, essa velhinha anônima para o mundo, foi bem lembrada pela Suprema Justiça... Portanto, diga aos nossos irmãos encarnados, que Deus não usa as viseiras do rotulismo humano.

Retornando aos pagos espirituais, parti para um lugar isolado, entre as montanhas da nossa região, para meditar sobre muitas questões. Meu cérebro estava abarrotado de ideias e meu coração minado de sentimentos profundamente estimulantes. Queria, pois, ficar sozinho, para lembrar e reviver uma porção de fatos.

Estava meditando, olhando de cima daquela cadeia de montanhas a planície que se estendia ao longe, onde

a cidade-sede da região estava localizada, com seus enormes prédios, hospitais, escolas, centros de estudos, etc. E uma sonolência me foi invadindo, invadindo, até que adormeci...

Naquela sonolência gostosa e embaraçosa ao mesmo tempo, porque eu sabia que dormia e sabia de mim ao mesmo tempo, senti que viajei e que visitei a Jerusalém dos dias de Jesus Cristo. Tenho certeza que vi a trajetória do Cristo, da Manjedoura ao Calvário. Estive perto de todos, amigos e inimigos, confiantes e desconfiados, indiferentes e chorosos. Eu sentia as reações de cada um, como se fossem aparelhos de registrar, cada um vibrando numa faixa diferente, reagindo de modo diferente, em face do mesmo acontecimento, em face da mesma tragédia imortal, que se inscrevia de modo rigoroso na História do Planeta.

Depois vi três magnatas da clerezia levítica, os três maiores inimigos de Jesus Cristo, que de alguns metros de distância, muito desconfiados, observavam os movimentos do Cristo, na cruz. Vi as Marias, vi e focalizei bem a Salomé, a sobrinha de Herodes, que desde a morte do Batista, se fizera uma das acompanhantes do Cristo, e que também pranteava aos pés da cruz.

E quando, num esforço tremendo, vi Jesus bradar ao Pai que em Suas Mãos entregava o Seu espírito, vi-O deixar o corpo, ser recebido por uma corte maravilhosa que tinha o Profeta Elias na frente, e subir, sumir no Infinito feito de luzes e de esplendores celestiais. Depois, não sei como, apesar de ter Sol tudo escureceu, ficou noite, tremeu, causou muito pânico!...

Mas vi que um dos três era eu... Um dos grandes algozes do Cristo era eu...

Portanto, irmãos meus, filhos do Altíssimo, eu vos convido às obras nobilitantes, ao abandono dos rótulos do mundo, porque o túmulo os enterra também, ficando o espírito cheio de responsabilidades, nada mais. Tende a vossa mente ligada à Mente Divina e o vosso coração ligado ao Divino Coração; se assim fizerdes, irmãos, estareis com Jesus Cristo e Ele, nessas condições, será realmente o Caminho, a Verdade e a Vida, porque representa a Lei e a Justiça Divina.

Quanto ao mais, com a evolução dos espíritos os intercâmbios aumentarão, porque é o normal dos mundos e das humanidades; jamais alguém conseguiria obrigar o processo evolutivo a estagnar para sempre. Portanto, que se emendem de uma vez para sempre os adversários do Cristo Planetário, porque o Seu Batismo de Revelação marchará e triunfará.

De todos os movimentos ditos espiritualistas, é o Espiritismo aquele que se estriba nas Verdades Eternas, Perfeitas e Imutáveis de Deus, não tendo motivo algum para escravizar-se a instituições e a estatutos humanos, visto não ter grupos parasitas ou clericais, não admitir formalismos e idolatrias, vestes fingidas ou títulos nobiliárquicos, pois é notório que ninguém é proprietário da mediunidade e dos espíritos comunicantes.

O Espiritismo vale pelo que é, como expositor das Verdades Fundamentais, não tendo coisa alguma com religiosismos quaisquer, antigos ou modernos; pelo contrário, ele coloca o filho de Deus frente a frente com a Realidade Total, deixando-o livre para agir, segundo o seu alcance intelecto-moral, em função de sua união vibratória com o Pai Divino, a Essência Divina Onisciente, Onipresente e Onipotente.

O espírito missionário que devia vir repor as coisas no lugar, ou dar à restauração o caráter organizado que tem, não poderia inventar Verdades Doutrinárias e não as inventou; ademais, acima de todos os conceitos humanos, prevalece a condição universal da Excelsa Doutrina, tão universal quanto o próprio Deus. E por isso devemos afirmar que os homens vieram, por motivos cíclico-históricos, a conhecer o Espiritismo, mas o Espiritismo data da Eternidade, sempre conheceu os homens!

O Espiritismo é Realidade Fundamental, é Cósmico e Anímico, queiram ou não os homens, crédulos ou incrédulos; se forem incrédulos, no Espaço e no Tempo terão que se apresentar perante a Realidade; e se forem crédulos, ataviados com os mil e uns aranzéis dos formulismos religiosos ou supersticiosos, terão que se compenetrar de que o Pai é Espírito e Verdade, assim querendo que Seus filhos venham a ser. Isto é, fora de quaisquer fantasias e exteriorismos.

E as duas testemunhas, fiéis e verdadeiras, continuam a testemunhar; quem é inteligente sabe o que elas querem. Porque a Lei de Deus é o Código de Conduta e o Cristo é o Modelo Divino, sendo as duas um misto de Moral, Amor, Revelação, Sabedoria e Virtude.

Portanto, antes de um filho de Deus pensar em fazer trejeitos e aparências, pretendendo com isso agradar a Deus, lembre-se de que a era da infantilidade já se foi. Viva socialmente como convém, como bom filho do Pai Divino e fiel irmão de seus irmãos. Ninguém atingirá o estado de plenitude, em PAZ e VENTURA, fora dessa linha de conduta.

FIM

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

(MENSAGEIRIA DIVINA)

“Ao Sagrado Princípio nos dirigimos, como Pai Amantíssimo que é, rogando Suas Divinas Bênçãos, para todos os Seus filhos que se entregam à Verdade, ao Amor e à Virtude, objetivando a própria melhora e a de seus irmãos em Origem, Processo Evolutivo e Sagrada Finalidade.

Ao Nosso Senhor Jesus Cristo apelamos, como Celeste Batizador em Revelação que é, para que determine e abençoe o trabalho de todos aqueles espíritos que, compenetrados da Verdade, do Amor e da Virtude, funcionam como servidores do Bem e do Bom, procurando beneficiar os irmãos com as maravilhosas dádivas da Assistência Espiritual.

E a vós nos dirigimos, Legiões do Senhor, prometendo cumprir com os nossos deveres para com a Lei de Deus e o Divino Exemplo de Jesus Cristo, portanto acima de religiosismos, de sectarismos, de trunicações e inibições humanas, a fim de virmos a adorar a Deus em Espírito e Verdade.

De vós esperamos, conseqüentemente, toda aquela assistência que esteja enquadrada nos Santos Desígnios de Deus:

Ensino para os que desejam aprender;

Verdade para os que pretendem ser livres;

Amor para os que prezam fazer o Bem;

Revelações para os que auguram as verdades eternas, perfeitas e imutáveis do Nosso Pai Divino;

Virtude para os que desejam combater seus próprios vícios;

Amizade para os que sentem vontade de praticar a Bondade;

Certeza para os que duvidam da Sagrada Paternidade;

Trabalho para os que carecem de progredir;

Renúncia para os egoístas;

Ternura para os violentos;

Saúde, Paz e Ventura, a todos os que fizerem por merecer, porque vós sois os distribuidores de Deus, através da Excelsa Autoridade do Cristo Planetário”.

PRECE DE CÁRITAS

Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai a força àquele que passa pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito, a consolação, ao doente o repouso.

Pai! Dai ao culpado o arrependimento, ao Espírito, a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor! Que Vossa bondade se estenda sobre tudo que o criastes.

Piedade Senhor, para aqueles que Vos não conhecem, esperança para aqueles que sofrem.

Que Vossa bondade permita aos Espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé.

Deus! Um raio, uma faísca do Vosso amor pode abraçar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.

Um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, ó Bondade!, ó Beleza!, ó Perfeição!, e queremos, de alguma sorte, forçar Vossa misericórdia.

Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso, a fim de unirmo-nos a Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade, que fará de nossas almas o espelho onde se deve refletir a Vossa Imagem.

CRÍSTICA

Sagrado Princípio do Universo, que em Ti mesmo tudo crias, sustentas e destinas. Senhor das virtudes, das leis, das vidas e dos infindos mundos. Sagrada Causa Primária, onde tudo é, movimenta e atinge a Sagrada Finalidade.

Pai Divino, Tu que és o nosso Alicerce, o nosso Esteio, a nossa Luz e a nossa Glória; guia nossos passos, Senhor, para que a Tua Lei seja o nosso Caminho, para que o Teu Amor seja o nosso Pão Eterno, para que a Tua Graça constitua a nossa Consolação Imperecível.

Senhor Deus, que nos enviaste Jesus, o Cristo Planetário, a fim de nos Batizar em Revelação; estende, Senhor, a Revelação aos infindos mundos e humanidades, porque ela é a Tua Palavra.

Pai Santo, enche o Universo de Servos e Profetas, para que todos saibam das leis fundamentais de Essência, Existência, Movimento, Imortalidade, Evolução, Responsabilidade, Reencarnação, Revelação, Habitação Cósmica e Sagrada Finalidade.

Senhor do Infinito, faz que todos saibam de Tua Lei, onde esplendem a Moral que harmoniza e dignifica; o Amor que sublima e diviniza; a Revelação que adverte, ilustra e consola; a Sabedoria que confere autoridade; e a Virtude que sintetiza a união com a Tua Divina Vontade.

Princípio Sem Fim do Cosmo, dá-nos o Conhecimento, para que Te adoremos em Espírito e Verdade, assim como Tu és e queres que Teus filhos venham a ser.

Afasta-nos, ó Pai Divino, de qualquer idolatria!

Livra-nos, ó Deus, de qualquer tentação!

Liberta-nos, ó Amor, de toda e qualquer iniquidade!

Pai Nosso, que és o Céu e estás no imo de tudo e de todos, suspende nossas almas ao Teu Reino de Luz, Glória e Poder. Atraí-nos, Senhor, a esse Reino de Amor, Verdade e Justiça, que embora estando no seio dos mundos, das formas e das transições, é entretanto acima de mundos, formas e transições!

Pai de Justiça e de Verdade, dá-nos a Consciência da Unidade, para que façamos de nossa vontade a Tua Vontade, de nosso amor o Teu Amor, de nossa vida a razão de ser de Teus santos desígnios. E que assim sendo, ó Pai Divino, venhamos a transformar a Terra na Jerusalém Eterna, onde não haverá mais trevas nem dores.

ORAÇÃO DA CRIANÇA

Pai Divino, rogamos as Tuas Graças,
Para nós e para toda a Humanidade;
Que todos se queiram, acima de raças,
A fim de que reine, a Tua Felicidade.

Tua Ordem é para a Frente e para Cima,
E queremos atender à Tua Convocação;
Queremos a VERDADE que livra e sublima,
Porque somente a VERDADE é a RELIGIÃO.

Pai Santo, que és a nossa razão-de-ser,
O Sagrado Princípio que Cria e Determina;
No Teu Sagrado Anelo desejamos crescer,
Até virmos a ser Verbos na Ordem Divina.

ORAÇÃO AOS PRETOS VELHOS, ÍNDIOS, HINDUS E CABOCLOS

Ao Sagrado Princípio do Todo invocamos, do mais íntimo de nossa Consciência, em sinal de reverência à Verdade, ao Amor e à Virtude, propondo cooperar junto às Legiões de Pretos Velhos, Índios, Hindus e Caboclos, para os serviços que são chamados a desempenhar na Ordem Doutrinária.

Ao Cristo apelamos, como Diretor Planetário e Senhor dos Sete Escações em que se distribui a Humanidade Terrestre, composta de encarnados e desencarnados, desejando oferecer colaboração eficiente, de caráter fraterno, em defesa da Verdade e da Justiça, contra aqueles que, contrariando os Sagrados Objetivos da Vida, se entregam aos atos que contradizem a Lei de Deus.

Conscientes da integridade da Justiça Divina, afirmamos a mais fiel e intensa observância dos Mandamentos da Lei, conforme o Divino Exemplo do Verbo Exemplar, para todos os efeitos invocativos. Acima de alternativas constituirá barreira contra o Mal, em qualquer sentido em que se apresente, venha de onde vier, seja contra quem for, conquanto que, em defesa da Verdade, do Bem e do Bom.

Consequentemente, que aos bondosos Pretos Velhos seja dado refletir, em seus trabalhos, os sábios e santos desígnios daqueles que, traduzindo a Divina Tutela do Cristo Planetário, assim determinarem das Altas Esferas da Vida.

Que às legiões de Índios, simples, espontâneas e valorosas, sempre maravilhosamente ligadas à natureza exuberante, possam agir sob a direção benévola e rigorosa dos Altos Mentores da Vida Planetária. Lutando pela Ordem e pelo Bem, pelo progresso no seio do Amor, que tenham de Deus as graças devidas.

Que às numerosas legiões de Hindus, profundamente ligadas às mais remotas Civilizações do Planeta, formando portanto nas Altas Cortes da Hierarquia Terrestre, sejam concedidas pelo Senhor Planetário as devidas oportunidades, para que forcem, sustentem e imponham a Suprema Autoridade. Que nesta hora cíclica, em que a Terra transita de uma para outra Era, as Mentes humanas possam receber os eflúvios da Pureza e da Sabedoria, a fim de que sintam os Divinos Apelos do Cristo, em favor dos Santos Desígnios do Pai amantíssimo, que é a divinização de todos os filhos.

Que as legiões de Caboclos, humildes e bondosos, tão ligadas aos que peregrinam a encarnação, para efeito de expiações, missões e provas, a todos possam envolver, proteger e sustentar, desde que se esforcem a bem da Moral, do Amor, da Revelação, da Sabedoria e da Virtude, pois que, fora dessa Ordem Doutrinária, não há Evangelho e nem Cristianismo.

Que o Senhor Jesus Cristo, portanto, Diretor de tudo e todos neste Planeta, abençoe o generoso trabalho de Suas legiões.

ORAÇÃO A ANDRÉ LUÍS

Depois de se recuperar, Judas foi convidado a prestar excelentes informes, também foi designado como Chefe de Falange Socorrista Médica, e é devido reconhecer, não só a lei de recuperação, como também o apoio ao grandioso serviço socorrista.

A Ti rogamos, Pai Divino, através de Jesus Cristo, o nosso Divino Modelo, a Graça de consentir assistência espiritual da parte de André Luís e seus companheiros de trabalho.

A Ti rogamos, Cristo-Verbo, Senhor Planetário e Celeste Deramador do Espírito sobre toda a carne, a bênção do Amor que a Teus irmãos menores dedicas. E apelamos, Senhor, que esta bênção venha segundo os Moldes que revelaste ao mundo, quando pela carne transitaste, indo em busca dos pequeninos, daqueles que a Ti apelavam através de suas chagas, aleijumes, compressões espirituais e toda sorte de sofrimentos.

Desce uma vez mais, Senhor, através dos abnegados serviços de André Luís e seus companheiros, até às brumas deste mundo inferior, distribuindo dádivas espirituais a todos aqueles filhos de Deus, Teus irmãos e tutelados que, por seus desejos de melhora intelecto-moral, venham a se tornar merecedores.

A vós, André Luís e devotados servidores da Soberana Vontade de Deus, que se filtra através de Jesus Cristo, rogamos assistência espiritual, para efeito de Saúde, Paz e Ventura, tudo porém consoante a lei de Causa e Efeito; que se cumpra a Justiça Divina, a fim de que todos aprendam, que por cima da Lei ninguém jamais passará.

Augurando a vós, abnegados servidores da Verdade, do Bem e do Bom, as Graças do Pai Divino e do Cristo Planetário, aguardamos a vossa preciosa assistência, para que assim assistidos, posamos estar sempre vigilantes, para não cairmos em tentação e podermos auxiliar nossos irmãos na caminhada evolutiva.

Sabedores de que há uma Sagrada Finalidade a ser atingida, nos afirmamos desejosos de progredir; e reconhecendo que para Receber é necessário Dar, rogamos a ventura de podermos ser úteis aos nossos irmãos necessitados, servindo de instrumentos de vossa maravilhosa obra de caráter assistencial.

ORAÇÃO A BEZERRA DE MENEZES

“A letra nada importaria, se não movimentasse o Poder Mental dos espíritos; portanto, toda e qualquer Oração é instrumento de ligação para com os Planos Espirituais. Orar é movimentar poderes que muitas vezes excedem o alcance de entendimento humano”.

Nós Te rogamos, Pai de Infinita Bondade e Justiça, as graças de Jesus Cristo, através de Bezerra de Menezes e suas legiões de companheiros. Que eles nos assistam, Senhor, consolando os aflitos, curando aqueles que se tornem merecedores, confortando aqueles que tiverem suas provas e expiações a passar, esclarecendo aos que desejarem conhecer a Verdade e assistindo a todos quantos apela-mo ao Teu Infinito Amor.

Jesus, Divino Portador da Graça e da Verdade, estende Tuas mãos dadivosas em socorro daqueles que Te reconhecem o Despenseiro Fiel e Prudente; faze-o, Divi-no Modelo, através de Tuas legiões consoladoras, de Teus Santos Espíritos, a fim de que a Fé se eleve, a Esperança aumente, a Bondade se expanda e o Amor triunfe sobre todas as coisas.

Bezerra de Menezes, Apóstolo do Bem e da Paz, amigo dos humildes e dos enfermos, movimenta as tuas falanges amigas em benefício daqueles que sofrem, sejam males físicos ou espirituais. Santos Espíritos, dignos obreiros do Senhor, derramai as graças e as curas sobre a humanidade sofredora, a fim de que as criaturas se tornem amigas da Paz e do Conhecimento, da Harmonia e do Perdão, semeando pelo mundo os Divinos Exemplos de Jesus Cristo.

LIVROS INDISPENSÁVEIS

EVANGELHO ETERNO E ORAÇÕES PRODIGIOSAS

Sendo o Livro Evangelho Eterno e Orações Prodigiosas a Bíblia Final, prometida em Apocalipse 14, 1 a 6, por Deus, é evidente que contenha, de Sabedoria Divina e Orações Prodigiosas, aquilo que não podem ter as montanhas de bibliotecas metidas a doutrinadoras. O rigor da Justiça Divina, tal como Jesus e o Apocalipse anunciam, provará aos que vierem a merecer os Ciclos Evolutivos, apontados no capítulo 21 do Apocalipse.

A BÍBLIA DOS ESPÍRITAS

Este livro de Oswaldo Polidoro é um livro imortal. Ele contém o extrato das oito Bíblias da Humanidade e encerra o Espírito da própria Verdade. Quem tiver a oportunidade de manuseá-lo, certamente saberá como pensaram os trinta e tantos Budas, os quatro Vedas, os Hermes, os Zoroastros, Crisna, Apolo, Orfeu, os Patriarcas, os Profetas e o Cristo Inconfundível. Depois de escrever algumas dezenas de livros, Oswaldo Polidoro enfeixa, nesta obra, o Espírito da Verdade, a História do Consolador Eterno, a Palavra dos Mensageiros do Senhor, a Instrução Básica, o Evangelho do Cósmos e da Humanidade Cósmica. Sendo o extrato da BÍBLIA e de OS GRANDES INICIADOS, contém explicações que somente agora poderiam ser feitas. É o livro das Humanidades, porque é acima de religiões e de sectarismos, por ser O LIVRO DA VERDADE!

Faze dele, filho de Deus, o teu livro de cabeceira.

O NOVO TESTAMENTO DOS ESPÍRITAS

Uma abordagem do Novo Testamento com versículos comentados, apresentando o Divino Documentário Bíblico Profético, que não entrou na Codificação do Espiritismo no século XIX.

Uma obra de consulta para quem quer se despojar dos dogmatismos e sectarismos, estribados em estatutos humanos.

Dos Evangelistas ao Apocalipse, o leitor é levado a conhecer o espírito e a inteligência das palavras, acabando com o conceito de que a Bíblia é um livro difícil ou enigmático.

QUE FIZESTE DO BATISMO DE ESPÍRITO SANTO?

Que veio Jesus fazer entre os homens?

Que é o Batismo de Espírito Santo?

Qual o culto dos Apóstolos?

Como se reuniam eles e para que?

LEI, GRAÇA E VERDADE

O Espiritismo histórico-profético, exposto através dos textos bíblicos em progressão. Ninguém poderá conhecer bem o Espiritismo, sem ler esta obra, tão grande por dentro o quão pequena por fora.

UM ATEU ALÉM DO TÚMULO

Qual a consequência do ateísmo vivido e transmitido aos semelhantes?

ÀS MARGENS DO MAR MORTO

Você sabe o que significa, para um recém-morto, uma visão retrospectiva? Você conhece alguma coisa do que restava, dos dias de Jesus, da Escola Profética Hebraica, ou Seita dos Nazarenos, onde João Batista e o Divino Mestre fizeram seus aprendizados das coisas do mundo, para em seguida darem cumprimento à missão que os trouxe ao mundo dos encarnados?

BEZERRA DE MENEZES E NARRATIVA INICIÁTICA

Não foi feito para ser a biografia de Bezerra de Menezes; mas sim, fizemo-lo, por ordem do Alto, para constituir o programa de assistência e curas espirituais, programa que no Brasil será um verdadeiro ofertório de Graças do Céu.

Nenhum espírita brasileiro tem o direito de ignorar esta obra. A NARRATIVA INICIÁTICA, que faz parte do livro, é um poema de amor à Verdade Interior, ao Reino do Céu que cada um tem dentro de si e vive aguardando libertação.

VERDADES IMORTAIS

Todas as Verdades apresentadas em três facetas - A Verdade que é; a Verdade segundo os conchavismos sectários; e a Verdade naturalmente relativa. Um livro para quem deseja, de fato, pensar com simplicidade e pureza de intenções, para se elevar perante Deus.

O PENTECOSTE

História que lembra o maior dia do Espiritismo, pois ele é a Restauração do Batismo de Revelação, que foi a função missionária do Cristo!

NOS DOMÍNIOS MARAVILHOSOS DA PSICOMETRIA

As maravilhas da vidência psicométrica! Os grandes eventos da Humanidade em revisão através da faculdade que virá a ser, no futuro, uma torrente de Graças Celestiais. Todos os dirigentes de Mesas Espíritas, e todos os médiuns devem conhecer esta obra, porque as faculdades evoluem com a evolução humana, sendo normal que haja consciência disso nos obreiros fiéis!

A CAMINHO DO CÉU

O Espiritismo é o Cristianismo reposto no lugar? Você conhece alguns detalhes históricos organizados nos planos erráticos e que tiveram em seguida repercussão no plano encarnado? Que sabe você dos tramites que enviaram à carne Joana D'Arc, João Huss, Wicliff, Lutero, Giordano Bruno, Kardec, etc?

O MENSAGEIRO DE KASSAPA

Além de conter referências sobre Gandhi, em sua função após o desencarne, contém um relato empolgante sobre os prejuízos do contemplativismo asceta.

É um livro inesquecível, porque contém, também, vinte pontos fundamentais de Doutrina, cujas raízes mergulham o leitor nas Verdades Eternas e Imutáveis de Deus.

CONFISSÕES DE UM CORRUPTOR

No quarto século o Caminho do Senhor, edificado sobre a Moral e a Revelação foi corrompido. Este livro relata como foi que se deu o imenso crime praticado por Constantino, uma verdadeira segunda crucificação do Cristo!

EVANGELHO ETERNO

(Apocalipse, 14,6)

PRINCÍPIO OU DEUS - Essência Divina Onipresente, Onisciente e Onipotente, que tudo origina, sustenta e destina, e cujo destino é a Reintegração Total. O Espírito e a Matéria, os Mundos e as Humanidades, e as Leis Relativas, retornarão à Unidade Essencial, ou Espírito e Verdade. Se deixasse de Emanar, Manifestar ou Criar, nada haveria sem ser Ele, Princípio Onipresente. Como o Princípio é Integral, não crescendo nem diminuindo, tudo gira em torno de ser Manifestador e Manifestação, tudo Manifestando e tudo Reintegrando. Eis o Divino Monismo.

ESPÍRITO FILHO - As centelhas emanadas, não criadas, contêm TODAS AS VIRTUDES DIVINAS EM POTENCIAL, devendo desabrochá-las no seio dos Mundos, das encarnações e desencarnações, até retornarem ao Seio Divino, como Unas ou Espírito e Verdade. Ninguém será eternamente filho de Deus, tudo voltará a ser Deus em Deus. Esta sabedoria foi ensinada por Hermes, Crisna e Pitágoras. Jesus viveu o Personagem Inconfundível de VERBO EXEMPLAR, de tudo que deriva do UM ESSENCIAL e a Ele retorna como UNO TOTAL. O Túmulo Vazio é mais do que a Manjedoura. (Entendam bem).

CARRO DA ALMA OU PERISPÍRITO - Ele se forma para o espírito filho ter meios de agir no Cosmo, ou Matéria. Com a autodivinização do espírito, ao atingir a União Divina, ou Reintegração, finda a tarefa do perispírito. Lentíssima é a autodivinização, isto é, o desabrochamento das Latentes Virtudes Divinas. Tudo vai aumentando em Luz e Glória, até vir a ser Divindade Total, União Total, isto é, perdendo em RELATIVIDADE, para ganhar em DIVINDADE.

MATÉRIA OU COSMO - A Matéria é Essência Divina, Luz Divina, Energia, Éter, Substância, Gás, Vapor, Líquido, Sólido. Em qualquer nível de apresentação é ferramenta do espírito filho de Deus. (É muito infeliz quem não procura entender isso).

